

Michela Boffi – Luigi Mezzadri – Francesca Onnis

Pe. LUÍS MONZA

Um profeta da caridade

Prefácio do Cardeal Carlo Maria Martini

Ao Pe. Luigi Serenthà

PREFÁCIO

Gostaria que lêssemos, com o olhar dirigido ao futuro, ao terceiro milênio da era cristã, essa biografia do Servo de Deus Pe. Luís Monza, composta por Michela Boffi, Luigi Mezzadri e Francesca Onnis. Os três autores declaram ter «procurado entender o personagem», que é o Pe. Luís Monza, e de sentir-se como o artífice da estátua de Nossa Senhora de Lourdes, que recolheu o comentário feito por Santa Bernadete Soubirous: «É bela, mas não é ela». Creio que posso ser mais generoso a respeito dos três Autores da presente obra: eles esculpiram com suas palavras uma imagem que exprime bem o original.

Um inesquecível amigo – Pe. Luigi Serenthà, morto precisamente dez anos atrás (28 de setembro de 1986) – escrevia a propósito desse Servo de Deus: «Quem se depara com a figura e os escritos do Pe. Luís tem a nítida sensação de encontrar-se com um homem que vive em Deus, faz depender de Deus o significado da alegria, a consistência da própria vida».

Pe. Luís Monza foi, portanto, enamorado de Deus, com as inevitáveis perturbações que provoca no coração de cada um aquela *Voz*. Quando leio que o pequeno Luís respondeu com decisão não, ao pároco que lhe perguntava se quando fosse adulto queria ser padre, penso nos tantos meninos e jovens da vasta diocese ambrosiana. Detrás do Pe. Luís Monza houve um padre que escrutou o coração de um menino e ousou propor-lhe que se associasse ao seu caminho de sequela. Assim, meditando sobre a figura do Pe. Luís Monza, repenso a quanto escrevia na Carta Pastoral *Repertamos de Deus*: «Devemos fazer compreender com a nossa vida e com as nossas palavras que, ser padre, dedicar toda a sua pessoa a Cristo, é *também humanamente* uma forma de vida plena e satisfatória» (n. 54). Esse servo de Deus nos dá testemunho disso.

Essa vocação amadureceu – como escrevem os autores da presente biografia – no oratório, onde «ia assiduamente [e] onde encontrava *sacerdotes jovens e entusiastas*». Pe. Luís Monza transfundiu nas suas experiências de *coadjutor do oratório* essa paixão educativa, que é «paixão pela fé» dos meninos e dos jovens.

Ela amadureceu também na família: grande importância teve, no caminho vocacional do Pe. Luís, a resposta corajosa de sua mãe à pergunta incerta do filho: «Você vai para o Senhor». A mesma coragem que teve Ana Maria Turzer, a mãe do beato Cardeal Alfredo Ildefonso Schuster, que encorajou seu filho, dizendo-lhe: «Não se deve preocupar comigo: invoque São José que lhe indique a sua estrada e você siga-a livremente». E penso aqui em todas as mães que se aproximam da obra mais prestigiosa do Pe. Luís, *A Nossa Família*, levando para lá o fruto sofrido de seu ventre. Deus lhes abençoe e lhes sustente.

Pe. Luís não tinha um caráter quieto, inflamava-se e apaixonava-se e isso não sempre torna fácil as relações, nem suscita sempre juízos favoráveis por parte dos outros e dos próprios superiores. É coisa que acontece também aos santos. Como eles,

Pe. Luís não se resignou, seguro como era que «no final vence-se sempre quando se quer o verdadeiro bem» e chegou assim àquela estupenda síntese que é «a harmonia da caridade». Nela compõem-se zelo e paz, atenção pelas pessoas e liberdade das críticas malévolas, prudência em discernir e capacidade de concretizar. Estão aqui as raízes do apostolado em Vedano Olona – demasiado frutuoso para que o ciúme do Fascismo o tolerasse –, mas também a novidade que mudou o silêncio do santuário de Saronno na alegre vozeria do novo oratório. Está aqui a intuição – que era naqueles tempos por muitos motivos profética – da importância de um laicato que se dedicasse ao apostolado, «continuando a exercitar no mundo a própria atividade profissional» e «operasse na sociedade como os primeiros apóstolos cristãos». Está aqui a ductilidade que levou a sacrificar o projeto inicial de dedicar-se a obras de retiros espirituais e de formação, para empenhar-se no campo da caridade para com os mais necessitados, como eram então os pequenos portadores de deficiências. A única coisa importante era a caridade e o espírito de família que devia animá-la. Pe. Luís ensinou-o a seus paroquianos, à Conferência de São Vicente, aos quais recordava com constância que «o amor de Deus é completo só se unido com o amor do próximo». Era quase inevitável, portanto, que o fruto mais fecundo de seu discernimento fossem as *Pequenas Apóstolas da Caridade* e *A Nossa Família*: para que «a caridade tivesse uma casa» e em toda sede a «caridade fosse de casa». Nelas, em cada morada, a caridade teria encontrado, ao lado da *compaixão* (o sentimento tão precioso para fazer-se evangelicamente *próximo*), a *ciência*, porque o Pe. Luís repetia freqüentemente que «ciência e técnica [estão] a serviço da caridade».

Folheando as páginas da biografia do Pe. Luís Monza, volta constante o convite à alegria, ao entusiasmo: «Ao mundo moderno, moralmente transtornado, devemos poder dizer com a nossa vida: observem como é estupendo viver no amor». Pe. Luís evoca o salmo 133 e assim recorda-nos que o seu convite ao amor enraíza-se na Escritura; refere-se à ícone da Igreja dos Apóstolos. Com efeito, dizia freqüentemente: «É preciso encontrar almas capazes de viverem no amor dos primeiros tempos do cristianismo».

A sua insistência em lembrar os Atos dos Apóstolos torna ainda mais atual o Pe. Luís Monza, porque o nosso Sínodo 47º inspirou-se na *Ecclesiae primitivae forma*, como a um paradigma para que «a Igreja de Milão apresente-se à sociedade contemporânea para servi-la com humildade e dedicação, para ser sal da terra... voz de alegria nas praças e canto de júbilo nas casas do povo» (*Carta ao Sínodo*, n. 11).

Quando o papa João Paulo II foi visitar a sede de *A Nossa Família*, de San Vito al Tagliamento (1º de maio de 1992), no final da visita, falando espontaneamente, disse: «Fazer o bem humano e cristão: como está presente, através desse bem humano e cristão, Cristo! Como está presente Deus... Todo o programa desta escola é educar através da alegria... mas não se pode recuperar alegria, onde há sofrimento, senão através do amor». O papa repropunha, às Pequenas Apóstolas, um ensinamento de seu fundador. «Deve-se explicar a dor somente com o amor». É a missão que o Pe. Luís lhes confiava, enquanto recomendava: «Amem-se tanto como eu lhes amo em Cristo». Conceda o Senhor que as Pequenas Apóstolas sejam sempre fiéis a essa exortação.

Enquanto vem à luz a biografia de um típico padre ambrosiano, como foi Pe. Luís Monza, a sua diocese celebra solenemente o XVI centenário da morte de Santo Ambrósio. É bem justo, portanto, concluir com as palavras daquele que o hino das vésperas canta como *nostrum parentem maximum*. Ele dizia: «(Cristo) é o nosso tesouro, a nossa vida, a nossa esperança, a nossa justiça, o nosso pastor, e pastor bom. Ele é a nossa vida»¹. Não há outra síntese que exprima o coração do pastor: «Omnia Christus est nobis – Cristo é tudo para nós».

✠ Carlo Maria Cardeal Martini

Milão, 30 de agosto de 1996

¹ *Ep* 29, 6, 8-10: PL 16, 1100A.

INTRODUÇÃO

«Nua é a terra, e a alma
uiva contra o pálido horizonte
como loba famélica. O que procuras,
poeta, no ocaso?»

Os versos de Antonio Machado ajudam a formular a pergunta que justifica o porquê dessa obra. Enquanto aproximamo-nos a ultrapassar os umbrais do terceiro Milênio, é urgente refletir sobre o sentido do nosso tempo e da presença cristã na luz do ocaso deste século e da aurora do novo. Colocados no alto sobre o tempo, como crianças que assistem assombrados um evento e olham-no desde os ombros de seus pais, também nós podemos observar quem, no vigésimo século, tenha verdadeiramente tido um papel profético, de quem tenha descoberto tesouros, difundido valores e defendido o homem.

O resultado desse exame é perturbador. A patrulha dos «grandes» é composta por pessoas que estão longe dos refletores, não associadas às primeiras páginas das revistas acetinadas.

E entre essas pessoas está certamente Pe. Luís Monza.

O que fez de tão importante este humilde padre lombardo, que morreu aos 56 anos de idade, e que na morte não quis nenhum daqueles necrológios que os jornais conservam para os homens importantes, e que são chamados «crocodilos»? Num certo tempo, isto é, nos anos trinta do século passado, no qual prevaleciam as mensagens animadoras, as chamadas à ordem e uma copiosa disciplina, o padre lombardo entendeu que a superfície lisa escondia fendas preocupantes. O mundo tornava-se «pagão», habitado por novos ídolos, enquanto a caridade, isto é, o amor gratuito, sem vantagens, desinteressado, deixara lugar para o seu contrário, ao ódio da guerra, ao interesse, à avidez, à opressão do homem. A uma sociedade dos valores substituíra-se uma sociedade competitiva que não respeitava o homem por aquilo que ele é, mas somente se é capaz de tomar e vencer.

Pe. Luís esteve atento, porém, a não cair no moralismo estéril de condenações e de anúncios de conquista. Quando falava de «penetrar» na sociedade com a caridade dos primeiros cristãos, Pe. Luís imaginava uma cidade assediada, ou melhor, uma cidade posta em quarentena por causa de uma grave epidemia, como a cidade de Orano, a protagonista de *A peste*, de Camus. A caridade, em vez de induzir o cristão a pôr-se em salvo, leva-o a escavar uma galeria e assim a partilhar a sorte dos últimos, das pessoas em perigo. É a escolha de Cristo, que se fez o último dos homens, para «penetrar» no mundo fazendo-se pequeno, como «desde baixo», desde o profundo, procurando colocar-se mais abaixo de um desventurado como Zaqueu, para poder «penetrar» na sua casa e ali levar a salvação. A caridade, segundo o Pe. Luís, não submete, não conquista, não vence, não abate como um torrente inundado, mas muda desde o interior, vem absorvida por osmose, penetra docemente com a irrigação por gotas. O resultado foi a sua Obra.

O que foi, o que significou, por quem foi querida e quais foram os beneficiários da Obra, na qual o Pe. Monza via o sentido da sua vida, veremos isso no decorrer deste volume.

Os três autores, em vez de escolher a via sistemática, separando deste modo o que fez o fundador de *A Nossa Família* da atividade de pároco, preferiram aquela mais difícil que segue cronologicamente o Pe. Luís no curso da sua existência. Esta escolha permitiu evidenciar melhor o lento desabrochar de uma idéia e o progressivo êxodo de um temperamento difícil, o atravessamento de um deserto de provas, até a subida das cimas luminosas das virtudes de fé, esperança e amor. Procurou-se assim captar o desenvolvimento de uma «santidade» – entendida na acepção comum, que não quer antecipar o juízo da Igreja – engastada, porém, no contexto da história dos homens, da história social, política, cultural, espiritual, religiosa.

Três foram as conseqüências. A primeira. Descobriu-se que, no centro de tudo, esteve o pároco, o sacerdote ambrosiano. Foi «santo», e fundador, porque pároco. A segunda é que não foi um homem avulso do ambiente cultural do seu tempo. Para entender o Pe. Luís, é, portanto, indispensável colocá-lo no contexto da sua época, da sua cultura. E isso permite-nos captar o que aconteceu, datado. Enfim, a terceira conseqüência é que foi também homem de fronteira. Foi um profeta. A sua caridade pastoral aproximou-o tanto das ovelhas que lhe foram confiadas, quanto também daquelas de fato inalcançáveis pela pastoral ordinária.

Na caridade encontrou o sinal profético que abate as cercas e anula as diferenças. Não dividiu os homens e as mulheres em «vizinhos» e «afastados». Ocupou-se de homens e mulheres com um nome, um destino, mil problemas, mas igualmente amados por Deus. Quis amá-los como Deus lhes ama. E dado que a escolha de Deus revira as hierarquias humanas e inclina-se preferentemente sobre os últimos e sobre os pequeninos, encontrou no amor pelos pequeninos e pelos mais necessitados o sinal mais persuasivo de como Deus ama e respeita o homem.

Não foi fácil escrever a biografia. A aderência aos fatos, a concretude documentária foi respeitada. Escreveu-se somente o que é documentado e documentável¹. Todavia, a fadiga dos três autores foi aquela de explicar, de ler no interior dos fatos para captar ali os motivos ideais, os «tiques» escondidos, os fulgores improvisos que iluminam um olhar quando a pessoa imagina uma idéia. Sem inventar nada, procurou-se entender as razões do personagem.

Tivemos sucesso? Julgá-lo-á o leitor. Tentamos fazê-lo. E tudo em benefício do leitor. Escrevemos esta biografia para aqueles que não conheceram o Pe. Luís; para os outros, para as «testemunhas», aqueles que o conheceram, que partilharam com ele os sonhos, as esperanças, os temores, os perigos, que assistiram trepidantes ao tímido florescer da Obra, a recordação da sua figura paterna torná-los-á indulgentes. Talvez dirão como Santa Bernadete Soubirous, quando foi-lhe mostrada a estátua de Nossa Senhora, esculpida segundo as suas indicações: «É bela, mas não é ela».

Para nós, a maior satisfação foi aquela de termo-nos aproximado desta pessoa, de termos seguido as suas pegadas, de termos lido os seus escritos e de termos procurado entendê-los e referi-los com honestidade. Mas sem nunca ultrapassar os

¹ Na preparação dessa biografia, os autores consultaram diversos arquivos e bibliotecas. A maior parte do material está, porém, conservado no Arquivo das Pequenas Apóstolas de Ponte Lambro (abreviado em APL). No arquivo são conservados os escritos *do* Servo de Deus (cartas, apontamentos de pregações, constituições, etc.), aqueles *sobre* o Servo de Deus (vários fascículos com documentos relativos às fases da sua vida, as recordações, os testemunhos, além de, naturalmente, as biografias escritas sobre ele). Tudo isso foi recentemente ordenado e diligentemente siglado. Preferimos evitar de transcrever as siglas dos arquivos, para não tornar pesada a leitura. Mas é a este material que os autores se ativeram rigorosamente.

umbrais do segredo íntimo, do seu ser em Deus e com Deus, das vibrações últimas. Isso é vetado ao histórico e pode ser captado somente desde o alto, desde um ponto de vista no qual tudo adquire sentido e coerência última.

LUIGI MEZZADRI

CAPÍTULO I

A FADIGA DE NASCER (1898-1925)

Milão 1898

O 1898 foi um ano repleto de tensões sociais. Uma crise econômica geral, resultado inevitável da custosa empresa colonial na África, a colheita ruim do trigo e a dificuldade de obtê-lo do exterior, por causa da guerra hispano-americana, provocaram uma série de agitações populares. Iniciadas no Sul da Itália, depois de um ulterior encarecimento do pão, subiram a península para atingir as grandes cidades do Norte. Uma circular governativa, de maio de 1898, lamentava que, em toda parte, as autoridades locais não faziam senão invocar a intervenção do exército para restabelecer a ordem. Foram assim tomadas as medidas preventivas, especialmente por ocasião da festa do 1º de maio. E não faltou quem quis ver nas agitações a responsabilidade, além de que dos socialistas, também dos católicos intransigentes, mais atentos às questões sociais.

Em Milão, os tumultos iniciaram na tarde do dia 06 de maio, na saída dos operários da fábrica Pirelli, e tiveram desde o início um caráter de protesta política. Com efeito, quando foram detidos alguns operários que difundiam folhetos de propaganda de protesta dos socialistas de Milão, contra a repressão em curso em toda a Itália, iniciaram-se manifestações populares espontâneas. Já indignada pelo assassinato do estudante Muzio Mussi, acontecida em Pavia no dia precedente, durante um choque com a polícia, a população invadiu as praças da cidade. Um grupo de pessoas, na maior parte mulheres e crianças, manifestou contra a polícia e jogaram pedras contra a Chefatura de Polícia. Um companhia de infantaria, enviada para sedar o tumulto, foi acolhida com vaias e pedradas, e uma pedra atingiu um soldado. «Este fato – escreve o jornal *«Corriere della Sera»* – provocou a ordem de reagir com a força à força: e da tropa partiram oito ou dez golpes de mosquete...». Portanto, exatamente no quinquagésimo aniversário das «Cinco jornadas»¹, de 1848, Milão levantou as trincheiras. No dia seguinte, impelido pelas informações dos moderados locais, que descreviam a cidade nas mãos dos rebeldes, o presidente do Conselho de Ministros Rudini proclamou o estado de sítio. Mesmo não existindo na realidade nenhum perigo revolucionário, o general Fiorenzo Bava Beccaris, encarregado de restabelecer a ordem, comportou-se como se tal perigo existisse. Com efeito, ele assaltou, com golpes de canhão e de morteiros, a multidão inerme, confundindo, além disso, uma aglomeração de mendigos em redor de um convento com um grupo de revolucionários². Houve uma centena de mortos e muitíssimos feridos, enquanto o general foi condecorado pelo rei. Foram depois presos muitos socialistas, republicanos e radicais, dissolvidas associações e círculos, suprimidos os jornais.

¹ Motim revolucionário que explodiu em Milão, no dia 18 de março de 1848, que se concluiu no dia 22, depois de cinco dias de luta feroz nas trincheiras, com a expulsão dos austríacos.

² «Aos gritos dilacerantes e dolentes / de uma multidão que pão pedia/ o feroz monárquico Bava / os famintos com o chumbo saciou» (Canto popular italiano: *Il feroce monarchico Bava*).

Quando depois os tumultos foram definitivamente sedados, começou a perseguição contra os católicos intransigentes. O jornal *L'Osservatore Cattolico* foi suprimido, e seu diretor, Pe. Albertario, foi preso com a acusa de ter propagado idéias democráticas e socialistas, ter combatido a monarquia e fomentado o ódio de classe. Aos 27 de maio foram depois dissolvidas todas as associações dependesntes da Obra dos Congressos, com a clara intenção de desorganizar a facção social do intolerantismo católico.

Cislago: um vilarejo, um pequeno mundo que vive

Os ecos desses acontecimentos chegavam, provavelmente, com grande dificuldade em Cislago, pequeno centro do norte da província de Milão, situado na metade da estrada entre Varese e Milão. Naqueles anos, a atividade da aldeia era toda concentrada em redor da praça principal, chamada da «bomba», porque ali se ia apanhar água. Era aqui, na taverna, que se encontravam os homens, era aqui a sede do farmacista e daqui via-se a entrada principal do palácio dos Castelbarco, senhores de Cislago desde 1716. A abertura de uma outra taberna no bairro de Rizzata, para onde fora transferida a Prefeitura, em 1886, e a realização de algumas manifestações populares na praça adjacente, criaram um novo lugar de encontro para os habitantes do lugarejo.

A área em redor da igreja paroquial, ao invés, não conseguia assumir um papel catalisador, senão para as funções religiosas, mesmo se, com a chegada do novo pároco, Pe. Pedro Erba, em 1871, muitas coisas mudaram. Com efeito, ele criara o corpo musical Santa Cecília, a sociedade de mútuo socorro, associações católicas, o mútuo seguro do gado e as ligas do trabalho.

A vida do vilarejo era ritmada pelo trabalho nos campos, por uma religiosidade genuína e pela simplicidade camponesa. As condições econômicas eram precárias por causa do tipo de terreno e pelas técnicas de cultivo não muito avançadas.

A única verdadeira riqueza era, portanto, o trabalho. O trabalho e a pobreza não enganam nunca. Como o fogo da forja do ferreiro dobre os martelos e os rende dúcteis, assim foi para o Pe. Luís.

A família Monza

No bairro de Crubé, no primeiro pátio indo para a esquerda, viviam os cônjuges Pedro e Maria Monza, num alojamento do casario de propriedade dos Castelbarco. Nesta casa nasceram seus filhos José, aos 06 de julho de 1864, e Carlos. Ambos aprenderam o ofício de camponês, transmitido pelos pais, cultivando alguns campos fora da aldeia, de propriedade dos Castelbarco. Adjacente ao casario de José, no pátio chamado dos Giubì, vivia Luísa, filha de Ambrósio e Ana Maria Monza. Não obstante a jovem idade da moça, José e Luísa casaram-se em fevereiro de 1888. Aos 29 de outubro do ano sucessivo, a sua união foi alegrada pelo nascimento do primeiro filho, a quem foi dado o nome de Pedro, em honra do avô. Aos 19 de julho de 1891, nasceu um segundo menino, José Antônio: a vida desse jovem casal procedia como aquela das numerosas famílias camponesas de Cislago. Mas, aos 15 de novembro de 1892, o pequeno José morreu, provavelmente de difteria. A dor foi superada também com o

nascimento de uma menina, Josefina Cristina, aos 13 de março de 1894. Esta, como ver-se-á em seguida, aos 19 anos de idade, deixou a família para tornar-se Irmã Tomasina das Irmãs da Caridade da Imaculada Conceição de Ivrea. Poucos meses depois, infelizmente, chegou uma nova dor: também o primogênito Pedro morreu. Os dois cônjuges Monza continuaram seu trabalho de camponeses sem se desanimar e, dois anos depois, aos 06 de junho de 1896, veio à luz Pedro Carlos.

Luís: uma infância difícil

Aos 22 de junho de 1898, nasceu Luís Monza. Pareceu logo muito magro, tanto que foi batizado depois de poucas horas de seu nascimento. Sua saúde não melhorou nos meses seguintes, pelo qual a mãe fez o pedido para que fosse crismado apenas possível. Assim, por ocasião da visita pastoral, em Cislago, do Cardeal Ferrari, Arcebispo de Milão, aos 23 de julho de 1889, o pequeno Luís, na idade somente de treze meses, recebeu o sacramento da Crisma. Se devia morrer, recebera pelo menos em plenitude os dons do Espírito Santo.

Com o passar dos anos, porém, o menino robusteceu-se e cresceu esperto e vivaz. A infância de Luís transcorreu na lenta e cotidiana vida camponesa, ritmada pelas estações e pelo nascer e pôr do sol, com o trabalho nos campos, as festas camponesas, as solenidades religiosas e uma fé simples e sincera. Um panorama para o qual hoje se olha com um pouquinho de saudade, misturada com uma espécie de romantismo: pequenos retratos com tintas descoloridas de vida agreste. A típica vida camponesa do norte da Itália nos albores do século XX, com o seu suceder-se de esperanças e desilusões, alegrias e fadigas, serenidades e preocupações do interior de um ambiente de fé e de valores que tudo encerra e preenche de sentido.

A reconstrução de ambientes sociais e eventos históricos do passado não deve, porém, estragar, enfatizar ou, pelo contrário, condenar, mas deve permitir uma imersão naquelas realidades já transcorridas o mais equilibrada possível. Mestre nisso é Ermanno Olmi, que soube doar no seu filme, *A árvore dos tamancos*, quadros autênticos de vida camponesa. Nessa direção não é difícil pensar toda a família Monza empenhada no trabalho cotidiano nos campos. Cada um, segundo a idade e a capacidade, dava a própria contribuição.

Seus pais, devotos sobretudo de Nossa Senhora, eram ambos inscritos na Confraria do Santíssimo Sacramento, e educaram todos os filhos à prática cotidiana da missa. A mãe de Luís era uma mulher de grande coragem e com uma fé temperada pelas alternas vicissitudes da vida. Ocupava-se da casa, dos filhos e ajudava o marido. Foi sempre uma figura de relevante importância durante a vida de Luís, e, desde o início, preocupou-se particularmente com ele, vista a sua saúde incerta e delicada.

Seu pai, ao invés, preocupava-se essencialmente do sustentamento da numerosa família e procurava enfrentar as dificuldades econômicas trabalhando duramente. Durante o inverno, quando estava livre dos trabalhos nos campos, engenhava-se para fazer equilibrar o balanço, improvisando-se tecelão ou barbeiro.

Em maio de 1905, Luís fez a primeira comunhão, e a freqüência à mesa eucarística tornou-se quase cotidiana, precisamente graças aos exemplos que tinha na família dos pais e dos dois irmãos. Pároco de Cislago era então o Pe. Henrique Uboldi, que tinha a seu lado, como coadjutor, Pe. Luís Vismara, seu sucessor em 1915. Este,

muitos anos depois – circunstância que não se deve esquecer – recordando o pequeno Luís, dará o seguinte juízo: «Notou-se logo nele um temperamento sensível, afetuoso, e uma vontade forte e decidida; bastante tímido e reservado, aprendeu logo a adaptar-se ao sacrifício. Pôde-se constatar um progresso contínuo na piedade, demonstrado por uma conduta recolhida e devota na igreja, mesmo se circundado por meninos inquietos e tagarelas, pela freqüência à S. Comunhão e pelo amor ao oratório. Observou-se também que ele dava prova de notável sabedoria e conservava uma compostura de pessoa que já denotava vigilância e controlo sobre os seus atos. Tinha horror do mal e esforçava-se em impedi-lo entre os companheiros, dos quais recebia respeito e estima»³.

Em 1904, tendo cumprido os seis anos de idade, Luís foi inscrito no primeiro ano primário masculino. Ele teve que repetir o segundo ano em 1906-1907. A sua primeira professora foi Maria Voltolina, mas teve sempre uma lembrança particular da professora do terceiro ano, Irmã Vivina Cordero, das Irmãs de São José B. Cottolengo, que, tendo chegado em Cislago em 1905, como professora das escolas municipais, ali permaneceu até 1946. O modo com o qual a Irmã rezava e fazia rezar, impressionou muitíssimo o menino, que atribuiu a ela a primeira faísca da sua vocação sacerdotal.

Pela escola da Ir. Vivina, passaram centenas de crianças. No entanto, aquele menino magro, bom e obstinado, atento e delicado, não foi esquecido.

«Freqüentou sempre com assiduidade e amor, distinguia-se por piedade, obediência, respeito e estudo. Tantas vezes fui testemunha da sua intervenção quando divergências ou brigas nasciam entre os companheiros: sabia convencer, tranquilizar e pacificar. Um dia confiou-me que quando menino, sendo coroinha, tinham-lhe perguntado: “Você quer ser padre?” e que ele, mesmo sufocando o desejo ardente que tinha no coração, respondera que não. Voltando, depois, em casa, chorava pela sua falta de coragem»⁴.

A tal propósito, o mesmo Pe. Luís, nos anos da sua maturidade sacerdotal, contará que aquela pergunta improvisa tinha-o perturbado profundamente, quando pensava que si pudesse realizar o que ele já desejava⁵.

Concluído o terceiro ano, e terminado, portanto, o curso primário, Luís ocupou-se dos trabalhos dos campos, a ajudar o pai, e depois encontrou trabalho numa dobadoura da aldeia. O irmão maior, Pedro Carlos, conseguira encontrar um trabalho como sapateiro junto aos amigos de família e, portanto, em seguida, a mãe conseguiu acomodar na mesma oficina também Luís, que aprendeu assim a profissão de sapateiro. Ele, com notáveis sacrifícios, conseguiu, em todo caso, freqüentar a escola noturna da aldeia, instituição surgida para ajudar os jovens trabalhadores a aperfeiçoarem-se em matérias técnicas, em aritmética e em italiano.

Nos momentos de liberdade, o menino ia assiduamente ao oratório, onde encontrava «sacerdotes jovens e entusiastas» e prontos a ajudar também no estudo.

³ Testemunho do mesmo pároco L. VISMARA, «La conquista del sacerdozio», em *A don Luigi Monza, Cislago 22-VI-1898 San Giovanni 29-IX-1954* [Número único 1954], Lecco 1954, 9.

⁴ P. BEDONT, *Don Luigi Monza, note biografiche*, Ponte Lambro 1976, 18. O episódio do «não» é narrado em todos os estudos sobre o Pe. Luís. Veja-se, por exemplo, VIAMARA, *op. cit.*, 10.

⁵ Em L. MONDINI, *Don Luigi Monza a Cislago*, 11, datilografado em APL.

Precisamente aqui Luís foi formado por um exemplo que o entusiasmou: e a sua obra nos oratórios de Vedano Olona, de Saronno, de São João, será a lógica consequência da experiência já vivida no vilarejo.

Adeus à infância

1913 foi o ano de reviravolta. Depois da morte dos avós, em casa ficaram os pais José e Luísa, a filha Josefa Cristina, o pequeno Mário, nascido em 1909, Pedro que trabalhava como sapateiro em Milão, e Luís que continuava a trabalhar na oficina em Cislago.

No mês de maio, enquanto recolhia as folhas de amoreira para os bichos-da-seda, seu pai José caiu de uma árvore, ficando paralítico. O acidente influiu não pouco sobre o ânimo de Luís, o qual, porém, continuou a freqüentar o oratório e as cerimônias religiosas. De índole já solitária e reflexiva, se fez sempre mais silencioso e parecia possuído por grandes pensamentos que o absorviam completamente.

O pároco, Pe. Luís Vismara, intuiu que a perturbação interior do menino não devia atribuir-se unicamente às adversidades familiares. Na realidade o rapaz de quinze anos ia meditando sobre a possibilidade de consagrar-se ao Senhor no sacerdócio. Desvelado que foi esse desejo, o pároco esforçou-se em realizá-lo e, daquele momento, permanece-lhe vizinho por todo o curso de uma vida, que lhe teria reservado tantas alegrias, mas também tantas amargas surpresas.

Provada e em péssimas condições econômicas, a família Monza procurava, como podia, ir levando a vida, e a partida de Luís para o seminário teria significado um intróito a menos e, sobretudo, a falta de um apoio moral para a mãe que se encontrava com um filho ainda criança e o marido inválido para acudir. Essa situação dilacerava a alma de Luís e provocava nele um dissídio difícil de sustentar. A generosidade e a fé de sua mãe removeram toda hesitação. Essa mulher simples e forte encorajou o filho a doar-se ao Senhor sem se preocupar, porque Ele teria pensado na família. Em setembro de 1913, Pe. Vismara enviou-o com outros dois concidadãos ao Instituto missionário salesiano de Penango Monferrato, perto da cidade de Asti. Pe. Luís recordava freqüentemente, com muito humorismo, a partida de trem com um outro menino, cuja mãe repetia com insistência: «*Come, come*»; enquanto a sua dizia-lhe: «*Você vai para o Senhor*».

O período de três anos, de setembro de 1913 a junho de 1916, transcorrido no Instituto de Penango, deixou uma marca notável na formação intelectual e espiritual de Luís, que, na escola dos salesianos, aprendeu as primeiras noções da arte educativa.

O pároco continuava a segui-lo com interesse. Por isso, escreverá mais tarde:

«Com um patrimônio escolar de pouco mais de um terceiro ano do primeiro grau, com boa inteligência, mas sobretudo com uma vontade tenaz, toda dirigida para o ideal e o seu não comum espírito de sacrifício, pôde superar no primeiro ano escolar as suas primeiras classes ginasiais»⁶.

Luís passava cada ano os meses de verão com a família, mas, quando voltou para casa depois do anos escolar 1915/1916, encontrou a situação familiar ainda pior.

⁶ VISMARA, *op. cit.*, 10.

Seu pai estava completamente inválido e obrigado a estar de cama; seu irmão maior fora chamado para combater no fronte oriental italiano (com efeito, iniciara a primeira guerra mundial); sua irmã Josefa já entrara no convento. Para não deixar o peso da família só nas costas da mãe, Luís decidiu, portanto, não voltar para Penango. Nestes momentos de apuro não foi, porém, abandonado pelo pároco e pelos outros sacerdotes coadjutores, que continuaram a ajudá-lo nos estudos, dando-lhe lições noturnas. O projeto de pedir a admissão ao Seminário parecia, naquele período, minado nos seus fundamentos.

No limiar do futuro

Em junho de 1916, Luís cumpria dezoito anos de idade, e o Pe. Vismara compreendeu que, se o jovem queria ser sacerdote, devia absolutamente retomar os estudos. Visto o estado da família, o pároco empenhou-se, portanto, em fazê-lo entrar num seminário da diocese, de modo que pudesse permanecer vizinho aos seus, sem pesar economicamente sobre eles. Obteve, por conseguinte, a admissão de Luís no Colégio Villoresi de Monza, onde, a partir de 1º de outubro de 1916, começou a freqüentar o 4º ano do ginásio.

Desde o seu ingresso, Luís foi clérigo-prefeito, condição que lhe permitia estudar, sem, porém, pesar no balanço familiar. O trabalho dos jovens prefeitos consistia em cuidar, fora do horário escolar, dos alunos do Colégio (que eram na maior parte «internos»). O prefeito tinha a responsabilidade de uma ou mais classes, dormia no dormitório com os meninos, ajudava-lhes a fazer os deveres de casa na tarde, rezava e jogava com eles; mas, durante a manhã, enquanto eles estavam nas aulas, ele, junto com outros jovens prefeitos, freqüentava as aulas sobre as matérias próprias de seu ano. A direção dos estudos dos prefeitos era confiada ao «Professor ou mestre dos prefeitos», que ensinava quase todas as matérias, para cada uma das quais os jovens deviam prestar exame. A vida dos prefeitos era, portanto, muito dura e comprometedora, mesmo se, sobretudo pela carência de tempo à disposição, sua formação cultural resultava mais superficial a respeito daquela dos «companheiros» do seminário. Essencialmente, em todo caso, a diferença entre os seminaristas e os prefeitos dos colégios dependia do fato que estes últimos, ainda no período de formação, vinham inseridos na atividade educativa. Assim como se lê também num artigo publicado em 1927, no jornal *La Fiaccola*, periódico do Seminário Arquidiocesano da diocese de Milão:

«O Seminário é a estufa para plantas que recolhe os candidatos flores que amanhã deverão espargir seu perfume no povo cristão. O prefeito, uma dessas flores, não pode gozar dessas custódia providencial, e, antes que desabroche, é jogado nas rajadas da vida num prematuro apostolado [...]»⁷.

Depois de poucos meses de permanência no Colégio, no início de janeiro de 1917, chegou um telegrama do pároco de Cislagio que chamava para casa o jovem por causa do agravar-se das condições de saúde do pai. Tendo voltado para a família, Luís

⁷ *La Fiaccola*, ano 1, n. 1, 15 de janeiro de 1927.

assistiu às últimas horas de seu pai, que faleceu no dia 15 de janeiro de 1917. Com uma carta, comunicou à sua irmã a triste notícia:

«Com os olhos cheios de lágrimas e o coração cheio de dor, dou-lhe esta notícia. Certamente o que agora vou dizer-lhe não é o mesmo das outras vezes. Será um pouco desgostoso, mas o que podemos fazer, na nossa vida acontecem coisas boas e coisas ruins...

Tocavam as onze horas no Colégio São José, quando recebo um telegrama nestes termos: «Papai está muito mal, vem logo». Sem dizer mais nada, fui para casa e, quando cheguei, encontrei-o que piorara, mas não demasiado, como imaginava. Da sua voz entendia-se que não estava mal e também pelo sentimento. Mas as suas inchações cresciam cada vez mais e era isso que preocupava muito. Tinham-lhe ministrado todos os confortos religiosos e também a Extrema Unção. Na manhã seguinte, depois de ter passado a noite junto com a mãe para assisti-lo, não estava mal, e prova disso é que dizia ainda coisas ridículas para manter-nos alegres pelas fadigas sustentadas durante a noite e para que não pensássemos que ele estava mal. Mas, quando veio a noite, era o dia 16 de janeiro, começa a dizer: “Lina⁸, sinto-me mal». Corri logo a chamar o padre que, quando veio, e depois de ter reconciliado o nosso bom pai, deu-lhe o viático. Depois de ter dado um pouco ação de graças, diisse mais uma vez: “Estou mal”.

Imagina com quanta trepidação, com quanta ânsia, com quanta dor estávamos em redor do leito do doente que piorava! Suspirava-se, chorava-se, rezava-se, a gente saía e voltava continuamente pela porta. Depois de alguns instantes, o nosso pai, persuadido que a morte o esperava, levanta a sua mão trêmula e aperta aquela da mamãe, dizendo: “Adeus, eu vou embora...”. Depois, enquanto a nossa mãe [aproximava-se] um pouco, encostei-me também eu e, com uma mão na sua testa e outra no seu queixo com um lenço, recordei-lhe tantas coisas espirituais e corporais, e confortado até não temer mais nada do grande ato que estava por cumprir, senti uma espécie de frio que lhe corria pela testa. Depois que entendi que diminuía: Mamãe, disse chorando, está morrendo. E eu, ó pai, ó pai... mas ele, elevando ainda uma vez os seus olhos, abaixou-os para não elevá-los nunca mais. Três suspiros depois, morria o nosso venerado pai nos meus braços, entregando a sua bela alma a Deus. Não lhe posso exprimir a minha dor ao ver que me raptavam uma nossa tão querida criatura. De mamãe, nem falemos, porque também o demonstrou. Eu, porém, tendo recebido tanta coragem de Deus, soube consolá-la, de tal maneira que agora encontra-se completamente resignada. É uma grande desgraça para a nossa família, mas, o que se pode fazer? O Senhor quis privar-nos também do nosso pai, mesmo se tantas outras desgraças estão chegando ou estão por chegar. Os momentos nos quais vivemos são difíceis e tristíssimos. Não estamos, porém, completamente perdidos; mas a verdade é, querida irmã, que perdemos o nosso pai terreno, o que nos faz chorar, mas temos sempre aquele celeste que é Deus. Saiba você consolar-se, como fazemos nós e o nosso pai prometeu rezar por nós

⁸ É sua mulher, Luigina.

e recompensar-nos pelas fadigas que tivemos que suportar durante a sua longa doença e especialmente aquelas da nossa querida mãe. Confiança e resignação, portanto, serão o nosso conforto. Procure também você fazer o mesmo e, um dia, felizes e contentes, encontrar-nos-emos com ele no céu. Não é preciso que eu lhe diga que reze e peça que os outros rezem por ele. Não se preocupe por nós e pela mamãe. Deus proveu até agora e proverá ainda. Você, porém, faça algumas exceções e escreva para a mamãe, porque eu devo ser alistado, se Deus não me concede uma graça especial. E, então, mamãe, o que fará sozinha? Reze sempre pela mãe, por mim, por nossos irmãos Pedro e Mário, pelo tio Carlos, já que ele também terá pouco tempo de vida»⁹.

Com efeito, o tio Carlos, irmão de seu pai, morreu poucas semanas mais tarde, deixando a sua família em tristes condições.

O mundo transtornado pela guerra

No entanto, a situação da guerra, no fronte italiano, piorava. Luís começou, então, a temer que fosse chamado às armas, devendo, assim, de novo interromper os estudos. Em fevereiro de 1917, fizera a visita militar com a sua turma de 1898, mas fora declarado «alistável», mas não recrutado naquele momento. O mesmo aconteceu em agosto, podendo, assim, começar a frequentar o quinto ano do ginásio, no Colégio Arquidiocesano de Saronno.

Mas, aos 10 de abril de 1918, Luís foi chamado para fazer o serviço militar, sendo, por isso, obrigado a interromper os estudos até 20 de fevereiro de 1919, dia em que foi reformado. Como ele mesmo escreveu, numa sua relação autográfica, foi «destinado ao 65º Regimento de Infantaria em Cremona». Foi sucessivamente transferido para Castelleone, em Modena, e, enfim, depois do fim das hostilidades, para San Benedetto Po, na Província de Mantova. Diversos foram os encargos que Luís exerceu; tendo sido declarado «inábil permanente», prestou serviço militar como telefonista e, enfim, como encarregado do armazém dos víveres.

A experiência militar, num período tão trágico como aquele da primeira guerra mundial, não pareceu adquirir um significado particular para o jovem que, precisamente pelas funções exercitadas, não esteve combatendo na primeira linha, nem foi designado para destacamentos sanitários ou hospitalares, onde o sofrimento humano causado pelo ódio teria podido traumatizá-lo e deixar feridas profundas em seu ânimo. A única consequência tangível parece ter sido aquela de ter aprendido a fumar charuto.

Segundo a narração escrita de próprio punho, não obstante as dificuldades e as privações do ambiente militar, conseguiu encontrar o tempo e a possibilidade de rezar, usufruindo dos momentos de licença. Em San Benedetto Po, graças à amizade com o arcebispo do lugar, dedicou um pouco de tempo também ao estudo. No imaginário coletivo, o ambiente militar assume contornos incertos que, da disciplina férrea, esfumam nas cores pouco edificantes dos ritos goliardescos e da opressão dos veteranos sobre os novatos nos quartéis. Luís, nesse quadro muito pouco favorável às

⁹ Carta de Luís Monza a sua irmã, Cislado, 19 de janeiro de 1917, em APL.

tênuas gradações da vida interior, não deixou nunca de encontrar espaços e desfrutar as ocasiões para dedicar-se à oração: uma pincelada, talvez com os traços incertos, sobre uma tela com as cores vívidas e atrevidas. O ser humano tem boas capacidades de adaptação ao ambiente que o circunda, já que põe em ato estratégias miradas a enfrentar a mudança, por quanto dramática essa possa ser. A força da sobrevivência e a habilidade a ela coligada brotam da capacidade de adaptação. O mal-estar psicológico e existencial dos soldados, causado pelo isolamento ou pela separação do próprio ambiente e dos próprios parentes (que era ainda mais dramático pela escasso costume à mobilidade da população do tempo que, geralmente, morria no vilarejo onde nascera), estimulou a fantasia e a iniciativa de muitos, que excogitaram instrumentos mais ou menos sofisticados para manterem os contatos. Também o Seminário de Milão, preocupado com os seus clérigos na frente (em 1915, partiram para a guerra um total de 450 sacerdotes e 350 seminaristas), criou um boletim de coligação apto para animar e dar indicações sobre como viver aquele trágico momento.

Na Páscoa de 1918, a tímida circular, com uma nova veste gráfica, assumiu o nome de *O Nó*, cujo subtítulo *Periódico Epistolar*, indicava as suas características e a sua finalidade. Visto o seu sucesso, era lógico que devesse alargar o campo de difusão e servir todos os seminaristas soldados. Nasceu assim, junto com *O Nó*, um outro periódico, *O Archote*. Publicado pela primeira vez aos 16 de julho de 1916, com a bênção do Cardeal Ferrari, assumiu sua forma definitiva aos 10 de novembro de 1916, passando sob a proteção do comitê de Assistência Religiosa dos militares, presidida pelo Mons. Cavezzali. Através dessa publicação, o Cardeal Ferrari dirigia-se a todos os sacerdotes e clérigos militares, para exortá-los, formá-los e encorajá-los. Com efeito, lê-se no n. 1, de 10 de novembro de 1916:

«*O Archote* é para ver e para fazer ver; e, verdadeiramente, para os clérigos, resulta bastante bom. Com efeito, vemo-los através das páginas do *Archote*: seguimo-los na medida do possível e, ao mesmo tempo, procuramos fazer-lhes ver algumas coisas: bons conselhos, exortações, encorajamentos para o bem; são todas estas coisas que o clérigo militar pode ver nas páginas do *Archote*. Depois, boas obras, atos de virtude, de obediência, de abnegação, de piedade dos mesmos clérigos espelham-se no *Archote*, fazendo-se ver a todos, como destemido e mútuo incitamento ao bem. E vocês, ó caríssimos, fá-lo-ão ver com a prática assídua das virtudes sacerdotais, não esquecendo nunca que, sob a farda militar, são sacerdotes. Em vocês admirarão o espírito de humildade, de submissão, de sacrifício, de caridade, espírito tão próprio do Sacerdote; da sua conduta, transparecerá o esplendor daquela virtude, que se chama angélica; e vocês são e devem mostrar-se anjos em todo o teor de uma vida ilibada e santa. Se alguém objetasse a fragilidade humana, os graves perigos, as freqüentes ocasiões de mal, não negarei nada de tudo isso; mas afirmarei que basta querê-lo: podem dizer com o Apóstolo “omnia possum in eo qui me confortat [tudo posso naquele que me conforta]”»¹⁰.

¹⁰ *La Fiaccola*, n. 1, 10 novembre 1916. Notícias tiradas de «I seminari milanesi e la Grande Guerra», em *Humilitas* (marzo 1929).

Com o fim da guerra, em novembro de 1918, a família Monza esperou ver de volta da frente ambos os filhos, mas de Pedro não se tinham notícias seguras. Só depois soube-se que ele, feito prisioneiro, fora enviado para a Itália em graves condições. Acometido pela pneumonia, sem poder comunicar com a sua família pelo seu estado de saúde, foi internado no hospital da cidade de Riasco. Foi o capelão militar quem informou o Pe. Vismara sobre a sua morte, acontecida aos 04 de dezembro de 1918.

(didascalie) *Povoado e Igreja de Cislago (VA), onde nasceu o Pe. Luís Monza*

Casa natal do Pe. Luís Monza, p.zza Chiesa (Foto Dubini).

Casa onde o Pe. Luís morou na sua juventude (Foto Dubini).

Pe. Luís Monza para a visita militar, fevereiro de 1917 (Foto Parodi).

Pe. Luís Monza com a escola de canto de Saronno (VA) (Foto Parodi).

Confessionário do Pe. Luís Monza, no Santuário de Nossa Senhora dos Milagres, em Saronno.

São João, atividades pastorais.

Na página de lado, no alto: *a igreja de São João, em Lecco, onde o Pe. Monza foi pároco, de 1936 a 1954.* Em baixo: *Pe. Luís Monza com um grupo de meninos de São João (Foto Parodi).*

Sobre: *encontro com o Cardeal Schuster durante uma visita pastoral.* De lado: *Pe. Luís Monza com sua mãe Luigia (Foto Parodi).*

Na página de lado, no alto: *primeira cerimônia de consagração das “pequenas Apóstolas da caridade”, 02 de fevereiro de 1950.* Em baixo: *inauguração da Casa de Varazze, 14 de maio de 1952.*

Pe. Luís Monza, XXV aniversário de ordenação, 25 de setembro de 1950.

Prova-se o ouro no crisol

Em março de 1919, Luís terminou os estudos do quinto ano do ginásio no Colégio Arquidiocesano de Saronno. O fracionamento de tal formação não teria permitido o acesso ao liceu mas, vista a emergência do após-guerra, tais irregularidades foram freqüentes pelo qual, para não fazer perder mais tempo aos futuros sacerdotes, se fez benevolmente vista grossa sobre as lacunas do estudo. No fundo, a geração que estivera na frente podia ter carências intelectuais, mas fora formada pelas dificuldades. Todos aqueles que voltavam eram mais homens. Luís empenhou-se no estudo durante os meses das férias de verão e, depois de ter sustentado os exames de habilitação de fim de ginásio em vista do liceu, foi admitido ao primeiro ano do liceu.

Em todos os estudos feitos sobre o Pe. Monza, o triênio em Saronno é descrito como um momento difícil na vida do jovem, por causa de algumas incompreensões que nasceram com os superiores. Além do clima rígido e normativo, no qual os jovens prefeitos tinham dificuldade de inserir-se, também por causa da idade adulta de muitos deles e da personalidade já formada, nos anos entre 1918 e 1923, o Colégio Saronno viveu um período bastante complicado e delicado. Com efeito, desenvolveu-se uma

situação interna particular por causa de alguns professores ou vice-reitores com os quais o reitor teve sérias dificuldades. Da leitura da troca epistolar entre o reitor do Colégio de Saronno, Castelli, uma personalidade forte e decidida, e o reitor do Seminário Maior, De Giorgi, emerge uma situação de contrastes com o professor Polvara, o vice-reitor Modesto Ferré e o vice-reitor Luís Bietti.

Pe. José Polvara ensinou no Colégio de Saronno em 1920 e 1921, mas foi afastado dele porque decidiu promover uma nova escola e assumir a sua direção sem ter consultado o reitor Castelli. Este considerou inconciliável os dois compromissos e, no verão de 1921, escreveu duas cartas ao Mons. De Giorgi, explicitando a desilusão, o desgosto e sugerindo as eventuais providências que se deviam tomar.

Pe. Modesto Ferré, vice-reitor desde 1916, foi convidado a deixar o Colégio, em 1922, por causa do seu comportamento. O reitor Castelli descreveu-o assim:

«Depois de ter voltado da guerra mostra-se muito menos sacerdote do que antes: ama cantar, tem uma voz discreta. Zelo e espírito de sacrifício e iniciativa, zero absoluto»¹¹.

Mas o sacerdote que, naqueles anos, causou maiores problemas e dificuldades ao ambiente foi, certamente, Pe. Luís Bietti, vice-reitor do Colégio de Saronno e professor até 1924¹². Ativo e presente na vida social da zona de Varese, tornou-se militante efetivo do partido fascista a partir de 1º de janeiro de 1920, exercendo o cargo de Secretário provincial dos «Balilla»¹³ e entrando a fazer parte do diretório fascista de Saronno. Afastado do Colégio Saronno pelas suas idéias, foi capelão da «Casa dos veteranos de guerra das batalhas patrióticas» de Turate até 1943, quando, depois da queda do fascismo, aderiu à República de Salò¹⁴. Pensador e escritor fecundo, publicou muitos artigos nos jornais da época, nos quais ilustrava o seu pensamento político e social; deixou vários escritos filosóficos e ensaios de literatura¹⁵.

Desde os anos do seminário, Luís Bietti teve relações com representantes do Modernismo, o movimento de renovação religiosa e cultural que se desenvolveu no interior do catolicismo nos primeiros quinze anos do século XX. De modo particular, ele cartou-se com Ernesto Buonaiuti e com Salvatore Minocchi, dois entre os maiores

¹¹ Carta do reitor A. Castelli ao Mons. A. De Giorgi, reitor maior dos Seminários de Milão, em data 22 de maio de 1922, em Arquivo do Seminário Arquidiocesano de Venegono Inf. (VA).

¹² Salvo uma interrupção dos três anos de guerra durante os quais fora capelão militar.

¹³ Durante o período fascista assim se chamavam os jovens de 9 a 14 anos que pertenciam a organizações paramilitares de apoio ao regime.

¹⁴ República Social Italiana, constituída por Mussolini, em 1943, na parte do território italiano ocupada pelos alemães. Por tais atividades, ao Pe. Bietti, no dia 1º de maio de 1945, chegou o aviso de imputação por parte do Comitê Nacional de Libertação e, aos 28 de junho, foi processado por colaboracionismo. Condenado a 8 anos e 3 meses de prisão (e confiscação dos bens) pelo Tribunal extraordinário de Como, foi anistiado pelo Tribunal de Justiça em 1º de outubro de 1946.

¹⁵ *Religione di Mazzini*, Saronno 1911; «Leggendo gli ultimi romanzi di Guido da Verona», em *Vita e Pensiero*, 10 de janeiro de 1915; «Giovanni Bertacchi poeta della natura», em *Vita e Pensiero*, 30 de dezembro de 1915; *Per l'onore d'Italia nel primo anniversario della guerra*, Saronno 1916; «Un apostolo dei poveri: il Beato Giuseppe Cottolengo», em *Vita e Pensiero*, 1917.

representantes do Modernismo italiano¹⁶. Foi precisamente por causa de tais relações que, em junho de 1907, foi-lhe adiada a ordenação de diácono. Um seu companheiro, Pe. Carlos Rossi, instigado pelo confessor, tinha-o denunciado como modernista ao reitor, Mons. Nasoni, porque possuía um retrato do Pe. Minocchi. Em geral, os ambientes eclesiásticos tiveram uma atitude severa e suspeitosa para com aqueles que se abriam a essas idéias novas. Com efeito, a reação da Igreja ao modernismo foi, desde o início, drástica e inflexível: entre 1903 e 1907, numerosas obras de modernistas foram colocadas no Índice; em 1904, foi estabelecida a visita apostólica em todas as dioceses italianas; em 1906, Mons. Umberto Benigni fundou uma sociedade secreta, o *Sodalitium Pianum*, com a tarefa de recolher secretamente informações sobre os «suspeitos» e de transmiti-las diretamente ao Papa. Em julho de 1907 o decreto *Lamentabili* condenou as proposições modernistas relativas à autoridade do magistério eclesiástico, à inspiração da Sagrada Escritura, à objetividade e imutabilidade dos dogmas, à divindade de Cristo e à origem divina da Igreja e dos sacramentos. A tal decreto seguiu-se a encíclica *Pacendi*, que definiu o Modernismo «a síntese de todas as heresias» (porque nele tinham confluído todos os erros do pensamento moderno), e que continha uma série de severas disposições dirigidas a reprimir e prevenir toda infiltração dos modernistas entre o clero. De modo particular, especificava a encíclica, era preciso vigiar sobre os professores dos seminários e das universidades, procurando afastar aqueles que introduziam as novas teorias; era necessário selecionar rigorosamente os novos ordenandos, aumentar a censura, proibir os congressos de sacerdotes e instituir comissões diocesanas de vigilância. Por muitos anos viveu-se num clima de suspeita: a comissão do Índice e aquela bíblica redobraram a atividade no sentido sempre mais conservador. Em 1910, o «motu proprio *Sacrorum Antistitum*» impôs a todo o clero um juramento especial, antimodernista, que, mesmo não acrescentando nada de essencial aos atos precedentes de Pio X, constituía um seu compêndio que tinha o escopo de desmascarar os cripto-modernistas. Foram, portanto, removidos os professores suspeitos, proibidas as obras que davam um amplo desenvolvimento à crítica histórica e intensificadas as visitas apostólicas nos seminários italianos. E foi precisamente o Visitador apostólico quem, em 1911, falando de Luís Bietti, disse «*é muito conhecido pelas suas idéias não certamente ortodoxas [...] Na sua pestífera propaganda encontra-se quase em salvo pela defesa que dele fazem os altos superiores*»¹⁷.

Considerando, portanto, o difícil momento histórico no qual o Pe. Bietti operou, é compreensível que um semelhante personagem despertasse suspeitas e dificuldades no ambiente eclesiástico, ainda mais no interior do Colégio onde viveu por cerca de 15-16 anos. No início da sua permanência em Saronno, foi objeto de fofocas sobre o seu ensinamento de literatura italiana, que pareceu pouco ortodoxo e não em linha com o pensamento da Igreja, sobretudo ao tratar alguns autores como D'Annunzio, Carducci, Tolstoj e Fogazzaro¹⁸. Este último em particular era considerado um típico

¹⁶ Suas cartas são conservadas no Arquivo do Centro para a história do Modernismo, em Urbino.

¹⁷ L. BEDESCHI, *Modernismo a Miliano*, Milano 1974, 111.

¹⁸ Como se deduz de algumas cartas tiradas do epistolário entre Castelli e De Giorgi, conservado no Arquivo do Seminário Arquidiocesano de Venegono Inferiore (VA).

representante da cultura modernista, e o seu romance *O Santo*, no qual estava exposto o programa de reforma do catolicismo, em 1906 fora posto no Índice.

No que concerne ao Pe. Monza, numa pesquisa desenvolvida por Dajelli¹⁹ acena-se a uma grave situação, pouco clara, acontecida no interior do Colégio. Dessa situação o mesmo Dajelli recusa-se de fornecer particulares e assim a descreve:

«A sua primeira [do Pe. Luís Monza] contrariedade na vida bastante séria, na minha opinião, foi no Colégio de Saronno como prefeito entre os meninos. Guiado pelo sentido natural de equanimidade, notou algumas injustiças. A sua insistência em favor de tal razão junto aos Superiores provocou-lhe (não de propósito por eles) a acusação de insubordinado, e só a intervenção de seu Pároco tirou-o da difícil situação que lhe teria procurado a suspensão dos estudos. Algumas dezenas de anos depois, acidentalmente, soube de mim que pano de fundo tinha tal contexto, cujo mal ele, inconscientemente, tinha ferido na raiz».

Isso tornaria compreensível a severidade dos juízos escritos pelo reitor Castelli sobre o Pe. Luís.

Djanelli, num outro passo da sua pesquisa, afirma também que um certo «Pe. L.B.» foi um dos sacerdotes mais hostis ao Pe. Luís, e é fácil pensar que se refira ao Pe. Bietti. Reencontraremos esta personagem a propósito das prisões efetuadas pelos fascistas em Vedano e na zona limítrofe.

Toda essa situação, em todo caso, explica a crise que perturbou o ânimo do jovem Luís Monza²⁰. Já que ele transcorria o verão em Cislago, com a família, e sob a guia do Pe. Vismara, este ajudou-o a recuperar-se. Com efeito, escreve Bedont:

«Foi ainda o seu pároco que o salvou e o reanimou. Para confirmá-lo, o zelante sacerdote quis apresentá-lo ao Arcebispo, Cardeal Ferrari. Depois de um breve colóquio, o Purpurado assegurou o Pároco com estas palavras: aquele clérigo me fez uma ótima impressão»²¹.

¹⁹ Domenico Dajelli, amigo do Pe. Luís Monza nos tempos de Saronno, fez uma pesquisa sobre a sua vida, em particular sobre o período de Saronno, baseando-se essencialmente em testemunhos e pesquisas no lugar. Como ele escreveu numa carta de 28 de maio de 1982, as suas investigações foram feitas «logo depois do falecimento do Pe. Luís e durante a redação do livro do Pe. Bedont, nos lugares e junto às pessoas...». Citaremos esta antologia com o título: D. DAJELLI, *Ricerche*, em APL.

²⁰ L. Mondini afirma: «A sua direção [do reitor Castelli] caracteriza-se pela gentileza do tratamento e a persuasão, evitando pesar com a autoridade... ele insiste junto aos jovens que estudo e obediência sejam expressão de dever e convicção. [...] Um certo sentido de desilusão sobre o empenho e o comportamento dos estudantes no Colégio preocupa também o clérigo Luís Monza. Ele quereria imprimir nos jovens um modo mais sério e respeitoso do próprio dever, precisamente porque ele mesmo é dotado desses sentimentos. Mas no Colégio existem preponderantemente jovens de condição abastada... e não sempre se dão conta que o estudo significa sacrifício. [...] Este seu estado de ânimo torna-o exigente para com os estudantes e, portanto, em divergência com a linha dos responsáveis pela direção do Colégio. É obrigado a afastar-se dali por algum tempo com seu grande sofrimento. Mas a boa palavra do pároco Vismara sempre assiduamente presente e a conciliadora intervenção de Mons. Castelli... dissipam as incertezas do jovem clérigo». Veja-se MONDINI, *op. cit.*, 35.

²¹ BEDONT, *op. cit.*, 26.

Segundo quanto conta Mondini, durante as férias, Luís tinha o costume de ir todos os dias na missa das 5:30, à qual assistia com a mãe. Em algumas tardes e nos dias festivos ajudava os outros sacerdotes nas lições de catecismo ou passava o tempo rezando na Igreja, enquanto em geral ajudava a mãe nos campos. No final do verão apresentou-se-lhe o velho problema, se seguir os novos estudos no seminário ou então continuar como prefeito no Colégio, e, segundo o conselho do Pe. Vismara, ele decidiu continuar como prefeito. No dia 17 de outubro de 1922, o clérigo Luís Monza foi, portanto, mandado ao Colégio Rotondi de Gorla Minore, a poucos quilômetros de Cislago, onde freqüentou o primeiro e o segundo curso de teologia.

Aqui, não obstante a sua saúde precária, Luís conseguiu instaurar boas relações com os estudantes. Foram precisamente tais relações com os alunos que lhe criaram atritos com o vice-reitor, atritos depois alimentados por diferentes visões sobre a educação dos jovens. Não é preciso, porém, pensar que Luís tivesse um caráter particularmente difícil porque semelhantes averiguações encontram-se também em juízos de outros prefeitos e são todos para reconduzir ao método educativo do vice-reitor o qual, como escreve o próprio reitor, gostava de uma «disciplina militar». A jovem idade dos prefeitos e a severidade dos sistemas educativos por parte dos superiores levaram a incompreensões que, segundo os documentos, o reitor preocupou-se em fazer decantar no momento em que se preparava à redação dos juízos sobre os jovens prefeitos.

Voltando para casa nas férias no verão de 1923, no final do primeiro ano de teologia, Luís encontrou a situação política de Cislago mudada. O novo partido fascista, que procurava afirmar-se em todas as partes, com as eleições pudera constatar que a população era favorável quase à unanimidade à lista católico-popular. Em Cislago acontecera uma série de conferências ameaçadoras feitas por alguns fascistas forasteiros, mesmo se o pároco pudera averiguar que

«oficialmente não se registram todavia inscrições a seu partido, quem o fez se mantém na sombra»²².

O clima de agitação política prosseguiu durante todo o inverno de 1924, mas depois as eleições de maio do mesmo ano, que confirmaram a vitória do Partido Popular em Cislago, começaram a suceder-se numerosas violências por parte dos fascistas. Algumas dessas ações, como o assalto à Cooperativa ambrosiana de consumo, foram conhecidas também por Luís, que, porém, estava completamente empenhado com o estudo²³.

Em outubro de 1924, o jovem Monza iniciou o terceiro ano de teologia no seminário teológico da avenida Veneza, em Milão, mas o seu estado de saúde sofreu um pioramento. Com efeito, ele não conseguiu enfrentar os exames semestrais, porque adoeceu-se. Concluídos, em todo caso, os exames finais do terceiro ano, Luís cursou o quarto ano de teologia durante os meses de verão de 1925. O arcebispo de Milão, o Cardeal Eugênio Tosi, pedira e obtivera do Papa Pio XI a antecipação do presbiterato dos clérigos que interromperam os estudos por causa do serviço militar e, por

²² MONDINI, *op. cit.*, 46.

²³ MONDINI, *op. cit.*, 46s.

consequente, supriram com os estudos estivos o quarto ano. As motivações disso foram múltiplas: antes de tudo a idade madura de muitos clérigos, entre os quais Luís, que no terceiro ano de teologia encontravam-se, também por causa da guerra, além dos limites de idade costumeiros; depois a dificuldade de submeter-se à disciplina rígida do seminário para aqueles que tinham iniciado o serviço militar durante o período bélico; enfim, a diminuição de vocações e ordenações causada sempre pela guerra. Com efeito, muitos clérigos não tinham voltado para o seminário. Por não falar daqueles que caíram na frente de guerra.

Depois de ter recebido o subdiaconado, aos 28 de junho de 1925, e o diaconado, no dia 15 de agosto, Pe. Luís foi ordenado sacerdote na capela do seminário maior pelo Cardeal Tosi, aos 19 de setembro do mesmo ano. No dia seguinte, o jovem Monza celebrou a sua primeira missa em Cislago, onde o pároco Pe. Vismara e os seus dois coadjutores, sobretudo Pe. Cazzani, tinham preparado uma cerimônia festiva para o primeiro jovem da paróquia que empreendera o caminho sacerdotal.

Eu estou com você, sou você

O dia da primeira missa foi uma festa para todo o vilarejo. O novo sacerdote tornou-se naquele momento filho de toda a comunidade, que ficou-lhe vizinha para partilhar a alegria e a esperança daquela primeira celebração. Hoje é talvez difícil compreender quanto um semelhante evento fosse sentido e vivido: o individualismo exasperado, a perda do sentido do sacro, a heroicidade atribuída ao sucesso e à notoriedade leva-nos para longe daquele mundo, talvez um pouco ingênuo, mas sincero e genuíno. O risco de nós homens da sociedade pós-moderna é aquele de esvaziar de significado os eventos da história porque demasiado distantes do nosso modo de sentir e perceber a vida. Mas, assim fazendo, perdemos uma parte de nós mesmos.

Pe. Luís celebrou aquela primeira santa missa certamente com «temor e tremor», feliz de ter-se oferecido ao Senhor, mas, ao mesmo tempo, talvez, temeroso do futuro. O pároco, Pe. Luís Vismara, que desde sempre tinha-se preocupado por ele e tinha-o seguido nos momentos mais difíceis, escreveu aquele dia.

«Celebramos hoje, com verdadeira alegria, dois fatos: o décimo quinto aniversário da fundação do nosso Círculo São Miguel e a primeira S. Missa do nosso concidadão. Digno de honrosa menção o primeiro fato, porque encerra um período notável de vida de uma instituição, que, fundada com a aprovação e sob os auspícios do saudoso pároco Erba, de felicíssima memória, desenvolveu uma tarefa muito importante na Paróquia, cuidou da formação cristã de muitos nossos jovens em relação, especialmente, aos erros e aos perigos destes tempos tão agitados e às questões sociais que as mudadas condições de vida têm desenvolvido e agigantado.

Argumento de alegria e título de orgulho o segundo fato, porque nos mostra colocado em altíssima dignidade um filho dessa nossa paróquia. Estes fatos são distintos, mas estão entre si relacionados. O Círculo São Miguel saúda no novo sacerdote um membro sempre afeiçoado e partícipe e o novo sacerdote é reconhecido por ter haurido, do seu costume no Círculo, uma notável contribuição à sua educação espiritual. E eu vivo na memória esta lembrança: a

primeira vez que vi e conheci o menino que hoje sobe pela primeira vez o Altar foi precisamente nas reuniões do Círculo, quando recentemente, tendo vindo a estar entre vocês, tive, por encargo do pároco Uboldi, que assumir a sua assistência. Aliás, foi lá que entrevi o germe da vocação sacerdotal que Deus nele tinha depositado e senti o dever de cooperar com a Graça de Deus ao seu desenvolvimento e cumprimento. Fiquem alegres, portanto, especialmente vocês, jovens que são inscritos no Círculo São Miguel e admirem a bondade e a sabedoria de Deus!».

O modo de celebrar do Pe. Luís aquele dia foi caracterizado pelo profundo recolhimento e pela devoção de quem está verdadeiramente unido a Jesus. Tal estilo tornar-se-á um elemento caracterizante do seu ministério; com efeito, no decorrer dos anos, muitas serão as pessoas que, impressionadas por tanto zelo, aproximar-se-ão dele.

Com a ordenação sacerdotal encerrou-se o período do seminário e Luís, já Pe. Luís, deixou atrás a juventude para entrar no vivo do seu ministério. Aqueles anos passaram-se um depois do outro entre mil dificuldades, obscurecendo, entre altos e baixos, a meta que mais de uma vez pareceu distanciar-se, jogando o Pe. Luís na inquietude da incerteza. A força de vontade, o sacrifício e sobretudo a fidelidade ao projeto de Deus, tinham-no impelido a superar toda adversidade no interior do seminário e a vencer a tentação de voltar atrás, vistas as condições precárias de sua família. O jovem sacerdote, durante os anos de formação no seminário, revelara uma impulsividade e uma impetuosidade que se manifestaram a momentos com fenômenos episódicos de forte intensidade, como tempestades estivas que impressionam pela repentinidade e violência, mas que se dissipam em breve tempo para deixar de novo espaço para o azul e até mesmo para o arco-íris. A luta pelo triunfo da justiça e da verdade tinham-lhe já causado e atraído as admoestações dos superiores. Para um jovem sacerdote, encontrar-se a ter que enfrentar uma personalidade de tal temperamento, queria dizer submeter-se a uma intensa azáfama interior para alcançar a firme mansidão, própria dos homens de Deus. Para o Pe. Luís, a vida mesma ter-se-ia em seguida revelada palestra de humildade e submissão, e os episódios de Saronno não foram senão uma amostra das incompreensões disseminadas no seu caminho.

Precisamente esta humildade, experimentada em primeira pessoa, constituirá a base da sua espiritualidade e far-lhe-á adquirir a sabedoria, assim como anota T.S. Eliot nos *Quatro Quartetos*:

«A única sabedoria que podemos esperar adquirir é a sabedoria da humildade».

Mas o Senhor sustenta quem se entrega a Ele com todo o coração e precisamente no coração o Pe. Luís ter-se-á sentido encorajar por Aquele que o chamara para tal ministério, quem sabe com palavras semelhantes àquelas que Michel Quoist escreve no seu livro *Orações*:

«Querido filho, você não está sozinho, Eu estou com você, Eu estou com você. Porque tinha necessidade de uma humanidade a mais para continuar a Minha Encarnação e a Minha Redenção. Desde a eternidade Eu lhe escolhi,

preciso de você. Preciso de suas mãos para continua a abençoar, preciso de seus lábios para continuar a falar, preciso de seu corpo para continuar a amar, preciso de você para continuar a salvar, fica comigo, meu filho»²⁴.

²⁴ M. QUOIST, *Preghiere. Preghiera del sacerdote la domenica sera*, Marietti, Torino 1980⁹, 70.

CAPÍTULO II

VEDANO OLONA: A TORMENTA

(1925-1928)

A primeira missão

A ordenação, a primeira missa, a festa da sua gente de Cislago, foram momentos inesquecíveis. Mas passaram num instante, breves e fugazes como o desejo. Por outro lado, para o Pe. Luís, não era importante a «primeira» missa, era importante tornar-se sacerdote «para sempre». O dia da ordenação fora o ponto de chegada de um caminho, mas era sobretudo um ponto de partida: o trampolim para o ministério. Com efeito, ele não se fizera padre para permanecer no seminário, mas para viver a seqüela de Cristo no meio do povo, na paróquia.

A sua primeira destinação foi a igreja paroquial de São Maurício, em Vedano Olona, na província de Varese, cidade da qual dista somente sete quilômetros. Visitando-a hoje, aquela cidadezinha aparece ridente e rumorosa, com os carros e as motocicletas que a atravessam. Colocada na margem esquerda do rio Olona, que escorre no fértil vale inferior, Vedano tem uma esplêndida posição geográfica. O comércio e a indústria são muito desenvolvidos, e numerosas são as empresas artesãs que se ocupam das confecções, do trabalho da madeira e das matérias plásticas.

Nos primeiros anos vinte a situação era diversa. Vedano era pouco mais que um povoado, cujas condições econômicas não eram certamente floridas. A Itália saíra cansada da primeira guerra mundial, que provocara a desordem econômica e o transtorno social do país inteiro. Também na província de Varese a indústria ainda não decolava, mesmo se, depois dos problemas conexos com a reconversão, a conjuntura internacional favorecera uma retomada econômica geral. Então a maior parte da população de Vedano tirava o próprio sustento da agricultura, sendo a terra daquela zona muito fértil.

Do ponto de vista religioso, Vedano era o espelho de toda a diocese ambrosiana. A participação da missa dominical e do catecismo era muito alta, unânime para as mulheres. A juventude gravitava em redor do oratório. Os vários ramos da Ação Católica, as Confrarias do Santíssimo Sacramento e as Conferências de São Vicente eram expressões da religiosidade do povo. Considerando tudo isso do ponto de vista político, este empenho era visto com preocupação pelos partidos anticlericais.

O totalitarismo incipiente

No primeiro após-guerra, o Partido Socialista impusera-se em Vedano como partido de maioria relativa: nas eleições políticas de 1919 recolhera 311 votos contra os 110 do Partido Popular e os 108 dos liberais¹. Ainda que os mais numerosos e ativos fossem os Socialistas, os Populares, em Vedano, tinham a seção local da

¹ Cf. Archivio del Comune di Vedano Olona, cartella 83, carteg. 6, cl. 2, Fasc. 2, Elezioni 1884-1934.

Repartição do Trabalho, fundada em 1918, guiada pelo Pe. José Perego que, por causa da sua ação sindical, foi definido o «padre intrigante»².

A afirmação do fascismo em Varese e no seu compartimento teve vicissitudes alternas não facilmente reconstruíveis³. Desde 1919 vem constituída a «Associação de ex combatentes e desmobilizados», cujo fundador Leão Boggio, iniciou uma intensa obra de propaganda patriótica e antissocialista em toda a zona da região de Varese. As relações entre a União ex-combatentes e os fascistas de combate de Milão, de Gallarate e de Como, foram-se intensificando sempre mais com o tempo, tornando a associação uma expressão concreta da organização dos fascistas, das quais era formalmente distinta.

As eleições de novembro de 1919 marcaram uma derrota para Mussolini e uma etapa de parada para o fascismo. Também na zona de Varese a atividade de propaganda foi, portanto, interrompida. Mas, no final de 1920, o fascismo teve uma nova afirmação a nível nacional. No interior da crise do socialismo e com o deslocamento da luta de classe das cidades aos campos, o movimento encontrou a sua afirmação como instrumento da reação agrária e patronal. Nos primeiros meses de 1921, o fascismo difundiu-se em toda a região de Varese e na zona de Como, até que, aos 02 de fevereiro, constituiu-se oficialmente, em Varese, a Seção Fascista de Combate⁴. De 07 a 11 de novembro de 1921, teve-se em Roma o congresso fascista onde foi decidido a transformação do movimento em Partido Nacional Fascista. Em 1922, na região de Varese, houve um florescer de organizações sindicais fascistas, segundo a linha nacional, que tendia a acentuar a penetração nos ambientes operários. Os fascistas procuraram infiltrar-se em todas as partes para conquistar novos aderentes entre as fileiras dos trabalhadores. Depois da marcha sobre Roma, aos 26 de outubro de 1922, e a formação de um governo de coalizão presidido por Mussolini, o fascismo encaminhou-se para uma fase de consolidação e de eliminação das oposições. Antes de alcançar esse objetivo, durante todo o ano de 1923, precisamente como os outros partidos, atravessou um período de crise interna. Só o Partido Popular parecia manter-se firme, como resulta de um artigo do jornal *Il Lavoratore Comasco*:

«[o Partido Popular] É o melhor enquadrado... Na sombra das inumeráveis sacristias mantém em eficiência o seu exército. Não teve perseguições por parte do fascismo não tendo tido nunca ocasião de colidir-se...»⁵

Mas, gradualmente, a Santa Sé começou a afastar-se do partido do Pe. Sturzo⁶, como também gradualmente apartou-se dele a pequena e média burguesia rural. Aos métodos e aos projetos de reforma dos populares, que serviram em 1919 para frear a

² Cf. *Luce*, 05 de janeiro de 1920.

³ A tal propósito veja-se A. MENTASTI, «La vita politica varesina negli anni del primo dopoguerra», em *Tracce*, revista trimestral de história e cultura do território de Varese, n. 1, 1981, II parte, 3-12.

⁴ Veja-se R. DE FELICE, *Mussolini il rivoluzionario 1883-1920*, Torino 1965, 510.

⁵ *Il Lavoratore Comasco*, 01-09-1923.

⁶ L. Sturzo (1871-1959): sacerdote, homem político e sociólogo, foi o fundador do Partido Popular Italiano, de inspiração católica.

avançada socialista, a burguesia agrária preferiu as violências do fascismo, que prometia restabelecer a ordem social tradicional.

O Partido Popular começou a mover-se para posições antifascistas com o IV Congresso, que se teve em Turim, em abril de 1923, durante o qual o Pe. Sturzo confirmou que o programa dos Populares era, por métodos e fins, antitético àquele fascista. Mussolini ameaçou então de desencadear uma campanha anticlerical e contemporaneamente fez realizar e publicar a reforma escolar de Gentile⁷, tanto apreciada pelos católicos. A Santa Sé convidou então o Pe. Sturzo a demitir-se de secretário do partido, que ele mesmo fundara, mesmo se isso não impediu o intensificar-se das violências fascistas contra os populares, já considerados um obstáculo para a conquista do poder. Essa posição fez disparar os primeiros atritos entre fascistas e populares também a nível local, mas o clero permaneceu substancialmente compacto em participar das vicissitudes ligadas ao Partido Popular.

As eleições políticas de abril de 1924 foram precedidas por uma série de violências fascistas tendentes a eliminar as oposições e dirigidas também contra as organizações católicas. Tais violências levaram também, aos 24 de agosto de 1923, ao assassinato de Pe. Giovanni Minzoni⁸. Mas esse clima intimidador não produziu os efeitos esperados e não se teve aquela vitória decisiva que Mussolini tanto auspiciava. Também a nível local as oposições demonstraram ser fortes e radicadas no território.

Depois do assassinato do deputado Giacomo Matteotti⁹, aos 10 de junho de 1924, os grupos de oposição empenharam-se para uma ação comum, também nas administrações locais, mas em seguida ao célebre discurso de Mussolini à Câmara, de 03 de janeiro de 1925, com a qual ele assumiu a responsabilidade política do acontecido, o ministro do Interior, Federzoni, enviou aos governadores das províncias a ordem de reprimir as atividades antifascistas¹⁰. Na região de Varese desencadeou-se uma onda de perseguições e de detenções, e na relação enviada ao ministério do interior definiu-se o compartimento de Varese como:

«um dos mais turbulentos e perigosos para a ordem pública, merece por isso ser atentamente vigiado pela autoridade de Pública Segurança»¹¹.

Os habitantes da zona foram vistos como enfurecidos opositores e o Inspetor Geral de Pública Segurança pediu que fossem iniciadas diversas investigações para identificar o maior número de «subversivos». A repressão foi sobretudo dura em golpear os objetivos de particular importância: por exemplo, o vice-prefeito ordenou que fosse seqüestrado o primeiro número de 1925 do jornal católico *Luce* pelos seus artigos considerados antifascistas. A resistência a estas injustiças foi tudo menos que

⁷ G. Gentile (1875-1944): filósofo e homem político, pedagogo e histórico da filosofia. Aderiu ao partido fascista.

⁸ G. DE ROSA, *Il Partito Popolare Italiano*, Bari 1976, 203-268.

⁹ Giacomo Matteotti (1885-1924): homem político italiano, socialista, acérrimo antifascista, assassinado em Roma pelos fascistas.

¹⁰ DE ROSA, *op. cit.*, 203-268.

¹¹ «Relação do Inspetor Geral de P.S. para a região Lombardia, Luigi Poli, enviada no dia 24 de janeiro de 1925, ao ministério do interior (Direção de P.S. de Varese)». Conservada no Arquivo de Estado de Como (ASC), pasta 44.

fraca e o fascismo não teve vida fácil. Nos últimos meses de 1925, a repressão tornou-se ulteriormente mais áspera, e a região de Varese foi teatro de novas prisões e investigações. Entre 1925 e novembro de 1926, os fascistas seqüestraram os jornais ainda independentes da *Cronaca prealpina* de Varese e da *Provincia* de Como¹².

Depois do atentado a Mussolini, acontecido aos 31 de outubro de 1926, em Bolonha, e atribuído a Anteo Zamboni, e a sucessiva deliberação do Conselho dos Ministros, com a qual foram abolidos todos os partidos, as associações e as organizações contrárias ao regime, o governador de Como, na noite do dia 08 de novembro, comunicou ao vice-governador de Varese a ordem do Ministério do Interior que ocupasse todas as sedes de

«associações, entes, partidos políticos, organizações em geral que desenvolvam atividade contraposta à ordem nacional»¹³.

No dia seguinte o vice-governador respondeu relacionando os nomes das organizações cujas sedes tinham sido ocupadas, e entre elas estava também a cooperativa edificadora de Vedano Olona.

O fascismo, portanto, depois de ter cancelado a oposição política e sindical, encontrou-se diante de um último obstáculo: a influência da Igreja no campo educativo e social. O esporte, de modo particular, foi o campo no qual mais visivelmente afirmou-se o controle fascista, já que tinha uma estreita afinidade com a educação da juventude e sendo considerado um instrumento para formar os espíritos e preparar militarmente o país. Era, portanto, natural que o fascismo quisesse apossar-se dele, eliminando todas as atividades esportivas dos oratórios paroquiais. E foi precisamente nesse âmbito que também em Vedano Olona aconteceu a colisão entre fascismo e Igreja.

Pe. Luís em Vedano

Pe. Luís chegara em Vedano Olona no final de setembro de 1925, acompanhado pela sua mãe, que também em seguida ficará com ele, e pelo seu irmão Mário, que tinha só dezesseis anos de idade. Na sua nova paróquia, ele devia suceder ao Pe. Pedro Ermolli, destinado a um outro encargo em Milão, substituindo-o na função de coadjutor.

Pároco de Vedano Olona era Pe. Pedro De Maddalena que, depois de ter tido vários encargos nos Seminários diocesanos, em 1902 recebera tal nomeação do Cardeal Ferrari. Descrito como um sacerdote de profunda piedade, de zelo inconcusso e de viva inteligência, que nada deixava de lado para o desenvolvimento das numerosas obras paroquiais, Pe. De Maddalena era, porém, particularmente detestado pelos fascistas do lugarejo e pelos seus chefes provinciais, sendo um daqueles sacerdotes que se opunha aos valores negativos e deterioros impostos por eles com a violência.

¹² Dados recolhidos na ASC, pastas 86 e 161.

¹³ MENTASTI, *op. cit.*, 11.

Desde a sua chegada em Vedano, Pe. Monza não pareceu preocupar-se «com os problemas da política», concentrando, ao invés, a sua atenção sobre a pastoral, de modo particular juvenil¹⁴. Das respostas dadas aos questionários distribuídos ao pároco pelo Cardeal Ferrari durante as suas visitas pastorais¹⁵, tinha emergido uma série de dificuldades e problemas novos na ação pastoral: a emigração, o desinteresse de muitos pais pela educação dos filhos, o alcoolismo, a blasfêmia, a propaganda anticlerical, as salas de baile. Pe. Luís entendia perfeitamente estes problemas, tendo vivido a pobreza em família, o drama da guerra, a vida de quartel, e precisamente por isso procurava uma nova modalidade de anúncio¹⁶.

Dos estudos feitos sobre o período transcorrido pelo Pe. Luís em Vedano e dos testemunhos recolhidos, emerge claramente a tentativa do sacerdote de transmitir a fé através de uma relação direta com os jovens. Fundamentalmente, Pe. Luís queria facilitar seu encontro com Cristo, testemunhando o que o Senhor operara nele. E, contemporaneamente, esperava que se dessem conta que tudo o que ele fazia era mérito de um Outro, sendo Cristo mesmo que agia através dele. Como prova de tal afirmação basta ler os testemunhos dos jovens da época, quando dizem:

«Era uma coisa incontrolável. De material não tinha nada, era a força interior que lhe permitia tudo»¹⁷, ou então: «Era pequeno, mas bastava olhar para o seu rosto: via-se que era um santo»¹⁸.

O método do Pe. Luís não tinha nada de original. Tudo era baseado no testemunho pessoal como forma direta de evangelização, no exercício da caridade através da incessante relação pessoal com os jovens e a partilha de suas necessidades, na formação de uma comunidade capaz de viver relações imediatas e profundas.

No centro da sua obra de educador estava, portanto, o contato contínuo e pessoal com os jovens. Tal relação caracterizava-se sobretudo pela sua grande capacidade de acolhida e hospitalidade, como recorda, por exemplo, a irmã de um dos seus jovens:

«Depois dos ensaios do teatro, levava-os para sua casa e ali ficavam até meia-noite. Sua mãe fazia-lhes uma espécie de bolo com cacau e farinha de trigo. O Pe. Luís agradava porque era um tipo aberto e jovial. Às vezes sua mãe, sempre doente, lamentava-se benevolmente e então Luís dizia em dialeto: “Ó mamãe, se você fosse a mãe de Dom Bosco. Ele levava todos para casa!”...»¹⁹.

A preocupação fundamental do Pe. Luís era, em todo caso, o crescimento espiritual dos seus jovens, argumento sobre o qual seria difícil discutir, dada a

¹⁴ Veja-se G. COVA, «Don Luigi Monza a Vedano Olona», em *Tracce*, n. 1, 1989, 5-20.

¹⁵ O Cardeal Ferrari foi em visita pastoral em Vedano Olona em 1897, 1901, 1912, 1917. Os relativos questionários são conservados no Arquivo Arquidiocesano de Milão, mas agora uma fotocópia deles encontra-se no Arquivo da paróquia de S. Maurício, em Vedano.

¹⁶ Veja-se COVA, *op. cit.*, 8ss.

¹⁷ Testemunho de L. M., junho de 1987, em *ibid.*, 8.

¹⁸ Testemunho de C. BOTTAZZINI, junho de 1987, em *ibid.*, 8.

¹⁹ Testemunho de A. R., julho de 1987, em *ibid.*, 8.

discrção que caracterizava a relação entre o sacerdote e o jovem. Mas dos testemunhos emergem indicações para entender como o Pe. Luís seguisse espiritualmente os seus jovens. Antes de tudo, ele insistia em solicitar a ascese pessoal: «Ensinava a ser severos consigo mesmos: a primeira vitória, dizia, é aquela que obtemos sobre nós mesmos. Requeria sempre a pureza: é a primeira virtude»²⁰. Além disso, na base do caminho espiritual dava-se grande importância à verificação cotidiana: «Nos encontros, perguntava-nos sempre se tínhamos feito o que nos aconselhara na noite anterior»²¹. Enfim, mas não menos importante, o Pe. Monza marcara um momento semanal de formação particular, que acontecia num outro lugar, na sua casa, e que é recordado por todos os entrevistados.

Uma outra característica do Pe. Luís foi aquela de tornar-se intérprete das necessidades de seus paroquianos. Em primeiro lugar, compreendeu quanto fosse grande a necessidade de companhia e familiaridade dos jovens, e prodigalizou-se, portanto, para criar ou reforçar três importantes grupos: a *schola cantorum*, com o grupo das vozes brancas, a escola de teatro e a sociedade esportiva «Viribus unitis».

Além disso, há uma outra iniciativa que evidencia a capacidade do Pe. Luís de fazer-se intérprete das necessidades: a escola de língua francesa. Com efeito, o problema principal de Vedano Olona era a emigração para o exterior em busca de trabalho, emigração endereçada principalmente para a França e a Suíça²². Por esse motivo o Pe. Monza pensou em organizar uma escola de francês, que permitisse conhecer as bases da língua com a qual teriam podido comunicar em terra estrangeira. Entre outras coisas, a escola teve um tal sucesso, que acabou por ser freqüentada também por simples motivos culturais.

Ia muitas vezes a Vedano o Pe. Ambrósio Trezzi. Nessa época ele encontrava-se em Venegono Inferior, mas ia na paróquia do Pe. Luís para as confissões das surdas na Pai casa São Tiago. Foi assim que pôde conhecê-lo e tornar-se seu diretor espiritual, dando início a uma profunda amizade.

Eis a sua lembrança do Pe. Luís: «A sua chegada e a sua presença traziam uma atmosfera de verdadeiro entusiasmo, especialmente no campo juvenil. Nós, sacerdotes das paróquias vizinhas, olhávamos com santa inveja para este jovem coirmão que com a sua extraordinária atividade, com grande coração e generosidade, soubera, em poucos meses, criar em seu redor tantas simpatias e tantas adesões»²³.

Mas o Pe. Trezzi não é o único que nos deixou um testemunho tão entusiasta da obra do Pe. Luís em Vedano. O carmelita Pe. Vigilio de Santo Alberto²⁴, num discurso comemorativo, evidenciou como a presença do Pe. Luís tenha sido importante para a comunidade de Vedano:

²⁰ L. M., junho de 1987, em *ibid.*, 8.

²¹ *Ibid.*

²² Em 1912, foram 400 os vedanenses que emigraram para aqueles países, como resulta do questionário relativo à terceira visita pastoral do cardeal Ferrari.

²³ Lembranças do Pe. TREZZI, em APL. Pe. Trezzi, que foi pároco de Vedano, é uma testemunha *de visu*, que morreu antes do processo.

²⁴ Trata-se de um padre carmelita que pregou diversas vezes os exercícios espirituais à comunidade.

«... Depois de algumas semanas de permanência na vila, sob as suas diretrizes e graças às suas inovações, o Oratório masculino, quase por encanto, transformou-se e o número de seus freqüentadores duplicou-se. A sua atividade sem limites, o seu sistema educativo, os seus modos sempre afáveis, as suas palavras ditas como vinham, mas tanto persuasivas, acabavam sempre por entusiasmar e por convencer. Nenhum dos oratorianos devia faltar no domingo porque o Pe. Luís teria certamente conseguido, como de costume, encontrá-lo em qualquer lugar... Organizou uma “Companhia de amantes do teatro” de jovens que em breve tempo conseguiu tal harmonização e uma perfeita maturidade artística, que era citada como modelo...».

A prisão

Entre as tantas atividades da paróquia aquela esportiva conseguira muito sucesso. Com efeito, Pe. Luís organizara um time de futebol muito forte, o *Viribus unitis*. Para satisfazer as exigências de seus jovens, ele, de acordo com o pároco, alugara um vasto prado arrumando-o de modo tão adequado que em breve tempo o time pôde desenvolver uma regular atividade futebolística. Mas, como já dito em precedência, naquele período era iniciada a fase da «fascistização» do Estado e da Sociedade através do controle total de todas as atividades, sobretudo aquelas esportivas.

Foi assim que, aos 28 de maio de 1926, os fascista constituíram um novo time de futebol, a União Esportiva Vedanense, precisamente para contrastar a *Viribus unitis*. Não se explica de outro modo a constituição de um segundo time num município de 3000 habitantes²⁵. Dado que não foram muitos os jovens que aderiram ao novo time, os fascistas passaram às provocações, cevando uma série de violências que foram narradas num memorial inscrito pelo Pe. Maddalena e por outras testemunhas²⁶. Segundo tal memorial, no dia 24 de abril de 1927, os fascistas de Vedano cortaram uma estaca de seu campo esportivo, atribuindo a culpa aos católicos, e isso deu-lhes o pretexto de invadir no mesmo dia o campo da *Viribus unitis*. Recordo um torcedor do time do oratório:

«Chegaram decididos a espancar-nos, como depois fizeram outras noites quando saíamos da casa do Pe. Luís. Mas esta vez estava ele, o Pe. Luís, que nos protegeu, dizendo: “Parem! Parem! Toquem em mim, mas não nos meus jovens!”. Aquela vez não nos tocaram. Foi um milagre!». E continua: «Pe. Luís comentou: “Fiquem calmos e não reajam, porque não sabem o que fazem”»²⁷.

²⁵ O Estatuto Social da União Esportiva Venadense encontra-se no Arquivo da paróquia São Maurício de Vedano.

²⁶ O memorial foi escrito na prisão pelo pároco de Vedano e é constituído por numerosas folhas escritas à mão pelo sacerdote e conservadas por longo tempo no Arquivo privado de Angelo Gambarini de Vedano Olona. Atualmente tal memorial está no APL.

²⁷ Testemunho de C. BOTTAZZINI, em COVA, *op. cit.*, 12.

Quando na noite de 30 de abril dois jovens do oratório, José Castiglini e Jorge Gonisti, que já tinham sofrido uma agressão em precedência, foram espancados pelos fascistas, uma multidão de parentes e amigos organizaram uma manifestação contra os agressores. Pe. Luís, também por ordem do Pe. De Maddalena, veio para calmar os ânimos, e fez ir embora os jovens do oratório antes da intervenção do carabineiros. A sua mediação não impediu, porém, que, no dia 1º de maio, oito deles fossem presos, levados para a prisão de Varese, para serem deixados dois dias depois sem algum interrogatório. Pe. Luís, em todo caso, não obstante defendesse sem hesitação o direito à educação e ao exercício das liberdades fundamentais da Igreja e dos seus jovens, desejava sobretudo a reconciliação dos ânimos. São muitos que o atestam. Algumas testemunhas recordam que ele convidava a reagir com a oração, e dizia:

«Fiquem unidos e não tenham medo! Fiquem calmos, porque os bons no final triunfam»²⁸. E depois: «Não pronunciou nunca um palavrão contra os fascistas, não nos instigava, mas dizia que suportássemos, porque também o Senhor fora colocado na cruz [...] procurava sobretudo conciliar, convidava a perdoar»²⁹.

Sempre do seu memorial resulta que o Pe. De Maddalena, no dia 1º de maio, encontrava-se em Malnate para a feira, quando alguns policiais apanharam-no na rua e levaram-no de caminhão para Vedano onde teve «uma excitada discussão com o capitão Pino» que lhe disse também que «não era um digno sacerdote»³⁰. Já que o campo esportivo do oratório tornara-se causa de violências, o pároco decidiu fazê-lo arar por dois camponeses, mas isso não impediu que o governador, por meio de um decreto, no dia 06 de maio, extinguisse a Viribus unitis.

Estes eventos agitaram o ânimo do Pe. Luís que, depois que o pároco tinha-se fortemente lamentado por ter encontrado num ângulo do presbitério o galhardete do extinto grupo esportivo, exasperado, deixou escapar em público palavras amargas e quebrou a vara da bandeira da Viribus. Pe. Monza arrependeu-se logo do gesto cumprido que o fazia parecer indisciplinado e rebelde, escrevendo uma carta de desculpas ao Pe. De Maddalena:

«Reverendíssimo senhor Pároco, faço compaixão a mim mesmo, vendome tão malvado e rebelde a qualquer disciplina. E sofro ainda muito mais sabendo que outros sofrem por minha causa. A soberba foi-me má conselheira fazendo-me tornar renitente a uma observação que me parecia não merecer, não querendo inculpar aqueles jovens, assumindo eu mesmo toda a responsabilidade. Assim, amando-os demasiado, odiei-os... mesmo não achando que tenha agido para ofender, mas somente de ter falado impelido talvez por tanta amargura armazenada nesses dias pelos fatos acontecidos. [...] não duvido

²⁸ L. M., junho de 1987, em COVA, *op. cit.*, 13.

²⁹ Testemunho de C. BOTTAZZINI, em COVA, *op. cit.*, 23.

³⁰ Do memorial do Pe. DE MADDALENA, veja-se *supra*, nota 28.

que os Superiores não terão grande dificuldade em designar-me um novo lugar que não requeira trabalho com os jovens»³¹.

O pároco compreendeu que, naquele ato impulsivo, havia em realidade um zelo que as circunstâncias tornavam inoportuno e não lhe deu grande importância, nem encaminhou o pedido de transferência.

Não cessou, porém, a perseguição. Aos 16 de junho foi lançada uma bomba contra a casa do pároco, sem afortunadamente causar danos. Era já claro que os fascistas queriam a cabeça dos dois sacerdotes. Na manhã seguinte o pároco escreveu logo ao Prefeito, o cavaleiro Cortelezzi, para pedir investigações regulares, mas quando foi enviado o marechal de Malnate, ele declarou que era impossível que a bomba tivesse sido lançada desde fora.

Na noite entre o 28 e o 29 de junho aconteceu o fato mais dramático. Os fascistas locais encenaram um falso atentado ao vice-prefeito Mário Baroffio, ferindo-o no braço esquerdo com um golpe de pistola, e fizeram cair a sua responsabilidade sobre os jovens católicos «instigados» pelos dois sacerdotes. No dia seguinte vieram prender umas vinte pessoas, quase todas do oratório. Eis como uma testemunha recorda aquela jornada:

«Eram as doze e trinta, estava sentado nos degraus de minha casa, comendo a sopa: vi passar dois carabineiros com no meio Egídio Stevazzani; lembro-me que parou diante de mim para amarrar um sapato. Dos degraus da minha casa, via-se o altar da igreja de São Maurício: Pe. Luís estava batizando, fui para ver, estava rodeado por dois carabineiros e estava todo suado. Não vi, porém, os seus jovens, que levaram embora no caminhão»³².

Partindo, portanto, dos vários testemunhos, os fatos podem ser reconstruídos do modo seguinte: depois da missa o pároco fora convocado na Prefeitura onde um comissário de Polícia tinha-o advertido que não permanecesse no lugarejo, não podendo responder pela sua incolumidade pessoal. Pe. De Maddalena tinha-se afastado imediatamente de Vedano, enquanto uma multidão exasperada reunira-se diante da sede da prefeitura. Pe. Luís, depois de ter procurado acalmar os ânimos dos exaltados, voltara para a igreja para um batizado que teve que celebrar circundado por dois carabineiros, que no final da cerimônia obrigaram-no a deixar Vedano em poucos minutos.

Pe. De Maddalena refugiou-se na casa de alguns amigos em Postua, na província de Vercelli, mas foi descoberto e preso. Pe. Luís, depois de ter-se despedido de sua mãe estarecida, foi primeiro para Milão, para a casa do Pe. Ermolli, e depois para Gaggiano, na casa de seu concidadão Pe. Pedro Berra, mas aqui a polícia secreta prendeu-o e levou-o para a prisão de Varese junto com o Pe. De Maddalena. Ambos os sacerdotes encontraram-se assim na prisão chamada «i Miogni»³³ com a acusa de tentado homicídio.

³¹ Carta do Pe. Luís Monza ao Pe. De Maddalena, em APL.

³² Testemunho de S. B., julho de 1987, em COVA, *op. cit.*

³³ Do Arquivo da prisão de «Miogni» de Varese resulta: «Luís Monza, nascido em Cisalago (Varese), aos 22/06/1898, domiciliado em Vedano Olona (Varese) – Sacerdote. Preso aos 17-7-1927 em

Muitos anos depois, Pe. Luís contou os particulares da sua prisão a algumas Pequenas Apóstolas. Com efeito, uma delas, Giuseppina dell’Oro, recorda:

«Numa noite, uma das preciosas e únicas noites de permanência do Pe. Luís em Vedano Olona, depois da insistência de algumas de nós, desejosas de conhecer, através da sua viva voz, alguns acontecimentos da sua vida tanto queridos e significativos, porque impregnados de sofrimento, Pe. Luís, de modo simples e comovido, contou-nos em parte as vicissitudes e o seu e estado de ânimo quando, sob mandato de captura, foi preso em Gaggiano, onde refugiara-se e obrigado a subir num carro. “Onde o levavam, o que queriam, o que lhe queriam fazer?”. Entrevia somente bosques e campos. Estes angustiosos interrogativos de tal maneira o dominavam que os seus acompanhadores perguntaram-lhe se se sentisse mal e procuravam tranquilizá-lo a seu modo. Não conseguia dar-se conta da direção tomada, e a cada desaceleração, durante o percurso, o seu coração martelava mais forte. “Talvez era o fim? Teriam feito ele descer... e depois?”. Assim passou o tempo. Quanto? Certamente uma eternidade, porque os momentos de sofrimento parecem sempre intermináveis.

O carro diminui a velocidade, para. “Aonde estou?” pergunta. É convidado a descer e se dá conta de ter chegado na prisão Miogni de Varese. Um respiro... a prisão parece-lhe uma libertação... e agradece ao Senhor. Quem de nós esteve presente naquela noite pode recordar ainda hoje o Pe. Luís quando contava-nos esse episódio dos dias tristes e a comoção que nos comunicava ao sentir como ainda nele, depois de tantos anos, voltavam vibrantes os sentimentos das dores passadas»³⁴.

Naturalmente logo depois da prisão dos dois sacerdotes foi avisado o arcebispo, Cardeal Tosi, e pouco depois a Cúria Arquidiocesana de Milão enviou uma carta a Monsenhor Ferdinando Roveda, em Roma, na qual estava escrito:

«[...] Domingo passado soube-se que os dois sacerdotes tinham sido presos e ainda encontram-se na prisão. Quais sejam as imputações, não sabemos... o Eminentíssimo não pode renunciar à tutela de seus sacerdotes, e do quieto desenvolvimento da sua obra paroquial. Por isso em nome de S.E. o Senhor cardeal Arcebispo rogo a V.S. Ilma. De interessar-se junto ao governo de esclarecer as coisas...»³⁵.

E é ainda mais interessante ler a minuta da mesma carta, na qual está escrito:

Gaggiano (Milão). Entrou na Prisão de Varese aos 17-7-1927 com ordem da R. Delegacia de Varese, proveniente da liberdade à disposição da R. Delegacia. Imputado sobre o art. 4 – Lei 2008 de Pública segurança.

11/11/1927 absolto segundo a ordem da R. Delegacia.

15/11/1927 posto em liberdade segundo a ordem da R. Delegacia».

³⁴ Recordações de GIUSEPPINA DELL’ORO, em APL.

³⁵ Carta do Pro Vigário da Cúria Arquidiocesana de Milão a Monsenhor Ferdinando Roveda em Roma, em data 1º de agosto de 1927, Arquivo Histórico da Cúria de Milão.

«Como verá da memória que nos une, redigida pela Cúria Diocesana, a luta entre o Pároco de Vedano, De Maddalena, é de velha data e devida ao ódio de alguns elementos locais. Eles muitas vezes tinham feito entender que queriam induzir as autoridades locais à remoção do Pároco... Agora é demasiado óbvio pensar que os fatos últimos e a prisão dos dois sacerdotes tenham por base aquele ódio primitivo e aquele intento de decidir o seu afastamento»³⁶.

A instrução do processo contra os dois sacerdotes prolongou-se notavelmente. Por parte da magistratura havia uma certa desconfiança a respeito da acusação, mas não se queria contrariar o partido fascista que já tinha instaurado a ditadura³⁷. Dajelli escreveu:

«Pe. Luís estava informando o Pe. Anselmo sobre as suas vicissitudes e as suas peripécias, e eu tive assim a sorte de poder vir a saber com viva comoção e admiração os particulares das sacrílegas perseguições e dos interrogatórios policiais por ele suportados»³⁸.

No ano seguinte, quando já o Pe. Luís tinha saído da prisão, as mesmas perseguições que aconteceram em Vedano contra os jovens da Ação Católica, verificaram-se também em Varese. Aqui foi preso o Pe. Anselmo Turconi, concidadão e companheiro de ordenação do Pe. Luís. Dajelli num passo da sua pesquisa afirma que ele teve notícias do Pe. Turconi e dos jovens presos com ele de um representante dos Fascistas de Origgio:

«Soube também que aquela noite na reunião do diretório... aquele professor Pe. L. B. disse textualmente “Veio encontrar-me aquele homem alto (Mons. Croci) chorando e implorando pelos seus jovens e pelo seu sacerdote mas...”. Sabia que Pe. L. B. fazia parte também do diretório da província. Com uma tal intervenção permaneceu-me a suspeita de que L. B., não fez nada pelo Pe. Turconi, que com o Pe. Luís foi prefeito no colégio»³⁹.

Para entender este evento é preciso dizer que um conjunto de indícios fazem-nos pensar que esse «Pe. L. B.» é certamente Pe. Luís Bietti, um dos professores do Pe. Monza no colégio, em Saronno, e um dos sacerdotes que lhe foram mais hostis. Sempre na sua pesquisa, Dajelli escreveu:

«Aqui, por inciso, não posso não assinalara que do Diretório dos Fascistas de Varese fazia parte um Pe. L. B. professor do Colégio de Saronno, intervencionista na guerra de 1914, propagandista e excelente conferencista.

³⁶ Minuta da precedente.

³⁷ A magistratura naquele período era bastante independente, não se sendo ainda rendida, de modo complacente, ao Regime.

³⁸ D. DAJELLI, «Don Luigi Monza a Saronno», em *A Don Luigi Monza, Cislago 22-VI-1898 San Giovanni 29-IX-1954* [Número único 1954], Lecco 1954, 19.

³⁹ D. DAJELLI, *Ricerche*, em APL.

Fascista depois, foi processado e confinado depois da libertação. Estava no Colégio quando o Pe. Luís teve o acidente que o levou a exprimir a razão da sua firmeza ao Cardeal Ferrari [...]».

Está implicado esse Pe. L. B. nos acontecimentos de Vedano-Cislago? Não sei, mas estou seguro que não foi estranho aos fatos de Saronno, quando o amigo que esteve no Colégio com o Pe. Luís, também ele de Cislago, Pe. Anselmo Turconi, foi preso com alguns jovens da Ação Católica. Da amizade pessoal de um colega que me manteve informado também sobre a minha vigilância, o Sr. Meraviglia, então secretário dos fascistas de Origgio, informava-me, não pouco surpreso, como Pe. L. B. referia na sede do diretório da zona de Saronno sobre o colóquio com Mons. Croci, aprovando plenamente as prepotências fascistas, acusando os jovens padres de Cislago de rebeldes. Rebelde! Epíteto que me ouvi repetir de uma pessoa muito amiga do Pe. L. B., que freqüentava o colégio quando Pe. Luís foi ao Santuário e tivemos contrastes pelo nosso coro, que então tinha superado e substituído o velho»⁴⁰

A noite escura

Pe. Luís e Pe. De Maddalena permaneceram em todo caso na prisão por quatro meses e foram tratados como delinqüentes comuns. É muito difícil reconstruir os acontecimentos daqueles dias e compreender em profundidade o drama que os dois sacerdotes viveram. Com efeito, não se têm notícias precisas, e sobretudo o Pe. Luís, uma vez libertado, evitou sempre contar o que vivera. Sabemos por certo que foi impedido de celebrar a missa, e que foram submetidos a interrogatórios extenuantes, um dos quais da duração de 11 horas⁴¹. Não sabemos o que lhe foi perguntado nem que coisa Luís respondeu durante aquele interrogatório. Dajelli recorda que

«Pe. Luís contou que no final daquele interrogatório, sentindo-se quase desmaiar, fechou os olhos e abaixou a cabeça. Naquele momento as palavras do Evangelho, “Quando sereis levados diante dos tribunais por causa de mim, não fiquéis preocupados em saber como e o que haveis de falar, porque eu vos darei língua e sabedoria, às quais os vossos adversários não poderão resistir”, brilharam diante de sua mente como luz viva. Confiou-se a Deus, recitou... um *Angele Dei*»⁴².

E foi sempre essa fé o segredo da sua força, fé que na sua vida levou-o sempre a agir como um instrumento do Senhor.

Não obstante a convicção da própria inocência, Pe. Luís, durante o período da prisão, como confessou a um amigo, teve que enfrentar uma das provas místicas mais duras. Ele começou a sentir dificuldade em rezar e em concentrar-se na meditação: o isolamento, a promiscuidade na cela, a conseqüente prostração física, tinham deixado

⁴⁰ DAJELLI, *Don Luigi Monza...*, cit., 19.

⁴¹ *Ibid.*

⁴² *Ibid.*

prevalecer as dúvidas e as incertezas, até fazer-lhe pensar que Deus o tivesse abandonado. Angustiavam-no muito a preocupação pela mãe e pelos familiares indiretamente envolvidos, o abandono e a distância da paróquia e dos seus jovens, o não ter notícias de fora⁴³. Ele conservou o segredo dessa íntima pena, não a deixando ressumbrar externamente. Ao pároco que se lamentava com ele, respondia que a Providência lhes teria ajudado. Com efeito, recorda o Pe. Ambrósio Trezzi:

«O Cardeal Tosi tinha-me pedido que fosse visitar de vez em quando os nossos presos e toda vez que ultrapassava aqueles limiares, encontrava o Pe. De Maddalena e o Pe. Monza serenos, com aquela serenidade de quem sabe que não cometeu nenhuma culpa. Pe. Luís, aliás, com o seu espírito e com o seu tratamento brincalhão era quem mantinha alta a moral de todos os presos»⁴⁴.

A difícil experiência, que o Pe. Monza teve que suportar, provou-o duramente, mas serviu para reforçar a sua fé e dar-lhe ulterior confiança na Divina Providência⁴⁵.

Continuava, no entanto, junto às autoridades competentes o interesse do cardeal e de outros amigos, entre os quais, por exemplo, Pe. Constantino Del Frate, coadjutor capelão do Sacro Monte de Varese e companheiro de curso do Pe. Luís. Mas a situação desbloqueou-se somente com a chegada do novo governador Brogi. Este, depois de aprofundadas e imparciais investigações, descobriu os culpados e enviou-os ao domicílio obrigatório na Sardenha⁴⁶. Pe. Luís, que junto com o pároco foi defendido pelo advogado milanês Eduardo Clerici, foi absolvido com fórmula plena. Solto, foi-lhe imposto que não voltasse a Vedano⁴⁷.

Pe. De Maddalena foi ao invés transferido para Roma para ser julgado pelo Tribunal especial. Absolvido das acusações, foi porém julgado indivíduo perigoso e por isso confinado em Caltagirone, na Sicília⁴⁸.

Depois da libertação, as autoridades diocesanas decidiram transferir momentaneamente o Pe. Luís para a paróquia de Santa Maria do Rosário, em Milão. Ele chegou ali no final de novembro ou no início de dezembro de 1927. Não se conhece a data precisa, mas certamente foi antes do dia 11 de dezembro, dia do ingresso do novo pároco Pe. Luís Morelli. Naquele período a situação da paróquia era bastante caótica, enquanto o Prepósito, Pe. João Bargiggia, fora eleito bispo de Caltagirone, e deixava os seus paroquianos de Santa Maria num estado de

⁴³ Veja-se P. BEDONT, *Don Luigi Monza. Note biografiche*, Ponte Lambro 1976, 37s.

⁴⁴ A. TREZZI, «Sacerdote a Vedano Olona», em *A don Luigi Monza...*, cit., 17.

⁴⁵ DAJELLI, *Don Luigi Monza...*, cit., 19.

⁴⁶ TREZZI, «Sacerdote a Vedano Olona», cit., 18.

⁴⁷ Carta do advogado Clerici ao Pe. Bedont, em data 21 de março de 1968: «Recordo ter-me ocupado da defesa do sacerdote Luís Monza no longínquo 1927, como também do seu pároco. Obtive a absolvição do Pe. Monza, enquanto o Pe. De Maddalena foi processado em Roma pelo tribunal especial: mas o meu arquivo foi destruído durante a guerra e não lhe posso dar notícias senão estas: que nas injustiças gerais da acusação verdadeiramente absurda e extravagante dirigida ao Pe. De Maddalena, absurda aparecia a extensão da mesma acusa ao Pe. Monza, tanto é que, e era coisa não fácil naqueles tempos, foi absolvido na instrução do processo. Não recordo nem sequer da proibição de não ir mais em Vedano, mas terá sido umas das tantas prepotências que então se cometiam e algumas vezes eram aceitas um pouco passivamente [...]» (em APL).

⁴⁸ Veja-se BEDONT, *op. cit.*, 38.

desorientação. Além disso, no dia 10 de novembro, morrera o assistente do oratório, Pe. José Milani, que dera uma marca decisiva aos jovens da paróquia. Ao Pe. Monza foi dada a tarefa de substituí-lo no cargo de assistente do oratório masculino, dedicado a Santa Maria dos Anjos, enquanto coadjutor titular era o Pe. Primo Reina.

Para o Pe. Luís, também este período não foi desprovido de cruces e humilhações. Os seus precedentes de perseguido político faziam-no aparecer, aos olhos dos novos paroquianos, um «padre politiquero»; teve que sofrer o tratamento de um vigiado especial. A própria Cúria, mesmo sabendo que era inocente e que fora perseguido injustamente, na realidade considerava que, visto o período particular, ele não tivesse sido capaz de administrar a relação com as autoridades fascistas de maneira diplomática.

A experiência da prisão foi certamente a mais amarga da vida do Pe. Luís, mas também o período sucessivo não foi isento de desilusões, causadas precisamente pelo fato que era visto com suspeita pelos «conformistas», sem contar o fato que ele não tivera mais notícias dos seus jovens.

Pe. Luís, finalmente, em novembro de 1928, foi transferido para o Santuário de Nossa Senhora dos Miladres, de Saronno.

CAPÍTULO III

SARONNO: UM VISLUMBRE DE CÉU

(1928-1936)

A chegada no Santuário

Em novembro de 1928, Pe. Luís chegou ao Santuário de Nossa Senhora dos Milagres. Pouco distante surgia o colégio onde experimentara as suas primeiras dificuldades como prefeito. Ele chegou em Saronno em silêncio, mas provavelmente precedido pela sua fama de vigiado político. Dava-se conta que uma fase da sua vida, cheia de cruces e humilhações, tinha-se já encerrado. Muito humildemente e confiando na Providência, preparava-se para iniciar uma outra, não sem temores. Assim, depois da breve viagem de trem que separa Milão de Saronno, percorrida a avenida arborizada situada no início da estrada da «Varesina», chegou ao Santuário de Nossa Senhora dos Milagres de Saronno. Este é um dos muitos santuários marianos que surgem na planície lombarda, como testemunho da profunda piedade popular que os tornou monumentos preciosos em honra da Virgem Mãe.

O Santuário fora construído depois de um milagre acontecido em maio de 1487. Um homem, que desde muitos anos era acometido por chagas, sarou repentinamente depois de ter visto Nossa Senhora, no lugar onde antes surgia uma pequena capelinha. Ele empenhou-se, portanto, para satisfazer o desejo da Virgem de ter naquele lugar um templo que a honrasse. Também São Carlos contribuiu para fazer aumentar o número das ofertas destinadas à construção do Santuário, que pelo número dos prodígios cumpridos por Maria tomou o nome de «Nossa Senhora dos Milagres». O gênio de arquitetos, escultores, pintores e decoradores tornaram-no, no curso de três séculos, uma jóia da arte lombarda¹.

Em novembro de 1928, o Santuário não era ainda uma paróquia, mesmo se muitos esperavam que se tornasse tal para satisfazer as necessidades dos habitantes, sempre mais numerosos, da zona chamada «Estrela», onde iam aumentando tanto as vilas como as moradias populares. Segundo outros, porém, o Santuário teria devido manter a sua fisionomia sem se obrigar aos ônus paroquiais, e consideravam mais oportuno a construção de uma nova igreja. Isso teria requerido um esforço econômico impossível na época, e assim a nova construção não foi realizada.

A impressão é que o Pe. Luís tenha sido «colocado» de propósito num lugar obscuro, reparado, sem responsabilidades. Não obstante a «absolvição plena», ele era um padre incômodo, odiado pela autoridade e objeto das fofocas dos tradicionalistas. Mesmo não tendo culpas, é fácil pensar que não gozasse de muita estima na Cúria. No fundo, também nos anos do seminário, não tinha nunca brilhado pela sua inteligência e

¹ A construção teve início em 1498. Este foi muitas vezes ampliado, até alcançar a imponente estrutura atual com três naves, por obra de Lorenzo dell'Orto, de Giovanni Antonio Amodeo (seu é a cúpula octogonal com 16 lados), de Paolo della Porta (o campanário) e muitos outros. O interior foi ornado por artistas famosos, como os pintores Bernardino Luini (seus os quatro grandes afrescos: a Adoração dos Magos, a Apresentação de Jesus no templo, o Matrimônio de Nossa Senhora, a Disputa de Jesus com os Doutores), Gaudenzio Ferrari (sua a polifonia pictórica da cúpula: 140 anjos com instrumentos musicais diversos acompanham a glória da Ascensão ao Pai), Camillo e G.C. Procaccini, Filippo Abbiati e outros.

fora até julgado de «caráter difficilíssimo»². Nesse momento era um personagem embaraçador, que não merecia certamente uma punição, mas nem sequer a consideração dos superiores. Foi isso, portanto, e não a prisão, o momento mais difícil. Pe. Luís, consciente de tudo isso, não se rebelou. Sentiu-se só e abandonado.

O Santuário era então dirigido por dois sacerdotes idosos, o prefeito Pe. Eduardo Fassi e o assistente Pe. Heitor Carabelli. E em Saronno o Pe. Luís pôde finalmente encontrar sua mãe, que não via desde quando fora preso. Assim, depois de meses de tormentos já narrados, finalmente os dois encontraram-se de novo³.

Mamãe Luísa preocupou-se primeiramente de arrumar os quatro pequenos cômodos (um escritório, uma cozinha e dois quartos), que tinham sido designados ao jovem padre. E foi precisamente nessa casa que se constituiu o primeiro núcleo do futuro oratório. Com efeito, Amerigo Trapletti recorda que

«Pe. Luís tinha-se acomodado com sua mãe Luísa num apartamento adjacente àquele ocupado pelo sacristão, constituído por dois pequenos cômodos no andar térreo (cozinha e escritório) e dois quartos no andar acima».

A. Trapletti conheceu o Pe. Luís em 1929, quando tinha nove anos de idade, e deixou-nos um longo testemunho sobre a obra cumprida pelo Pe. Monza em Saronno:

«A personalidade humilde, reservada e ao mesmo tempo doce do sacerdote, talvez pelo meu caráter fechado e introvertido, impressionou-me logo favoravelmente. Foi assim que o local, que fazia de cozinha, ao qual se chegava diretamente de fora, tornou-se para mim lugar de encontro e de entretenimento com poucos outros meninos, mais ou menos coetâneos, convidados pelo Pe. Luís a freqüentar o Santuário. O mesmo local foi logo para mim lugar de leitura. Revejo ainda a mesinha à esquerda da entrada, sobre a qual o Pe. Luís depositava o breviário e alguns livros novos... Assim a morada do Pe. Luís tornara-se para mim uma segunda casa... Sua mãe Luísa suportava com muita paciência as pacíficas invasões de nós meninos e o nosso vozear; Pe. Luís, quando voltava para casa do Santuário, não se demonstrava de nenhuma maneira chateado pela nossa presença [...]»⁴.

Como resulta também de outros testemunhos que serão transcritos em seguida, foi nesse ambiente familiar e «destituído de qualquer forma de constrição», que se formou o primeiro núcleo oratoriano, constituído inicialmente por não mais de trinta meninos. Nas tardes dos dias festivos os meninos encontram-se para jogar no pátio de entrada ou,

² Do registro dos Clérigos adidos ao Colégio arquidiocesano de Saronno na voz «Notícias».

³ Para essas notícias, veja-se P. BEDONT, *Don Luigi Monza. Note biografiche*, Ponte Lambro 1976, 45s.

⁴ Amerigo Trapletti, Saronno, 07 de abril de 1989. Testemunho recolhido por Paolo Conti em *Testimonianze per don Luigi Monza a Saronno dedicate a Zaira Spreafico con le Piccole Apostole della Carità* (1989), em APL.

«depois das recorrentes repreensões do Pe. Carabelli pela barulheira»⁵,

nas duas longas séries de pórticos que delimitavam o jardim do Santuário. Depois do jogo, Pe. Luís dava lições de catecismo no seu escritório, e num segundo tempo num quatinho posto à disposição pelo prefeito do Santuário, Pe. Fassi.

A atividade de coadjutor

Segundo Bedont, Pe. Monza iniciara a sua obra de apostolado procurando conhecer quase todas as famílias que moravam na área em redor do Santuário. A população da zona era em parte composta por funcionários e em parte por operários. Recorda Trapletti:

«Logo depois de chegar em Saronno, Pe. Luís, como novo coadjutor, tomara contato com numerosas famílias da zona, entrando nas casas com humildade e com alguns sorrisos, coisa esta última da qual não foi nunca pródigo. Os meus familiares acrescentavam que ele era sobretudo solícito em apresentar-se lá onde havia situações familiares difíceis, levando a sua palavra de conforto e de paz».

Para compreender o espírito do Pe. Monza e o seu intento educativo através da obra oratoriana, é necessário, a este ponto, procurar entender qual era o ambiente que circundava o Santuário. A área da periferia ocidental de Saronno, colocada do outro lado da ferrovia, que com a sua passagem de nível tornava mais lento as comunicações com o centro do lugarejo, era num certo sentido isolada e autônoma. Dos testemunhos resulta que a zona tinha uma cultura camponesa, visível na gestualidade, nas tradições, nos ritos das confrarias religiosas e também nas habitações, granjas com pátios cheios de poças, pórticos e feneiros. Neste ambiente viviam autênticos camponeses, operários divididos entre o trabalho na fábrica e nos campos, e aqueles que, talvez como operários especializados, trabalhavam exclusivamente para a fábrica. Os freqüentadores do oratório eram precisamente aqueles «garotos» que se viam correr nos pátios, que descarregavam sua exuberância e sua agressividade em jogos violentos que arriscavam muitas vezes de terminar em briga... e que teriam escandalizado um jovem padre habituado ao silêncio do seminário. Mas, como recorda Isidoro Sevesi

«Pe. Luís não era um padre como todos os outros... Não era um padre que apaziguava com doces sorrisos exortando à tranqüilidade; não era nem sequer o amigalhão de todos que se faz envolver, nem um frio autoritário que te incinerava com o olhar. Não, Pe. Luís era autêntico, decidido e dinâmico, com um carisma natural que subjugava. [...] Conseguia controlar esta turba buliçosa só com a sua presença, sem ficar com raiva, sem discursos... Não era uma autoridade, um superior e não era nem sequer um de nós: era o Pe. Luís e basta».

⁵ *Ibid.*

O pentagrama de um educador

A experiência feita em Vedano ensinava-lhe que devia dirigir-se em primeiro lugar aos jovens. Estes, com efeito, já que o Santuário não era uma paróquia mas somente um lugar de devoção, não tinham um ponto de agregação como um oratório para encontrar-se. Pe. Luís decidiu, portanto, recolher aqueles meninos inicialmente na sua casa, graças à ajuda de sua mãe. Com efeito, recorda Dajelli:

«Bem cedo do púlpito, como um sopro de vida nova depois de tanta carência de pregação e letargo da população do lugarejo, o novo que chegou entra em contato com o povo e inicia a sua conquista das almas. Não saberia recordar a tênue e dinâmica figura do Pe. Luís no ambiente de Saronno desassociada daquela paciente e humilde da sua mãe Luísa, enquadrada na modesta casa de todos, aqui no santuário, formigante de seus primeiros hóspedes e amigos: os meninos que, pela escassez de espaço, invadiam tudo, até as camas, que deixavam disseminados de cascas de castanhas e engaços de uva. Em tais condições apresentava-se o problema do oratório. E o Pe. Luís com palavra persuasiva e com o seu caráter jocoso e divertido, muito cedo, depois de ter conquistado os meninos, conquistava também os pais e o ânimo generoso do saudoso Pe. Fassi, que o secundou e favoreceu no seu justo desejo. Pe. Luís pôde assim ver correr por todo lado 400 meninos, antes no pequeno pátio concedido pelo Governador, ao qual depois foi acrescentado todo o terreno que foi antes a horta, onde sua mãe Luísa com tanta fadiga pessoal cultivara repolhos e batatas. Pôde, além disso, ter também uma sala para o coral misto de meninos e homens que contou com mais de 75 cantores»⁶.

Pe Luís conseguiu com o tempo construir um coral que, além de acompanhar as funções religiosas, tornou-se o gabo da Basílica.

«Teve êxito felicíssimo o projeto de realizar um Coral, ao qual o Pe. Luís dedicou-se pessoalmente com grande fervor, porque ele considerava o canto sacro uma forma de invocação, oração, como também homenagem coletiva à Nossa Senhora dos Milagres. Ele esperava, além disso, por meio do coral, aumentar o número dos fiéis do Santuário... As primeiras lições de canto aconteceram já em 1929 e eram ministradas pelo Pe. Luís no seu escritório, sem o auxílio de nenhum instrumento musical e sem alguma partitura. Quando na fase sucessiva iniciou a preparação das missas polifônicas, o empenho do Pe. Luís para a instrução das várias vozes cresceu sensivelmente. As lições aconteciam uma ou duas noites por semana, sob a direção de Domenico Gajelli... As provas desenvolviam-se com a ajuda de um harmônio e o Pe. Luís estava sempre com uma partitura [...]»⁷.

⁶ D. DAJELLI, «Don Luigi Monza a Saronno», em *A don Luigi Monza, Cislago 22-VI-1898 San Giovanni 29-IX-1954* [Número unico 1954], Lecco 1954, 19.

⁷ Testemunho de A. TRAPLETTI, em CONTI, *op. cit.*

Já que ali vizinho erguia-se o Colégio arquidiocesano, aquele mesmo onde fora prefeito anos antes e onde reuniam-se muitos jovens, Pe. Luís decidiu partir deles para construir a «schola cantorum». Eis como Vitório Sassi, um dos meninos que freqüentavam o Colégio arquidiocesano, recorda aqueles anos:

«Conheci o Pe. Luís Monza quando freqüentava no Colégio as Complementares. Recordo que um dia parou muitos de nós meninos, enquanto voltávamos para casa depois de terminadas as aulas, e perguntou-nos se entre nós não existisse alguém disposto a acompanhar com o canto a Santa Missa do domingo no Santuário. Aceitamos três ou quatro e o Pe. Luís levou-nos logo para a sua casa.

No pequeno escritório, em redor de uma mesinha, sem instrumento musical, sem nenhuma partitura, só com uma varinha que batia o tempo sobre uma vasilha de lata, começou a ensinar-nos as várias partes para cantar durante a S. Missa, aquela missa que até então era cantada por alguns velhinhos com a voz rouca de cantilena. Naturalmente foi preciso muitas semanas e muita paciência de ambas as partes, porque além de que ao canto, Pe. Luís dava muita importância também à pronúncia, e a cada erro, fazia-nos repetir a palavra ou a frase [...] Visto o êxito bastante satisfatório, recomendou-nos que convencêssemos outros nossos companheiros a freqüentá-lo de modo que o coro resultasse mais nutrido. Não tinha certamente a intenção, numa sua extrema delicadeza, de afastar os velhos cantores, mas de inseri-los na “polifônica”, que pretendia com o tempo estabelecer. [...] O número de nós meninos, ao invés, aumentou, e a eles acrescentou-se em seguida jovens e homens: sabia entusiasmar-nos, mesmo se a aplicação custava sacrifício, mas foi consolador ver na missa tanta gente como nunca se tinha visto. Pe. Luís levou-nos a sério: como saíamos do Colégio entrávamos logo na sua casa; as pastas era logo amontoadas ao lado de uma parede. Antes de começar a lição de canto, pedia-nos notícias sobre os nossos estudos: se havia alguém que não ia bem, entretia-se com ele para ajudá-lo [...] Aconteceu assim que todos os nossos deveres de casa eram feitos na sua casa, sob a sua guia e com seu absoluto desinteresse.

Foi desse modo que quase espontaneamente formou-se o primeiro núcleo oratoriano. Para distrair-nos, comprou-nos uma bola e depois não me lembro de quantas outras. Já a sua casa tornara-se para nós, aula para os deveres escolares, sala de canto e de recreio. Não nos passava inobservada a pobreza franciscana que reinava no ambiente, móveis pobres, pobres enfeites, mas havia o calor do seu coração que nos mantinha unidos! [...]

Cada domingo o número dos meninos que freqüentava e transcorria a tarde na casa do Pe. Luís aumentava, e a partir de um certo momento, teve-se que pensar a uma colocação mais conveniente: o pequeno pátio diante da moradia do Pe. Luís tornara-se verdadeiramente insuficiente: além disso, e circundado pelos dois lados por uma ampla série de pórticos, havia o jardim com vários canteiros intocáveis; foi preciso pedir outros dois locais, depois um salão do apartamento do Prefeito do Santuário. Chegou uma pequena máquina para projeções, logo substituída por uma verdadeira máquina cinematográfica: um milagre, dizia o Pe. Luís, de Nossa Senhora! [...] Víamo-lo debulhar o terço

ou recitar o breviário enquanto caminhava sob o pórtico e depois reparar os nossos danos. Varria e limpava a sala de recreio e de canto, arrumava as partituras musicais com papel engomado, ocupado depois, quando vinha o tempo, em preparar o necessário para a Pesca anual de beneficência em favor do Santuário [...] a nossa alegria era estar com ele»⁸.

Da vida do oratório, recorda-se também o sacerdote Pe. Caetano Banfi:

«Conheci o Pe. Luís quando eu era ainda criança. Nos breves anos da minha permanência em Saronno, assisti a eventos que me impressionaram e que, em seguida, tornando-me sacerdote, fizeram-me muitas vezes meditar. O oratório do Santuário estava sempre aberto, mas nenhum menino fugia dele. Acontecia, ao invés, o contrário: muitas vezes algum menino um pouco travesso, que fora afastado dele, procurava, às escondidas, entrar pulando o muro. Em seguida, mudados os tempos e os homens, vi, no mesmo, fecharem o cancelo para que os meninos não fugissem da hora do catecismo, depois controlar também o muro para evitar as mesmas fugas. Pe. Luís conseguira ter um grupo compacto de cooperadores idosos e muito hábeis; também o número de meninos era notável. [...] Impressionaram-me também a sua abnegação incansável, a dedicação e a bondade com a qual sabia tolerar a agitação de nós meninos e, igualmente, a energia, no devido tempo, com a qual sabia fazer cessar todo abuso à sua condescendência. [...] Pouco naturalmente podia entrar na sua vida sacerdotal íntima, na sua piedade, na sua vida interior, mas quando penso na sua bondade, nos seus modos, posso deduzir disso uma vida interior profunda, uma missão sacerdotal verdadeiramente vivida»⁹.

O já citado Isidoro Sevesi recorda-se que

«os freqüentadores do oratório eram tantos, aumentavam, vinham também do outro lado da ferrovia [...] mas o que causava maravilha e estupor era que o Pe. Luís, entre os tantos, mantinha estreito em redor de si as ovelhas negras, os pequeninos (e não eram tanto pequenos) marginais, aqueles que eram capazes de roubar arrombando os cofres das ofertas na igreja. Mantinha-os a seu lado, introduzia-os no coro dos cantores, levava-os para casa. Na família eram punidos com correadas, exasperando neles o sentido de rebelião. Pe. Luís, pelo contrário, preferia-os, confiava-lhes encargos de confiança, e, pelo que sei, nunca o vi ficar com raiva. Se se pensa que nos anos trinta a pedagogia, tanto familiar como escolar, como estadual, pregava a obediência cega e absoluta, e era pelo castigo severo antes que pela compreensão e a educação raciocinada, devemos ficar admirados pela perspicácia deste padre que, sem o suporte dos estudos modernos para a recuperação dos marginais, antecipava os tempos de

⁸ VITTORIO SASSI, em APL.

⁹ GAETANO BANFI, «Nell'Oratorio di Saronno con don Luigi», em *A don Luigi Monza...*, cit., 24: o mesmo testemunho está em BEDONT, *op. cit.*, 47s.

uma maneira incrível. Deve-se pensar que nele agia uma tal carga de amor pelo próximo que superasse e ignorasse a predominante mentalidade corrente»¹⁰.

Também Pe. Pedro Fusetti, sacerdote guanelliano, teve modo de conhecer o Pe. Luís no oratório de Saronno: «Conheci o Pe. Luís quando criança. Posso dizer que todos consideravam-no um santo, um outro Dom Bosco. Amava tanto as crianças, os rapazes, os jovens. Foi ele quem iniciou no Santuário as atividades oratorianas, que nos ensinava a cantar, que nos dava o catecismo no domingo, que nos levava ao cinema»¹¹.

Os testemunhos em favor da obra oratoriana do Pe. Luís são numerosos e todos muito sentidos¹². Mas entre eles sobressai aquele de Mário Sala, professor e depois diretor do Colégio Arquidiocesano de Saronno, que morava numa vila a poucos passos do Santuário do qual era um assíduo freqüentador¹³.

«Pe. Luís [...] sentiu a missão sacerdotal como missão apostólica e ao bem das almas subordinou tudo. Subordinava a sua pessoa que ele nem sequer tinha a preocupação de esconder porque a tinha completamente esquecido [...]. Subordinada até o que, bom em si mesmo, era, porém, secundário a respeito da salvação das almas, tanto que, enquanto o prefeito Fassi demonstrava-se muito preocupado e incansável em recolher meios para restaurar o “seu belo santuário”, Pe. Luís confiou-me um dia que lhe parecia muito mais urgente prover às necessidades espirituais da população. E já que a essas necessidades provê sempre espiritualmente a Paróquia e aqui na zona do santuário [...] a “paroquialidade” era pouco sentida e por isso faltava quase todo seu benefício, Pe. Luís foi entre os mais zelantes em fazer presente este estado de coisas ao saudoso cardeal Schuster, o qual, de fato, erigiu o Santuário em Delegação arquidiocesana. Então o Pe. Luís dedicou-se inteiramente à sua missão entre os jovens. Foi o propagador e o fundador do oratório masculino. Recordo, e fez-me impressão, a naturalidade com a qual cedeu toda a parte de seu jardim para que fosse transformada em campo de jogo para os meninos [...] Era uma hierarquia de valores que ele seguia com lógica firmeza: com efeito, o que valia o seu belo jardim diante do campo de jogo onde teria podido ver jogar sob o seu olhar tantos filhos? Não o detiveram nessa estrada nem sequer as queixas de sua mãe, à qual era todavia tanto afeiçoado. Era, a sua, às vezes, uma firmeza de vontade que em diversas ocasiões podia parecer obstinação, teimosia, quase orgulho [...] Pe. Luís era uma daquelas almas superiores que renegam quase totalmente a si mesmas, para seguir os ensinamentos do Senhor, que aparecem

¹⁰ ISIDORO SEVESI, Saronno; testemunho em CONTI, *op. cit.*

¹¹ PIETRO FUSETTI, Agrigento, 15 de novembro de 1968; em BEDONT, *op. cit.*, 48.

¹² Outros testemunhos: Frei GIANPAOLO DA SARONNO, capuchinho, em BEDONT, *op. cit.*, 49; VITTORIO PINI, *Ibid.*, 52s.

¹³ Mario Sala (1888-1965) transcorreu a vida no meio dos jovens. Foi professor e depois diretor do Colégio Arquidiocesano de Saronno de 1921 a 1962, e por mais de vinte e cinco anos foi Diretor das locais escolas profissionais noturnas. Bedont testemunha, tendo trabalhado com ele, o seu «empenho nobre, ainda que não sempre fácil, de orientar a juventude para bons ideais, de vigia assídua e tenaz em momentos de geral dispersão moral, de assistência e providência por todos os que se dirigiam a ele».

aos olhos humanos privadas das virtudes que mais se estimam e vão ao encontro do desprezo desde que possam seguir aquela que sentem ser a vontade de Deus. Assim compreendi como na humildade, na mansidão, na discrição encontra-se também a força, em momentos cruciais, de enfrentar situações difíceis e arriscadas, como tinha-lhe acontecido antes da sua vinda para Saronno [...] A sua figura séria e como fechada em si mesma... não tinha nenhum daqueles dotes externos que atraíam as pessoas, especialmente os jovens [...] Por que os meninos iam com tanto prazer encontrá-lo? Encontravam, talvez, divertimentos? Pelo contrário! E, então, por que esse impulso de atração? Bastava que ele batesse as mãos para que todos suspendessem os jogos, corressem para se colocarem em fila e não conversassem mais, fazendo toda coisa com seriedade e convicção. O que tinha, portanto, o Pe. Luís? Quem é capaz de captar, de examinar aquele impulso que vem de certas pessoas pelo qual, por exemplo, Dom Bosco, atraía a si até as crianças mais buliçosas...? [...] Pe. Luís tinha este poder e o veremos mais e melhor quando constataremos o número das almas que soube arrastar, em alegria e prazenteira dedicação, a uma vida de caridade no aniquilamento de si e no sacrifício»¹⁴.

O Santuário torna-se paróquia

O Cardeal Arcebispo Ildefonso Schuster foi ao Santuário de Nossa Senhora dos Milagres para a sua primeira visita pastoral aos 12 de julho de 1930. Ele teve modo de constatar a necessidade de uma descentralização pastoral da área do Santuário, que ainda dependia da Paróquia São Pedro e São Paulo, de Saronno. O cardeal encarregou a comissão diocesana «para os tempos novos» de estudar o modo, os tempos, o lugar para construir uma nova igreja que, no seu devido tempo, se teria tornado a paróquia daquela zona ocidental de Saronno. No entanto o Santuário teria podido desenvolver as funções paroquiais, e o seu clero, sem transcurar as atividades próprias de um santuário, teria podido desenvolver aquelas específicas de uma paróquia¹⁵.

Com um decreto arquidiocesano do Cardeal Schuster e com um documento datado 05 de julho de 1931, o Santuário de Nossa Senhora dos Milagres foi erigido em Delegação paroquial. No dia 14 de agosto foi nomeado pároco o Reitor Arcipreste Pe. Eduardo Fassi. No discurso feito depois da cerimônia de tomada de posse e a leitura do relativo decreto, Pe. Fassi declarou que «a ele, com setenta anos de idade, não faltará a contínua e válida ajuda do seu coadjutor Pe. Luís, como bastão da velhice»¹⁶.

Depois de ter enviado, no dia 08 de agosto do mesmo ano, ao clero e ao povo da Arquidiocese a pastoral *Spes nostra salve*, na qual se exortava para que «o Santuário de Saronno se tornasse sempre mais celebrado e amado por todos os bons ambrosianos»¹⁷, o Cardeal Schuster realizou a consagração da Basílica de forma

¹⁴ MARIO SALA, em BEDONT, *op. cit.*, 54s.

¹⁵ Tais notícias são transcritas num caderno intitulado *Fatti e cronaca dal 1931 al 1937* e escrito à mão pelo Pe. Binda, que reconstruiu a história do Santuário em 1955, quando chegou em Saronno. No arquivo do Santuário não existe rastro de *Chronicon* anterior ao 1937.

¹⁶ En BEDONT, *op. cit.*, 55.

¹⁷ Veja-se o caderno de P. BINDA, *Fatti e cronaca dal 1931 al 1937*.

solene, como cumprimento de um dos desejos de São Carlos Borromeu. A cerimônia da consagração inseria-se no programa diocesano de comemoração do XVº centenário do Concílio de Éfeso, no qual fora definido o dogma da maternidade divina de Maria. Com essa celebração, o Cardeal Schuster pretendia despertar a devoção pela Virgem, e contemporaneamente enviar uma súplica à Nossa Senhora num momento muito crítico para a Igreja. Com efeito, haviam recomeçado as perseguições fascistas sobretudo contra as associações juvenis da Ação Católica.

De 05 a 07 de setembro celebraram-se no santuário as festas marianas e por todo o mês seguiram-se bem cinquenta e nove peregrinações. Tais festejos foram relatados também por alguns jornais da época. Com efeito, o cotidiano católico *L'Italia*, escrevia:

«O voto do Cardeal Schuster realizou-se. Assistimos em Saronno à apoteose da Virgem; vimos um espetáculo imponente de fé: as festas centenárias pelo Concílio de Éfeso não podiam ter um coroamento mais belo e mais digno da grande data que se queria comemorar»¹⁸.

E o jornal *Pro Familia* concluía enfaticamente um artigo com estas palavras:

«E domingo aquela jóia de arte que é o Santuário de Saronno, reviu os fastos das eras longínquas nos magníficos paludamentos e sobretudo no espetáculo grandioso de participação de fé da multidão vinda para dar graças à Virgem e para aclamar a esse nosso eleito sucessor de São Carlos, que de São Carlos estava cumprindo o voto»¹⁹.

Terminadas as cerimônias, para cuja organização o Pe. Monza dedicou-se com o seu costumeiro fervor, ocorria agora dedicar-se aos problemas e aos ônus que a «promoção» à paróquia comportava. As atividades do Oratório, que de fato já existiam, foram confirmadas, e no tempo de um ano foram constituídas as Associações dos homens e das mulheres da Ação Católica, os irmãos e as irmãs do Santíssimo Sacramento, e a Juventude masculina e feminina da Ação Católica. Pe. Luís, naturalmente, continuou a dedicar-se incansavelmente ao oratório. Recordo Amerigo Trapletti:

«A organização do oratório propriamente dita começou a concretizar-se em 1931. [...] Senso sensivelmente aumentado o número dos meninos que freqüentavam o oratório, para a instrução religiosa, constituíram-se três ou quatro classes, para cada uma das quais foi designado como instrutor uma pessoa idônea por idade, maturidade e preparação. [...] Grande atração para os jovens provenientes também do povoado foi a chegada, em 1933 (empréstimo? dom?) de um projetor cinematográfico que foi colocado numa vasta sala no primeiro andar da casa do Arcipreste. As projeções da tarde festiva seguiram adiante regularmente por alguns meses, depois foram bruscamente interrompidas [...] A este ponto, pondo-se impelente o problema de dar aos

¹⁸ BEDONT, *op. cit.*, 56.

¹⁹ *Ibid.*, 57.

numerosos jovens do oratório a possibilidade de jogar e correr ao ar livre, Pe. Luís convenceu sua mãe Luísa a ceder-lhe o terreno de propriedade do Santuário por ela até então cultivado como horta. Sucessivamente, foi posto à disposição, pelo Prefeito pároco, um outro lote adjacente, assim que o Pe. Luís pôde, em 1934, dispor de uma vasta área para a atividade lúdica ao ar livre. Começou-se a organizar jogos de futebol, com ulterior forte atração de meninos. Este grande afluxo teve inevitavelmente também seus lados negativos. Entre os novos que vieram havia também algumas ovelhas negras que ninguém conhecia, mas que, em todo caso, não se podia nem se queria mandar embora»²⁰.

E também Paulo Conti, um outro dos meninos que estudava no Colégio Arquidiocesano, e que conheceu o Pe. Luís em 1931, recorda que com o tempo

«os meninos tornaram-se tantos, ocorriam novos espaços, mas só depois de anos difíceis foi-lhe concedido o terreno para fazer o campo esportivo. Naquele momento podiam dizer “Oratori dal Don Luis” (o Oratório do Pe. Luís). Os pais, os cantores, os meninos: todos ajudavam para torná-lo apto para jogar futebol. Nasceu o time que chamou-se Audaz, como audazes eram as realizações do Pe. Luís [...] Quanta paciência, quanta bondade, porque era um homem que falava com o coração e gozava da confiança de todos»²¹.

O primeiro rebento da Obra

Domênico Dajelli recorda que sua mãe Luísa, na sua simplicidade, um dia disse-lhe:

«Nunca teria imaginado que Nossa Senhora de Saronno teria reservado para o meu filho Pe. Luís tantas satisfações como no Santuário, num período cheio de importantes acontecimentos históricos». Com efeito, continua Dajelli: «Quem teria podido prever que o pequenos Luís, que tantas vezes, quando criança, vinha com a mãe e depois como rapaz para a festa do voto à Nossa Senhora de Saronno, onde tantas vezes, como clérigo prefeito do Colégio Arquidiocesano freqüentemente parou com os jovens em oração, precisamente aqui [...] Pe. Luís por bem oito anos teria renovado aquele rito aos pés de Nossa Senhora»²².

Com efeito, foi aqui, na casa de Maria, que no coração do Pe. Luís começou a nascer uma idéia. Ele, no segredo do seu coração, provava um espécie de impulso interior que no início não soubera entender. Depois, como da neblina, emergiram duas convicções: que no mundo faltasse a caridade e que ele fosse chamado a reascender a caridade na sociedade. Podia no entanto sempre tratar-se de um sonho ou de um projeto humano. Se ele tivesse manifestado as suas idéias a algumas pessoas

²⁰ A. TRAPLETTI, em CONTI, *op. cit.*

²¹ CONTI, *op. cit.*

²² Em D. DAJELLI, *Ricerche*, em APL.

prudentes, o conselho que certamente teria recebido seria aquele de não pensar nisso. Como se fosse um pensamento molesto ou, pior, a pretensão de um coração soberbo. Não esqueçamos que o Pe. Luís não gozava de grande estima. Aos olhos dos seus superiores era um dos «últimos». A consideração da qual gozava era como aquela de Davi, o «mais pequenino» dos filhos de Jessé, aquele que não se queria apresentar ao profeta tendo irmãos que eram considerados muito mais dignos do que ele. Mas as escolhas de Deus são diversas daquelas do homem: «O homem olha para a aparência, o Senhor olha para o coração»²³.

A sociedade estava em fermento e também na Igreja fazia-se tanto: construía-se, organizava-se, todas as estatísticas estavam em subida. No entanto, atrás dessa fachada de otimismo, o Pe. Luís encontrava um vazio. Muitas eram as obras, mas pouco o Amor. Faziam-se muitas boas obras e muitas procurando fazer o bem, mas sem haurir da fonte do amor que é o coração de Deus.

Pe. Luís sofria ao ver «o amor não amado», parecia-lhe assistir ao retorno de um paganismo com novos ídolos, novos mitos, novos modelos. E sobre tudo reinava um gelo assustador. Sentia-se como um alpinista que, no meio de um temporal de neve, tivesse que subir uma íngreme vereda, na qual se vê uma camada de gelo sutil e insidiosa. O terror imobiliza-o, enquanto o gelo torna impossível encontrar uma pega para as mãos. A razão sugere então de desistir, de voltar atrás. Mas o dever grita de seguir adiante: há alguém para salvar... há um mundo para ajudar.

Foi esse, acreditamos, o drama do Pe. Luís naquele momento. Mas ele, confiando na ajuda de Deus, e não nas próprias forças, seguiu adiante. Continuou, portanto, a subida, para chegar ao seu «refúgio», que foi a idéia da obra.

Djanelli, mesmo não tendo a pretensão, como ele mesmo admite, de conhecer o verdadeiro motivo e a inspiração que levaram o Pe. Luís ao concebimento da sua Obra, afirma que foi precisamente no período transcorrido em Saronno que brotou a idéia da Obra que depois tomou o nome de «A Nossa Família».

«A inspiração para a constituição da obra de A Nossa Família brotou do coração do Pe. Luís espontânea, num período de apostolado muito fecundo, cheio de satisfações, que repagaram, em medida incomensurável, as humilhações e incompreensões precedentemente sofridas»²⁴.

A idéia no início era como uma imagem imprecisa. Pe. Luís chegou a entender a vontade de Deus aos poucos. Com efeito, não foi ele a querer a Obra, mas foram as circunstâncias e alguns encontros que o impeliram naquela direção. Nas suas reuniões com os jovens de vez em quando surgia um apelo.

Com efeito, recorda Dajelli que «todos os domingos, depois das vésperas, nós jovens reuníamos-nos com o Pe. Luís. Discutia-se de tudo. De política, da Ação Católica e da necessidade de tomar como modelo a atividade apostólica da Associação Cardeal Ferrari; de uma atualização sobre os modos para os leigos de levar a palavra do Evangelho e o exemplo (o testemunho) da caridade como os primeiros cristãos, numa sociedade violenta e descristianizada

²³ 1Sm 16,1-13.

²⁴ DAJELLI, *Ricerche*, em APL.

por teorias atéias e marxistas, e pelas reações... das teorias fascistas. Ao abaixo assinado o Pe. Luís não escondia nada... sobre a possibilidade de, com ex-estudantes do colégio que já faziam parte do grupo mariano, a seu tempo constituído com o único escopo de devoção à Nossa Senhora do Santuário, constituir uma Associação leiga na qual, ligados com votos, cada um na própria família e na comunidade operasse na sociedade como os primeiros apóstolos cristãos»²⁵.

Os confins entre um sonho e uma vocação são freqüentemente lábeis. Não é difícil entender uma exigência do tempo presente, mas perceber que naquela intuição encerre-se um apelo pessoal, faz parte de uma iluminação do espírito. Esta iluminação veio ao Pe. Luís em 1933. Em maio encontrara no confessor a senhorita Clara Cucchi. Ela, nascida em 1897, em Novara, transferira-se para Milão na idade de 14 anos. Na Academia de Brera a jovem conseguira a habilitação para o ensino de desenho. Dedicada às obras de caridade, encontrara no Cenáculo de Milão um centro de espiritualidade a ela coerente, e fora seguida na direção espiritual pelo Mons. Saverio Ritter, prefeito da Ambrosiana e em seguida bispo e nuncio apostólico em Berna. Em 1932, morrera a mãe de Clara, que ela desde jovem acudira e assistira na sua longa doença. Já não era muito jovem, e, por causa das suas precárias condições de saúde e por alguns empenhos familiares constantes, esta mulher não conseguira concretizar a sua sentida necessidade de consagração. Depois de transferida para Saronno, na casa de seu irmão Paulo, continuou o seu serviço de caridade com os doentes, os órfãos, e empenhou-se na local Conferência de São Vicente e, graças à direção espiritual do Pe. Luís, encontrou o ideal para o qual desde muitos anos sentia-se atraída, e por ele foi iluminada.

Segundo Dajelli, naquele momento o projeto do Pe. Luís era claro sobre dois pontos: o «retorno» à caridade dos apóstolos e a valorização das energias daquelas pessoas que, por tantos compreensíveis motivos, não puderam escolher a via do Senhor.

«Pe. Luís não abandonou nunca a idéia de reunir um grupo de jovens leigos, dedicados ao apostolado, que continuando a exercitar a própria atividade profissional, vivessem depois retirados, unidos numa comunidade religiosa. [...] Nos primeiros três anos da sua permanência em Saronno, Pe. Luís, pela sua incansável atividade, conquistou a simpatia dos coirmãos e também do clero dos lugarejos vizinhos, onde muitas vezes era chamado para as confissões. Nessa atividade insere-se um fato importante: a direção espiritual de alguns coirmãos de um instituto masculino de Saronno. Que eu saiba, naquele período de tempo três coirmãos deixaram o Instituto [...]. Sobre estas vocações juvenis e depois dispersas, falamos em muitas ocasiões com o Pe. Luís entre nós jovens, e, contrariamente à regra daquele tempo, segundo a qual dificilmente podia-se aceder depois de 18 anos aos estudos para o sacerdócio, Pe. Luís admitia a vocação adulta, mas também uma vocação de apostolado leigo de elementos que, na própria família e na sociedade, empenhados com votos regulares,

²⁵ *Ibid.*

levassem com o exemplo o testemunho da fé no Evangelho e da caridade que exercitavam os primeiros cristãos»²⁶.

Para realizar a idéia de um «apostolado leigo», Clara parecia a pessoa justa. Era uma mulher de refinada sensibilidade religiosa. Tinha as qualidades das grandes mulheres da aristocracia francesa do *Grand Siècle* (século XVIII), como d'Aguillon e Marillac, tanto para citar duas delas, junto às quais sentia-se o respiro do Eterno.

Pe. Luís encontrou em Clara também a pessoa apta a realizar o ideal «apostólico», porque, como ele escreve,

«a Caridade dos Apóstolos e dos primeiros cristãos deve ser o único ideal de toda a Associação. Por isso orientem sua vida para conseguir a Caridade dos Apóstolos e dos primeiros cristãos, seguindo as palavras que disse o Mestre “Amai-vos como eu vos amei. Disso reconhecerão que sois meus discípulos: se vos amais uns aos outros”. Desenvolvam este programa imitando o que se lê nos Atos: “e a multidão daqueles que tinham acreditado formavam um só coração e uma só alma, nem havia quem dissesse ser suas as coisas que possuía, mas tudo era em comum entre eles e não havia quem tivesse necessidade entre eles”»²⁷.

Numa outra ocasião, o Pe. Luís depois escreveu:

«Se lhes dissessem: Eu gostaria de escrever a vida do cristianismo num belo volume, esse volume em uma página, essa páginas numa linha, essa linha numa só palavra, nós responder-lhe-íamos dizendo: escreve “Amor”. Esta palavra explica-se assim: ame a Deus com todas as suas forças e ame o próximo como a si mesmo. E o primeiro é como o segundo e diz o Senhor que não se pode amar o próximo se antes não se ama a Deus. Eis porque São Paulo dizia: “se eu falasse a língua dos anjos e não tivesse a caridade não seria nada”. Eis porque Santo Agostinho disse: “Ó cristão, ame a Deus e faça o que quiser”. E o culto da nossa religião resume-se todo na Eucaristia que se chama Amor. Existem diversas espécies de amor do próximo, por diversos motivos: São Francisco de Sales no-lo declara com exemplos. Os pais amam os filhos como estes amam os pais. É um amor louvável, mas não é caridade. Aquele entre os pais e os filhos é um amor puramente natural... Ama-se uma pessoa porque nos faz favores. É louvável, mas não é caridade...

A verdadeira caridade é que se deva amar o nosso próximo por um motivo sobrenatural, isto é, pelo amor de Deus. E por que? Porque o nosso próximo é a imagem de Deus. Ora, se nós amamos a pessoa querida, amamos também a sua imagem [...]. Porque somos filhos de um só Pai, Deus, e porque somos todos irmãos em Jesus Cristo. E a lei desse amor vai mais adiante e diz que queiramos amar também os nossos inimigos e fazer-lhes o bem [...]. Deve-se, portanto, amar o próximo porque é a imagem de Deus, como venera-se o

²⁶ *Ibid.*

²⁷ Dos escritos do Pe. Luís Monza.

crucifixo porque representa o instrumento da nossa salvação pela morte de Jesus Cristo».

Este era o ideal que gradualmente o Pe. Luís punha em foco. Ele, naquele momento, era como um restaurador chamado a fazer vir à luz um antigo afresco coberto pelo reboque. Devia realizar um trabalho lento e delicado, sem afundar demasiado os seus instrumentos para não comprometer irremediavelmente a pintura. E assim o Pe. Luís, muito pacientemente tirou a coberta de cal, descobrindo aos poucos rostos de pessoas que o teriam seguido no seu caminho. Com efeito, depois de Clara foi a vez de Teresa.

Teresa Pitteri dirigira-se ao reitor do Santuário de Nossa Senhora dos Milagres para pedir licença de fundar uma seção da Ação Católica feminina na paróquia. O Reitor, além de dar o consentimento, nomeara o Pe. Luís assistente eclesiástico do grupo nascente. Era o dia 29 de março de 1933. T. Pitteri, como presidente da associação, teve numerosos e freqüentes contatos com o Pe. Luís, que se tornou o seu diretor espiritual. Pe. Luís manifestou à Teresa, como fizera com Clara Cucchi, o projeto de construir uma comunidade que vivesse como os apóstolos na caridade.

Teresa nos seus escritos²⁸ afirma que inicialmente o projeto da obra teria sido encarnado por pessoas que, por vários motivos, não tendo podido entrar em tempo oportuno em Institutos religiosos e, tendo chegado a idade avançada, encontram-se excluídas da possibilidade de se consagrarem ao Senhor. Um dado, este, que corresponde com quanto declarou Dajelli.

Clara, Teresa e outras costumavam reunir-se com o Pe. Luís na casa de Clara e, quando ela estava ausente, encontravam-se na casa da senhorita Pollini, simpatizante da obra, da qual, em seguida, não tomou parte, como diversas outras senhoritas dos primeiros tempos²⁹.

Aos 06 de setembro de 1934 morreu o Prefeito do Santuário, Pe. Eduardo Fassi, que foi provisoriamente substituído pelo vigário Mons. Croci, prepósito de Saronno³⁰.

Em janeiro de 1935, o encargo de vigário do Santuário foi dado ao Pe. Atílio Zaroli, mas o Arcebispo, em abril do mesmo ano, confiou a direção da paróquia e do Santuário à Congregação dos Oblatos da «Terceira Família». Como conseqüência, o padre oblato Félix Sambruna, do Colégio de Porlezza, transferiu a sua residência ao Santuário de Saronno, e os cômodos do reitor forma arrumados para acolher uma comunidade³¹.

A escolha dos oblatos respondia a uma precisa necessidade pastoral do Cardeal Schuster que, desde 1929, assumira o controle da diocese ambrosiana³². Os Oblatos dos Santos Ambrósio e Carlos foram fundados por São Carlos Borromeu em 1578, como o instrumento da reforma pastoral das dioceses. São articulados em quatro famílias: os oblatos missionários, os oblatos vigários, os oblatos diocesanos e os oblatinhos (oblatos leigos).

²⁸ T. PITTERI, *Appunti sulla fondazione all'opera La Nostra Famiglia*, p. 1, em APL.

²⁹ *Ibid.*

³⁰ Veja-se o caderno de BINDA, *op. cit.*

³¹ *Ibid.*

³² Para a biografia do Cardeal Schuster veja-se *intra* o parágrafo *O cardeal Schuster e o Pe. Luís*.

Para o Pe. Luís abriam-se novas possibilidades.

A casa de Vedano

«Para o Pe. Luís, teve-se a sensação que, mais cedo ou mais tarde, teria deixado Saronno, e nos nossos encontros de cada noite depois das lições de canto, não se falou somente disso, mas também das dificuldades, longe do Santuário, de realizar o seu desejo da Obra. [...] Com o novo reitor do Santuário, Pe. Sambruna (já em avançada idade), o Pe. Luís praticamente provia para a paróquia do Santuário à assistência de todas as Associações de Ação Católica masculinas e femininas e ao oratório, à assistência aos doentes, porque o Pe. Guarelli também era idoso e o Pe. Sambruna [...] foi por todo o tempo o seu ministro Assistente confessor ao Colégio de Porlezza.

Mas, já na primavera do ano de 1936, com o Pe. Luís, tive a ocasião, confidencialmente, de saber que, definitivamente, tinha disponível meios e elementos para iniciar a sua Obra com a primeira seção feminina, e para a aquisição de uma casa, como já exposto em outra parte»³³.

A citação de Dajelli faz-nos entender que se tinha concluído o período dos projetos e era já eminente o momento de passar aos fatos. Era necessário concretizar o ideal da caridade em algo de preciso. Devia-se construir um lugar no qual «a caridade fosse de casa».

Com efeito, Djanelli, num outro escrito, especifica que o Pe. Luís

«tendo já a sensação de deixar o Santuário definitivamente, não perde tempo e inicia a seção feminina da sua obra. Para as inspeções e ofertas para a aquisição da primeira casa, acompanhei-o para Porlezza, para Ligurno e para Vedano, para dar-se conta da conveniência do terreno e para avaliar a entidade das despesas necessárias [...] Descendo para Vedano ninguém notou a nossa presença [...] em breve chegamos na cima da colina. Constatada a posição onde edificar a casa, depois de um momento de reflexão, o Pe. Luís disse: “Aqui a posição é justa (havia no lugar papeis e restos de merendas), assim bonificaremos moralmente a zona do ‘Lazzaretto’, meta dos namorados e dos passeios dos trabalhadores de Vedano nos momentos de lazer”»³⁴.

Para reconstruir os eventos iniciais da casa de Vedano é fundamental o testemunho de monsenhor Trezzi, que ajudou o Pe. Luís a encontrar uma casa onde iniciar a pequena comunidade. Conta o Pe. Trezzi que

«um dia, no trem para Varese, encontrei-me com o Pe. Monza [...] disse-me que ia para Biandronno para ver uma casa onde fosse possível colocar uma pequena obra para algumas vocações femininas que encontrara durante o seu ministério sacerdotal em Saronno [...] disse-lhe que em Vedano teria podido ver um lugar ideal [...]. O terreno podia-se facilmente comprar, pertencendo a dois

³³ Em DAJELLI, *Ricerche*, em APL.

³⁴ *Ibid.*, 09 de agosto de 1979.

seus amigos, o Dr. E. Pisoni e o engenheiro M. Ingrami. Propus-lhe ir vê-lo mas o Pe. Luís, balançando a cabeça, disse-me: “Não, a proibição de ir em Vedano mo veda” [...]. Telefonei a um chofer e disse-lhe de vir logo com um automóvel com cortinas correntes [...]. Tendo chegado à cima da colina, encontramos a posição verdadeiramente encantadora e apta: Pe. Luís ficou entusiasmado. [...] Desde então foram freqüentes as visitas e numa delas o Pe. Luís entregou-me a quantia de setenta mil liras, encarregando-me de proceder logo à compra do terreno ocorrente e aos compromissos com os vendedores»³⁵.

A busca dos financiamentos foi humilhante para o Pe. Luís, já que alguns benfeitores retiraram sua doação por causa da imprecisão da destinação da oferta. Com grandes sacrifícios pessoais e utilizando também a aposentadoria da mãe e da empregada Pasqualina Caleppi, conseguiu comprar o terreno, e só aos 29 de agosto de 1937, foi posta a primeira pedra.

As vias da Providência são longas e tortuosas

A realização da Obra, em todo caso, estava ainda longe. Aos 21 de junho de 1936 houve a visita pastoral do Cardeal Schuster. Durante o ano foram realizadas uma série de atividades que tornaram o trabalho do Pe. Luís como sempre comprometedor. É digno de ser notado os festejos organizados pelo 50º aniversário da primeira missa do Pe. Carabelli, dos quais participaram todas as associações do Santuário, que o Pe. Monza organizara. De modo particular, evidenciara-se a perícia do Coral.

«Pareceu que o Pe. Luís permanecera no Santuário na espera da constituição da nova paróquia, mas, na Cúria, para o Pe. Luís pensava-se a uma diversa solução. [...] Já para a última solenidade da natividade, em setembro, o Pe. Luís conhecia já a sua transferência (fora convidado para o concurso a três sedes de paróquias) e naquela comemoração, depois da missa solene, reuniu-nos para aquela bela foto [...] Nestes últimos dois meses da sua permanência em Saronno, o Pe. Luís comunicou-me que a sua obra, sustentada financeiramente por elementos que teriam feito parte da comunidade, era já coisa feita. Precisamente em Vedano, na colina do ‘Lazzaretto’... teria surgido a primeira casa da comunidade. A separação do Santuário foi para o Pe. Luís amargamente sofrida, agravada pela preocupação num momento tão comprometedor, para o início da sua obra. Dever-se transferir, com o empenho de dirigir uma paróquia numa localidade [da qual] para manter os contatos com a casa de Vedano ocorria... de São João a Vedano, o tempo mínimo de uma meia jornada. Um empenho pesado que o Pe. Luís me disse na noite que me anunciava definitivamente a sua transferência para São João na ‘Castagna’. Recordo ainda as suas palavras: “Mandam-me para longe, para separar-me de vós jovens, criando-me também, no seguir as obras, não poucas dificuldades”»³⁶.

³⁵ Pe. AMBRÓSIO TREZZI, em BEDONT, *op. cit.*, 109.

³⁶ Em DJANELLI, *Ricerche*, em APL. Para o nascimento e o desenvolvimento de *A Nossa Família e das Pequenas Apóstolas da Caridade*, veja-se o capítulo V.

Efetivamente, das três sedes vacantes às quais o Pe. Luís fora convidado a concorrer como pároco, a mais longe era aquela de São João. Na Cúria conheciam o fato que o Pe. Luís estava trabalhando para a realização da sua Obra, mas, segundo Dajelli, não se pretendia afastá-lo para criar-lhe dificuldade. Talvez uma das razões que impeliu a Cúria a escolher São João como nova destinação foi aquela de não ter dificuldades com as autoridades civis sobre a sua nomeação para pároco. Fazendo-lhe mudar de província era mais fácil que os fascistas pudessem conhecer as dificuldades tidas pelo Pe. Monza em Vedano e da sua prisão: a sua nomeação teria, portanto, passada sem a oposição das autoridades fascistas. Pelo contrário, ao seu coirmão e concidadão Pe. Turconi, por causa das informações assumidas por um funcionário de pública segurança sobre os seus precedentes «antifascistas» e relativa prisão, foi interdito pelas autoridades de tornar-se pároco antes de uma paróquia em Milão e depois de São Pedro «all’Olmo», não obstante o apoio do Cardeal Schuster.

Aos 05 de agosto de 1936, morrera o Pe. Frederico Girelli, que era pároco de São João de Castagna di Lecco desde 1925. Aos 19 de setembro o Cardeal Schuster foi em visita pastoral em São João, onde foi recebido, sendo a sede vacante, pelo Vigário espiritual Pe. Antonio Fustella³⁷, pelas Associações católicas e pelo numeroso povo. Nesta ocasião o cardeal pedira a renúncia espontânea ao direito de eleger o novo pastor. Com efeito, em São João o pároco era escolhido pela população, segundo um costume que não era só local. O mesmo Pe. Girelli fora eleito nos «comícios populares». Estes comícios, onde ainda continuavam a existir, geravam divisões e inimizades, por causa dos juízos não sempre equânimes a respeito dos candidatos, sendo motivados por influências privadas, simpatias pessoais ou até apoios políticos. Em troca da renúncia a esse direito o Arcebispo Schuster prometeu mandar um sacerdote «segundo o coração do Senhor»³⁸. E foi precisamente o Pe. Luís o pároco escolhido segundo estes critérios.

Bedont escreveu que, quando o Pe. Monza foi à Cúria para responder ao convite a concorrer para a paróquia de São João, foi aproximado por uma «pessoa»³⁹ que o convidou a não participar do concurso porque era inútil tendo sido já destinado um outro sacerdote. Mas o Pe. Luís, obsequente à obediência, manteve o pedido e entregou-se à vontade do arcebispo.

A nomeação definitiva, datada 23 de outubro de 1936, foi-lhe oficialmente notificada pelo cardeal arcebispo aos 30 de novembro do mesmo ano, e o boletim da paróquia *L’eco del Satuario di Saronno*, no seu número de novembro, trazia a notícia com estas palavras:

³⁷ Nomeado bispo de Todi em 1960, transferido para Saluzzo como bispo ordinário até 1983.

³⁸ Com efeito, o *Liber Chronicus* de São João de Castagna escreve: «... Sua Eminência, depois da ritual apresentação, assegura do púlpito que lhes mandará um bom pároco, isto é, um sacerdote segundo o coração do Senhor, desde que renunciem ao direito de nomeação, já que se sabe que muitas vezes também em redor das urnas nascem rivalidades e surgem intrigas daqueles que não procuram a glória de Deus e o maior bem das almas mas a própria vontade...» (veja-se BEDONT, *op. cit.*, 61).

³⁹ O episódio encontra-se também numa outra relação, na qual é especificado que o Pe. Luís foi aproximado pelo Pe. Ambrósio Aldè. A família Aldè era uma das mais importantes de São João. Pe. Ambrósio tornou-se monsenhor em 1940, membro do Capítulo da Catedral e era oficial na Cúria, encarregado do Ofício Legados.

«Pe. Luís Monza parte com a saudade no coração! Deverá deixar almas que floresceram sob os seus cuidados, o belo Santuário com Nossa Senhora que abençoava o seu trabalho, uma multidão de jovens e de crianças que lhe passavam sorridentes diante e parecia que dissessem: “Estamos ainda no Oratório!”

E vai para onde a confiança do Arcebispo o manda, modesto e humilde como quando passava pelas nossas ruas. Dirigindo o olhar para o passado sente-se consolado, mas firme recordando o dito do Evangelho “quem põe a mão no arado e olha para trás não é digno do Reino dos Céus”, repete com a prontidão de quem foge da tentação: “Senhor, ainda trabalho e eu estou pronto para o teu mandato”. Saronno reconhecida acompanha-o com a oração e com os votos de que o novo rebanho corresponda aos cuidados de um tão bom pastor»⁴⁰.

Terminava assim o período do deserto. A pedra descartada pelos construtores tornava-se pedra angular.

⁴⁰ No Arquivo paroquial do Santuário.

CAPÍTULO IV

LECCO: O BOM PASTOR

(1936-1940)

A nova paróquia

Pe. Luís encontrou pela primeira vez os seus novos paroquianos no dia 31 de outubro de 1936. Como já dito, a nomeação definitiva, que tinha a data de 23 de outubro, lhe verá notificada somente no dia 30 de novembro. Ele, portanto, foi a São João em Castagna em visita não oficial. Consciente do peso que estava para assumir, queria preparar-se para a nova tarefa com uma visita informal. Sabia bem quanto seja complicado ser, à semelhança de Jesus, o bom Pastor que conhece todas as suas ovelhas amando-as cada uma de modo particular. E confiando na ajuda do Senhor não se retraiu diante do novo compromisso que o investia da responsabilidade do crescimento moral e da salvação espiritual da comunidade inteira.

Assim, para a festa de Todos os Santos, ele tomou parte na procissão tradicional de sufrágio, só dos homens, à Nossa Senhora de Varigione, situada numa pequena fração no território da paróquia. Em tal ocasião falou pela primeira vez aos seus paroquianos convidando-os, para o dia sucessivo, a uma peregrinação ao cemitério de Vendrogno para visitar a tumba do finado Pe. Girelli, seu predecessor. O convite foi acolhido por todos com muito fervor. E depois de ter recordado as virtudes do Pe. Girelli, Pe. Luís convidou os presentes a estar-lhe vizinho para ajudá-lo a desenvolver no modo melhor a tarefa que lhe fora confiada. Recorda uma sua paroquiana:

«Em Vendrogno, depois de ter visitado o cemitério, fomos a um bar para tomar um café; ali foram feitas as apresentações. Minha irmã, Teresinha, dirigindo-se ao Pároco, perguntou-lhe explicitamente se estava contente em ter sido nomeado pároco de São João. Pe. Luís respondeu de modo preciso e decidido: “Eu estou contente em fazer a vontade do Senhor que me pediu isso”»¹.

Nos meses seguintes, em São João, foram feitos os preparativos para o ingresso solene do Pe. Monza. Foi eleito uma comissão para recolher o que era necessário para os festejos, e todos os paroquianos colaboraram com grande entusiasmo. Com efeito, refere sempre a mesma testemunha que:

«nos dois meses precedentes o seu ingresso oficial, Pe. Luís conquistara muita simpatia por parte dos paroquianos que lhe prepararam com muito entusiasmo a festa do ingresso. [...] Recordo com quanta dignidade o Pe. Luís tomou posse da paróquia. Manifestou logo o seu grande sentido de fé na dignidade sacerdotal, na presença da eucaristia e na igreja nas tarefas que como pároco devia assumir. Recordo que, com algumas moças, encontrávamo-nos na

¹ Em Z. SPREAFICO, *Alcune note su don Luigi Monza a chiarimento di alcuni fatti della sua vita parrocchiale a San Giovanni di Lecco*, 3, em APL.

igreja precisamente no dia 31 de outubro, o primeiro dia de presença em São João, e o vimos chegar da casa e ir para o confessionário. Ficamos logo impressionadas pela atitude recolhida e decorosa; comentamos que devia ser um sacerdote muito sério e reservado, mas que era um pouco feio!»².

Também o semanal local *Il Resegone* no número de 1º de janeiro de 1937 falou da chegada do novo pároco e da acolhida que lhe reservara a população:

«Capelão, nos últimos tempos, no Santuário de Saronno, se fez amar e estimar, especialmente pela juventude, pela senhorilidade do tratamento, pelo dizer elegante e fácil, e sobretudo pela sólida doutrina e edificante piedade. Felicíssimos os paroquianos de São João por tanto dom, pedem ao Mons. Vigário que se renda intérprete de seus sentimentos de gratidão junto ao Eminentíssimo Cardeal Arcebispo por ter generosamente recompensado a paróquia de São João pela renúncia feita ao direito de nomeação dos párocos. Ao novo pastor o hosana sincero de todos os paroquianos de boa vontade e os votos de um apostolado tanto fecundo quanto duradouro»³.

Aos 06 de janeiro de 1937, aconteceu a entrada solene do Pe. Luís Monza na nova paróquia⁴. A posse de cargo foi presidida pelo Vigário forâneo de Lecco, Mons. Borsieri, o qual, no seu discurso, assegurou ao povo de São João que o novo pároco era um verdadeiro pastor de almas, que teria sabido, com o exemplo mais do que com a palavra, estimular para o bem⁵. O desenvolver-se das cerimônias daquela jornada é transcrito cuidadosamente na crônica de *Il Resegone*

«Dizer que a recepção do novo pároco teve um êxito inesperado é a pura verdade. [...] Depois de chegar à igreja e cumprir as cerimônias da investidura canônica, Mons. Borsieri, Vigário Forâneo e Prepósito de Lecco, repetiu aos presentes quanto fosse grande o dom que os Reis Magos faziam ao povo de São João, dando-lhe um exímio pároco, isto é, um pastor confiado e que confiava somente naquele do qual derivam toda força e poder. Com comovido acento, o novo pároco, do púlpito, disse que queria compendiar o seu programa pastoral na oração, na ação operosa e vigilante, e no sacrifício de todos os seus dons, para que aqueles que já o seguem sejam confortados nos seus propósitos, e aqueles que estão longe da verdade procurem emendar-se, mas a tornar-se também eles apóstolos de luz e de bem.

Depois da solene celebração do sacrifício da missa, Pe. Luís distribuiu, no salão do oratório, aos pobres da paróquia quanto das mãos prósperas das Conferências de São Vicente fora preparado, assegurando que precisamente eles teriam sido a parte eleita do seu rebanho»⁶.

² *Ibid.*, 3s.

³ P. BEDONT, *Don Luigi Monza. Note biografiche*, Ponte Lambro 1976, 63.

⁴ Veja-se o ato de entrada em posse que se encontra no Arquivo paroquial.

⁵ Veja-se o *Liber Chronicus* de 1937.

⁶ BEDONT, *op. cit.*, 64.

Muitos dos seus amigos de Saronno que o acompanharam em São João voltaram para casa satisfeitos ao verem a acolhida reservada ao «seu» Pe. Luís. Este, por outro lado, manifestou-lhes a sua gratidão organizando, algum tempo depois, no dia 26 de setembro de 1937, uma peregrinação de São João ao Santuário de Nossa Senhora dos Milagres de Saronno. Aquele dia o Pe. Luís foi acolhido em Saronno por uma multidão em festa, no meio da qual sobressaíam as autoridades do lugar. Entre estes, como recordam os jornais do tempo, estava também o secretário da organização fascista local. O Pe. Luís já não era mais considerado um padre «vigiado». Seu passado fora esquecido porque demonstrara que agia não por miras políticas mas pelo bem das almas.

Desde a sua chegada, o Pe. Luís dedicou-se ao estudo e ao conhecimento do ambiente da paróquia. Esta estendia-se sobre as alturas em redor de São João até as granjas longínquas, mas era fundamentalmente aglomerada em redor da igreja, e constitui ainda hoje um lugarejo periférico da cidade de Lecco. Com efeito, com a perda da autonomia municipal em 1924, foi englobada no grande município de Lecco unificado. A zona era rica de fábricas de todo tipo e rumorosas oficinas de artesanato eram espalhadas por toda parte.

No arco de pouco tempo, através de contatos diretos e indiretos, o novo pároco teve modo de entrar no coração de muitos dos seus paroquianos que deixaram muitíssimos testemunhos sobre suas atividades pastorais e sobre sua figura de pároco.

Carlos Spreafico, presidente por longo tempo do Conselho paroquial, declarou:

«Desde os primeiros encontros com ele, tive a impressão, nunca mais desmentida, que o nosso Pe. Luís fosse, com o seu porte humilde e delicado, um portador de paz, o padre mais apto para a nossa paróquia, composta de almas generosas, mas às vezes um pouco difíceis. Aos poucos estabeleceu-se, entre o pároco e quem escreve, uma recíproca compreensão, uma amizade sempre mais aprofundada e aumentada nos anos afortunados de colaboração com ele, como presidente do Conselho. Precisamente esse cargo deu-me modo de constatar em todo momento a virtude pacificadora do pároco. [...] O pároco costumava dizer que o demônio encontra o seu campo de trabalho entre nós precisamente tentando danificar esse espírito de solidariedade. Mas essa dolorosa lacuna não podia existir com o Pe. Monza: impossível, na sua presença, não só exprimir, mas nem sequer conservar no coração sentimentos de rancor ou inveja por alguém. [...] Tinha sempre pronto um elogio, um louvor, sem adulação insincera, para estimular a fazer sempre mais e sempre melhor o próprio dever. Pe. Luís nunca desanimou ninguém, pelo contrário, quantas vezes soube fazer nascer e renascer a confiança em Deus e nas próprias possibilidades espirituais também nos corações desesperados e tristes, mesmo em circunstâncias obscuras e dolorosas»⁷.

A professora Dolores Alvorghetti, que teve modo de freqüentá-lo freqüentemente por causa de seus encargos paroquiais, escreveu:

⁷ CARLOS SPREAFICO, em *A don Luigi Monza, Cislago 22-vi-1898 San Giovanni 29-IX-1954* [Número único 1954], Lecco 1954, 37ss.

«Dizer quanto o Pe. Luís Monza, nossa pároco, deixou no coração dos fiéis, não é coisa fácil. Esteve conosco dezoito anos, vimo-lo cada dia subir ao altar e deter-se em oração, no-lo sentimos ao nosso lado sempre [...]. Falar dele significaria evocar a sua presença nas mil ocasiões na quais o pastor está ao lado do seu rebanho, mas os mil episódios quase passam despercebidos e parece que ele nos admoeste a não dizer demasiado, no temor que o nosso amor de filhos escrute mais além daquela reserva e daquele silêncio do qual ele sabia circundar a sua pessoa e as suas obras. Não último louvor este seu desaparecer, para que a honra fosse só de Deus, para que quem recebia não pensasse nem sequer em receber, mas tivesse a impressão de ter feita coisa grata pedindo; aquele seu agradecer também quando doava; aquela sua complacência completamente igual com o rico e com o pobre, com o douto e com o humilde, com o praticante e com quem estava longe; aquele seu entreter-se jovial e aberto com todos; aquele saber criar em redor de si (e não só na sua paróquia) um sentido de confiança e de simpatia. [...] “É preciso que Ele cresça e que eu diminua” repetia com São João e sabia verdadeiramente passar inobservado no bem que cumpria, procurando e amando somente a glória de Deus. Não estudada, mas espontânea a sua humildade, assim ter-se-ia dito espontânea e de nenhum modo pesada aquela contínua mortificação em tudo, aquela renúncia interior que pregava e praticava em saber aceitar a Cruz de cada dia, em tornar-se presente onde havia necessidade, em calar sempre quando estava em jogo a sua pessoa, em fazer-se “tudo para todos, para ganhar todos para Cristo”»⁸.

E ainda uma outra paroquiana assim o recorda: «A atividade do Pe. Luís na paróquia foi sempre exemplar sob todos os aspectos, sobretudo no exemplo que ele sabia dar na vida de coração e no exercício da caridade...»⁹.

Destes e de outros testemunhos emerge, portanto, a imagem de um pároco excelente, para o qual o cuidado das almas tinha importância fundamental e que se empenhou ativamente em todo tipo de apostolado.

A Eucaristia no centro

No centro da vida da paróquia de São João de Castagna, Pe. Luís pusera a adoração eucarística, aspecto fundamental da sua espiritualidade, que ele praticou assiduamente e com a qual «contagiu» os seus paroquianos. Recorda Monsenhor Ambrósio Aldè:

«Existem momentos especiais nos quais a sua alma de sacerdote e a sua ânsia de bem comunicativo explodem em acentos de plena comoção. Falando do Sacramento Eucarístico e da presença real de Jesus no Tabernáculo, exclamava: “Ei-lo ali! Ei-lo ali! Não o vêem? Não o sentem? Mas se não está este Senhor, abandonemos aqui tudo; eu não sou senão um comediante e estes paramentos que visto não são senão uma palhaçada: eu não sou senão um

⁸ D. ALBORGHETTI, «Passò tra noi con la luce e l'amore di Cristo», em *A don Luigi Monza...*, cit., 32-35.

⁹ Z. SPREAFICO, *Alcune note...*, cit., 4.

impostor! Mas se está, como está, e está ali à pouca distância, como não amá-lo?»¹⁰.

Naturalmente a sua devoção pela eucaristia vinha verificada pelos seus paroquianos cada vez que eles o surpreendiam rezando todo absorto aos pés do Tabernáculo. Segundo Dolores Alborghetti:

«vê-lo rezar era um convite à oração. Quem não o revê de joelhos sobre aquele genuflexório à direita do altar, com a cabeça entre as mãos, feito insensível a quanto o circundava, naquele seu celebrar, majestoso e recolhido, o Divino Sacrifício, altamente compenetrado da sua dignidade sacerdotal, ou nas longas procissões Eucarísticas, nas quais, levando o Ostensório, parecia querer identificar-se na vida daquele que carregava com as suas mãos?»¹¹.

Não eram só coisas doudas, nem propaganda e nem sequer um moralismo de baixo jaez. O que dizia ou fazia, Pe. Luís o «vivía» e com uma intensidade total. Isso porque sabia que o sacramento da Ordem sagrada tinha-o mudado «dentro». Citava muitas vezes os textos paulinos do estar em Cristo e do viver Cristo. Repetia freqüentemente que o sacerdote é «um outro Cristo». E como Cristo e com Cristo era então Oferente e Oferta, Sacerdote e Vítima. Se todo o espaço do seu ser era ocupado por Cristo, não era mais possível desperdiçar o tempo. Ele estava ocupado totalmente por uma espécie de febre apostólica. A caridade de Cristo impelia-o e dava-lhe uma força interior. Devia doar-se, gastar-se pelo próximo.

«Com São Paulo repetia muitas vezes: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”. Troca feliz de vida à qual nos convidava incessantemente através de uma freqüência sempre mais sentida à Comunhão. Com efeito, freqüentemente e com prazer a sua pregação terminava pondo o acento sobre a Eucaristia. As suas consolações eram as Comunhões gerais e quem não revê a sua alegria no dia da primeira comunhão das crianças? Descia quase glorioso pelas ruas do lugarejo entre duas filas de meninos inocentes e mais feliz do que eles. As jornadas das SS. Quarenta Horas eram um renovar-se de santo entusiasmo: queria todos adoradores de Jesus Eucarístico: eis por isso os turnos da adoração ininterrupta de todas as quintas-feiras e a sua inscrição entre os sacerdotes adoradores. Alguém disse que algumas vezes de noite via-se acender uma luz na Igreja: terá sido o Pe. Luís em solitário colóquio com Deus presente no tabernáculo?»¹².

A mesma mãe do sacerdote, a tal propósito, contava:

«Pe. Luís trabalha demasiado e com freqüência volta para casa tarde de noite, e eu fico agitada e estou mal. Uma noite, ainda mais tarde do normal, ouço-o finalmente chegar e fico tranqüila, esperando que venha saudar-me

¹⁰ Monsenhor AMBRÓSIO ALDÈ, em BEDONT, *op. cit.*, 67.

¹¹ D. ALBORGHETTI, em BEDONT, *op. cit.*, 77.

¹² *Ibid.*, 77.

como sempre; mas não subia nunca. Pensando que não estivesse bem e precisasse de alguma coisa, visto-me e desço na cozinha; mas esta está vazia. Dou então uma olhada da porta da igreja e ele está lá, ajoelhado diante do altar, com os braços abertos. “Pe. Luís”, chamo. Mas está tão imerso na conversa com Jesus que não ouve. Então aproximo-me e bato nos seus ombros: “Pe. Luís, é tarde, vem dormir!”. Ele levanta-se de repente, vamos de braços dados e subimos. E isso acontece com frequência»¹³.

Sempre a respeito do fervor eucarístico do Pe. Luís, uma outra testemunha recorda:

«Era unânime o juízo de todos sobre o seu intenso espírito de oração, sobre a sua assiduidade no confessionário, sobre o espírito de fé e de amor a Jesus Eucaristia [...]. Quando o encontrávamos pela rua, enquanto levava a Eucaristia aos doentes, tinha um proceder recolhido e quase solene. Cumprimentava, porém, todos, com afável sorriso, mas se o fazíamos falar, com muita delicadeza, com atitude que fazia transparecer o seu sentido de adoração, dizia: “Desculpe, tenho aqui Jesus”»¹⁴.

Muito interessante é também o testemunho de um seu coirmão, Pe. Egídio Meroni, o pároco de Primaluna:

«Celebrava com particular dignidade a S. Missa como se impusesse o bom exemplo para o povo, mas o seu espírito inundado de nobreza espiritual que o tornava estranho a quanto o circundasse para concentrar alma e coração no grande mistério do Sacrifício divino! Tendo ocasião de estar-lhe vizinho, como assistente no altar, a sua devoção forçava em mim a atenção que é própria nos sacerdotes quando a celebrar está presente a dignidade de bispo»¹⁵.

Os testemunhos sobre o amor do Pe. Luís pela Eucaristia, em todo caso, são muitos e todos significativos. Por exemplo, o Pe. Rocchia, que teve modo de freqüentar o Pe. Luís de 1940 até 1954, recorda:

«Recordo que, no terceiro domingo do mês, havia uma pequena procissão à qual seguia a Missa com a exposição do Santíssimo; as Quarenta Horas eram feitas muito bem com diversas adorações nas quais ele pregava. A igreja era o lugar do respeito. Sentia-se a presença real; com efeito, fazia-se a genuflexão, a visita, dizia-se o glória [...]. Ele, quando estava na igreja, era assim»¹⁶.

Segundo Maria Valsecchi, uma sua paroquiana, que depois tornou-se Pequena Apóstola da caridade, Pe. Luís dizia que

¹³ VIRGÍNIA TODESCHINI, em *Il Granello*, n. 0, p. 2, citado em *Don Luigi Monza*, 58, ms em APL.

¹⁴ Z. SPREAFICO, *L'ultima malattia di don Luigi e la morte*, 4, em APL.

¹⁵ Pe. EGÍDIO MERONI, em APL.

¹⁶ Pe. FRANCISCO ROCCHI, em APL.

«Jesus estava presente, vivo na Eucaristia, que precisava ter fé e abandonar-se nele. Tinha fé na Eucaristia. Recordo que numa primeira sexta-feira do mês mencionou-nos o exemplo de S. Policarpo que, pelo seu grande fervor, deixava a marca por onde passava. Fizera colocar borracha sob as cadeiras, para não fazer rumor e, portanto, rezar melhor. Tinha um comportamento muito devoto. Ele falava com o Senhor “cara a cara”... via-se verdadeiramente que conversava com o Senhor»¹⁷.

Uma outra das Pequenas Apóstolas, Ângela Morganti, recorda:

«Pe. Luís era devotíssimo. Normalmente, nas procissões, não levava o Santíssimo, mas conservava a ordem das filas. Passava vizinho e dizia: “Abaixem os olhos!”, porque queria que houvesse recolhimento. O seu cuidado pela Eucaristia era muito forte. Ia ao púlpito e até gritava, dizendo: “Vocês não sabem quem está lá! Está o Senhor, está Deus!” [...] Certamente tinha uma fé profunda, emanava-a e insistia muitíssimo sobre a presença eucarística. Dizia: “Ele está lá dentro”. Quando haviam as festas, as procissões, as Quarenta Horas, não sabia mais como circundar de atenções a Eucaristia. Era suficiente perguntar-lhe qualquer coisa que ele começava a falar de Deus. Era uma pessoa mística que deixava transparecer a presença do Senhor»¹⁸.

Uma sua paroquiana, Guerina Crotta, recorda:

«Pe. Luís instituíra turnos eucarísticos, assim que, no arco da semana, um grupo de quatro ou cinco moças devia colocar-se diante do altar durante a missa da manhã. [...] O discurso convergia sempre sobre a Eucaristia. Recordo que uma vez, durante as SS. Quarenta Horas, chegou ao ponto de dizer do púlpito: “Ei-lo!”, como se ele O visse»¹⁹.

E ainda Elvira Pontiggia, que mesmo não sendo uma sua paroquiana, escolhera o Pe. Monza como confessor, diz:

«Impressionava-me o modo com o qual o Pe. Luís levava a Eucaristia! Eu vejo tantos sacerdotes com a Eucaristia nas mãos, mas, com o Pe. Luís, era diverso! Sentia, advertia a presença de Deus na Eucaristia»²⁰.

Escreveu a senhora Virgínia Vogel:

¹⁷ MARIA BAMBINA VALSECCHI, em APL.

¹⁸ ANGELA MORGANTI, em APL.

¹⁹ GUERINA CROTTA, em APL.

²⁰ ELVIRA PONTIGGIA, em APL. Sempre sobre a Eucaristia, veja-se os testemunhos de Luigina Frigerio: «Jesus eucarístico era uma característica da sua pregação. Dizia: “Está ali, no tabernáculo! A portinha do tabernáculo deve ser de ouro porque ali está Jesus, O Rei dos Reis!”. Depois foi colocada também uma luz de propósito para que o nosso olhar fosse dirigido sempre ao tabernáculo». Antonietta Baldini: «Recordo uma pregação que fez sobre o Paraíso e sobre a Eucaristia. Para ele, a Eucaristia era já o Paraíso na terra. Falou-nos por mais de uma hora. Vejo-o ainda em pé, na capela de Vedano. Mantive os olhos entreabertos por toda a pregação; entendia-se que ele estava já naquele Paraíso que nos ia um pouco descrevendo e do qual nos queria fazer degustar a beleza».

«Recordo, e parece-me vê-lo ainda, quando saía da sacristia para ir ao altar para a celebração da Santa Missa ou quando da sua casa entrava na igreja: era sempre admirável! O seu passo era grave, lento e composto, devoro, diria angélico, todo concentrado em Deus; parecia que dentro daquela veste não existisse senão espírito e suscitava em nós o desejo de rezar e de elevar-nos com ele. Distribuía a S. Comunhão de um modo todo particular, com meticulosa devoção. Parecia que dissesse a cada um: “Guarde o grande dom que lhe ofereço”»²¹.

Concluindo, para melhor compreender este amor particular pela Eucaristia que, além da adoração pessoal e comunitária do Santíssimo Sacramento, encontrava manifestação na jubilosa celebração do evento litúrgico, basta ler o que o próprio Pe. Luís disse:

«O homem é por natureza necessitado, é como uma terna plantinha que pede continuamente água e sol: receberá esta água e este sol de Jesus Eucaristia. Não poderemos ter nem repouso nem paz neste vale de lágrimas senão restaurando-nos as forças e alimentando-nos com o pão dos anjos»²².

A palavra de Deus

Dos tantos testemunhos que nos permaneceram do período de Lecco, resulta claro que, no seu ministério, grande importância tivesse a pregação. Somente graças a ela podia-se transmitir os ensinamentos da doutrina e ao mesmo tempo o convite a participar da vida da Igreja, da construção do Reino.

Para confirmar isso, basta ler o testemunho de Monsenhor Aldè:

«Quem recorda as suas palavras [...] pode dizer que ouviu alguém que cria, que queria salvar, que pretendia dar a todos toda a sua pessoa [...]. A sua palavra, desde o púlpito, desde o altar da sua paróquia, na capela de Varigione, nas salas das várias conferências e reuniões, nos oratórios, nas escolas, nas casas de repouso, também nas praças e nas ruas diante dos altares improvisados durante as sagradas procissões, era sempre para instruir, para chamar à correspondência [...]. Ministro do Verbo, Pe. Monza pregou em nome de Jesus Cristo, na sua pureza, como vindo de Deus [...]. Então: doutrina, catecismo, competições entre grandes e pequeninos, salas para explicações de categoria. [...] Algumas vezes parecia que quisesse apavorar: era a sua missão, o fogo do temor de Deus que queria infundir naqueles que amava»²³.

Das anotações escritas, resulta que

«Pe. Luís fazia em média 5 ou 6 pregações todos os domingos; Pe. Mário não pregava nunca, porque dizia que não tinha voz. Grande importância dava às

²¹ VIRGÍNIA VOGEL, em APL.

²² L. MONZA, *Don Luigi di parla*, Ponte Lambro 1973, 53 e 112.

²³ A. ALDÈ, «La parola del maestro», em *A don Luigi Monza...*, cit., 29ss.

instruções e à doutrina cristã. No domingo, antes da explicação desde o púlpito, formavam-se as famosas “classes”, onde uma pessoa chamada “mestra” era encarregada de explicar a um pequeno grupo de pessoas, que se constituía espontaneamente, o catecismo de Pio X. Recordo que estes grupos eram muito freqüentados. Depois o Pe. Luís, desde o púlpito, explicava a doutrina de modo muito claro, compreensível e também agradável, atraindo a atenção de todos»²⁴.

A simplicidade, portanto, era a característica da sua pregação, que seguia esquemas muito lineares, centrados em algumas palavras chaves, e que tendiam a convergir sempre para a vida, para o fazer, para o paraíso, para a eucaristia. A já citada professora Dolores Alborghetti, a propósito das suas pregações, disse:

«Nós sabíamos já desde o início que, a um certo momento, dos pontos ordenados das considerações, teria passado à chamada, à exortação, ao desabafo de seu ânimo atormentado pela glória de Deus, pelo desejo de fazer o bem das almas, de levar todos para a casa do Pai, ao belo Paraíso. O Paraíso! Outro motivo pensado, amado, pregado com predileção e quase obstinadamente: podia entrar em todo argumento, podia ser o final de toda pregação: ele antecipava em si a sua realidade beatificadora com o desejo apaixonado. Porque lá, finalmente, teria podido gozar de Deus e lhe teria parecido pequeno todo sofrimento suportado para ganhar um tão grande prêmio. [...] Éramos habituados a ouvi-lo falar assim, parecia-nos que o sabíamos “de cor”. Mas ele não se cansava de repetir as mesmas verdades, as mais elementares e as mais altas: era convicto que não de muitas coisas precisa a alma, mas de poucas que penetrem profundamente no coração e tornem-se vida. [...] Talvez não nos dávamos conta de quanto fosse investido pela sabedoria, pelo dom do Espírito, já que sem ela não podia tão intimamente saborear e fazer saborear as coisas de Deus»²⁵.

Com efeito, recorda o doutor Ângelo Colombo:

«Pregava bem. Era uma pregação sólida. Falava suficientemente bem para ser entendido, seguido... Não era um falador que devia procurar a palavra para exprimir o seu pensamento. Era um falar fluido e familiar»²⁶.

E enquanto muitos pregadores amavam fazer citações literárias, divagando de Dante a Manzoni, chegando os mais corajosos até Papini, Pe. Luís «limitava-se» a citar os Evangelhos, São Paulo, os Atos e São João.

«Deus, pregava somente Deus: o seu amor por nós e de nós por Ele e entre nós pelo amor dele. Quando se tratava de amor, a palavra fluía abundante, convicta e entusiasta; não se separava dela nunca e repetia com insistência, com São João: “Deus é caridade... Ele amou-nos por primeiro. Deus tanto amou o

²⁴ Z. SPREAFICO, *L'ultima malattia di don Luigi e la morte*, cit., 5.

²⁵ D. ALBORGHETTI, «Passò tra noi con la luce e l'amore di Cristo», em *Notiziario di Informazione a cura del gruppo Amici di don Luigi Monza nel X Anniversario della morte*, Lecco 1964, s. i. p.

²⁶ ANGELO COLOMBO, em APL.

mundo que lhe deu o seu Filho primogênito”. E a certeza do amor de Deus teria querido infundir em todas as almas, porque quando sabemos que somos amados, toda amargura encontra conforto, a vida transforma-se...»²⁷.

Quando falava do amor de Deus muitas vezes animava-se, os seus olhos brilhavam, a voz saía plena, chegando também a comover-se.

«Pode ser que outros tenham visto o Pe. Luís chorar, falando do amor de Deus... eu não posso cancelar da minha mente aquele precioso e extraordinário momento. Falando da vida espiritual, começou a chorar sem parar quando chegou a tocar no amor de Deus!»²⁸.

E ainda, conta uma paroquiana:

«Teria querido inflamar a todos com o seu amor por Deus. Quando falou-nos desse amor de Deus por nós, para cada um de nós e da correspondência que espera de toda alma. Era feliz quando tratava este argumento e, além da palavra, intuía-se a aspiração da sua alma que vivia toda tensa na busca de um amor maior...»²⁹.

Uma outra paroquiana evidencia uma característica da sua pregação, o temor:

«Quando pregava, incutia um são temor; em certas ocasiões, por exemplo, as pregações do dia de todos os santos e de finados (então existia precisamente a devoção pelos defuntos) e no primeiro dia do ano, no qual fazia meditar os Novíssimos, punha-nos a fazer belos exames de consciência. Não deixava, porém, com o medo de Deus. Inculcava-nos o gosto a respeito da lei de Deus, a vigilância. Com efeito, era exigente porque queria que a gente encontrasse o Senhor»³⁰.

Enquanto segundo o Pe. Rocchi

«havia calor no seu fazer as pregações [...]. As suas intervenções nas pregações eram comedidas, calibradas. Pregava com muito boa vontade, aliás, dado que o coadjutor estivera doente dos pulmões e falava pouco e também cansava-se, a gente ouvia com prazer o Pe. Luís. O Pe. Luís gostava muito de convidar também outros párocos para pregarem; não é que fosse um exclusivista; chamava muitos padres ou religiosos. Insistia muito sobre a doutrina do domingo. Fazia muita questão também dos tríduos de preparação para a Páscoa e das pregações para a páscoa. A sua era uma pregação “sólida” e sobretudo positiva. Eu não me recordo que se fosse ralhado contra os pecadores

²⁷ ALBORGHETTI, «Passò tra noi...», em *Notiziario...*, cit.

²⁸ Testemunho transcrito por BEDONT, *op. ct.*, 69.

²⁹ Testemunho transcrito em *Ibid.*, 71.

³⁰ GIAELE SPREAFICO, in APL.

e os pecados. Se existia uma posição bastante decidida era contra a falta de fé»³¹.

Um outro paroquiano recorda que o Pe. Luís

«pregava por dez minutos, quinze no máximo; não tinha nenhum bilhete, mas tinha uma capacidade de exposição diante da qual “permaneciam” todos atentos. Ficava com raiva algumas vezes durante a pregação mas quando voltava para a sacristia era sempre sorridente. [...] Algumas vezes ele, também nas pregações, dizia: “Irei antes para a prisão, mas não fecharei a boca sobre este púlpito!”, referindo-se à questão do divórcio»³².

Com efeito, também Elvira Pontiggia afirma que

«na pregação era muito pacato, mas também forte... porque o Pe. Luís era sempre pacato; quando, porém, devia dizer alguma coisa a seus paroquianos, dizia-a. Se devia admoestar, fazia-o. [...] Nas pregações eu nunca ouvi um aceno que se afastasse das linhas dadas pela igreja; antes de tudo, aquilo que o Arcebispo propunha, na sua paróquia era feito!»³³.

E ainda Felice Bonaiti:

«As suas pregações deixaram em mim uma impressão bastante profunda tanto que me fez dizer: “Olhe que fé tem e como procura manifestá-la, exprimi-la”».

Gesuina Donghi recorda

«que quando pregava fazia-o da balaustrada. Pe. Luís pregava muito energicamente mas no bom sentido; queria fazer entender ao povo que era preciso rezar bem, que o amor de Deus era grande, que era preciso viver a Caridade».

Com efeito, segundo Luigina Frigerio:

«a pregação às vezes tinha tons um pouco vigorosos, mas nunca ofendeu ninguém, nem fazia referências particulares. Era muito prudente... Na pregação para mim preparava-se... A igreja era cheia. A frequência era altíssima e os outros párocos perguntavam-se como era que todos fossem a São João».

Para concluir pode-se acrescentar também o testemunho de Pasquina Sormani, que, a propósito dos temas recorrentes nas pregações do Pe. Luís, afirma:

³¹ Pe. FRANCISCO ROCCHI, em APL.

³² JOSÉ BARTESAGHI, em APL.

³³ ELVIRA PONTIFFIA, em APL.

«Recordo que insistia tanto sobre a Eucaristia e sobre a Caridade. Sublinhava muito a devoção da primeira sexta-feira do mês. Explicava o Evangelho de modo muito radical, como se falasse a religiosos ao invés de que a leigos da paróquia. Os compromissos que dava eram muito sérios; eu nunca ouvi lamentar-se ninguém e a igreja era muito cheia! Recordo que era muito substancioso na sua pregação e, mesmo se a fazia com muito fervor, não ofendia»³⁴.

Cristo nas ruas

Através da leitura do *Liber Chronicus* da paróquia São João, resulta evidente quando fosse importante para o Pe. Luís manter os costumes de antiga tradição.

O calendário das festas da igreja de São João era muito denso e começava na sexta-feira santa com a solene «procissão da penitência». A ela seguia-se a procissão «do santo perdão» que, durante as festas pascais, levava os fiéis à Plebana de Lecco. Em maio, junto com a paróquia de Castello, cumpriam-se «as Regulações», enquanto no primeiro domingo de julho íamos na pequena igreja de Varigione³⁵, para honrar ali a antiga efigie. Em setembro havia a festa de Nossa Senhora das Dores com «o encanto dos cestos», durante a qual eram postos em leilão os dons, e o lucro servia para as obras paroquiais. No dia dos defuntos somente os homens iam ao cemitério para uma função de sufrágio. Seguiam-se depois as Quarenta Horas e a festa da Imaculada, durante a qual eram bentas as carteiras dos associados das organizações católicas.

Do seguinte testemunho emerge o empenho do Pe. Luís na realização das funções religiosas e das procissões, expressão de verdadeira devoção. Com efeito:

«Preparava-as e guiava-as com tanto amor, cuidando os seus mínimos particulares. Recordo, por exemplo, que de modo também benévolo e brincalhão, convidava os coirmãos do Santíssimo Sacramento que então seguiam as procissões, a não vestir o uniforme no “fardo”, mas que, por respeito do Santíssimo Sacramento, deviam vestir a alva e o mantelete vermelho bem passado, como também a juventude feminina, que seguia a procissão, tivesse o véu branco e sobretudo que participasse mantendo os olhos baixos para favorecer o recolhimento e viver aquele momento na solenidade de um ato de adoração a Jesus Eucaristia e a Nossa Senhora. Não era certamente por coreografia, mas por grande sentido de fé e devoção»³⁶.

E uma outra paroquiana confirma-o com estas palavras:

«Recordo a Primeira Comunhão. Partia com os meninos do Oratório e fazia a procissão por todo o lugarejo com a cota e os meninos com o hábito e os seus pais... Era uma festa para todo o lugarejo. Era muito cuidada! Nas procissões, em particular aquele do Corpus Christi, queria que todos

³⁴ PASQUINA SORMANI, em APL.

³⁵ Distrito de São João, onde há uma pequena igreja dedicada à Nossa Senhora.

³⁶ SREAFICO, *Alcune note...*, cit., 4.

participassem. Da Semana Santa, recordo-me a Via Sacra da manhã, que era muito sentida e muito participada, e a procissão da noite que era preparada até dias antes, com todos os adornos, as luzes. Dela participavam quase toda a população»³⁷.

A testemunhar a «fé em procissão» do Pe. Luís existem também as recordações do pároco de Primaluna, Pe. Egídio Meroni.

«Não sempre o tempo, especialmente ao reparo dos montes, é tal, que permita um desenvolvimento regular de procissões eucarísticas. Acontecia, no entanto, ouvir nas paróquias limítrofes, no final de certas festas do ano litúrgico, o costumeiro refrão: “Em São João a procissão foi feita”, o que equivalia a dizer que, enquanto em outros lugares a ameaça de tempo ruim podia mudar o desejo de sair em procissão da igreja, em São João a fé do pároco triunfava, fazendo avançar o púlpito pela porta que dava para a praça e ordenando de seguir adiante. A maior parte das vezes a vitória estava do lado do Pe. Luís, e a festa resultava completa com não pouca satisfação dos músicos»³⁸.

Sempre o Pe. Meroni, em todo caso, faz notar que

«antes ainda da reforma litúrgica, Pe. Luís pretendia aproximar o seu povo quanto mais possível às funções do sacerdote. Queria que o povo participasse coralmente, tanto na igreja quanto nas procissões, das orações e dos cantos. As festas da sua paróquia eram acompanhadas pelo consentimento e pelo concurso de associações na sua completude. Dizia-se satisfeito não tanto pela multidão que fazia ala nas ruas, quanto da efetiva participação nas procissões. E que relampaguear festivo de olhos reluzentes de comoção quando via a balaustrada abarrotada pelos seus paroquianos»³⁹.

José Bartesaghi recorda que

«Nas procissões solenes, colocava o roquete e caminhava adiante e atrás, fazendo manter o recolhimento. Com efeito, as procissões era ordenadas e longas»⁴⁰.

E ainda Gesuina Donghi

«Recordo bem as procissões, às quais dava muita importância. Fazia até limpar as ruas porque devia passar o Santíssimo. Cada pessoa devia limpar o

³⁷ GIAELE SPREAFICO, em APL.

³⁸ PE. EGIDIO MERONI, em APL.

³⁹ *Ibid.*, 75.

⁴⁰ GIUSEPPE BARTESAGHI, em APL.

pedaço de rua diante da porta de casa. Havia tanta gente do lugarejo que vinha para ver as procissões»⁴¹.

Os leigos protagonistas

Precisamente graças ao Pe. Monza, as associações católicas, já presentes na paróquia, tiveram novos estímulos e novo vigor.

Com efeito, desde a sua chegada em São João de Castagna, o Pe. Luís dedicou-se com grande cuidado ao desenvolvimento de todas as Organizações católicas. Estas cada ano iniciavam suas atividades com uma cerimônia que se celebrava no dia da Imaculada, e consistia na bênção e distribuição das carteiras a todos os associados.

Como recorda Rossetta Fumagalli, na paróquia

«havia a Ação Católica, havia a São Vivente, e havia as Confrarias. Interessava-se muito pela Confraria do SS. Sacramento. Ele era enamorado da Eucaristia e apoiava precisamente esta confraria. Era a maior Associação da paróquia; eram tantos e a seguia muito»⁴².

E segundo uma outra testemunha, o Pe. Luís

«procurou recuperar todos os valores de todas as associações, também aquelas pequenas: a Terceira Ordem, as Filhas de Maria, a Confraria. A presença do Pe. Luís era muito equilibrada, muito discreta. Ele vinha, fazia a sua parte, depois deixava-nos a nossa: tudo o que era organização prática, sobretudo. Ele dava o cunho espiritual e depois, normalmente, ia embora. Assim também para a São Vicente. Deu uma linha muito decidida, isto é, de estar atentos a evitar aquela mentalidade um pouco fechada, um pouco fofqueira que vê os outros quase com juízo... Ele estava muito atento a inculcar o respeito e a caridade»⁴³.

Concretamente, o empenho do Pe. Luís por estas associações consistia na guia espiritual e, assim, cada semana ele tinha, além de todas as conferências para as várias associações, também reuniões periódicas para os grupos de jovens noivos, para os Homens e as Mulheres da Ação Católica, para os Irmãos do Santíssimo Sacramento, para os grupos de jovens e para os Terciários e as Terciárias franciscanas, sem esquecer os freqüentes encontros com os inscritos na Conferência de São Vicente.

Uma outra testemunha recorda que

«depois das funções na igreja, o Pe. Luís tinha a conferência ou para as mulheres da Ação Católica ou para os homens ou para a juventude feminina. Não deixava de passar na “Liga” dos homens (isto é, o Círculo católico) e de deter-se um pouco com eles, não aceitando nunca beber ou jogar baralho com

⁴¹ GESUINA DONGHI, em APL:

⁴² ROSETTA FUMAGALLI, em APL.

⁴³ GUAKE SPREAFICO, em APL.

eles, mas entretendo-se antes individualmente com cada um, fazendo-se disponível a escutar seus problemas ou necessidades»⁴⁴.

E a propósito do nascimento da «Liga», Adele Vitali faz notar que

«havia o círculo dos Comunistas; para lá iam tantos homens. Então ele, para procurar manter um pouco vizinhas estas pessoas, fez a Liga. Também ele ia lá e entretinha-se com estas pessoas. Recordo que fez também a Ação Católica dos Trabalhadores Italianos»⁴⁵

E, além disso, o Pe. Luís ensinava a doutrina para os homens de modo «inteligente». Com efeito,

«não os entretinha por mais de dez minutos, porque senão se cansavam. Havia as classes, isto é, pequenos grupos nos quais se reuniam as pessoas; depois o Pe. Luís subia no púlpito e fazia a pregação. Meu pai, que não freqüentava muito a igreja, ia sempre às lições de doutrina, porque gostava delas»⁴⁶.

Bedont define «verdadeiramente estimulantes» os sermões das conferências que o Pe. Luís fazia às associações. Estes tocavam argumentos específicos, sobre o exemplo e sobre o apostolado, e particulares eram sobretudo aqueles feitos às Conferências de São Vicente, associação pela qual o Pe. Luís tinha um cuidado ainda maior. De quanto é transcrito por Bedont, resulta que o fundamento das Conferências de São Vicente

«é Deus e o seu mandamento. A verdadeira satisfação do coração é bela e total se o que Deus nos obriga fazer é cumprido. Deus quer a completa dedicação ao próximo e se nós queremos amar é preciso dar, ter o coração grande e ser sempre iguais. A nossa obra não deve só enfrentar a miséria material, mas confortar sobretudo as misérias do espírito»⁴⁷.

Das Conferências de São Vicente existem, em todo caso, as «atas», onde fielmente foram escritos os discursos do Pe. Luís, os quais, como num tratado de ascese caritativa, divagam do tema da pobreza àquele da caridade e do apostolado⁴⁸.

A senhora Teresa Rusconi Vaccari, secretária das Conferências, escreve:

«Com efeito, quando chegava para presidir as inesquecíveis reuniões de São Vicente, acontecia-nos espontaneamente quase deter o respiro. Saudava-nos com aquela sua delicada e inconfundível cordialidade, feliz se nos via numerosas, resignado se poucas. Entoando a oração com voz tênue, o seu rosto

⁴⁴ Z. SPREAFICO, *Alcune note...*, cit.

⁴⁵ ADELE VITALI, em APL.

⁴⁶ LUCIA LONGHI, em APL.

⁴⁷ Em BEDONT, *op. cit.*, 69.

⁴⁸ Algumas expressões das conferências são transcritas em BEDONT, *op. cit.*, 69ss.

transformava-se. Sentia-se que invocava Deus para que a sua palavra caísse como semente preciosa no nosso coração. No silêncio que seguia, era ansiosa a expectativa do seu discurso. Palavras simples, mas cheias de pensamentos convincentes que tinham a capacidade de superar obstáculos e que comunicavam a força de continuar a operar pelo bem de quem sofre. A “São Vicente” é caridade, como exercita-se a caridade material que se deve transfigurar através de uma visão superior, a necessidade de fazer tanto bem»⁴⁹.

Em todo caso, no centro da pastoral paroquial estava a Ação Católica:

«Queria os inscritos no grande exército da Igreja não tímidos amantes da verdade, mas corajosas testemunhas do Cristo na vida e nas obras. Iniciativas particulares para cada ramo [da A.C.], uma sede bela e moderna para os homens e para os jovens. As atas das reuniões oferecem uma riquíssima mina da qual haurir o seu ensinamento precioso e a paciente e tenaz educação para o sobrenatural que ele doava»⁵⁰.

E a propósito das conferências tidas para a Ação Católica, Adele Vitale recorda duas:

«uma sobre a vocação-castidade e a outra sobre a SS. Trindade. Falaramos da Trindade de modo simples e convincente. As suas palavras penetraram dentro de nós e tiveram o poder de fazer-nos saborear Deus. Era belo ouvi-lo falar da relação de amor que existe entre o Pai e o Filho, e depois que, desta união, brota o Espírito Santo. Ele fizera-nos saborear este mistério. Recordo também a conferência sobre a vocação. Naquele tempo as vocações floresciam, não somente entre as Pequenas Apóstolas, mas também para os outros Institutos. Cada vez que alguma de nós devia entrar numa Comunidade, o Pe. Luís aproveitava a ocasião para falar sobre isso a todas; fazia entender o valor da vocação e sentir a beleza da chamada de Deus»⁵¹.

Uma guia iluminada

A sua humildade, a mortificação, a renúncia interior, a aceitação da cruz cotidiana, o amor pela eucaristia, o estímulo contínuo à caridade, e todas as outras características do Pe. Luís, voltam naturalmente na direção espiritual, que no cuidado das almas revestia grande importância.

Em quase todos os testemunhos revela-se a disponibilidade do Pe. Luís para as confissões, para as quais, não obstante os seus múltiplos compromissos, dedicava muito tempo da sua jornada. Giaele Spreafico notara que «tantos iam para confessar-se com ele, mesmo de fora, de outras vilas [...]. De manhã, depois da missa, ficava confessando. Todas as manhãs era disponível. Quando eu ia fazer visita na igreja,

⁴⁹ TERESINA RUSCONI VACCARI, *Atas das Conferências de São Vicente*.

⁵⁰ Em BEDONT, *op. cit.*, 78.

⁵¹ ADELE VITALI, em APL.

aconteciam-me encontrá-lo na porta da igreja ou dentro da igreja»⁵². E acrescentou Teresa Pitteri, referindo-se ao período de Saronno: «Era linear na confissão. Recordo que na quarta-feira, dia de mercado, muitas mulheres, muitas pessoas detinham-se de propósito para se confessarem. Nunca ouvi dizer que fosse apressado»⁵³. O fato que fosse procurado como confessor emerge também em outros testemunhos. Conta Luís Panzeri:

«Minha mulher era da paróquia de Rancio e, além de que estava mais perto da igreja de São João, ia ali sobretudo porque valia a pena fazer-se seguir pelo Pe. Luís. Havia pessoas que iam até ele para confiar-lhe tudo. Não só para ter conselhos, mas para ter a certeza que os seus desgostos e os seus problemas fossem colocados no coração de uma pessoa que não teria nunca falado com ninguém»⁵⁴.

E também Dolores Alborghetti afirma:

«Algumas vezes ficávamos com raiva porque vinham de Castello, de Lecco, de Pescarenico, e ocupavam o lugar de nós de São João. Nas confissões era maior a parte de exortação, de “impulso para adiante” do que aquela de sublinhar o erro já confessado. [...] Por outro lado, ele era um ótimo diretor espiritual. Estava sempre no confessionário quando esta na paróquia»⁵⁵.

Mas, em que consistia a direção espiritual do Pe. Luís? Como guiava as almas? Lúcia Longhi recorda que no confessionário apostava «na oração, humildade, pobreza. Falava muito da confiança, da paciência... Dizia: “Quando as coisas vão mal, é então que vão bem” porque aqui obtêm-se as graças»⁵⁶. Segundo uma outra testemunha

«um ponto essencial da sua formação era a vida espiritual. Recordo que a um certo momento disse-me que fizesse o voto de castidade. Eu tinha cerca de vinte anos. Disse-me: “Para a festa da Imaculada, faça o voto de castidade por um ano, tomo eu a responsabilidade”. Para mi a Providência serviu-se do Pe. Luís para fazer-me entender o que eu sozinha provavelmente não teria sido capaz de compreender. Durante as minhas relações de confissão, o Pe. Luís propunha-me o gênero de vida análogo àquele dos primeiros cristãos»⁵⁷.

Com efeito, segundo Monsenhor Pedro Galli, atualmente prepósito em Desio (MI), que teve modo de conhecer o Pe. Luís em 1952, em Ponte Lambro,

«geria claramente a perfeição a nível individual. Era verdadeiramente um grande formador de consciências. Pude constatar isso também falando com as

⁵² GIAELE SPREAFICO, em APL.

⁵³ T. PITTERI, *Appunti sulla fondazione dell'opera La Nostra Famglia*, em APL.

⁵⁴ LUIGI PANZERI, em APL.

⁵⁵ DOLORES ALBORGHETTI, em APL.

⁵⁶ LUCIA LONGHI, em APL.

⁵⁷ Em APL.

peças de Saronno⁵⁸. Era um grande diretor espiritual; muito duro no sentido que era muito exigente. Não usava meias medidas; não descia a compromissos. Era muito seguido porque ia ao essencial. Como pude constatar falando com ele, apostava muito na oração, no sacrifício como cumprimento do próprio dever e na capacidade de superação, a capacidade de “estar em pé” sozinho sem tantas histórias. Sobre estes pontos era preciso e dava segurança. Por isso as pessoas o procuravam⁵⁹.

Recorda o Pe. Meroni:

«não posso esquecer o bem recebido da sua direção espiritual. A fineza do seu trato, a gentileza inata mais do que adquirida, acabavam por estimular, na ordem do espírito, à confiança. Era o sacerdote ao qual se podia abrir toda a alma de coirmão penitente. Muito, muito mais válido o seu direto falar que o seu escrever: da clareza das suas profundas idéias sobre a semente que deve apodrecer e morrer para dar frutos (como base) à elasticidade de movimento cotidiano entre a confiança em Deus, a obediência aos superiores e o amor a Cristo Eucarístico. Confiava alguma sua experiência a título de encorajamento, mas só de passagem, encerrando o seu ministério de confessor com um pensamento dirigido à Nossa Senhora⁶⁰.

Foi precisamente graças à direção espiritual do Pe. Luís que algumas senhoritas, ou «boas filhas» como ele costumava chamá-las, conseguiram descobrir a própria vocação. Recorda Tranquilla Airoidi:

«Pe. Luís era meu pároco e também o meu confessor e por isso me conhecia bem. Tinha tanta confiança no Pe. Luís: com efeito, descobria sempre mais que era um sacerdote de oração e que amava tanto o Senhor. Para mim era certo, portanto, que o que me pedia era vontade de Deus⁶¹.

É importante precisar que o Pe. Luís não aproveitou nunca da sua posição de diretor espiritual para «atrair» as meninas que descobriam ter uma vocação religiosa, impelindo-as a entrar nas Pequenas Apóstolas da Caridade. Ele, aliás, procurava provocar as jovens que lhe manifestavam o desejo de entrar a fazer parte da Comunidade, e também através dos exercícios espirituais procurava verificar a sua vocação.

Antes de entrar nas Pequenas Apóstolas, uma outra testemunha, referindo-se ao Pe. Luís, declarou:

⁵⁸ A tal propósito é relevante o testemunho de Paulo Conti que frequentou o oratório do Santuário de 1931 a 1936: «Pe. Luís, no Santuário, confessava. Tanto é verdade que diversas mulheres um pouco adiante na idade, diziam: “Eu vou confessar-me com São Luís!”. E falavam do Pe. Luís. No confessionário do Pe. Luís havia 30 pessoas; no confessionário do Pe. Fassi estavam 2 ou 3. Isso quer dizer que o Pe. Luís, na confissão, dava pareceres ou conselhos que os outros não davam».

⁵⁹ Mons. EDMONDO PIERO GALLI, em APL.

⁶⁰ Pe. EGIDIO MERONI, em APL.

⁶¹ T. AIROLDI, em *Don Luigi Monza*, 49, ms em APL.

«Devo dizer, porém, que foi um caminho bastante informal, que não houve uma guia e uma indicação bastante precisa. Diria que me deixou muito livre, talvez porque era muito jovem e queria que fosse segura. Tenho em mente ter ido procurar o Pe. Luís uma vez e ter-lhe dito: “Mas sabe que talvez não é justa a escolha que estou fazendo? Deveria dedicar mais tempo à oração”. Ele me respondeu: “... O que o Senhor lhe diz diretamente, escute-o! Não pense em nada, não falemos mais de nada; quando terá claras estas coisas, decidirá”. Pe. Luís utilizava estes momentos para lançar-me mensagens mas não me deu nunca uma indicação precisa do tipo: “Faça isto, faça aquilo...”»⁶².

E também do testemunho de uma outra pequena apóstola resulta que na direção espiritual o Pe. Luís aconselhava com muito respeito.

«A sugestão que me foi dada de ir encontrá-lo, nascia do fato que neste sacerdote viam-se particulares dotes em aconselhar e em dirigir as almas. Eu, por outro lado, sempre tive a nítida sensação que ele respeitasse a alma completamente. Desde o primeiro impacto, ele mostrou-se bastante resoluto e forte. [...] Certo, o Pe. Luís, quando tinha em mãos as almas, queria fazê-las caminhar e o fazia também com uma certa fortaleza. Desde 1942, isto é, desde quando ele tornou-se regularmente meu confessor e diretor espiritual, Pe. Luís formou-me e eu procurava sempre ser muito sincera com ele. Esclarecida, depois de um bom período, a minha situação, sobre o fato vocacional, ele respondeu-me assim: “Normalmente não sou eu, não são os sacerdotes que devem dizer qual é a estrada, mas é a alma que deve chegar. Se você mo pede tão explicitamente, digo-lhe que a vocação existe”. Essa expressão para mim significou adquirir paz e tranqüilidade. Ele me disse: “Eu lhe ajudarei a ir onde o Senhor quer que vá”. [...] Nem sequer naquela ocasião “arrastou-me” para a sua Obra. Teve sempre um grande respeito e uma grande capacidade de escutar a vontade do Senhor»⁶³.

Os pobres nossos senhores e patrões

A paróquia é o lugar do anúncio do Evangelho, da liturgia e da caridade. Em São João a caridade não era uma opção, como os pobres não constituíam um incômodo embaraçoso. Com efeito, como resulta das atas das Conferências de São Vicente, muitas vezes o pároco recordava que «Deus deve ser honrado na caridade» e que «o amor a Deus é completo só se combinado com o amor do próximo». Com efeito, sempre segundo o Pe. Luís,

«deve-se ir visitar quem sofre, quem em todo caso precisa da nossa ajuda com espontaneidade e abnegação. Muitas vezes Deus apareceu sob as vestes do pobre para fazer-nos entender a sua predileção por aqueles infelizes e para sugerir-nos o modo de servi-los. Veja-se, portanto, Deus no pobre e recordando que disse: “Tinha fome e me destes de comer, tinha sede e me destes de beber,

⁶² ENRICA COLOMBO, em APL.

⁶³ Em APL.

estava nu e me vestistes...”. No final dos nossos dias terrenos, se gastados pelo pobre, se ricos de renúncias em favor de quem tem necessidade, sentiremos as doces palavras: “Entrai na alegria do Senhor” [...]. É, porém, difícil, o bem porque é preciso fazê-lo bem [...]. A visita ao assistido deve ser feita bem com calma, com cuidadoso interesse, sabendo escutar e sabendo aconselhar nas questões íntimas, morais, religiosas»⁶⁴.

Naturalmente as suas não eram só palavras, mas como recorda Zaira Spreafico:

«Visitava muito freqüentemente os doentes, tanto nos hospitais como nas casas. A vila de São João estende-se também na colina, isso comporta também subidas. Pe. Mário dizia que não podia suportar a fadiga da subida. [...] como também não ia ao hospital porque “o cheiro do álcool o fazia tossir” e, portanto, eram sempre o Pe. Luís que devia ir visitar os doentes. Não deixava nunca de fazer visita às famílias onde acontecera um luto ou onde havia alguma desgraça ou alguma dificuldade moral ou material»⁶⁵.

Também Dolores Alborghetti, a tal propósito, recorda que o Pe. Luís:

«entrava nas casas para levar a bênção de Deus no Natal ou a Comunhão aos doentes com uma paterna solicitude pelas necessidades sobretudo espirituais, não esquecendo muitas vezes, olhando furtivamente em redor, as necessidades familiares. Não encontrava nunca tempo para dedicar a visitas de amizade ou de conveniência, mas estava sempre pronto a acudir e a confortar se chamado na cabeceira de um doente»⁶⁶.

E ainda:

«Ia com assiduidade à cabeceira dos doentes. Tive ocasião de experimentá-lo na minha casa. Mamãe acusava uma certa doença que se tornou sempre mais grave. Tive sempre visitas por parte do pároco que levava também a Comunhão. Nisso era muito zelante. Recordo, por exemplo, que havia alguns doentes que queriam celebrar a primeira sexta-feira do mês; outros que tinham as suas particulares devoções e o Pe. Luís procurava satisfazer os desejos de todos»⁶⁷.

Não obstante todos os seus compromissos, o Pe. Luís preocupava-se em seguir pessoalmente os doentes, indo encontrá-los praticamente todos os dias. Com efeito, recorda José Bartesaghi:

«Meu pai estava doente de tumor. Cada manhã o Pe. Luís vinha visitá-lo. Recordo que vinha com o breviário, depois da missa. Visitava os doentes em

⁶⁴ Pe. LUÍS MONZA, das atas das Conferências de São Vicente, em APL.

⁶⁵ SPREAFICO, *Alcune note...*, cit., 5.

⁶⁶ ALBORGHETTI, «Passò tra noi...», em *A don Luigi Monza...*, cit.

⁶⁷ DOLORES ALBORGHETTI, em APL.

casa ou no hospital. [...] Recordo que meu pai, doente de tumor no estômago, tinha tantas dores que o Dr. Colombo deixou-nos três doses de morfina para usar se as dores se tivessem acentuado. Depois que o Pe. Luís deu-lhe a bênção, não se lamentou nunca mais. Quando o Pe. Luís ia embora, meu pai estava sempre muito contente; antes de tudo porque o pároco ia visitar os doentes. Com efeito, meu pai morreu sorrindo. Se podia ajudá-los, não tirava o corpo fora. Quando ia encontrá-los, dava-lhes sempre algum presente, ajudado também pela São Vicente»⁶⁸.

À custa de ser repetitivos, é oportuno transcrever alguns dos numerosos testemunhos que evidenciam a dedicação do Pe. Luís nas visitas aos doentes. Por exemplo, Gesuina Donghi, declarou:

«Fazia caridade com o próximo indo também visitar os doentes. Apenas sabia que havia alguém que não estava bem, ele ia imediatamente. Entre outras coisas, as ruas de S. João são fadigasas porque sucedem-se subidas e descidas, mas o Pe. Luís ia também até as casinhas de montanha, não obstante tivesse uma perna que lhe fazia mal»⁶⁹.

Enquanto Luigina Frigerio recorda:

«Às vezes encontrava-o na rua, silencioso. Dizia-me que ia visitar um doente e aconselhava-me que fizesse a mesma coisa. Lamentava-se quando os doentes estavam demasiado longe um do outro e não tinha tempo para ir visitar todos. Quando eu trabalhava, acontecia-me olhar da janela para ver se chegava. Talvez viam-no antes os meninos que começavam a gritar: “Chega S. Luís!”»⁷⁰.

Também a sobrinha do Pe. Luís, Gianna, declarou que o Pe. Luís estava sempre pronto para ir visitar os doentes.

«Recordo que uma vez, de noite tarde, chamaram do lugarejo de Cereda porque estava morrendo uma pessoa. Pe. Luís pensava que o acompanhassem; ao invés, tendo saído de casa, não encontrou ninguém. Então eu coloquei o capote e fui com ele que levava a Extrema Unção... Todos os dias havia um contínuo vai e vem de pobres e o Pe. Luís dizia: “Ninguém deve ir em visita com as mãos vazias. A todos deveis dar alguma coisa”. Uma vez “desapareceu” a carne da panela porque o Pe. Luís tinha-a dado a alguém. Ajudava muito os pobres; nenhum deles saía da nossa casa sem ter recebido alguma coisa. Pobre de quem os tratasse mal»⁷¹.

⁶⁸ GIUSEPPE BARTESAGHI, em APL.

⁶⁹ GESUINA DONGHI, em APL.

⁷⁰ LUIGINA FRIGERIO, em APL.

⁷¹ GIANNA MONZA, em APL.

Pe. Luís, portanto, não visitava só os doentes, mas interessava-se também por todas as famílias pobres. Ele preocupava-se em visitá-las e ajudá-las, mas o fazia sempre de modo discreto. Conta Lúcia Longhi:

«Pouco tempo atrás, encontrei uma senhora de São João, que me referiu que o Pe. Luís ia visitar a sua família, que era pobre, e levava-lhes peças de tecido e comida. Ninguém, porém, sabia, porque ele fazia tudo em segredo»⁷².

Para concluir, é oportuno relevar que não ia visitar somente aqueles que o faziam chamar, mas, como declarou Luís Panzeri, muitas vezes,

«se a necessidade era particularmente viva, ou então ele entendia que as pessoas atingidas nunca teriam ido encontrá-lo, o próprio Pe. Luís tinha a coragem de mover-se. Diante da minha casa havia o assim chamado “portão dos Moioli”; ali morava uma família composta pelo pai, a mãe e três filhos. Um dos filhos, com a bicicleta, teve um acidente grave e, naturalmente, ninguém esperava que o pai fosse comunicar ao pároco quanto acontecera-lhe, enquanto era um anticlerical convicto. Recordo que o próprio Pe. Luís foi à casa daquela família e informou-se sobre a saúde do filho. Daquela vez também a atitude do pai mudou. Do Pe. Luís nós o esperávamos. Tinha-nos habituado demasiado bem, de tal maneira que o considerávamos capaz de fazer qualquer coisa. Era um homem que se movia; era ele quem ia procurar as pessoas. Havia o Dr. Colombo⁷³ que o avisava quando havia alguém que estava verdadeiramente pouco bem. Ele procurava agir; se eram praticantes ia confessá-los. [...] Nós soubemos que ajudou famílias que ninguém esperava que o fizesse. Mia tia dizia: “Aquele homem escolhe as pessoas do maço de cartas! Foi levar dinheiro para... imagina se vale a pena ajudar aquela gente!”. Era gente que talvez não ia na igreja, ou então usava a sua ajuda de modo não apropriado»⁷⁴.

Colaboração e confronto

As relações entre o Pe. Luís e os outros sacerdotes são documentadas por numerosos testemunhos que evidenciam como o pároco gozasse da estima também dos seus coirmãos e não só dos seus paroquianos.

Recorda, por exemplo, o já citado pároco de Primaluna, Pe. Egidio Meroni:

«Durante anos toquei a campainha da casa paroquial de São João de Castagna. Permaneceu em mim a impressão de que o seu modo de acolher fosse sempre idêntico, ou seja, gentil, cordial, com os braços alargados para acolher com um sorriso aberto que dava confiança [...]. Ele tinha a capacidade de comunicar alegria e era isso mais que suficiente para desejar estar em sua companhia, merecer a sua benevolência e querer a sua direção espiritual. [...] Ao lado do Pe. Monza era fácil compreender que nele era latente uma grande

⁷² LUCIA LONGHI, em APL.

⁷³ Médico municipal.

⁷⁴ LUIGI PANZERI, em APL.

carga de amor, mesmo se não era possível prever o seu florescimento admirável no futuro. Mas esse amor ardente como manancial manifestava, como estrada de passagem, a que etapa ancorara-se para ter-se endereçado tão prepotentemente para a caridade profundamente evangélica? Parece-me não poder explicá-lo a não ser pensando no seu sacerdócio, no Santuário de Nossa Senhora de Saronno e na sua paróquia. [...] Uma manhã, nos primeiros anos dos nossos encontros, enquanto estávamos na sua cozinha depois da confissão, pela primeira vez tive a manifestação aberta dos seus pensamentos íntimos. Como de improviso [...] o Pe. Luís exclamou: “Quanto, quanto egoísmo existe no mundo! Ó, se ainda fôssemos como os cristãos primitivos! É preciso encontrar almas capazes de viver no amor dos primeiros tempos do cristianismo!”. Pego quase de surpresa, balbuciei uma resposta de consentimento, mas a convicção das suas palavras e a sua busca de amor não me fizeram nunca duvidar, e disso tive em seguida as provas, que o que lhe ardia no coração tinha raízes profundas e, se também podia ser falível na atuação prática, era no entanto sempre pureza de ânsia e bem [...].

Vivendo ainda o Pe. Luís, duas pessoas que na igreja estavam uma vizinha ao altar, o velho sacristão, e a outra, o organista cego, no coro no fundo do templo, foram por mim interrogados a respeito das funções e do pároco. Não recorro que tivessem nenhum motivo de lamentar-se: sentiam-se, aliás, plenamente solidários com a operosidade do pároco e estimulados pelo seu zelo... Amava o último lugar e bastava-lhe ser “padre”. Assim também, na sua casa, sentando entre os comensais gostava de estar vizinho aos últimos, “os coadjutores” que, mais que como pároco, sentiam-no como irmão maior»⁷⁵.

Um outro sacerdote, Pe. Amílcare Tentori, refere este episódio acontecido no verão de 1940:

«O bom pároco provera para que o coadjutor da paróquia e eu pudéssemos ter um pouco de repouso, transcorrendo algumas semanas na montanha. Fui cumprimentá-lo e agradecê-lo antes de partir. Estava na igreja, sobre o seu banco, e tinha consigo, como de costume, o seu breviário e o seu livro de meditação. Disse-lhe: “Senhor pároco, manda-nos para a campanha e o senhor fica sozinho. E para o senhor, a sua campanha?”. Olhou-me sorrindo e mostrando-me com a mão o tabernáculo, respondeu-me: “A minha campanha está lá!”»⁷⁶.

Falando do zelo pastoral do Pe. Luís e da participação dos fiéis de São João às funções, Mons. Carlos Dongo declarou:

«A igreja era sempre cheia. Também no tríduo para os homens, a igreja estava abarrotada. Também na confissão poderia dizer que era gente preparada... Tinha também um belo oratório florescente. Lembro-me que me

⁷⁵ Pe. EGIDIO MERONI, em APL

⁷⁶ Pe. AMILCARE TENTORI, em APL.

tinham dado o encargo de fazer os exames de catecismo nos oratórios de toda a zona. A paróquia melhor preparada era São João de Castagna»⁷⁷.

Também o Pe. Carlos Giussani apreciara a preparação espiritual dos paroquianos do Pe. Luís. Com efeito, afirmou:

«Tive uma ótima impressão. Sobretudo por quanto diz respeito à aproximação aos Sacramentos. Ou seja, era gente que sabia o que fazia [...]. Participava dos funerais e a impressão que deixava em mim era de grande recolhimento. Tinha entendido que a sua atividade dependia da contemplação: conseguia contemplar a verdade de Deus»⁷⁸.

É oportuno precisar que, não obstante todos estes testemunhos favoráveis, alguma crítica permaneceu como suspendida no ar, numa espécie de emulsão. Não foi difícil descobrir as origens. Podemos indicar duas delas.

A primeira era vizinha a ele. Trata-se de uma pessoa que, talvez sem culpa, parecia gozar do privilégio de criticar tudo do seu pároco. Pe. Luís sabia. Teria sido fácil para ele dar um aperto naquela pessoa. Ou mandá-la embora. Na Igreja não faltam modos elegantes para premiar com um novo encargo um indivíduo não apto para uma mansão. Preferir ser como Jesus. Calou e sofreu. Sofreu para não fazer sofrer. Colocou em prática na vida quanto ensinou nos seus escritos: dizer ao «perseguidor» que o considerava um irmão em Cristo.

A segunda fonte era junto a algum sacerdote das paróquias vizinhas. Quando se devia suar para as confissões ou as pregações nas festas das outras igreja, Pe. Luís estava sempre presente. Mas, depois, eclipsava-se no momento do almoço. Não se sentia à vontade. Não recusava a companhia, mas não tinha vontade de autenticar críticas ou talvez só boatos. Para ele o próximo é sacro. Em todo caso, deve ser respeitado. Mesmo se é um superior. Uma semelhante atitude não agradava, e, portanto, algumas vezes, retorcia-se contra ele. Ninguém é perfeito. Não era talvez verdade que era muito generoso em compensar o coadjutor e os outros sacerdotes que vinham para ajudá-lo?

Em todo caso, participava sempre das jornadas de retiro, organizadas pelos sacerdotes da Forania junto ao Colégio Volta de Lecco, como recorda Mons. Dongo, então reitor do Colégio. Com efeito, ele declarou:

«No Colégio, recordo que quando falava-se de padres, dizia-se dele: “Aquele é um verdadeiro pároco!”. Regressávamos depois das experiências feitas de pregação e de confissão e dizia-se: “Aquele é uma paróquia que caminha!”. Via-se que em São João, também externamente, as coisas funcionavam bem. Pe. Luís tinha talvez talentos, dons melhores. Posso dizer que era muito generoso com os padres que ajudavam na paróquia [...]. Recordo

⁷⁷ Mons. CARLO DONGO, em APL.

⁷⁸ Pe. CARLO GIUSSANI, em APL.

que muitas vezes também o reitor, Pe. Franco Longoni, era chamado pelo Pe. Luís para confessar. Assim também o Pe. Ferraroni»⁷⁹.

A primeira comunidade das Pequenas Apóstolas da caridade

Paralelamente ao seu trabalho de pároco, Pe. Luís, em todos estes anos, continuara a seguir o nascimento e o desenvolvimento de A Nossa Família. Para reconstruir as vicissitudes do Instituto e para entender como nasceram as Pequenas Apóstolas é, portanto, necessário fazer um passo atrás e voltar ao ano de 1936.

Precisamente poucos dias antes de transferir-se para São João de Castagna, Pe. Luís, numa pequena caderneta, anotou a primeira reunião do Instituto tida em Vedano Olona, aos 30 de outubro 1936. Ali se lê:

«Escopo dessa primeira reunião: colocam-se as bases do Instituto “Nossa Família», que é a glória de Deus, a salvação das almas. Inculca-se a humildade e a sua prática [...]. Desta reunião as presentes tornar-se-ão irmãs e assim chamar-se-ão».

Também em seguida, Clara, Teresa e algumas outras, continuaram a reunir-se, e foi durante uma dessas reuniões, aos 06 de março de 1937, que o Pe. Luís nomeou Clara Cucchi superiora e, já que estava em Bogliasco por razões de saúde, mandou-lhe um telegrama para informá-la⁸⁰. Pe. Luís, não obstante os seus compromissos paroquiais em São João, continuou a encontrar as poucas aderentes à Obra que, em maio de 1938, reduziu-se de número, já que ficaram somente Clara e Teresa. Pouco depois uma jovem paroquiana do Pe. Luís, Tranquila Airoidi⁸¹, agregou-se ao pequeno grupo.

Pe. Luís intuiu que o tempo «cumprira-se». Já não era mais o caso de interpor outras hesitações, de adiar para tempos melhores uma iniciativa que parecia madura. Outros teriam, talvez, pedido a Deus sinais mais robustos e às adeptas uma adesão mais madura. Pe. Luís entrara já na ótica daquele trecho do evangelho de São João no qual Jesus apresenta a sua missão como um «dar a vida», como o «grão de trigo» que deve morrer para produzir muito fruto. Homem de origem camponesa, observara como o processo de crescimento da espiga passasse através de um lento apodrecer do grão de trigo, que morre mas não para sempre, só por um pouco de tempo. Porque no final a vida teria dito a sua palavra definitiva e teria celebrado o seu triunfo. Atento observador da natureza, sabia individuar o primeiro abrir-se das plantinhas de trigo.

⁷⁹ Mons. CARLO DONGO, wm APL. Mons. Teresio Farraroni, nascido em Caggiano (Milão), aos 08 de dezembro de 1913, foi ordenado sacerdote pelo Cardeal Schuster aos 06 de junho de 1936. Por 18 anos foi assistente das várias associações católica em Lecco, depois prepósito em Sesto San Giovanni. No dia 17 de dezembro de 1966, foi eleito bispo auxiliar antes de Milão e depois de Como; assumiu a direção desta diocese de novembro de 1974 a 1989.

⁸⁰ De um escrito de Carlo Dongo (em APL) resulta que tal reunião aconteceu em março de 1938 e não em 1937 como afirmado pela senhora Pitteri no seu escrito *Appunti sulla fondazione...*, cit., 3, e em BEDONT, *op. cit.*, 111.

⁸¹ Tranquilla Airoidi, nascida em Lecco, aos 19 de setembro de 1913, entrou na comunidade no dia 13 de junho de 1938 e emitiu os primeiros votos e os votos perpétuos aos 10 de maio de 1950, em Vedano Olona. Morreu no dia 04 de março de 1985, em Vedano Olona.

Eis a razão da sua segurança. Ele, depois de muita espera, entendera que não era mais possível tergiversar. Os homens de Deus são reconhecidos precisamente nestes fragmentos, enquanto têm a capacidade de perceber a vontade de Deus onde outros vêem somente dúvidas, incerteza e escuridão.

Humanamente, só três pessoas não eram uma esperança suficiente para iniciar uma obra tão vasta que teriam devido respeitar quanto fizeram os primeiros cristãos e levar a caridade num mundo que estava precipitando para o abismo da guerra. Vem à mente o episódio de Davi que, antes da batalha com o gigante invencível, inclina-se para recolher algumas pedras. As razões da prudência estão do lado do filisteu, mas aquelas de Deus na mente daquele que o Senhor escolheu pela mão de Samuel.

E assim, aos 13 de junho de 1938, Clara Cucchi, Teresa Pitteri e Tranquïla Airoldi, acompanhadas pelo Pe. Luís, partiram para Teglio na Valtellina. Devia ser um período de harmonização, de recíproco conhecimento e o início de uma vida em comum.

Diz-se que a vida em comum seja a «máxima penitência». Isso vem repetido pelos descontentes e pelos indolentes. Pode ser considerada verdadeira, mas em sentido diverso daquele entendido pelo inimigos da vida comunitária. É o sentido dos santos. Para eles a vida em comum é a máxima ocasião de «fazer» penitência, isto é, de conversão. A conversão é uma mudança radical de mentalidade, é uma inversão completa da rota empreendida, é como conseguir a fazer decolar um aéreo demasiado carregado de uma pista demasiado curta.

Se o sinal da Obra do Pe. Luís era a caridade, ela devia ir contracorrente, e formar na vida concreta categorias novas com relação àquelas do mundo: o dom, o gosto do sacrifício, a alegria do perdão, a atenção pelo outro, a estima por cada um, a fé no apodrecimento. Todas coisas que a vida em comum exige. Quem não está disposto a sair da própria casca, é melhor que se retire em tempo.

A permanência em Teglio durou três meses, de 13 de junho a 23 de setembro. Pe. Luís dera indicações sobre a vida, a oração, o espírito de sacrifício, a obediência, a caridade fraterna.

Os contatos entre o Pe. Luís e a primeira comunidade foram freqüentes; com efeito, ele ia muitas vezes encontrá-las e manteve-se sempre em comunicação através de uma densa permuta epistolar, pregando também os exercícios espirituais⁸².

Aos 23 de setembro de 1938, a comunidade deixou Teglio e, depois de ter passado alguns dias nas próprias famílias, as irmãs abriram a casa de Vedano Olona, aos 30 de setembro de 1938⁸³.

Quando a pequena comunidade entrou na nova casa, os cômodos estavam ainda vazios e precários: muitos quartos foram mobiliados com os móveis que o engenheiro Cucchi doara à obra. Como resulta dos *Diari della Comunità* (Diários da Comunidade)⁸⁴, no dia 1º de outubro, foi inaugurada a nova casa, e, no dia 14 de

⁸² PITTEI, *op. cit.*, 6.

⁸³ Em BEDONT, *op. cit.*, 113.

⁸⁴ Com tal termo indicam-se os Diários redigidos cotidianamente pela Superiora e nos quais eram anotadas todas as atividades e os fatos mais salientes da jornada. Dos primeiros anos possui-se cópia datilografada e não o original. Os Diários são conservados em APL.

novembro, foi confiado à Teresa Pitteri o jardim de infância de São Salvador (periferia de Vedano).

A este ponto é importante precisar que, já que a primeira comunidade reunira-se em redor da figura do Pe. Luís sem aderir a uma regra escrita ou a um vínculo formal, nasceu logo a exigência de pôr regras, esforçando-se para que o Instituto fosse reconhecido pelas autoridades eclesiais. Pe. Luís, portanto, empenhou-se na redação das Regras para pôr os fundamentos espirituais de A Nossa Família, como se evence dos numerosos escritos recolhidos em pequenos cadernos e folhas dispersas. Já que tal material não é datado, e é redigido às vezes como apontamentos, foi complexo reconstruir o caminho, que parte da intuição originária e chega até à redação das Breves Constituições consignadas em Roma ao Pe. Larraona e do qual se tratará em seguida. O rascunho das primeiras constituições, mesmo não sendo datado, de acordo com a tese de Valentino Macca⁸⁵, deve ser considerado a primeira tentativa de explicação da espiritualidade do Pe. Luís. Neste primeiro texto, que inicia «A nova Instituição intitulada “Como os apóstolos”»⁸⁶, aparece evidente o esforço do Pe. Luís em dar vida a um projeto que custava a assumir uma forma bem definida. À Instituição intitulada *Como os apóstolos*, teriam podido aderir pessoas de ambos os sexos, seculares ou sacerdotes. Sendo o fim da Instituição a volta da sociedade à caridade dos primeiros cristãos, os membros deviam possuir o espírito dos Apóstolos e imitá-los no comportamento, tendo em conta as necessidades do próprio tempo.

Aos 03 de dezembro de 1938, o Cardeal Schuster mostrou o seu apreço pela Obra, dando plena liberdade ao apostolado, e, no dia 03 de maio de 1939, visitou a pequena comunidade⁸⁷. Na casa de Vedano, começaram a organizar-se retiros e cursos de exercícios espirituais, tanto que, não obstante que o primeiro retiro de dezembro de 1938 tivesse sido anulado por falta de adesões⁸⁸, nos anos sucessivos, muitos cursos sucederam-se na primeira casa da Obra, que foi dotada de uma capela e de todo o necessário para tal atividade. A casa de Vedano, além disso, tornou-se lugar de acolhida de diversas pessoas que, por várias razões, precisavam de um lugar tranqüilo onde passar um tempo: o Dr. Franz Schmall, que estava traduzindo um livro⁸⁹, Mons. Alfredo Cavagna, então assistente geral da juventude feminina da Ação Católica, em convalescência depois de uma gravíssima doença do coração⁹⁰. Monsenhor Cavagna permaneceu assíduo freqüentador da casa de Vedano, levando consigo, nas suas visitas, amigos e colaboradores⁹¹.

⁸⁵ V. MACCA ocd., «Il codice fondamentale delle Piccole Apostole della Carità. Da Don Luigi Monza a don Luigi Monza», em *Il cristiano di ieri, il cristiano di oggi, il Cristo di sempre*, Ancora, Milano 1980, 185-221.

⁸⁶ Em APL.

⁸⁷ Dos *Diari della Comunità*, em APL.

⁸⁸ *Ibid.*

⁸⁹ A tradução do italiano para o alemão de *L'uomo che conosce il soffrire* do Pe. Bevilacqua.

⁹⁰ BEDONT, *op. cit.*, 115.

⁹¹ Ali residiu por todo o período da guerra. Na casa aconteciam também os conselhos da presidência geral da Ação Católica, cuja presidente era Armida Barelli.

CAPÍTULO V

A GUERRA (1940-1945)

O país em guerra

Em 1º de setembro de 1939, com a invasão da Polônia por parte da Alemanha, teve início a segunda guerra mundial. Mussolini, que em maio firmara com Hitler o «pacto de aço», com o qual empenhava-se a intervir em favor do aliado, teve que proclamar a não beligerância da Itália, dada a grave falta de preparação das forças armadas italianas. Como revelara o histórico Luís Salvatorelli, não é fácil ter uma idéia adequada do sentido de alívio e de satisfação, profundo e geral, que o comunicado da não beligerância produziu na quase totalidade dos italianos. E isso não só por desejo de paz ou por antipatia pela prepotência da Alemanha. Em todos havia já, através das narrações daqueles que voltavam da Albânia (ocupada em 1939), a consciência que a Itália era desarmada e imbele, não obstante as numerosas declarações altissonantes da propaganda oficial.

Malgrado a situação militar não fosse melhorada durante o inverno de 1940, Mussolini decidiu intervir no conflito, em previsão da iminente rendição da França e das concessões territoriais que disso seriam derivadas. E quando o general Badoglio propôs à atenção de Mussolini a total não preparação do exército italiano, ele respondeu: «Será uma guerra de breve duração e de seguro êxito. Eu preciso de alguns milhares de mortos para sentar-me à mesa da paz»¹. Aos 10 de junho de 1940, Mussolini, do Balcão de Palácio Veneza, em Roma, anunciou a entrada na guerra da Itália «contra as democracias plutocráticas e reacionárias do Ocidente». Como escreveu nos seus «Diários» Galeazzo Ciano, genro de Mussolini e Ministro das Relações Exteriores, «a notícia da guerra não surpreende ninguém e não provoca excessivos entusiasmos. Que a aventura comece. Que Deus assista a Itália»².

Como todos sabem, Pio XII fizera o possível para evitar deflagração da guerra. Na dramática radiomensagem de 12 de agosto de 1939, o papa pronunciou o seu aflito apelo: «Nada é perdido com a paz, tudo pode sê-lo com a guerra». Mas tudo foi inútil. Hitler invadiu a Polônia, arrastando o mundo para a guerra. Em seguida, para evitar que a Itália participasse do conflito, Pio XII interveio de novo, e, seguindo o seu exemplo, o clero italiano assumiu uma atitude bem diversa daquela tida em 1935. Com efeito, por ocasião da guerra de Etiópia, enquanto a Santa Sé mantivera uma atitude neutral, deplorando o ato bélico, muitos bispos italianos apoiaram os temas da propaganda oficial com tons algumas vezes entusiastas. Mas, em 1940, não houve nada de comparável ao 1935. As manifestações de patriotismo deixaram o lugar a dúvidas e temores. A propaganda bélica teve bem pouca influência sobre o clero, que, ao contrário, manteve sempre uma atitude pacifista, chegando às vezes à dissensão

¹ L. SALVATORELLI – G. MIRA, *Storia dell'Italia nel periodo fascista*, Einaudi, Torino 1964.

² G. CIANO, *Diario 1939-43*, Rizzoli, Milano 1969.

aberta³. Por causa de suas tomadas de posição, muitos sacerdotes foram atingidos por medidas policiais.

A respeito das potências beligerantes, a Santa Sé observou uma estrita neutralidade, cumprindo todos os esforços possíveis para mitigar as violências da guerra, e o Pontífice não deixou nunca de exprimir a própria completa aversão e condenação a respeito do conflito.

A vida da paróquia

A deflagração da segunda guerra mundial, como era imaginável, traumatizou a vida de São João de Castagna. Desde o início começaram a sentir-se na paróquia do Pe. Luís as repercussões do conflito, que teria tragicamente transtornado o destino do país e do mundo inteiro. Com efeito, já antes da entrada em guerra da Itália, foram alojados cerca de 800 soldados nos oratórios da zona⁴. E lê-se em *Il Resegone* de 22 de março de 1940:

«Desde alguns domingos vem oferecido aos paroquianos de São João um espetáculo belo e edificante. Trata-se da participação totalitária da S. Missa do Soldado, da tropa pertencente ao destacamento do 3º Subsistência, aquartelado a poucos metros da casa paroquial, na ex-fábrica S. Gregório. O comportamento decoroso e disciplinado destas jovens recrutas, em total cerca de trezentos (que se alternam também no serviço do altar), ajuda a demonstrar como seja perfeita a harmonia e a ordem que reinam entre superiores e inferiores»⁵.

Pe. Luís empenhou-se muito pelos jovens recrutas, e, aos 30 de março, anotou no *Liber Chronicus* da paróquia: «Os soldados aqui estanciados cumprem, em número de 650, o Preceito Pascal, com a prévia pregação do capelão militar Pe. Camilo Sarti»⁶.

Sempre do *Il Resegone*, temos depois notícia de como transcorreram a Páscoa aqueles soldados estanciados em S. João. Com efeito, lê-se:

«Preparados com um breve curso de pregação pelo Capitão Capelão Pe. Camilo Sarti, acolhidos benignamente para a Confissão por uns vinte sacerdotes, para cuja comodidade algumas famílias puseram à disposição seus automóveis, no dia 20 deste mês, um grupo de 650 soldados do destacamento aquartelado aqui... aproximou-se, com edificante comportamento à mesa eucarística. Depois de receber do pároco uma lembrança especial, muitos, após a cerimônia, não sabiam como exprimir seu agradecimento aos sacerdotes desta paróquia pelos tantos cuidados que lhes prodigalizam e especialmente por terem permitido que o Oratório masculino se tornasse seu lugar de encontro, onde,

³ A. CANAVERO, *I cattolici nella società italiana dalla metà dell'800 al Concilio Vaticano II*, Brescia 1991.

⁴ Em P. BEDONT, *Don Luigi Monza. Note biografiche*, Ponte Lambro 1976, 82.

⁵ *Ibid.*, 82.

⁶ *Liber Chronicus* da paróquia de São João de Castagna, 30 de março de 1940.

além de alegres entretenimentos, podem encontrar o necessário para enviar notícias e saudações aos parentes longínquos»⁷.

Logo depois da deflagração da guerra, em todo caso, a paróquia de S. João encontrou-se a viver duas alegres celebrações. Com efeito, aos 26 de maio de 1940, celebrou-se o 25º aniversário de sacerdócio do Mons. Eduardo Gilardi, que fora o mais jovem capelão militar da primeira guerra mundial. Sendo ele nativo de S. João, fizeram-se numerosos festejos na paróquia do Pe. Luís. *Il Resegone*, de 31 de maio, escrevia:

«A paróquia em que nasceu Mons. Eduardo Gilardi não podia nem devia estar ausente na manifestação de Júbilo. Domingo passado, acompanhado da casa dos parentes à casa paroquial com religioso cortejo, o ilustre monsenhor quis presidir de manhã todas as funções da jornada. [...] Na leitura do Evangelho, o co-paroquiano e companheiro de seminário, Pe. Ambrósio Aldè, comentou magistralmente, no meio da mais viva comoção dos presente, o “curriculum vitae” do sacerdote heróico que, numa hora não menos trépida da atual, sustentou impávido o impacto envolvente e arrojador das mais intrépidas batalhas»⁸.

Sempre no mesmo ano, aos 29 de dezembro, festejou-se a promoção do concidadão Mons. Ambrósio Aldè, a cônego mitrado da Metropolitana de Milão. *Il Resegone*, a propósito, referiu:

«O tributo de homenagem que os paroquianos de S. João tributaram domingo ao novo monsenhor não podia desenvolver-se numa atmosfera de mais sincero e cordial entusiasmo. [...] Foi o afeto de milhares de corações que ele, de manhã, viu em redor do Santo altar; foi o acompanhamento devoto da casa paterna à Igreja para o solene pontifical; [...] foi o ter ouvido a voz comovida do amigo de infância Mons. Gerardi, que lhe evocaram novamente as lembranças mais belas [...] foram as notas joviais dos meninos e a voz harmoniosa dos jovens que depois, no salão do oratório, quiseram exprimir o seu reconhecimento. [...] Estas são as notas mais afetuosas que tocaram o coração do monsenhor, que encerrou a inesquecível jornada com um comovido agradecimento pelos testemunhos de afeto que lhe foram tributados, agradecimento que ele quis dirigir primeiramente ao Rev. Pároco, o qual, entre as tantas virtudes, demonstrou possuir a mais importante, aquela de obter, de ânimos e caráteres mais variados, um coro harmonioso de vozes e de corações palpitantes ao unísono para toda boa obra»⁹.

É certamente supérfluo nesta sede deter-nos sobre as dificuldades, as privações e os sofrimentos que a paróquia de S. João de Castagna, como toda a nação, e toda a Europa, teve que sofrer. Foram mais de 350 os paroquianos do Pe. Luís que foram

⁷ Em BEDONT, *op. cit.*, 82.

⁸ *Liber Chronicus* da paróquia de S. João de Castagna, 26 de maio de 1940.

⁹ *Liber Chronicus* da paróquia de S. João de Castagna, 29 de dezembro de 1940.

obrigados a partir para a guerra. E precisamente ao pároco tocou o dever de consolar e assistir, espiritual e materialmente, aqueles que permaneciam no vilarejo. Além disso, havendo na zona de Lecco numerosas indústrias bélicas, de junho de 1940 a dezembro de 1943, houve bem 104 incursões aéreas, todas cuidadosamente anotadas pelo Pe. Luís¹⁰.

Durante a guerra, em todo caso, o Pe. Monza não diminuiu o seu empenho apostólico. Aliás, precisamente para partilhar as ânsias dos seus paroquianos e para encorajá-los a esperar, decidiu organizar uma missão popular, visto que eram já passados treze anos da última missão. Com a chegada, portanto, dos padres Ângelo Ballabo, Araldo Brambilla e Carlos Rebuzzini, missionários de Rho, no dia 02 de maio de 1942, teve início a Santa Missão. De 03 a 10 de maio, a pregação foi somente para as mulheres e para as jovens da paróquia, enquanto que de 11 a 17 para os rapazes e os homens, «que vieram numerosos, não obstante fossem tantos ausentes pela chamada às armas e a emigração»¹¹.

No dia 17 de maio, com uma procissão solene e a Bênção eucarística na praça da paróquia, houve o encerramento da missão. Pe. Luís, no *Liber Chronicus*, comentou:

«Se em todas as Santas Missões [...] o despertar religioso foi grande, aquelas de 1942 (ano muito preocupante pela sorte de mais de 350 jovens e homens, ausentes no meio das peripécias de uma guerra que parece de caráter permanente e universal), nestas, repito, a correspondência ao convite divino foi verdadeiramente confortador. [...] Acolhido à unanimidade o vibrante apelo do Pároco, a igreja esteve sempre cheia, tanto para escutar a clara e penetrante palavra dos padres, quanto para saturar-se do pão dos fortes. [...] Portanto, estas jornadas da Missão de 1942, que foram “luz entre as trevas”, abriram horizontes de serenas esperanças para o futuro desta paróquia e permanecerão memoráveis no tempo»¹².

Outro grande evento para a paróquia de São João foi a visita pastoral do Cardeal Schuster, nos dias 01-02 de junho de 1942¹³. A crônica daqueles dois dias foi fielmente redigida pelo Pe. Luís no *Liber Chronicus* da paróquia. O evento que caracterizou a visita foi a consagração do altar mor, restaurado para a ocasião. A cerimônia teve início às três e meia do dia 02 de junho, depois de que por toda a noite os inscritos às associações participaram de uma vigília de oração. Nessa ocasião, o Cardeal, que teve a ocasião de ver a intensa vida espiritual de São João de Castanha, definiu os paroquianos do Pe. Luís «povo profundamente religioso».

¹⁰ Veja-se *Liber Chronicus* de S. João de Castagna

¹¹ *Liber Chronicus* de S. João de Castagna, 10 de maio de 1942.

¹² *Liber Chronicus* de S. João de Castagna, 17 de maio de 1942.

¹³ No que respeito às visitas pastorais do cardeal, veja-se mais adiante o parágrafo *O Cardeal Schuster e o Pe. Luís*.

A coragem de um sacerdote

É importante, a este ponto, através do estudo das declarações das várias testemunhas, procurar entender qual foi o comportamento do Pe. Luís durante a guerra. De muitos testemunhos emerge, sem dúvidas, a imagem de um sacerdote sempre pronto a intervir em defesa dos seus paroquianos em perigo. Com efeito, Pe. Francisco Rocchi fez notar que

«no momento do fascismo, assumiu o empenho de ir falar para salvar alguém. Recordo, por exemplo, o fato de meu tio que, tendo bebido alguns copos de vinho a mais, dirigindo-se a uma pessoa que levava o distintivo fascista, disse-lhe: “Olha aí, que o besouro voará”. Essa pessoa ofendeu-se e interpretou estas palavras como uma provocação; meu tio arriscava ser preso. Nós o dissemos ao pároco e ele logo procurou fazer alguma coisa. Estávamos em 1941-42»¹⁴.

Também José Batesaghi conta.

Recordo que o pai de meu primo fora pegar a farinha; tendo chegado a Lecco, bateram nele e colocaram-no na prisão. Minha prima correu a encontrar o Pe. Luís que logo começou a procurar fazer alguma coisa e conseguiu fazê-lo sair da prisão. Ajudou tantos guerrilheiros secretamente»¹⁵.

E sempre Bartesaghi:

«Recordo que uma vez, no tempo da guerra, estávamos na Igreja; a um certo momento tocou o alarme e ficamos no escuro. Pe. Luís disse: “Vamos adiante do mesmo jeito. Deixemos que continuem...”. Nunca faltou aos seus compromissos. Precisamente no tempo de guerra, tinham levado embora alguns jovens e ele interessou-se por eles. Correu um grande risco escondendo, por exemplo, em casa Rusconi, alguns ingleses. Através destes ingleses, que tinham um rádio, consegui evitar que os Americanos bombardeassem a estação de Lecco. Era um risco, mas era também sustentado pela esperança»¹⁶.

Pe. Luís, portanto, colocando em perigo a própria vida, preocupou-se em ajudar não só os seus paroquianos, mas todos aqueles que tinham necessidade: guerrilheiros, militares ingleses, despejados. Com efeito, recorda Maria Valsecchi:

«No tempo da guerra acolheu em casa um rapaz, um guerrilheiro. Escondeu-o no sobrado porque era perigoso. Ficou ali mais de um mês. [...] Houve muitos bombardeios em Pescarenico. Uma família estava despejada em Lecco. Um dia o Pe. Luís disse-me: “Maria, eu tenho um remorso de consciência, porque temos tantos cômodos à disposição e tem tanta gente pobre

¹⁴ Don FRANCESCO ROCCHI, em APL.

¹⁵ GIUSEPPE BARTESAGHI, em APL.

¹⁶ GIUSEPPE BARTESAGHI, em APL.

que não tem nem sequer um teto”. Então convidou à sua casa uma família de Pescarenico e nós tivemos que ir para o andar superior, para dar alojamento para aquela família»¹⁷.

Um outro paroquiano, Ambrósio Bonaiti, conseguiu salvar-se graças à ajuda do Pe. Luís. Com efeito, declarou:

«Fui chamado às armas do final de 1943 ao final de 1944. Dado que peguei uma espécie de infeção, fui internado em Baggio por um mês. Deveria voltar para o quartel, mas como previa-se o final da guerra, eu não queria fazê-lo. Minha mãe falou então com o Pe. Luís, e ele me teve escondido num quarto ao lado do seu por dois meses. No rés de chão havia hospedado também a família Monti que não tinha mais casa».

E, a demonstrar que o Pe. Luís fazia tudo isso por caridade cristã e não por uma qualquer fé política, precisou:

«Quando eu estava escondido na sua casa, oferecera também hospitalidade também a um hierarca fascista. Durante os dias da libertação, ao invés, vi eu mesmo os guerrilheiros dirigirem-se benevolmente ao Pe. Luís»¹⁸.

Naturalmente, o Pe. Luís não se «limitou» a levar uma ajuda material a quem tinha necessidade, mas procurou de todo modo estar vizinho aos seus paroquianos e confortá-los espiritualmente. Segundo Luís Panzeri

«Pe. Luís foi maravilhoso com as famílias que tinham soldados em perigo. Eu tinha um primo, do qual gostava muito, que ficou disperso na Rússia. Recordo que minha tia, quando meu primo não escrevia, dizia: “É necessário que eu vá falar com o pároco!”. E voltava tranqüilizada [...]»¹⁹.

Também Dolores Alborghetti confirma:

«Recordo a sua presença constante em todas as famílias quando havia alguma notícia de deportados ou presos. Depois de 1943, havia também rapazes que fugiram para a montanha. Pe. Luís interessava-se pelas suas famílias. Eu o constatei no caso da minha família; pedia notícias, interessava-se»²⁰.

Um outro paroquiano, Vicente Villa, ficou impressionado sobretudo pela força moral do seu pároco, que conseguia anular os afãs e as preocupações, e não temia que lhe viessem tirados «estes quatro dias desengonçados». Foi graças a tal força de ânimo, conta Villa que

¹⁷ MARIA BAMBINA VALSECCHI, em APL.

¹⁸ AMBROSIO BONAITI, em APL. Veja-se também LUIGINA FRIGERIO, ADELE VITALE, em APL.

¹⁹ LUIGI PANZERI, em APL.

²⁰ DOLORES ALBORGHETTI, in APL. Veja-se também ANGELA SCAIOLI, em APL.

«impávido, desafiando o piquete armado, entra no dia 25 de outubro de 1944, no frio quarto do hospital onde jaz ferido mortalmente um seu parouquiano. Reanima-se o moribundo e, com um fio de voz e com os lábios exangues, pronuncia suaves palavras de perdão pelos seus assassinos. O digno ministro de Deus, com todo o amor do seu coração paterno, sugerira: “Senhor perdoa os irmãos”; de fora a guarda armada convidava a ir rápido, tamborilando nervosamente com os dedos sobre a porta»²¹.

E a mesma firmeza se faz evidente também da narração da senhora Virgínia Vogel:

«Estávamos nos últimos dias de guerra e, um domingo de manhã, 1945, enquanto o Pe. Luís pregava do púlpito, sentiram-se os lúgubres zumbidos de aeroplanos inimigos que iam sempre mais avizinhandose e desengancharam bombas sobre Lecco e algumas sobre São João, na direção de Varigione. Pode-se imaginar o espanto que logo difundiu-se na igreja, abarrotada de gente. Todos levantamo-nos para escapar, mas o nosso Pe. Luís soube frear todos com palavras de fé, como o seu temperamento forte, calmo, sereno: parecia que todos fôssemos vinculados a ele e tranqüilizou-nos, assegurando-nos que nada de mal teria acontecido, porque estávamos na casa do Senhor. Continuou a sua pregação, enquanto todos sentaram-se de novo e ninguém mais moveu-se»²².

Contra a guerra, a caridade!

O advento da segunda guerra mundial traumatizou, naturalmente, a atividade e a vida cotidiana de A Nossa Família, precisamente quando a casa de Vedano Olona estava assumindo uma sua funcional autonomia e organização.

Aos 11 de junho de 1940, começaram os primeiros bombardeamentos sobre Milão. Salvatore Quasimodo, três anos mais tarde, precisamente sobre as ruínas de um bombardeamento, entoou estes versos, que soam como o desesperado lamento do poeta que não canta mais a angústia individual, mas a dor de um povo.

Em vão procuras no meio da poeira,
pobre mão, a cidade morreu.
Morreu: ouviu-se o último estrondo
sobre o coração do Navio. E o rouxinol
caiu da antena, alta sobre o convento,
onde cantava antes do ocaso.
Não escaveis poços nos quintais:
os vivos não têm mais sede.
Não toqueis os mortos, tão vermelhos, tão inchados:
deixai-os na terra de suas casas:

²¹ V. VILLA, «Sovrabbondo di gaudio in ogni tribolazione», em *A don Luigi Monza, Cislago 22-VI-1898 San Giovanni 29-IX-1954* [Número único 1954], Lecco 1954, 48.

²² BEDONT, *op. cit.*, 94.

a cidade é morta, é morta²³.

A casa de Vedano abriu assim as suas portas aos despejados, entre os quais havia alguns hebreus que, amedrontados e sem casa, procuravam um lugar seguro. Mais uma vez, a colina «del Lazzaretto» tornou-se refúgio acolhedor para os desesperados, assim como quando naquele mesmo lugar, em 1572, São Carlos Borromeu fizera erigir uma Capela para o abrigo dos contaminados²⁴.

A pequena obra sentiu a exigência de sacrificar o projeto inicial para responder aos sinais dos tempos. E isso em nome da Caridade, que, como escreveu São Paulo, «a caridade de Cristo nos compele»²⁵. A Nossa Família tornou-se assim a família de tantas pessoas e a casa de todos: que nome teria podido ser mais apropriado! Pe. Luís com tal denominação queria indicar que «*Os seus membros devem amar-se como irmãos e irmãs*» (e assim chamar-se-ão), e ainda

«A associação toma o nome de Nossa Família para demonstrar que, como filhos do mesmo Pai, todos os homens formam uma só família, que todos os membros da Associação, como pai e mãe, irmãos e irmãs, para todos os que aproximar-se-ão deles, como também todas as casas da Associação deverão ser família para todos aqueles que deverão morar nelas. Quando um hóspede virá à casa, será tratado como um membro dela e ele deverá sentir-se como em família»²⁶.

As irmãs ainda pouco acostumadas e formadas para a vida comunitária, encontraram-se a partilhar sua casa e a empenharem-se a viver o grande ideal da caridade com pessoas de diversas classes sociais. As fadigas foram muitas e pesadas, também por causa da sua não preparação. Elas mesma autodefiniram-se: «inexpertas da vida comunitária, éramos como plantinhas que devem ser formadas em todos os sentidos tanto mais que não éramos instruídas e vínhamos de famílias pobres»²⁷.

O número dos hóspedes cresceu sempre mais até que a casa tornou-se «transbordante» aos 15 de fevereiro de 1943. O escritório e o guarda-roupa foram destinados a quartos, a sala, o refeitório e os vãos das escadas foram ocupados por macas e leitos. A situação tornou-se objetivamente sempre mais difícil. As jovens tiveram que se adaptar e se sacrificar em tudo, pelo bem-estar dos pensionados. A espiritualidade do Pe. Luís, que previa uma comunidade a exemplo da primeira comunidade cristã que respondesse às necessidades do tempo, concretizou-se precisamente naqueles anos.

As irmãs levavam uma vida simples e, como todos naquele período, viviam dia-a-dia confiando na Providência. De manhã não faltavam nunca à santa missa das 6 na paróquia, e este era um testemunho tenaz e significativo para toda a cidade de Vedano Olona, que olhava para estas jovens mulheres com admiração e curiosidade. Era muito

²³ S. QUASIMODO, *Milano agosto 1943*.

²⁴ Recordações do Pe. TREZZI, em APL.

²⁵ «Caritas Christi urget nos», 2Cor 5,1.

²⁶ *Una proposta di vita*, Ponte Lambro 1976, 76.

²⁷ Recordações de ANGELA MORGANTI, em APL.

inusual que mulheres se encontrassem a viver juntas segundo os conselhos evangélicos sem ser religiosas. A imaginação popular cunhou para elas a definição de «titias do Lazzaretto». Os habitantes da zona eram muito cordiais com a comunidade e exprimiam essa simpatia através de pequenos dons em natureza, como expressões de amizade, e visitas de cortesia.

O primeiro amigo

O maior amigo da comunidade era o Pe. Ambrósio Trezzi. Nasceu em Paina de Giussano (Milão), aos 23 de abril de 1881, depois da ordenação sacerdotal foi coadjutor em Venegono Inferiore (Varese) por 22 anos e pároco de Vedano Olona por 40 anos. Na idade de 88 anos deu as demissões do seu encargo e permaneceu em Vedano até que a morte não o levou na idade de 91 anos. Nos últimos anos foi, em todo caso, uma presença significativa e procurada pelos ex-paroquianos e manteve o encargo de capelão no asilo «Poretti Magnani».

A sua personalidade foi traçada nos pontos essenciais pelo Pe. Giannino Martignoni num artigo, *Pe. Ambrósio, um amigo*, pegado do fascículo comemorativo sobre o Pe. Trezzi, do qual foi tirada uma parte:

«A primeira impressão, que se renova em mim pensando nele, é aquela de um homem rico de uma borrifante e inexaurível vitalidade. Tinha o ânimo e o coração dirigido para a vida, dirigido para o futuro, para a esperança. Seu entusiasmo era contagioso, criando em redor de si um clima de euforia. Toda forma de ensimesmar-se, todo complexo de ânsia ou de pessimismo era banido do seu espírito e o afugentava também em quem dele se aproximava. A sua atitude diante da vida era positiva e otimista, sem tornar-se por isso utopista: a isso pensava o seu sentido prático e o seu impulso para a ação para fazer descer todo ideal na realidade concreta, evitando toda forma de idealismo gratuito.

Tal vitalidade abria-o com toda facilidade ao contato imediato não só com a realidade, mas sobretudo com as pessoas; e do encontro passava ao diálogo aberto e construtivo. Não fazia estar mal ninguém, não incutia sujeição. A sua confiança, concedida a todos sem prevenções, aos jovens, aos humildes, aos desconhecidos, a sua estima sincera e magnânima, era uma porta aberta ao colóquio e à amizade. Disso era fácil passar à colaboração: fazia entender com toda a sua atitude que a aceitava, gostava dela e a apreciava. Por isso cada um era alegre em dar-lhe uma mão para qualquer necessidade. “Não se pode dizer não àquele homem”, sentiu-se freqüentemente afirmar dele».

Como pároco de Vedano, além de oferecer à comunidade apenas surgida um serviço próprio do seu ministério, como a celebração da santa missa e algumas meditações, esforçava-se incansavelmente em propagar e informar sobre a atividade da casa, em procurar alimentos e mobília e em satisfazer todo tipo de necessidade. Acrescente-se um cuidado todo particular pelas irmãs, que manifestava com o seu interesse pessoal e com as freqüentíssimas visitas nas quais se preocupava que tudo tivesse o melhor sucesso.

A herança da paróquia de Vedano era uma herança difícil. Com efeito, o Pe. Trezzi sucedera ao Pe. De Maddalena. Depois da sua prisão, a população tinha medo

de freqüentar a igreja e o oratório. Pe. Ambrósio empenhara-se com entusiasmo e constância e dera os anos melhores da sua vida, conseguindo fazer florescer a comunidade paroquial e as suas atividades.

Com o seu dinamismo, Pe. Trezzi, começara novas iniciativas, não só em campo eclesial, mas também social, como a nova escola noturna, a sociedade de mútuo socorro, várias cooperativas, em diversos setores, o Jardim de Infância, a Casa de Repouso, a Casa de do Jovem; e contribuiu também a fazer surgir Associações benéficas, recreativas e esportivas.

Pe. Trezzi teve sempre uma grande confiança no Pe. Luís, cujo conhecimento, como já dito precedentemente, remontava a quando o Pe. Luís era coadjutor em Vedano. Pe. Luís o teria definido depois «O primeiro benfeitor da Obra», durante a cerimônia da primeira consagração das irmãs²⁸.

Pe. Ambrósio conheceu profundamente o Pe. Luís, e foi umas das poucas pessoas que conseguiram captar dele o núcleo incandescente da sua personalidade, que nos anos procurara mitigar e trabalhar. Lê-se nos seus escritos a propósito do Pe. Luís:

«Pe. Luís jovem, de ânimo caloroso, algumas vezes tinha passado os limites...», referindo-se aos fatos de Vedano²⁹, e «o Pe. Luís enfurecia-se, mas depois tornava-se calmo como um cordeirinho [...]»³⁰. «Naquela noite as intervenções narraram vários episódios muito significativos ao ânimo ardente do Pe. Luís e ao mesmo tempo ao domínio de si mesmo em certos momentos difíceis [...]. Desse episódio (referindo-se a um fato acontecido em Vedano) aparece quando fosse explosivo o Pe. Luís diante do mal, mas aparece também como na sua bondade e humildade sabia remediar»³¹.

Estas notícias sobre o Pe. Luís ressoaram para nós familiares, porque outros sacerdotes tinham notado antes dele estes aspectos que, nos primeiros anos da juventude, tinham-se manifestado espontaneamente.

A Providência nas suas mãos

O tempo de guerra foi verdadeiramente para todos um tempo de privações. Faltavam os gêneros de primeira necessidade e o alimento escasseava. Em A Nossa Família fizeram-se «saltos mortais» para matar a fome de todos os pensionistas. Com efeito, do direto testemunho de algumas protagonistas, deduzimos este pequeno esboço de vida cotidiana:

«Dificuldades enormes foram enfrentadas para prover à alimentação (até para 45 pessoas, além de nós), quando tudo escasseava, aliás, não se podia encontrar! Ia-se pegar o queijo numa queijeira fora de Milão, [percorrendo] muitos quilômetros a pé com um frio intenso e um peso não indiferente.

²⁸ A consagração aconteceu em Ponte Lambro, aos 02 de fevereiro de 1950.

²⁹ Recordações de Pe. TREZZI, em APL.

³⁰ *Ibid.*

³¹ *Ibid.*

Levávamos o queijo embora apenas feito, isto é, todo gotejante de soro (desde que se pudesse tê-lo) com grande risco de sermos descobertas no ônibus ou no trem, [dado] que era proibido! Mais de dez malas foram estragadas depois de terem sido usadas para este transporte e aquele semelhante de arroz e farinha amarela. Para esses últimos gêneros, ia-se a Gaggiano, em casa de um conhecido, que no-los procurava a preços proibitivos. Uma coirmã, Rosetta, foi parada pela polícia junto com muitas outras pessoas e conseguiu, com um estratagema, evitar a pena e a perda da mercadoria que vinha retirada. Para remediar em parte à grave escassez de alimento, começamos, duas de nós, a alqueivar, a cultivar o terreno nos pequenos pedaços que tendem ao plano, para assim recolher um pouco de trigo e batatas»³².

E ainda: «Naqueles anos, não havendo o que comer, Rina ia em Vedano às 05 da manhã para pegar um pouco de leite, fazendo a fila. Quantos sacrifícios, como podemos descrevê-los todos? Pe. Luís trazia-nos o pão branco que lhe dava seu irmão; chegava, apoiava a bolsa sobre o armário e não dizia nada, mas nós íamos olhar e era uma grande festa, [porque] podíamos matar a nossa fome»³³.

Pe. Luís deu uma preciosa e competente assessoria agrícola às jovens e, ele mesmo, ajudou-as diversas vezes a alqueivar o terreno. Criavam também alguns animais, como cabras, porcos, galinhas, e engenharam-se em fazer o sabão com os ossos. Memorável permanece a visita dos ladrões no dia 09 de abril de 1942, pelo espanto, mas também porque levaram embora tudo o que havia.

Além de hospedar os despejados, as irmãs dedicaram-se a outras atividades como o ensino da religião nos institutos de primeiro e segundo grau em Milão, Como e depois em Varese, graças ao diploma de habilitação ao ensino, obtido por Zaira e Teresa à custa de grandes sacrifícios. Continuou, não obstante a guerra, a atividade dos retiros espirituais. Com efeito, no verão de 1944, conseguiram organizar jornadas de exercícios para as operárias e funcionárias dos «Raggi»³⁴ da zona, registrando uma alta participação. Outras jornadas de retiro foram organizadas para várias categorias: das operárias aos laureados, às crianças das paróquias, noivos, senhoritas. Organizaram-se também lições de corte para as operárias e domésticas.

Todas as atividades desenvolvidas foram finalizadas ao grande plano do Pe. Luís de penetrar a sociedade com o espírito dos Apóstolos e a caridade dos primeiros cristãos, para que as consciências e as almas dos homens contemporâneos pudessem avizinhar-se mais a Jesus. Estas «apóstolas modernas» empenham-se com dedicação e sacrifício para este projeto.

No dia 25 de abril de 1945, aconteceu finalmente a libertação. Aos 29 do mesmo mês, os comandos alemães na Itália assinaram o rendimento que entrou em vigor no dia 02 de maio. No dia 08 de maio, com a capitulação da Alemanha, terminava a guerra na Europa.

³² T. PITTERI, «Appunti sulla fondazione dell'opera La Nostra Famiglia», em APL.

³³ Tirado das Recordações de Angela Morganti, em APL.

³⁴ «Raggio» é o termo relativo à estrutura organizativa da Ação Católica e indica a mobilidade de presença no mundo do trabalho em tempos antecedentes à instituição da Ação Católica dos Trabalhadores Italianos (ACLI).

Nessas datas encontraram cumprimento todas as esperanças e todas as orações da nação. Foi possível assim afluir de novo na categoria do futuro que, por 5 anos, fora removida por causa da incerteza e da provisoriedade da existência. Nas ruas e no ar respirou-se aquele sentido de excitação e de fibrilação que nasce depois de um perigo evitado ou de uma grande prova. Os despejados tornaram em suas casas até o fim de maio, e a casa de Vedano, livre e vazia, pôde finalmente projetar o seu futuro.

«*Mulheres de primavera*»³⁵.

A primeira comunidade viveu sob o signo do «virar-se», mas, no entanto, não obstante as dificuldades e a ambigüidade da atividade, de 1940 a 1944, outras seis jovens tinham entrado a fazer parte dela.

Pe. Luís visitou muitas vezes a comunidade das suas «filhas», como as chamava, sobretudo durante os primeiros anos da Obra, e depois, progressivamente, diminuiu a sua freqüência. Ele chegava geralmente em Vedano ao anoitecer, par ir embora depois, na manhã do dia seguinte. Durante estes encontros, o «Reverendo Padre», como era chamado pelas irmãs, fazia meditações com a comunidade e celebrava a santa missa. Encorajava e exortava as irmãs a viverem a espiritualidade e a caridade dos primeiros cristãos com o apostolado de presença e de inserção no mundo. Segundo Teresa Pitteri, os argumentos mais caros ao Pe. Luís e para os quais lhes exortava, eram a caridade fraterna, a obediência, a humildade, o espírito de desapego total³⁶.

Pe. Luís sabia ser um pai exigente, mas também acolhedor coma as irmãs. Com efeito, ao lado das fortes admoestações à coerência com o ideal, não faltavam palavras de encorajamento e de estímulo quando as dificuldades do tempo e da vida comunitária influíam negativamente, e a tentação de abandonar tudo continuava a insistir. Numa carta de 1944, Pe. Luís escrevia a uma jovem tentada de voltar para a própria casa:

«Querida Filha, a sua decisão foi para todos uma grande alegria. Mas para mim é ainda maior, porque penso que o Senhor dará à senhora graças maiores, dado que neste íterim teve que sofrer muito. Recorde que Deus não dá graças pela metade, mas as dá completas e, aliás, aperfeiçoa-as. Exige, porém, correspondência e, portanto, cooperação com os seus dons, que eu vejo muitíssimos, doados generosamente nestes dias na senhora. Infelizmente há o demônio que, certamente, não deixará escapar facilmente a sua presa, mas é de fé que “et portae inferi non praevalerunt”»³⁷.

Não faltaram notas de vivacidade na jovem comunidade, que se divertiu freqüentemente a fazer brincadeiras com o Pe. Luís, o qual, desarmado por tanta bonomia, deixava-se envolver e ria com elas. Recorda Ângela Morganti:

³⁵ «Donne di primavera, focolari aperti all'uomo-Dio, madri e sorelle dell'umanità» (texto musical de M. Do Cormo Bogo).

³⁶ T. PITTERI, «Appunti sulla formazione dell'opera La Nostra Famiglia», em APL:

³⁷ Pe. Luís à Zaira Spreafico, em APL.

«Um dia vestimos de freira um manequim (que se usava sempre para fazer as brincadeiras) e o colocamos no quarto. Quando ele estava para entrar, pareceu-lhe que ali houvesse uma pessoa e não ousava entrar, ficando no corredor esperando que saísse (nós estávamos escondidas para ver o que acontecia). Visto que a pessoa não saía, teve a coragem de entrar e, quando viu o manequim, começou a rir. Também nós corremos para o quarto, para rir com ele. Ficava muito contente quando nos via alegres, era a maior alegria que lhe podíamos dar».

As Pombinhas

É deste período uma iniciativa que antecedia os tempos. Pe. Luís, com o Pe. Teresio Ferraroni³⁸, que será nomeado em seguida bispo de Como, tentaram de dar vida a um grupo de «Associadas externas», chamadas também «Pombinhas» que partilhassem a espiritualidade e o fim da Obra, ainda que permanecendo na própria realidade e continuando a levar uma vida individual. Nos diários são assinalados dois retiros para as aspirantes, em Vedano, em junho de 1943 e em dezembro do mesmo ano. Para realizar o ideal da comunidade primitiva, que se torna sinal de caridade no mundo, ocorria uma presença muito variegada e difundida, como tantas faíscas de fogo levadas para longe pelo vento.

A iniciativa, porém, não teve continuação, já que o experimento foi demasiado audaz para os tempos. Com efeito, foi difícil encontrar uma identificação do grupo externo nascente na sua relação com o grupo comunitário.

Só depois da morte do Pe. Luís, será criado o ramo das Pequenas Apóstolas externas que representa a feliz realização da idéia do fundador.

³⁸ Sobre o Pe. Ferraroni, veja-se *supra*, nota 79, cap. IV.

CAPÍTULO VI

ANOS DE NOVIDADE (1945-1950)

Um país em crise

Terminada a euforia pela conclusão das hostilidades, os anos do após-guerra foram um período de transição: os governos das nações, os países, as famílias, todos estiveram empenhados em fazer um balanço das perdas para programar e decidir o que fazer.

Um olhar ao passado, uma avaliação do presente e uma programação para o futuro, são as fases de um processo que confraternizou milhões de pessoas e que distinguiram um triênio de aparente escondimento, mas destinado a ser o fundamento para os anos sucessivos. A transição, já que passagem, é certamente desorientadora e pouco gratificante; inundada pela busca de certezas e de identidades definidas, encontra-se com a falta de acabamento e a falta de definição. A transição, ainda, pertence à categoria do passado do qual encerra a herança, mas está já projetada naquela do futuro, do qual entrevê o possível desenvolvimento e sofre a sua força de atração.

Entre 24 e 29 de abril de 1945, precedendo a chegada dos Aliados, os guerrilheiros do norte da Itália rebelaram-se. Do *Liber Chronicus* da Paróquia de São João de Castagna, resulta que o movimento insurrecional custou à cidade «18 jovens vítimas»¹, cujos funerais desenvolveram-se de forma solene no dia 29 de abril. No dia seguinte, sempre o *Liber Chronicus*, narra a chegada dos Aliados na cidade,

«que lhes saúda embandeirada e em festa, livre de toda resistência. A nossa população, portanto, que demonstrou tanto valor em expulsar o opressor, quis exprimir as cordiais boas-vindas aos libertadores anglo-americanos»².

Libertada e reunificada, na primavera de 1945, a Itália encontrou-se a enfrentar os problemas de um difficilíssimo após-guerra. As condições da economia eram desastrosas. Com efeito, mesmo se grande parte dos estabelecimentos industriais salvara-se, a produção diminuía para menos de um terço daquela de antes da guerra. A agricultura sofrera danos incalculáveis e ainda mais o patrimônio zootécnico. E por tais motivos o problema do abastecimento tornara-se dramático. A tudo isso acrescenta-se o crescimento vertiginoso da inflação, que contribuiu a pulverizar as poupanças e a redimensionar os salários.

Nessa situação a fome, a falta de alojamentos e o elevado desemprego contribuíram a tornar precário o problema da ordem pública. No Norte da Itália o fim da guerra reascendera as lutas sociais e muitas vezes os líderes da esquerda não

¹ *Liber Chronicus* de São João de Castagna, 26 de abril de 1945. Ali está transcrita também a crônica da insurreição guerrilheira na zona de Pescarenico, onde desenvolveu-se uma batalha contra uma coluna auto blindada de nazistas e fascistas.

² *Liber Chronicus* de São João de Castagna, 30 de abril de 1945.

conseguiram conter as protestas da base operária e camponesa, eletrizada pela propaganda. Os ex-guerrilheiros, sobretudo aqueles da última hora, às vezes, acabaram por constituir um problema, sendo avessos a entregar as armas e propensos a aplicar uma justiça sumária a respeito dos ex-comandantes fascistas ou dos seus seguidores. Com efeito, no clima de exaltação geral daqueles dias, foram numerosas as execuções de fascistas.

Entre estas houve também aquela do industrial Giuseppe Bonaiti, paroquiano do Pe. Luís. *Il Resegone* de 18 de maio de 1945, assim referia a notícia:

«Um grave fato de sangue verificou-se na noite de 15 a 16 do corrente mês na nossa cidade. Perto das dez horas, cinco indivíduos armados de mosquete, um dos quais com uniforme de cor cáqui e os outros quatro sem uniforme, apresentaram-se na habitação em S. João do industrial José Bonaiti di Ernesto, de 58 anos, convidando-o a ir ao campo de concentração [...] do comando americano. Depois de ter num primeiro momento recusado de seguir os cinco armados, Bonaiti enfim aderiu ao pedido de ir com eles. Durante o percurso, perto da Vila Sangregorio [...] os cinco indivíduos mataram J. Bonaiti com dois golpes de arma de fogo e uma punhalada»³.

Em tal ocasião, com a exasperação que tinha exacerbado os ânimos, teria sido lógico para qualquer um não tomar posição e evitar assim o risco de terminar enviscado em situações perigosas e dificilmente controláveis. Além disso, é preciso não esquecer que o próprio Pe. Luís fora perseguido pelos fascistas. Acusado de crimes não cometidos, como vimos em precedência, quando era jovem sacerdote em Vedano Olona, devera sofrer o ultraje da prisão, os interrogatórios, as prepotências. Vendo os seus perseguidores na condição de perseguidos, teria sido humanamente compreensível uma atitude de satisfação por uma «justiça» finalmente acontecida. Mas não foi assim. Pe. Luís era um homem de paz e exprimiu claramente a sua condenação por esta e outras violências, repetindo continuamente o convite ao perdão e à reconciliação.

De alguns testemunhos, resulta que o comportamento do Pe. Luís foi pelo menos exemplar. Com efeito, Felice Bonaiti, irmão do assassinado, declarou:

«Meu irmão fora Prefeito de Galbiate; naturalmente era fascista. Em 1945 foi tirado da sua casa e matado na estrada. Neste caso o Pe. Luís foi muito, muito hábil em estar vizinho à família. Também na celebração do funeral não teve nenhum temor em exprimir-se em um momento no qual a tensão era enorme. Era o dia 05 de junho; a guerra tinha apenas acabado e na Itália não havia mais ordem; todos comandavam e sucediam-se as vinganças. Pe. Luís esteve verdadeiramente no seu lugar. Não teve medo, não recuou diante de ninguém e fez os seus deveres até às últimas conseqüências. [...] Diante de um ambiente tão “envenenado”, o Servo de Deus não teve nunca um instante de hesitação. Houve sacerdotes que não mostraram uma semelhante coragem. Eram momentos nos quais se gritava: “Mata, mata...”. Se uma sacerdote tivesse abençoado um galhardete fascista, corria o risco de ser preso e fuzilado. Um

³ *Liber Chronicus* de São João de Castagna, 15 de maio de 1945.

sacerdote que abençoava os restos mortais de um fascista, era imediatamente acusado de sê-lo. Pe. Luís, por sua vez, fora perseguido pelos fascistas; no entanto, teve uma coragem não indiferente naquela circunstância»⁴.

Uma outra testemunha. Luís Panzeri, teve modo de estar vizinho ao Pe. Luís quando ele foi benzer os restos mortais de J. Bonaiti e a confortar a família.

«Recordo que acompanhei o Pe. Luís quando mataram J. Bonaiti. Aconteceu precisamente ao longo do muro [atualmente] de “A Nossa Família” de Lecco. Pe. Luís disse-me: “Luís, vamos”. Fomos logo; ali estava a esposa. Pe. Luís disse algumas palavras para confortar aquela mulher! Recordo que consegui fazê-la pronunciar palavras de perdão precisamente diante do marido morto»⁵.

Diante de tanta violência, portanto, o Pe. Luís procurou sempre ser operador de paz. Mesmo sabendo que a sua atitude poderia ter sido mal entendida, ele convidou todos os seus paroquianos e, de modo particular, a família Bonaiti, a perdoar os autores daquele gesto cruel. Pe. Francisco Rocchi recorda que, no funeral da vítima, o Pe. Luís

«disse que a viúva e os filhos juraram de não mais se vingarem. É claro que ali houve um trabalho feito por ele. Convidou ele mesmo a família ao perdão»⁶.

É importante sublinhar que, como já dito no capítulo sobre a guerra, o Pe. Luís materialmente, na medida em que podia, e espiritualmente, procurou ajudar todos, os «pretos» (fascistas) como os «vermelhos» (comunistas), sem distinção de cor política. Com efeito, sempre L. Panzeri recorda que

«depois da libertação de 1945, veio à luz o fato que, através de um certo Rusconi, ajudou com víveres os guerrilheiros e aqueles que tinham ido para a clandestinidade. Soube-se, do mesmo modo, que alguns dias antes da libertação de 25 abril, fizera transferir para Tavernerio a família de um indivíduo notoriamente fascista»⁷.

No após-guerra, de qualquer modo, o Pe. Luís teve sempre uma atitude de caridade e perdão a respeito dos fascistas perseguidos, não obstante esta atitude fosse muito perigosa, dado o clima que se criara. A tal propósito, Rosetta Fumagalli, uma paroquiana do Pe. Luís recorda que

«aos fascistas que colaboraram com os alemães, cortavam o cabelo. Uma mulher de S. João, que tinha também filhos pequeninos, foi presa e levada na

⁴ FELICE BONAITI, em APL.

⁵ LUIGI PANZERI, em APL.

⁶ Pe. FRANCESCO ROCCHI, em APL:

⁷ LUIGI PANZERI, em APL.

praça da igreja; o barbeiro emprestou a cadeira e depois a raparam. As pessoas de S. João que assistiram à cena batiam palmas em sinal de zombaria. Não sei se o Pe. Luís viu diretamente este fato ou ficou sabendo dele, em todo caso, no domingo fez uma pregação muito forte. Disse que a gente, em lugar de bater palmas, devia ter caridade para com aquela pessoa. Naquele momento era preciso ter uma coragem civil, moral e espiritual que nem todos tinham; uma fortaleza e um amor do “justo” de modo particular. Aqueles que, como o Pe. Luís, tinham a coragem de enfrentar abertamente estas situações falando sobre elas na igreja, corriam o risco de serem maltratados. Poucos tinham aquela coragem “física” sustentada por um ardor espiritual como o Pe. Luís demonstrara»⁸.

Também do diário de uma sua paroquiana, releva-se o contínuo convite à paz feito pelo Pe. Luís:

«Na cidade muitas famílias de despejados estão sem meios, outras têm as casas roubadas por reações de direita e de esquerda: também a vida para muitos não é mais segura [...]. Quem viu o Pe. Luís naqueles dias sabe quanto tenha feito para levar ajudas, confortos, pacificação: não é ainda a paz que ele queria, o amor que esquece ofensas e perseguições, provocações e vinganças»⁹.

O perigo vermelho

Logo depois da libertação, as forças políticas que se candidataram à guia do país eram, fundamentalmente, as mesmas que se tinham apresentado depois do final da primeira guerra mundial. Desde então, tanto a situação interna como aquela internacional tinham mudado muito. Com o fim da ditadura a participação crescera em demasia e com ela aumentaram os inscritos aos partidos políticos.

O mundo católico italiano alinhara-se em bloco contra o comunismo. E não só por questões de princípio. A evolução da política nos países da Europa Oriental, passados sob a influência soviética, onde as liberdades civis e em particular aquela religiosa tinham sido eliminadas, havia impellido a Igreja a alinhar-se de modo decidido. Com o aproximar-se das eleições de 1948, todo o mundo católico italiano foi mobilizado. Com efeito, a decisão de socialistas e comunistas de apresentarem-se nas urnas unidos na Frente Popular, dera à batalha eleitoral o caráter de luta entre o «bem» e o «mal», entre perseguição e liberdade religiosa. Daí, contrariamente a quanto acontecera nas eleições de 1946, considerou-se necessário que todos os católicos sustentassem a o partido da Democracia Cristã, precisamente pelo bem do país e pela salvação da civilização na Itália. A Democracia Cristã foi vista, em poucas palavras, como o «escudo» que deveria proteger o catolicismo do perigo vermelho. A própria Igreja empenhou-se para mobilizar a Igreja católica em defesa dos seus ideais, e pela primeira vez o clero empenhou-se numa batalha política e religiosa.

⁸ ROSETTA FUMAGALLI, em APL.

⁹ Em P. BEDONT, *Don Luigi Monza. Note biografiche*, Ponte Lambro 1976, p. 91.

Dentro dos seus limites, também o Pe. Luís empenhou-se muito contra o comunismo, mas o fez sempre no respeito das pessoas que tinha diante. Giuseppina dell’Oro recorda que

«quando devia falar do problema do comunismo, fazia-o também com força: depois, talvez, ia ao encontro das pessoas em particular, encontrava-as e aproximava-se delas. Algumas vezes falou duro, nas homilias, contra os comunistas; fazia isso em virtude da verdade. Ele queria levar a voz da verdade contra o mal. Os meus irmãos, naqueles anos, tinham uma pequena indústria em São João. O guardião e a empregada, que freqüentavam a paróquia, de vez em quando contavam-me alguma coisa em propósito, sobre todo o trabalho que fazia o Pe. Luís: por exemplo, entretinha-se com os homens; talvez quando os via na taverna, aproximava-se deles, oferecia-lhes de beber»¹⁰.

Naturalmente o Pe. Luís não se limitava a criticar a propaganda comunista desde o púlpito. Com efeito, ele procurou ter sempre uma atitude construtiva com aqueles que se declaravam comunistas, dando o primeiro passo, estendendo a mão e procurando «converter» com doçura. É por isso que acontecia encontrar no oratório jovens comunistas, como recorda Luís Panzeri.

«Tinha um amigo que vinha ao oratório, freqüentava a igreja mas, não obstante isso, era comunista. Ele dizia-me: “Vou à igreja igualmente porque não me sinto condenado pelo pároco, não obstante eu pense diversamente dele!”»¹¹.

E aproveitava toda ocasião para instaurar um diálogo, como resulta do testemunho do Pe. Franco Colombo:

«Eram os anos 1946-47; parecia que o comunismo devesse prevalecer [...]. Recordo que sobre minha casa morava um certo Bonacina, comunista “exaltado”. Quando esposou sua filha, Pe. Luís aproveitou a ocasião para aproximar-se dele. Naqueles tempos não era costume celebrar a missa, mas o Pe. Luís, neste caso, celebrou-a»¹².

No momento das eleições o seu comportamento não mudou, como homem de paz, procurou fazer diminuir a tensão que se tinha criada, mas ao mesmo tempo exprimiu com clareza as suas idéias. Recorda Ambrósio Bonaiti:

«Um vez durante as eleições ficou com muita raiva porque, numa sala da escola, um jovem pretendia que tirassem o Crucifixo da aula. O Pe. Luís não fazia política mas o que era justo dizer o dizia, sem brigar. Convidava a gente a

¹⁰ GIUSEPPINA DELL’ORO, em APL.

¹¹ LUIGI PANZERI, em APL.

¹² Pe. FRANCO COLOMBO, em APL.

refletir quando era o momento de votar e ter presente as idéias cristãs. Mas o Pe. Luís era amigo de todos»¹³.

E sempre a propósito das eleições, José Bartesaghi declarou:

«Também em política, durante as eleições, não se expunha demasiado, mas convidava a dar um voto justo. Pe. Luís, depois da lição de religião, dava-nos conferências em preparação para as votações. Tocava o argumento também nas pregações da missa»¹⁴.

Pe. Luís não foi certamente um padre «político» mas naquele momento considerou seu dever intervir, porque a caridade tem também uma dimensão política.

Um futuro para explorar

Também no pequeno vilarejo de Vedano, um dos tantos, viviam-se com sofrimento e esperança estes anos de reconstrução. Para as irmãs da pequena comunidade tratou-se de projetar o futuro. Desde maio de 1945 a casa estava à disposição: ocorria revalorizar as atividades desenvolvidas e planificar.

Já que as «coisas do Espírito» não são sujeitas aos cálculos da lógica humana, nem cedem o passo a silogismos aristotélicos, dar um endereço à obra foi um exercício comprometedor de discernimento. À clareza do significado e do fim da Obra não correspondeu, no Pe. Luís, uma definição das atividades que esta última teria devido desenvolver para ser um sinal cristão na sociedade contemporânea. Mas o convencimento do Pe. Luís foi que «a Obra é de Deus», motivo pelo qual tratava-se de estar atentos aos sinais que Deus teria posto no seu caminho!

É com esta disposição de ânimo, de abertura aos eventos, que se empreenderam algumas atividades que, pouco a pouco, foram propostas às irmãs e acolhidas como fazendo parte do desígnio que Deus estava arquitetando para elas. Muitas energias foram gastas para o prosseguimento da atividade dos exercícios espirituais iniciada alguns anos antes, cujas participantes eram trabalhadoras, senhoras, senhoritas, mães, almas consagradas, crianças católicas, jovens de Ação Católica, moças recém-laureadas, estudantes, zeladoras, noivas, terciárias franciscanas, professoras, funcionárias e dirigentes. Uma irmã, Teresa Pitteri, recorda que, no verão de 1945, hospedaram também a colônia de verão organizada pelo pároco de Vedano Olona e dirigida pelo coadjutor Pe. Alfredo Tonolli. Um grupo de 80 meninos que «gozavam em devastar» os bosques. Recorda, além disso, também encontros para escoteiros, dirigidos pelo Pe. André Ghetti, durante os quais as jovens ficavam hospedadas na casa e os jovens armavam as barracas no bosque. Organizaram-se também retiros espirituais para a comunidade.

A escolha de dedicar-se aos retiros era fundada na convicção que a formação cristã séria e profunda das consciências teria incidido também na sociedade, através do testemunho cotidiano daqueles que nela operam e partilham alegrias e esperanças. Em particular, o mundo operário pareceu o mais necessitado da mensagem evangélica: as

¹³ AMBROGIO BONAITI, em APL.

¹⁴ GIUSEPPE BARTESAGHI, em APL.

massas dos trabalhadores pareciam afastar-se sempre mais da Igreja, acelerando aquele processo de descristianização e de paganismo já em ato.

A escolha dos exercícios espirituais, como forma privilegiada de apostolado, é teorizada por Pedro Villa. Ele funda a sua convicção na encíclica de Pio XI *Mens Nostra*, na qual o papa indica nos exercícios o remédio soberano para os males que empestam a sociedade moderna:

«A grande doença da idade moderna – escrevia o papa – fonte precípua dos males que todos deploramos, é a falta de reflexão, aquela efusão contínua e verdadeiramente febril para as coisas externas, que aos poucos enfraquecem nos ânimos todo mais nobre ideal».

O autor prossegue ilustrando a eficácia dos exercícios espirituais:

«Estes tiram por alguns dias o indivíduo das suas ocupações normais e o levam a um lugar separado onde, no silêncio e no recolhimento, colocam-no diante dos grandes problemas da nossa existência, a meditar a verdade da fé, a conhecer Jesus Cristo. Obrigam-no a fazer trabalhar a própria mente e a fazer agir a própria vontade, e, enfim, a estabelecer um sistema de vida deliberado voluntariamente com plena causa e consciência. O escopo essencial dos exercícios é aquele de inverter, de revirar completamente um método de vida para iniciar um outro completamente novo, conforme ao Cristo.

Se a sociedade atual precisa de grandes Apóstolos e de novos Santos, estes não podem formar-se de modo diverso daquele usado por Cristo ao formar os seus apóstolos: no silêncio, na oração, com a meditação»¹⁵.

Aos 11 de novembro, o Pe. Natal Motta e o Pe. André propuseram às Pequenas Apóstolas de aceitarem a direção e a gestão do «Centro de acolhida de meninos e adolescentes filhos de presos e justicados políticos», em Cugliate, povoado de Marchirolo in Valganna, ao norte de Varese, em precedência colônia São Paulo da Juventude Italiana Fascista de Gallarate.

Os dois sacerdotes pertenciam à POA, a Pontifícia Obra de Assistência, fundada por Pio XII, que tinha como fim a ajuda espiritual e material dos presos nos campos de concentração, a ajuda aos sobreviventes da guerra e em seguida todas aquelas formas de beneficência que serviam para aliviar, em todo campo, as conseqüências da guerra.

Depois de alguns dias de acordos e negociações, aos 22 de novembro de 1945, Teresa Pitteri, Zaira Spreafico, Luísa Frigerio e Maria Salomoni partiram para Cugliate¹⁶. Aqui a atividade prosseguiu até 29 de outubro de 1947, depois foi continuada em Campo dei Fiori. Em tal arco de tempo, houve um revezar-se de irmãs diversas, de acordo com as exigências e as necessidades da atividade na casa de Vedano. A decisão de assumir este empenho foi o resultado de uma profunda reflexão por parte do Pe. Luís e da superiora Clara Cucchi. A empresa apresentava-se onerosa e teria requerido um investimento notável de forças em detrimento das atividades de retiro, de estudo e do apostolado de presença, conduzidas até aquele momento pela

¹⁵ P. VILLA, *Contributi ed esperienze: Cittadelle dello Spirito*, em APL.

¹⁶ A comunidade contava com um total de 9 aderentes.

Obra. A assistência de caridade colimava com a espiritualidade e com o projeto do Pe. Luís: tratava-se de explicitar de fato este espírito numa direção nova. O assenso a esta iniciativa foi o início de um logo caminho rumo a um tipo de apostolado que irá sempre mais delineando-se nos anos seguintes.

A estadia em Cugliate foi particularmente dificultosa por causa das condições precárias da colônia, encontrada em estado de semi-abandono, arruinada e não aparelhada. Acrescentem-se as dificuldades de comunicação por causa da neve, a escassez de gêneros primários e o frio rígido durante o inverno. Recorda uma irmã:

«Naquele primeiro inverno, logo depois de 15 dias da sua chegada, uma de nós, Armida, pegou uma gravíssima pneumonia. Não havia calefação suficiente: poucas cobertas de borra de algodão, não havia facilidade em fazer vir um médico; havia por fortuna o telefone e por meio dele pediam-se conselhos para o caso ao médico: em todo caso, as coisas foram bem igualmente e Armida sarou. Adoeceu-se também um menino de quatro anos e foi necessário o internamento num hospital de Varese. Não existindo um outro meio (o automóvel não podia subir porque a neve, alta 70-80 cm não vinha tirada com a pá por ninguém, na estrada que media 6/7 km), o pequenino foi colocado numa mochila, coberto bem e levado nas costas por um dos jovens. Acompanhou-o a então diretora daquela colônia, Zaira Spreafico»¹⁷.

Os hóspedes eram meninos órfãos, abandonados, traumatizados pelas vicissitudes bélicas que envolveram tragicamente seus familiares. Num primeiro tempo o grupo era de cerca de 25 meninos, depois em breve chegaram a 80 e, durante o verão, alcançaram o número de 250, já que outros meninos, terminada a escola, iam para Cugliate para passarem as férias. Além disso, um grupo de meninos e jovens residiam na colônia e ajudavam as irmãs nos trabalhos de casa mais pesados. Estes eram jovens fascistas, salvados dos campos de prisão e culpados de adesão ao fascismo, além de algum outro crime. Os jovens foram confiados em tutela pelo Tribunal ao Pe. Natal Motta e mantinham-se ajudando-o de alguma maneira. Este «experimento» do Pe. Natal foi definido por alguns «Prisão sem grades».

Os contatos da comunidade de Vedano com as irmãs empenhadas em Cugliate foram freqüentes, e houve um certo vaivém de pessoas e de notícias. Clara fez numerosas visitas da duração de alguns dias ao «destacamento» da comunidade. Pe. Luís manteve uma certa comunicação epistolar e telefônica e alguma vez foi visitá-las. Eis a narração de uma destas visitas:

«Pe. Luís vinha de vez em quando para dar-nos coragem. Um dia de inverno, no qual tinha caído muita neve, ao vir para visitar-nos perdeu a estrada e atribulou-se por diversas horas com um frio intenso. Chegou lá em cima exausto e sentiu-se muito mal. Mas, apenas recuperado, depois dos nossos afetuosos cuidados, mostrou-se feliz em rever-nos e não quis dar peso à sua fadiga, passando a dizer-nos tantas coisas edificantes. Ele assegurava-nos que

¹⁷ Recordações de TERESA PITTEI, em APL.

rezava muito por nós, também de noite, porque sabia em qual ambiente perigoso devíamos viver»¹⁸.

As visitas do Pe. Luís eram verdadeiramente desejadas e pareciam anular a solidão e a distância do resto da comunidade:

«Quando vinha visitar-nos em Cugliate, onde éramos poucas, às vezes isoladas, porque as freqüentes nevasdas interrompiam toda comunicação, parecia querer-nos trazer, com a sua vinda, toda a comunidade»¹⁹.

Pe. Luís exprimiu todo o significado da experiência de Cugliate na carta endereçada a uma irmã:

«Estou contente que o andamento de Cugliate siga adiante discretamente bem, não obstante as muitas dificuldades também materiais. Vi com prazer, quando vim a última vez, que a senhora se desempenha muito bem e que o Senhor lhe dá a graça de poder ter sucesso segundo as necessidades; tenha, portanto, muita fé e grande confiança na ajuda de Deus que saberá fazer triunfar na senhora o mérito da obediência. Cugliate para mim é um verdadeiro milagre. Vi vocês todas contentes e cheias de caridade generosa e vivaz. É para mim uma das mais belas consolações, porque vejo que aos poucos vai se cumprindo o nosso grande ideal. Não é verdade, então, que estamos nas mãos da Providência, que pensa em tudo, até a dar-nos belas consolações? O espírito dos apóstolos e a caridade dos primeiros cristãos parecem-lhe um coisa de nada? Viva, portanto, Cugliate, mas antes viva Vedano como fonte e fundamento de todo bem. Agora falta somente que se torne santa e logo santa e grande santa. Boa sorte, portanto!»²⁰.

Em 29 de outubro de 1947, a atividade de Cugliate foi transferida para Campo dei Fiori, na província de Varese. As condições da casa eram melhores do que a precedente. Além disso, distanciando-se o período bélico, também o teor de vida ia aos poucos elevando-se na satisfação das necessidades essenciais.

As irmãs empenharam-se nesta atividade até 14 de abril de 1949. As últimas a deixarem Campo dei Fiori foram Luísa Frigerio e Teresa Pitteri. A casa foi confiada depois a uma congregação de irmãs.

Uma luz no horizonte

Nos anos de residência em Cugliate, na casa de Vedano começaram a chegar outras propostas de colaboração para atividades de caridade.

Em janeiro de 1946, o professor José Vercelli, diretor do Instituto Neurológico Carlo Besta de Milão, propôs à Clara Cucchi de ocupar-se da reeducação das crianças anormais psíquicas. José Vercelli era amigo da família Cucchi e, chegando ao

¹⁸ Recordações de TERESA PITTERI, em APL.

¹⁹ Recordações de DINA VISCARDI, em APL.

²⁰ Carta do Pe. Luís para Tranquilla Airoidi, em APL.

conhecimento da Obra que surgira desde pouco tempo, intuía a possibilidade de uma colocação idônea para os meninos que afluíam ao Instituto Neurológico.

Homem de cultura médico-científica, doutorara-se em medicina e cirurgia na universidade de Turim, em 1924. Em seguida, conseguiu a especialização em Clínica das Enfermidades Nervosas e Mentais na universidade de Milão. Depois de ter ali prestado assessoria e instituído a Seção neurológica em 1939, fora nomeado Primário Neurologista do Hospital Maior de Novara. Tendo passado depois ao Neurológico de Milão, assumira a sua direção em 1941, que manteve até sua morte, acontecida aos 25 de maio de 1967.

O Instituto Neurológico Carlo Besta de Milão gabava-se de anos de experiência no campo das enfermidades nervosas²¹. O fundador Carlo Besta, já durante a primeira guerra mundial, fora diretor do «Centro para Feridos do Sistema Nervoso», que fazia parte do Hospital militar de Guastalla, que

«acolhia feridos na maior parte examinados antes e depois operados para a extração de lascas ósseas e metálicas e para a plástica do crânio. As conclusões das operações bélicas na frente oriental (1918) levou à progressiva interrupção da atividade do Hospital militar de Guastalla. C. Besta se fez promotor de organizar hospitais especializados, aparelhados de tal maneira que pudessem continuar a cura e a observação dos militares acometidos por seqüelas de feridas e invalidez de caráter neurológico»²².

Daquela primeira experiência o professor Besta prosseguiu nos estudos e nos conhecimentos científicos das enfermidades nervosas.

«Com efeito, as experiências conduzidas sobre feridos de guerra tinham permitido aprofundar fundamentais conhecimentos científicos sobre alterações funcionais conseqüentes a lesões do sistema nervoso e fornecido, ao mesmo tempo, úteis indicações para a cura de enfermidades nervosas comuns, tais quais a epilepsia, a paresia, as paralisias, os tumores espinais e cerebrais»²³.

Poucos anos depois da morte de C. Besta, acontecida em 1940, foi-lhe intitulado o Instituto Neurológico. Do empenho incansável do estudioso permaneceu a intensa atividade científica e a competência que ele mesmo soube transmitir aos seus colaboradores.

A coragem de uma escolha

Pe. Luís e Clara consideraram atentamente a proposta de Vercelli, que se inseria bem no espírito de A Nossa Família, enquanto previa uma atividade de caridade em

²¹ Toma o nome do fundador, professor Carlo Besta, nascido em Sondrio, ao 17 de abril de 1876; doutorado em Medicina e Cirurgia na universidade de Pavia, em 1900, iniciou um longo caminho de estudos e pesquisas que, além de uma brilhante carreira, levou-o a ser promotor na Itália de uma Clínica das enfermidades nervosas renovada e reforçada nos seus fundamentos.

²² F. AROSIO, *Carlo Besta 1876-1940*, Istituto Nazionale Neurologico Carlo Besta, Milano 1993, 25s.

²³ *Ibid.*, 29s.

favor dos mais pequeninos e nascia de uma exigência concreta da sociedade do tempo. A decisão não foi tomada sem sofrimento. Com efeito, já desde o início, esta atividade prospectou-se extremamente comprometedora e arriscada para a pequena comunidade, composta por moças jovens e carentes de conhecimentos médico-pedagógicos. Dedicar-se à reeducação de crianças anormais psíquicas significava uma mudança de rota a respeito da orientação que até então o instituto seguira.

Pe. Luís e Clara deixaram-se guiar pelos eventos, entrevedo na proposta de Vercelli um sinal da vontade de Deus. Assim, em fevereiro de 1946, com a assessoria dos operadores do Neurológico, iniciou-se a programar o ano escolar, a predisposição do material didático, a preparação dos cômodos aptos para acolherem as crianças. Foi precisamente a Dra. Grisoni quem ajudou, aconselhou e supervisionou os primeiros passos de A Nossa Família.

Adelaide Colli Grisoni (1909-1974) dedicou toda a própria existência a pesquisas de metodologia diagnóstica e educativa no campo das doenças cerebrais da primeira e da segunda infância, ocupando-se em particular das paralisias cerebrais. No Instituto Carlo Besta de Milão, conseguiu realizar um novo pavilhão de Neuropsiquiatria infantil, hoje a ela dedicado.

Desde 1949 interessou-se ativamente pela reeducação motora dos meninos assim chamados espásticos, instituindo depois uma repartição de fisioterapia com anexo o consultório psicopedagógico. A sua produção científica publicada e os encargos de prestígio desenvolvidos impuseram-na muito cedo à atenção internacional²⁴.

A Dra. Adelaide não foi somente uma assessora para A Nossa Família, mas também uma amiga, que se afeiçoou muito à Associação deixando-se envolver e tocar o coração. Com efeito, em 1952 encontramos-a ao lado do Pe. Luís na inauguração da casa de Varazze, completando de forma científica o discurso inaugural feito pelo fundador.

A Dra. Colli é a iniciadora de uma longa fileira de assessores e operadores que, através dos anos até hoje, empenharam-se e empenham-se com dedicação e competência a serviço da pessoa nos centros de reabilitação de A Nossa Família, para um trabalho que se apoia sobre as raízes da competência profissional e se eleva entre os ramos da caridade.

Uma outra assessora do Neurológico e professora especializada na Escola Treves de Sanctis, é a professora Ângela Barbaglia, que se ocupou do aspecto pedagógico e escolar. Tratou-se de instruir e guiar as jovens irmãs num campo novo e ainda desconhecido. Por esse motivo, seguindo a indicação da mesma Barbaglia, uma delas foi matriculada na Escola Normal da Universidade Católica do Sagrado Coração de Milão, obtendo a habilitação ao ensino e à assistência nas escolas para anormais.

Também a relação com A. Barbaglia, no início simplesmente de tipo profissional, desembocou na cordialidade da amizade que perdura ainda hoje. Anos mais tarde, por ocasião do XXX aniversário da morte do Pe. Luís, ela mesma quis dizer: «Recordo que quando o Pe. Luís vinha ao Neurológico com as suas filhas para

²⁴ F. AROSIO, «Adelaide Colli Grisoni», em *Le Paralisi Cerebrali Infantili. Storia Naturale delle Sindromi Spastiche*, supp. al *Giornale di Neuropsichiatria dell'età evolutiva*, Ed. Masson, n. 3, set. 1989.

encontros profissionais sobre as atividades que se deviam programar, afastava-se para rezar, deixando que nós, sozinhas, estudássemos juntas o que se devia fazer»²⁵.

Quanto o Pe. Luís e a sua Obra fossem estado significativos para estes operadores é testemunhado pela recordação de «Uma Assessora Amiga», publicada por ocasião da colheita de recordações sobre o Pe. Luís depois de poucos meses da sua morte:

«Foi-me dada a honra de captar e de reevocar o aspecto exterior da Obra do Pe. Luís Monza, aquela que permite julgar pelos frutos a riqueza do magistério e do valor do método. Podemos com segurança afirmar que o Pe. Luís, sacerdote exemplar, foi sobretudo um grande mestre de vida, do qual haurir queria dizer transformar-se. Mestre bom, mestre sábio que se encontrava com íntima alegria do coração, ao qual se confiava sem embaraço, sem discriminações, todas as preocupações, toda dúvida, seguros de obter não a fácil e presunçosa solução, mas um estímulo para a busca mais diligente, para a consideração mais aprofundada na avaliação da verdade; tudo isso, porém, sem orgasma, sem tensão na serena e humilde paz de quem haure as coisas do alto e as vê iluminadas pela esperança da intervenção iminente de Deus.

Substância disso é aquela brevíssima oração que nas suas casas passa dos lábios aos corações com imperceptível e suave murmúrio inadvertido e no entanto presente: “Providência de Deus, provede!”. É esse o pequeno sublime segredo da alegria que permeia cada uma das quatro casas que surgiram em oito anos e egrégia e modernamente organizadas para a reeducação dos anormais psíquicos e dos espásticos. Casas da dor ou da alegria? Surge espontâneo perguntar-nos quando entramos. Casas da Providência de Deus, que provê sobretudo a transformar em alegria a dor. Este é o primeiro fruto da caridade, assim como o Pe. Luís Sacerdote e mestre a sonhou, quis e obteve.

Aqueles que crêem, e são muitos, encontrar no Fundador destas obras um protagonista, um médico, um psicólogo, um sociólogo, encontram ao invés um “Santo”. Motivo este de grande reflexão. Numa época de grande tecnicismo e de exasperada especialização, na qual a ciência e a organização não são nunca suficientemente possuídas para dar vida às Obras, teme-se tanto o insucesso, a concorrência, a crítica, etc.

Pe. Luís, sensível “à harmonia da caridade”, soube atrair na órbita da sua Obra todo o melhor que a medicina, a pedagogia, a psicologia, podiam oferecer para a reeducação dos seus meninos. Meios todos vivificados pelo Coração de Filhas, de Assessores, de Amigos que, em nome do Amor e da dor colocavam-se a seu lado e, animados pelo seu exemplo, e afervorados pela humildade do seu coração, dedicavam-se à obra altamente social da qual as quatro casas são testemunhas [...]. Assim, aquele que parecia o mais incerto e incapaz fundador, reservando-se atribulações e espinhos, e permanecendo quase para todos discreto observador, alimentava de fé cristã e de refinada caridade uma legião de almas apóstolas que iam cotidianamente descobrindo, ao lado dos pequenos deficientes, e sob a sua guia, aquelas situações espirituais de abnegação e de

²⁵ Em AA.VV., «Come gli Apostoli al servizio di un mondo nuovo». *La spiritualità di don Luigi Monza nella vita della piccole Apostole della carità*, Lecco 1986, 203.

aniquilação de si, na qual plenamente vinha-se atuando o ideal da espiritualidade mais acima delineada e ao mesmo tempo a obra pedagógica entre as mais pacientes e difíceis.

Espírito e obra foram tomando corpo e em redor deles tudo dimensionava-se e sujeitava-se às exigências da sua criatura que crescia quase sem que se desse conta. Com efeito, o dinamismo juvenil, a fé, o espírito de heróico sacrifício, o entusiasmo comunicativo das suas filhas, eram tais que suscitavam calorosa e humana simpatia em todos os que, avizinhandose a elas, sentiam-se atraídos para se tornarem logo colaboradores, pelo qual a sua ação teve que ser mais de moderação do que de estímulo para todos. Com efeito, nunca ouvi que ele pusesse um problema novo, ou solicitasse uma conclusão, mas sempre aderir a uma proposta ou contribuir a uma clarificação em sentido absolutamente positivo, nunca precipitado.

Sabia obter tudo sem pedir para a sua Obra; o reconhecimento era o clima constante da sua alma sempre vívida, sempre renovada, sempre aberta para acolher, para entender, para alegrar-se, com a atitude sempre humilde de quem não tem nunca nada para dar, senão transmitir um pouco de hálito divino»²⁶

Vera e Humberto: a concretização do ideal

Finalmente, aos 28 de maio de 1946, chegaram em Vedano Olona as duas primeiras crianças: Vera e Humberto. Primeiros hóspedes do Instituto Médico Pedagógico apenas surgido, os meninos tornaram-se os verdadeiros patrões da casa de Vedano.

Desde então os pequenos novos proprietários não deixaram nunca mais de invadir, não só as casas de A Nossa Família, mas também o tempo e a vida das irmãs. Com efeito, foi para esta atividade de «recuperação dos deficientes psíquicos» que se concentrarão todas as forças e todas as energias de A Nossa Família.

Os meninos acolhidos apresentavam distúrbios psicomentais, expressão de atraso mental e distúrbios do comportamento; havia um certo número de meninos epiléticos.

Desde o início a abordagem da patologia da criança acontecia com intervenção pluri-profissional; com efeito, ao lado da escola especial organizada no Instituto faziam-se intervenções de reeducação setorial e usavam-se várias estratégias em relação com as características de cada sujeito em particular, para os quais era elaborado um projeto pessoal de reeducação. Nos tempos não ocupados pela atividade escolar e de reabilitação, os meninos eram reunidos na assim chamada «sala de rotação», onde propunham-se atividades manuais construtivas que, mesmo não fazendo parte estritamente do programa escolar, eram finalizadas a desenvolver capacidades úteis para aprendizagem formal, além de ser também úteis para o desenvolvimento de autonomias, para melhorar a mobilidade e o autocontrole, para favorecer a comunicação e a socialização.

²⁶ «Il significato di un'opera», em *A don Luigi Monza, Cislago 22-VI-1898 San Giovanni 29-IX-1954* [Numero unico 1954], Lecco 1954, 68-71.

Seja para a atividade escolar, seja para aquela da sala de rotação, como também para a reeducação da linguagem, o material era inventado e preparado pelas irmãs. Eram de tal maneira geniais que a senhorita Barbaglia solicitou logo a sua publicação para estender a outros a experiência. Em outras palavras, desde então atuavam-se de modo egrégio, ainda que não ratificado no plano científico, todos os tratamentos que hoje assumiram um nome próprio: logoterapia, psicomotricidade, reabilitação neuropsicológica e neurovisiva (apostava-se muito no desenvolvimento das capacidades atentas e mnemônicas, partindo da análise visiva, senso-perceptiva, do desenvolvimento das coordenações e das habilidades construtivas).

Uma característica peculiar desde o início, e inculcada também pelo Pe. Luís, era o empenho de encarregar-se não só dos meninos, mas também de seus familiares. Era uma estupenda ocasião para realizar o carisma próprio do instituto que quer que todos aqueles que dele se aproximam sintam-se na própria casa, como irmãos, irmãs e mães na grande família dos filhos de Deus. A professora Adelaide Colli Grisoni, que dirigia a atividade, requisera logo a colaboração das doutoras Mirella Longega para a epilepsia, Ornella Contini para os distúrbios visuais e Maria Luísa Marenzi para os distúrbios da linguagem.

Clara Cucchi, porém, desde o início da colaboração com o Instituto Neurológico pusera como condição para o início da atividade de reeducação que a casa fosse livre para o período de verão, de modo que se pudesse continuar os encontros de estudo e as jornadas de retiro: os meninos hóspedes em Vedano teriam passado os verões em colônias no mar ou na montanha, pondo-se ao lado de colônias do CIF ou da POA ou de algumas paróquias como aquela de Garbagnate Milanese onde era pároco o Pe. Vittori.

A atividade com os meninos exigiu muito sacrifício e espírito de adaptação. As primeiras experiências, precisamente porque novas e pioneiras, apelaram-se à coragem e ao santo e inconsciente abandono em Deus das jovens irmãs que, com a coragem dos apóstolos, encontraram-se a enfrentar mil dificuldades.

As recordações de uma irmã (Rosetta Spreafico) do período transcorrido em Rogo²⁷ dão um quadro dele com as tintas dignas do neo-realismo italiano:

«Direi antes como aconteceu a viagem de ida que não foi certamente o mais confortável. Viajamos de trem de Vedano até Saronno, e ali nos esperava um caminhão com o reboque com o qual teríamos devido, Armida e eu, alcançar a meta. Os nossos meninos de Vedano estavam conosco e a eles uniram-se um outro pequeno grupo proveniente com a senhorita Barbaglia do Neurológico de Milão. Total de meninos: 18. Devíamos viajar todos em pé, senão que, havendo só uma cadeira, Armida pensou bem em colocá-la acima da cabina da motriz e naquele lugar acomodou-me pondo-me no colo uma menina que podia ter menos de dois anos e em redor estavam todos os outros meninos. Nestas condições foi assim que não pude mais mover-me nem sequer de um só palmo, mesmo se advertia toda a necessidade por motivo do fato que sobre o teto da cabina estavam três porcos...».

²⁷ O Rogo di Esino Lario (Como) era uma casa dos missionários do PIME, para onde foram levados os meninos de Vedano e do Instituto Neurológico para uma permanência no verão.

E deixamos imaginar ao leitor o embaraço da situação. Com efeito, continua:

«Como tivesse resistido, não sei! Chegamos em Esino e, diante da Montanina estava Zaira que nos esperava para uma brevíssima saudação. Eu ouvi só a sua voz que, dirigida a Armida desde baixo dizia: “Deixem que eu cumprimente Rosetta”. Mas deslocar-se só minimamente não foi próprio possível porque estava grudada na cadeira e rodeada por todos os meninos que estavam em cima de mim. Nós tínhamos sido agregadas à colônia do Pe. Vittore que hospedava pensionados formados também por famílias inteiras. Elas tinham um grande confiança em nós, e, quase sempre, interpelavam-nos para o cuidado de seus meninos acometidos por simples doenças intercorrentes: tonsilites, bronquites, etc. Éramos consideradas por elas pessoas competentes! Aconteceu também que algumas vezes nos chamassem de noite. Zaira, especialmente nos primeiros tempos, fazia visitas apressadas para ajudar-nos nas necessidades mais urgentes e para avaliar o andamento efetivo da atividade, intervindo responsabilmente com tempestividade junto a quem era responsável: o Pe. Vittore.

Fora-nos designado um dormitório que era nem mais nem menos que um local empregado para magazine e Zaira fez logo desentulhar pelo menos em parte o material que estava ali depositado. Fugazes eram as visitas do Pe. Luís que me pareceu precisamente que se devia sentir um pouco embaraçado e angustiado ao encontrar-nos esmagadas pelo trabalho, numericamente insuficientes e muito pouco acomodadas.

Devo dizer que depois de uns dez dias, eu deixei-me invadir por um cedimento de depressão pela relevante situação de mal-estar e recorro bem como Armida continuasse a dizer-me: «Não chore Rosetta, porque eu não sei verdadeiramente como consolar-lhe!». Consegui logo, porém, aliviar-me, considerando sobretudo a incidência negativa que teria podido seguir ao deixar proceder sozinha Armida.

De boa vontade, passeando com os meninos, íamos à Montanina para poder saudar Maria Valsecchi que nunca nos visitou. Quando a solicitamos, não somente não saía da pensão, mas a maior parte das vezes éramos obrigadas a ir encontrá-la na cozinha, e então levantava somente a cabeça e saudava-nos com o olhar, nunca distraído-se do trabalho. Isso acontecia porque Maria tinha uma grande sujeição da cozinheira que estava com ela na cozinha e parecia-lhe que ela tivesse um encargo de preeminência e de superioridade sobre ela. Uma de nós era muito freqüentemente empenhada na busca de um menino que escapava do grupo para refugiar-se sobre as árvores.

Assim que, com um revezamento a duas, feito de trabalho, reorganização e assistência aos meninos, chegou-se também ao último dia de permanência e esta jornada ma recordarei sempre porque, se Zaira aquela manhã não nos tivesse mandado Giaele²⁸ em ajuda para governar os meninos, nós duas sozinhas não teríamos seguramente conseguido. Armida e eu fizemos rolar

²⁸ Irmã de Zaira não ainda agregada à comunidade.

escada abaixo os baús (havia lençóis, coberta, etc.), porque carregá-los não era realmente possível e ninguém veio para dar-nos uma mão.

Fizemos a viagem de volta com o mesmo meio com o qual nos tinham levado até lá em cima e foi um pouco menos desconfortável do que a ida, porque estávamos sem quadrúpedes e sem a menina de dois anos que tivemos que mandar para casa muito antes pela falta de adaptação. Este foi o modo efetivo com o qual realizaram-se as primeiras férias com o primeiro grupo dos nossos meninos.

Concluindo, gostaria de sublinhar que quando me retornam as lembranças do período transcorrido em Rogo, eu penso nele com satisfação e alegria porque, não obstante as várias e múltiplas dificuldades e trabalho, também Armida e eu tínhamos entrado numa tal fraterna sintonia de afeto e de intentos, pelo qual esta bastou sempre para fazer desaparecer todo nosso cansaço e para fazer-nos, não somente dizer, mas experimentar o “*ecce quam bonum et quam jucundum habitare fratres in unum*”».

Paralelamente à atividade já em ato com os meninos anormais psíquicos, da primavera de 1947 até o final de 1949, as irmãs administraram a pensão La Montanina, de Esino Lario, secundando a proposta do proprietário Pe. Luís Polvara²⁹. Esta mudança de rota criou algumas incompreensões dentro da comunidade: a atividade da reeducação dos meninos cresceu e desenvolveu-se sempre mais, tanto que envolveu todos os recursos e as forças da Obra. Com efeito, até o final de 1949, abandonaram-se todas as colaborações e atividades dos retiros que, já limitadas aos meses de verão, encontrou bem pouco espaço. A presença na sociedade moderna, com a caridade dos primeiros cristãos, tomou forma nesta obra de caridade aprovada e abençoada pelo Pe. Luís.

Depois de alguns anos, a casa de Vedano revelou-se já insuficiente a satisfazer todos os pedidos de acolhida dos meninos. Pe. Luís e Zaira Spreafico puseram-se assim em busca de uma outra casa.

O horizonte mais longínquo

Para entender o significado de uma obra como A Nossa Família, é necessário ter em conta o contexto no qual nasceu e se desenvolveu: tal contexto é obviamente compósito, constituído por muitas variáveis que seria impossível avaliar analiticamente.

Um aspecto que, porém, num certo sentido, emerge entre os outros é a neuropsiquiatria infantil, ou seja, a disciplina que mais do que qualquer outra faz de pano de fundo para a atividade de A Nossa Família.

A neuropsiquiatria infantil na Itália tem raízes bastante remotas e envolve personagens ilustres: por primeiro De Sanctis, mas não podem ser esquecidos Montessori, Corberi, Montesano, Ferrari. Além dos indubitáveis méritos científicos (a De Sanctis, por exemplo, deve ser atribuído o mérito de ter feito hipóteses de psicoses

²⁹ Aceitou-se colaborar na direção do internato «La Motanina» para provar transferir para ali, durante o inverno, os meninos (sendo então ainda poucos e La Montanina em hóspedes) e deixar mais tranqüila a casa de Vedano, como pedido por Clara.

infantis) a este grupo deve-se a realização das primeiras estruturas assistenciais para a infância em dificuldade: os jardins de infância de De Santis (1899) representam uma solução iluminada não somente para as idéias daquele tempo e muito cedo seu modelo difundiu-se em toda a Itália.

No mesmo período não pode ser esquecida a atividade de um outro grande pioneiro: Giulio Cesare Ferrari, nem pode passar despercebido o debate que aconteceu a propósito deste tipo de assistência – não somente médica, mas também psicológica e pedagógica – debate do qual encontramos memória nos anais de então de *La Rivista Sperimentale di Freniatria*.

Montessori e Montesano dirigiram-se mais à pedagogia, seguindo o filão de estudos que, um século antes, fora iniciado por Seguin e depois magistralmente prosseguido por Decroly. Em substância, nasce naquele clima e naquela atmosfera a dimensão médico-psico-pedagógica, integrada por louváveis iniciativas no campo escolar e da formação, realidade precursora na Itália da neuropsiquiatria infantil que, no entanto, não somente constituíra-se mas tivera já o primeiro Congresso internacional (Paris, 1937) sob a presidência de Heuyer.

No segundo após-guerra, a neuropsiquiatria infantil começou a existir com um próprio nome: em 1948, Cerletti propôs um «Comitê Italiano para a neuropsiquiatria infantil» que, porém, até 1970, permaneceu uma seção interna da Sociedade de psiquiatria. Contudo, já existia, tendo sido constituída, em 1948, a SIAME (Sociedade Italiana para a Assistência ao Deficientes na Idade Evolutiva), fundada por Carlo De Sanctis, filho de Sante De Sanctis. A SIAME promovia numerosas iniciativa e, num certo sentido, foi a coligação entre a obra dos pioneiros e a sucessiva aparição da neuropsiquiatria infantil, mas sobretudo antecipou o seu caráter interdisciplinar. Por muitos anos a SIAME foi a efetiva sociedade científica de todo cultor de neuropsiquiatria infantil.

Nos anos sessenta instituíram-se as primeiras cátedras daquela disciplina (Roma e Messina), mas rapidamente multiplicaram-se os ensinamentos universitários, as repartições hospitalares, as escolas de especialização, até que, em 1970, também a neuropsiquiatria infantil teve a própria Sociedade. Esta vicissitude, que pôde ser ilustrada somente a lampejos, atua como pano de fundo do panorama daqueles anos que via em primeiro plano a realidade do instituto médico-psicopedagógico, uma realidade certamente hoje superada, mas, naquela época, fortemente renovadora. A autêntica clínica da neuropsiquiatria infantil fazia-se nestas estruturas que não somente assistiam, mas formavam e faziam pesquisa.

A Nossa Família nasceu como instituto médico-psicopedagógico, mas com uma abertura caracterizada pela atenção à pessoa e por um espírito de acolhida não costumeira para os tempos³⁰.

³⁰ Outras escolas para a «Infância deficiente» (como era chamada) eram:

- *A Escola Treves De Sanctis*: esta escola para a reeducação dos anormais psíquicos levou à máxima eficiência na Itália o princípio de De Sanctis que considerava necessário não erradicar o anormal psíquico educável desde o seu núcleo familiar, que, só, pode permitir o seu completo desenvolvimento através de estímulos afetivos e sociais.

Surgida em Milão, numa barraca de «via Vittorio Colonna», em janeiro de 1915, para hospedar 50 alunos sob a guia de quatro professoras e dois especialistas (ortofonia e educação física) conheceu nos anos seguintes um rápido e florescente desenvolvimento (veja-se A. SPINELLI – N. DI GIACOMO BRAIDOTTI, *La rideucazione degli anormali psichici ala Scuola«Treves De Sanctis» di Milano*, Saronno, s.d.)

O grão caído no chão

A Nossa Família propôs-se ao panorama médico-pedagógico do tempo com um significado e uma finalidade reabilitatória bem precisos, que o mesmo Pe. Luís reassumiu pontual e esquematicamente no discurso de inauguração da casa de Varazze, aos 14 de maio de 1952. É surpreendente notar como ele tenha chegado no curso dos anos a clarificar e dar organicidade a uma intuição que custava a tomar forma e a encontrar uma explicação concreta na realidade. Depois de ter colocado a primeira pedra em Vedano Olona, que acontecera 14 anos antes, tinham-se não só construções, mas uma autêntica espiritualidade que as mantinha coerentemente em vida.

Mas, escutemos as palavras textuais do Pe. Luís que, depois de ter saudado e agradecido as autoridades eclesiásticas e civis presentes, passou a explicar a origem e o significado da Instituição:

«A nossa Instituição nasceu como o grão evangélico que, caído na terra, produz muito fruto. Faz parte dos Institutos seculares, segundo a *Provida Mater Ecclesia*, querida pelo atual pontífice, sem as insígnias dos religiosos, mas na substância e no espírito completamente iguais a eles e com modos mais aptos aos tempos modernos». Depois ilustrou as suas atividades: «[Fazemos] toda obra que a Providência nos manda, já que o que nos distingue, é o espírito e o modo que nos fazem diferenciar a nossa obra das outras obras semelhantes à nossa. Agora preferentemente acolhemos crianças deficientes e retardadas com o escopo: 1º de remover deles o que é nocivo para eles e para os outros; 2º de recolocá-los na sociedade capazes e auto-suficientes. Para fazer isso ocorre dar-lhes meios eficazes para que possam alcançar seu fim: e eis os médicos especialistas como, por exemplo, a nossa professora Colli e o professor Vercelli do Instituto neurológico de Milão, eis as nossas doutoras e especializadas que seguem os meninos com método individual».

O discurso do Pe. Luís prosseguiu elucidando sinteticamente a razão da Obra que:

«Está em toda parte onde há um bem para fazer, penetrando na sociedade com o espírito dos Apóstolos e com a caridade dos primeiros cristãos».

A conclusão foi um hino à Providência e à Caridade, fundamentos da espiritualidade do Pe. Luís:

A Nossa Família, com o Instituto neurológico e a Escola Treves De Santi foram os primeiros na Itália a ocupar-se dos meninos anormais psíquicos.

- *A Escola Giulio Tarra* para anormais do ouvido e da palavra.
- *A Escola Antonio Scarpa* para anormais da vista.
- *A Escola «Paolo e Larissa Pini»* para os epiléticos.
- *Escola «Gustavo Negri»* para aqueles com lesão funcional motora.

Estas últimas nasceram sob o impulso da Associação Pro Infância Anormal (PIA, seção lombarda da SIAME) surgida em 1918, do Comitê já existente para o estudo dos problemas da existência dos meninos anormais, presidido por Eugenio Medea.

«Às vezes sentimo-nos tanto fracos diante de tanto bem. Mas a Providência não deixa de ajudar-nos, como nesta feliz circunstância e nós, como apóstolos subindo ao templo do Senhor para agradecer-lo pelos seus benefícios, vemos, como São Pedro, o necessitado que nos estende a mão em busca de socorro. E nós que vemos no necessitado o nosso filho, com o coração de mãe ardente, inclinamo-nos para ele e lhe dizemos: “Não temos prata nem ouro, mas o que temos, isto te damos: tome a nossa vida, levanta-te e anda”»³¹.

E isso realiza-se com um plano de intervenção individualizado e a completa responsabilidade pela criança: o que caracterizou e caracteriza ainda hoje as intervenções de A Nossa Família. No centro de toda intervenção está a criança com a sua enfermidade, mas sobretudo com a sua individualidade que deve ser entendida, respeitada e ajudada: não existe o deficiente, mas existe Davi, existe Lucas com os cabelos louros, os olhos castanhos, que ama cantar e comer pizza! Antes da doença está a pessoa com a sua dimensão física, psicológica, afetiva.

Reduzir a intervenção a uma ação específica mirrada e delimitada ao evento patológico, sem globalmente interessar-se pelas conseqüências e implicações que tal evento desencadeou a outros níveis, não só físicos, mas também psicológicos e existenciais, é não permitir à pessoa alcançar aquele estado de bem-estar total, que torna a vida serena.

A intencionalidade que guia toda intervenção começa de uma visão antropológica unitária e partilhada do conceito de «pessoa», que se torna o elemento propulsor e, ao mesmo tempo, o ponto de chegada ao qual dizem respeito todos os esforços e as atividades dentro da Associação. Pe. Luís viu na criança a pessoa naquela acepção que o magistério da Igreja teria elaborado anos mais tarde na *Gaudium et Spes*, de 07 de dezembro de 1965³². O documento começa no proêmio:

«É a pessoa humana que deve ser salva. É a sociedade humana que deve ser renovada. É, portanto, o homem considerado em sua unidade e totalidade, corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade, que será o eixo de toda a nossa explanação»³³.

No primeiro capítulo dedicado à dignidade da pessoa humana se diz:

«De acordo com a sentença quase concorde dos crentes e não crentes, todas as coisas existentes na terra são ordenadas ao homem como a seu centro e ponto culminante»³⁴.

Mas, o que é o homem? A Sagrada Escritura ensina que o homem foi criado «à imagem de Deus», capaz de conhecer e amar o próprio Criador, e que foi constituído

³¹ At 3,6.

³² A idéia do Pe. Luís era só um embrião, mas continha já o essencial, que teria depois sido desenvolvido na *Gaudium et Spes*.

³³ GS 3.

³⁴ GS 12.

por Ele sobre todas as criaturas terrenas como senhor delas, para governá-las e servir-se delas para a glória de Deus:

«Que é um mortal, para dele te lembrares, e um filho de Adão, que venhas visitá-lo? E o fizeste pouco menos do que um deus, coroando-o de glória e beleza. Para que domine as obras de tuas mãos sob seus pés tudo colocaste» (Sl 8,5-7).

O homem, pela sua íntima natureza, é um ser social, e sem as relações com os outros não pode mais viver nem esclarecer os seus dotes. Vem declarada a fundamental igualdade de todos os homens em qualquer condição se encontrem em nome daquele «criados à imagem de Deus»:

«Dotados de alma racional e criados à imagem de Deus, todos os homens têm a mesma natureza e a mesma origem; redimidos por Cristo, todos gozam da mesma vocação e destinação divina: deve-se portanto reconhecer cada vez mais a igualdade fundamental entre todos. Na verdade nem todos os homens se equiparam na capacidade física, que é variada, e nas forças intelectuais e morais, que são diversas»³⁵.

Pe. Luís e a sua Obra de caridade focalizaram a intervenção e a atenção sobre a pessoa e em particular sobre a etapa inicial e mais frágil do estupendo caminho evolutivo que culmina com a maturidade do ser humano. O menino nas histórias dos povos e no imaginário coletivo tem sempre revestido um papel importante, mas tem também assumido uma multiplicidade de significados às vezes contraditórios. Capaz por um lado de suscitar nos homens os sentimentos mais belos e mais puros, por outro torna-se objeto de violências e atrai sobre si as iras e os instintos selvagens da natureza humana. Considerado um tesouro precioso que se deve guardar e amar em algumas culturas, em outras é uma incômoda boca a mais para saciar ou um cachorrinho que se deve criar até quando alcance aquele mínimo de autonomia para sobreviver. Já no período imperial de Nerva e Trajano, Juvenal escrevia: «Maxima debetur puero reverentia»³⁶ (a criança tem direito ao máximo respeito). Mas o verdadeiro promotor da criança foi Jesus Cristo. No Evangelho encontram-se passos eloqüentes e paradigmáticos sobre meninos que são exaltados e indicados como exemplos a serem emulados para alcançar uma espiritualidade perfeita:

«Deixai as crianças virem a mim. Não as impeçais, pois delas é o Reino de Deus. Em verdade vos digo: aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança, não entrará nele». Então, abraçando-as, abençoou-as, impondo as mãos sobre elas» (Mc 10,14-16); «Aquele que receber uma destas crianças por causa do meu nome, a mim recebe; e aquele que me recebe, não é a mim que recebe, mas sim àquele que me enviou» (Mc 9,37); «Se alguém escandalizar um destes pequeninos que crêem, melhor seria que lhe enfiassem pelo pescoço a mó que os jumentos movem e o atirassem ao mar» (Mc 9,42).

³⁵ GS 29.

³⁶ JUVENAL, *Sátiras*, XIV, 47.

Uma multidão de filósofos e escritores procurará, no curso dos séculos, encontrar no homem aquela «criança» escondida, que permanece na idade adulta, ou de refugiar-se na infância como mítica idade da inocência. Saint-Exupéry e Pascoli são somente dois entre os escritores contemporâneos que se aventuraram nesta busca.

Ocupar-se das crianças, e ainda mais das crianças enfermas psíquicas, em 1946 foi um gesto profético, um encarregar-se de uma necessidade ignorada pela cultura e pela consciência do tempo. A corrida para a reconstrução não esperava e não podia esperar quem, por força das coisas, era destinado a permanecer atrás.

O amor na dor

O Pe. Luís não foi nem um psicólogo, nem um pedagogo; não deu coerência lógica a um pensamento educativo, de tal maneira que o elevasse a método, como fizeram outros sacerdotes ou fundadores. O Pe. Luís deu às irmãs linhas de comportamento que nasciam do coração e eram ditadas pelos mais puros sentimentos espirituais que viam no outro a imagem encarnada de Deus. Sentimentos espirituais que enceram e fortificam aqueles humanos, purificando-os das escórias do egoísmo tão conaturais ao homem. O amor devia ser a única resposta aos tantos sofrimentos das crianças e das suas famílias.

Luís Santucci, no perfil que traçou sobre o Pe. Luís, depois de ter visitado A Nossa Família nos anos seguintes à morte do fundador, escreveu:

«Creio que nenhum dos grandes santos fundadores que se confrontaram nas suas obras com a dor dos inocentes tiveram na sua bagagem de conhecimentos algum silogismo teológico para explicar o sofrimento, para vencer o escândalo que ela desencadeia no coração do homem, senão este paradoxo que o pequeno padre de Cislago deixou nos seus poucos escritos, em termos quase intolerantes: “Purificação, expiação? Não é verdade. Deve-se explicar a dor só com o amor”»³⁷.

Mas quem eram as crianças para o Pe. Luís? A resposta brota de alguns dos seus escritos, nos quais a criança assume a conotação de uma autêntica «soberana», à qual são reservadas todas as honras e as atenções. As crianças, sobretudo, são guardiães e encerram o mistério de Deus, o lugar escolhido por Deus para habitar e para manifestar-se. As crianças são para os adultos os exemplos da simplicidade, da transparência da fé verdadeira, destituída de toda mancha de malícia e de pecado: «Desejo-lhes apenas que tenham aquela fé e aquela realidade que provam as crianças que esperam os dons do Menino Jesus»³⁸.

Lê-se numa carta endereçada pelo Pe. Luís à comunidade:

«Sei quanto lhes sou devedor pelo seu bom exemplo de abnegação com as queridas crianças, que já arrebatam o coração de todos, e fazem com que a nossa obra adquira na opinião de tanta gente o título de grande Obra de caridade

³⁷ L. SANTUCCI, *Profilo di Don Luigi Monza*, Ponte Lambro 1964.

³⁸ L. MONZA, *Don Luigi ci parla*, Ponte Lambro 1973, 152.

[...] Os nossos filhos ocupam a parte preponderante da jornada e tudo torna-se secundário a respeito da sua assistência e educação»³⁹.

E ainda: «É preciso, portanto, tornar-se mães para estas crianças que atraem as mais belas bênçãos do Senhor»⁴⁰.

No discurso que fez em Varazze, para a inauguração da nova casa, aos 14 de maio de 1952, Pe. Luís sublinhou de modo admirável esta reverência pelas crianças que deve ser a síntese entre o calor do amor materno, ínsito na inclinação natural do ser humano, e aquele espiritual que é disposto a dar a vida pela salvação do outro⁴¹.

Pe. Luís não entrou ativamente em primeira pessoa na atividade com as crianças, mas deu um cunho, um estilo sobre o qual se modelaram os comportamentos das irmãs. Indicações que brotaram da sabedoria da caridade são aquelas transcritas em seguida:

«É essencial que as crianças, que estão em contato com vocês, não devam mais advertir suas limitações. A Pequena Apóstola deve fazer próprias não só as suas penas (e as têm mesmo se são pequenas, mas para elas assumem dimensões despropositadas), mas também ela deve sentir e levar com elas as fadigas, inclusive aquelas da aprendizagem. Deve tornar esta última para eles sempre mais fácil, com todos os meios que a técnica moderna coloca à sua disposição. Também aqui devem sobressair-se, descobrindo e multiplicando aqueles talentos que tiveram do Senhor. Vocês devem ter pelas crianças um grande amor; aproximem-se delas com grande sensibilidade, fineza, delicadeza, com capacidade de partilha da dor quanto e como ninguém nunca teve com elas. Sua missão a seu lado deve ser conduzida com o maior amor no meio de tanta dor! Especialmente para com aquelas que são capazes só de sofrimento, a Pequena Apóstola deve ter sempre mais clara a visão de Jesus que está nelas: são a imagem e o reflexo de Cristo sofredor! Sua dedicação amorosa deve estender-se a todos e em igual medida e sem esperarem nenhuma recompensa»⁴².

Além disso, lê-se nos escritos dirigidos às irmãs: «Cada uma sinta viva a responsabilidade, diante de Deus e diante dos homens, destas crianças e a tarefa que assume a leve a cabo com amor e com sacrifício»⁴³. E ainda:

«Fico muito contente ao ouvir que a senhora é muito apta para estar com as crianças e, aliás, tem prazer em estar com eles. Esta é uma belíssima inclinação que serve otimamente à nossa instituição, com o primeiro apostolado das queridas crianças que o Senhor nos deu e que os pais nos entregam com a

³⁹ *Una proposta di vita*, Ponte Lambro 1976, 195.

⁴⁰ *Ibid.*, 186.

⁴¹ *Ibid.*, 127.

⁴² Recordações de ROSETTA SPREAFICO, em APL.

⁴³ *Una proposta di vita*, cit., 196.

maior confiança. É preciso, portanto, tornar-se como mães para estas crianças que atraem as mais belas bênçãos do Senhor»⁴⁴.

O essencial é invisível aos olhos

Pe. Luís foi um homem de poucas palavras, que preferiu e escolheu testemunhar mais com a vida do que com complicadas elucubrações. As «suas filhas», que o conheciam, aprenderam muito cedo a ler os pequenos fatos cotidianos e na aparência insignificantes da sua vida, para tirar deles grandes ensinamentos, um pouco como se faz com as máximas dos antigos: exemplos de admirável simplicidade e preciosa sabedoria. Os dois pequenos fatos, transcritos em seguida, são o exemplo paradigmático de quanto a vida seja mais eloqüente e incisiva do que tantas recomendações e conselhos. A narração, por obra de duas irmãs, assume tons quase evocativos e, transitando no túnel da recordação, sai dele fortificada por aquela emotividade que testemunha quanto a mensagem haja penetrada no coração.

«Encontrava-me naquela época em Varazze, na nossa casa na praia, onde de vez em quando chegava o Pe. Luís. Aquela tarde estava no jardim com um grupo de crianças irrequietas e difíceis; Pe. Luís estava conosco. Num certo momento a minha admoestação deve ter sido mais severa do que de costume, porque o Pe. Luís, reunindo as crianças, aproximou-se de mim e disse-me com o seu sorriso animador: “Minha filha, se você quer pecar a respeito destas crianças, peque de indulgência, nunca de severidade”. Entrei na casa com os meus meninos para dispô-los no refeitório, quando eis ele de novo entre nós. Chamou três das crianças entre as mais enfermas, colocou-as sentadas sobre seus joelhos, depois, chamando-me de novo, disse-me sempre animador e sereno: “Aquilo que fizerdes aos mais pequenino destes, a Mim o fareis”»⁴⁵.

«Um menino nosso hóspede esperava, como lhe fora prometido, a chegada os próprios pais para transcorrer com eles o período de verão. Senão que, vendo que os pais não chegaram no dia estabelecido, o menino procurou ir sozinho para casa, afastando-se de noite do Colégio, sem que o soubéssemos. Quando nos demos conta da sua falta, a diretora e todas as senhoritas começaram a procurar o menino, preocupadas e ansiosas por encontrá-lo quanto antes. Mas chegou a noite e o fugitivo não fora ainda encontrado. Estávamos todas com as pernas doendo pelas caminhadas que fizemos para passar palmo a palmo os bosques em redor de nós, dos mais vizinhos aos mais longínquos, estávamos também sujas de lama e não faltavam os arranhões. Não teríamos certamente podido continuar na busca durante a noite, depois de uma jornada na qual ninguém tinha poupado esforços, sem se conceder nenhum momento de parada. Na manhã seguinte, de Milão, advertem-nos que tinham encontrado o menino e que o teriam trazido no dia seguinte. Pe. Luís naquele dia partilhara conosco a apreensão daquela fuga. Ele teria devido partir naquela manhã com a

⁴⁴ *Ibid.*, 196.

⁴⁵ Recordações de ARMANDA CAGOSSI, em APL.

diretora para Sestri, onde um grupo das nossas crianças estavam de férias na praia. Mas não partiram nem sequer na manhã seguinte. Esperava-se a chegada do menino!

Na medida em que o tempo passava, a expectativa tornava os nossos ânimos sempre mais tensos e, no entanto, discutíamos juntas sobre como acolhê-lo, se era bom ou não dar-lhe a lição que merecia. A maior parte achava que sim: tinha 14 anos e podia entender quanta angústia tinha-nos causado; era somente epiléptico. O Pe. Luís escutava, mas não falava. Em silêncio, ia de um lado para outro com o Breviário ou com o terço nas mãos. De quando em quando, ia para as alamedas e levantava a cabeça só para ver se alguém aparecia. São as 12:30 h e ainda ninguém apareceu. Fora dito que teria tocado a ele, na chegada, admoestá-lo, repreendê-lo e... impressioná-lo! Se ele não tivesse sido capaz disso, não teria devido mover-se. Estamos comendo e da portaria somos avisadas que finalmente está chegando. Sem que nenhuma de nós tivesse tido o tempo de dar-se conta, vemos do alto o Pe. Luís que, ligeiro e veloz, atravessa a pracinha que estava abaixo. Quase no início da vereda, ziguezagueando, aparece o menino com ao lado dois acompanhadores e, imediatamente, o Pe. Luís, com um movimento amplo, abre os braços, vai a seu encontro e, logo que lhe está vizinho, abraça-o. Nós vimos tudo, calamos e compreendemos que também com este seu gesto, Pe. Luís queria falar, como sempre, de bondade e de amor»⁴⁶.

O Pe. Luís, com as crianças de A Nossa Família, foi o pai do evangelho, sempre pronto a ir ao encontro, a não permanecer ancorado nas próprias posições para fazer-se próximo. Não foi o pai permissivo, de uma doçura tola, mas aquele que ama com firme ternura. Em algumas ocasiões soube também improvisar-se animador.

«Recordo como no verão passado (julho de 1954), numa excursão a Piano Resinelli com os mais velhos, tenha brilhantemente triunfado na difícil tarefa de entreter o minúsculo e difícil grupo com uma história inventada naquele momento, com aquele humor que lhe era característico e com particular referência de entoação moral que os meninos recordam ainda hoje. E com os mais pequeninos? E era um coro de vozes argentinas: Pe. Luís!... Pe. Luís!... um alegre brilho em todos aqueles pequenos rostos quando o viam despontar da alameda!»⁴⁷.

Esta atitude quase de contemplação das crianças como manifestação do rosto de Cristo, e do Cristo sofredor, relembra um passo do famosíssimo livro *O Pequeno Príncipe*, no qual o escritor Antoine de Saint-Exupéry exprime poeticamente o mesmo arrebatamento do adulto piloto que contempla o rosto do Pequeno Príncipe adormecido nos seus braços e percebe a caducidade da sua aparência em favor da eternidade do mistério escondido atrás dela. Um mistério que Saint-Exupéry não sabe definir, que talvez sempre procurou e que quisera denominar:

⁴⁶ ROSETTA SPREAFICO, em APL.

⁴⁷ Recordação de ANTONIETTA BALDINI, em APL.

«Começava a adormentar-se, eu o tomei nos meus braços e recomecei a caminhar. Estava comovido. Parecia-me carregar um frágil tesouro. Parecia-me também que não existia nada de mais frágil sobre a terra. Olhava, à luz da lua, aquela testa pálida, aqueles olhos fechados, aqueles cachos de cabelos que tremiam ao vento, e dizia-me: “O que eu vejo é somente a casca. O mais importante é invisível”. “Eis o que mais me comove neste pequeno príncipe adormentado: é a sua fidelidade a uma flor, é a imagem de uma rosa que resplandece nele como a chama de uma lâmpada também quando dorme”. E via-o ainda mais frágil. É preciso proteger bem as lâmpadas: um golpe de vento pode apagá-las»⁴⁸. E ainda: «Não se vê bem a não ser com o coração: o essencial é invisível para os olhos»⁴⁹.

Instituto Secular

A primeira comunidade reunira-se em redor da figura do Pe. Luís e do seu ideal de ser uma presença irradiante na sociedade moderna, com o espírito dos apóstolos e a caridade dos primeiros cristãos, sem aderir a uma regra escrita ou a algum tipo de vínculo formal ou oficial. Com o tempo, o Pe. Luís entendeu que ocorria desenhar um quadro normativo coerente. Por isso empenhou-se fervorosamente na redação das regras, com a finalidade de pôr os fundamentos espirituais para as jovens que a ela aderiam. Para que isso acontecesse, revelou-se necessário o reconhecimento da autoridade eclesiástica. Não foi coisa fácil. Disso dão testemunho os numerosíssimos escritos, recolhidos em cadernos e folhas disseminadas, onde se lê o esforço de precisar e sistematizar sempre melhor a sua espiritualidade. O material não datado, e redigido às vezes em veste de apontamentos, torna árduo um trabalho que queira ser preciso e sistemático.

Depois de tantos esforços e reflexões, Pe. Luís e Clara Cucchi apresentaram ao Cardeal Schuster, arcebispo de Milão, as primeiras regras, nas quais eram definidos completamente o fim e o espírito da Obra, as modalidades de desenvolvimento do trabalho de apostolado, as práticas de piedade e tudo o que concernia às casas. Além disso, foi relacionado o trabalho desenvolvido de 1938 a 1945, distinto em atividades na casa de Vedano Olona e no «Apostolado de inserção».

Pela primeira vez foi codificado o fim da Obra de modo conciso e sistemático:

«A Nossa Família propõe-se como fim principal primário a glória de Deus, a santificação dos membros, mediante a práticas dos três votos, a observância da regra e a devoção mais filial à Igreja e ao Romano Pontífice».

O fim secundário era a conquista da família para Cristo, com a caridade dos primeiros cristãos, através de retiros e santos exercícios, obras de assistência, apostolado de inserção nos estabelecimentos, na escola, nas famílias. Além disso, era especificado que a

⁴⁸ A. SAINT-EXUPÉRY, *Il Piccolo Principe*, Bompiani, Milano 1980⁴, 106.

⁴⁹ *Ibid.*, 98.

«religiosa da Nossa Família deverá possuir sobretudo espírito apostólico, zelo ardente pelas almas, profundo espírito de desapego e de adaptação».

O Cardeal Schuster não tomou posição a respeito do «Regulamento» apresentado e exprimiu o seu juízo com a nota em seguida transcrita:

«Deus abençoe as santas intenções e as pias iniciativas. Até agora vocês são poucas e numa casa só. Redigiram, todavia, uma regra, como se tivessem cem. A regra segue o desenvolvimento da família religiosa, não a precede. Sejam muito discretas: dois cursos de exercícios anuais parecem demasiados. Também a segunda meditação da tarde poderia resultar pesada».

Baseando-se nas indicações do cardeal, o Pe. Luís aprofundou e reformulou as suas Regras: a uma destas tentativas remonta o esboço intitulado *Associação feminina religiosa Nossa família*, que se põe como reflexão intermédia entre a regra apresentada ao cardeal e as Breves Constituições.

Enquanto o Pe. Luís refletia e procurava aprofundar a fisionomia da sua obra, aos 02 de fevereiro de 1947, o papa Pio XII promulgava a constituição apostólica *Provida Mater Ecclesia*, com a qual dava estável e oficial reconhecimento a uma nova forma de perfeição cristã nos «Institutos Seculares», forma que se acrescentava àquela já existente e rica de perene vida nas antigas Ordens e àquela mais recente das Congregações religiosas. A *Provida Mater* vinha ao encontro dos urgentes pedidos por parte daqueles grupos leigos que queriam viver no mundo, mas com os votos. Depois do Código de direito canônico de 1917, laicidade e consagração excluía-se mutuamente. Em 1938, em San Gallo, na Suíça, encontraram-se uns vinte de tais sodalícios. Um memorial redigido pelo Pe. Agostino Gemelli, com a ajuda de Giuseppe Dossetti, avançara a idéia da possibilidade de um estado jurídico de perfeição diverso do estado religioso em sentido estrito, em relação às novas necessidades e às novas orientações da sociedade cristã. Fim e programa destes grupos era o serviço de Deus e do mundo. Os termos do problema eram os seguintes. Nas associações religiosas ou quase religiosas tradicionais, quem entra a fazer parte delas educa-se a promover a vinda do reino de Cristo no mundo com a oração e com a ação, operando no mundo, mas fora do mundo. Quem entra a fazer parte destas novas formas consagra-se com a mesma intensidade e totalidade ao mesmo fim, mas operando, por assim dizer, no mundo desde dentro do mundo.

A resposta a esta instância veio, portanto, da *Provida Mater*. Esta foi seguida pelo *motu proprio Primo feliciter*, de 12 de março de 1948, e pela Instrução *Cum Sanctissimus*, de 19 de março de 1948. «Com os documentos dos anos 1947-48, pode-se, portanto, dizer que aconteceu um salto qualitativo na legislação eclesiástica, enquanto foi reconhecida a possibilidade de uma consagração total também para quem escolhe permanecer no mundo, enquanto une secularidade e consagração como

elementos constitutivos dos novos institutos»⁵⁰. Pe. Luís achou apto para a própria intuição o quadro jurídico que lhe oferecia a Igreja. E operou neste sentido.

⁵⁰ Veja-se M. ALBERTINI, «Istituti Secolari», em *Dizionario degli Istituti di perfezione*, Ed. Paoline, Roma 1978, vol. V, 108.

CAPÍTULO VII

CONSTRUIR SOBRE A ROCHA

(1950-1954)

A Nossa Família é já realidade

Aos 06 de janeiro de 1949, Epifania do Senhor, com uma modesta cerimônia foi inaugurada a casa de Ponte Lambro. O momento era importante, mesmo se poucos tinham-se dado conta. Aos poucos a pequena nave da Nossa Família começava a navegar para o alto-mar e iniciava o grande desenvolvimento da Obra querida pelo coração do Pe. Luís.

Não foi fácil identificar um edifício que possuísse as características tais para poder satisfazer as exigências da atividade da reeducação. O Pe. Luís comprara um edifício em Valmadrera, a poucos quilômetros de Lecco, que, resultado depois não apto para a atividade com as crianças, revendeu-o para comprar a Vila Scaraveglia em Ponte Lambro¹, um vilarejo industrial, nas margens do Rio Lambro, perto de Erba. O amplo parco e o terreno circunstante eram o lugar ideal para as crianças. Além do mais, isso teria permitido uma futura expansão do Instituto. Para esta compra contribuíram também os sacrifícios das associadas e algumas doações. O preço da Vila totalizava 10 milhões, e foi necessário pedir empréstimos para conseguir a quantia.

Em 1948, depois de ter transcorrido o santo Natal em Vedano, no dia de Santo Estêvão foi ocupada a casa de Ponte Lambro e, durante as férias natalícias, o Pe. Luís pregou um retiro para a maior parte das Pequenas Apóstolas.

No entanto a saúde da «superiora» Clara Cucchi, já doentia, piorara a partir de setembro de 1946, depois de uma operação e das graves complicações que logo sucederam-se. Recuperara-se mas os anos sucessivos foram um contínuo alternar-se de altos e baixos. Por isso fora obrigada a ausentar-se por longos períodos da comunidade para permanências na Riviera, ou então em lugares salubres e tranquilos.

A Igreja, que não ama os encargos vitalícios, exige uma rotação no exercício da autoridade no interior das comunidades religiosas e dos institutos seculares. A coisa é tanto mais urgente quando motivos de saúde mantêm longe o responsável das suas comunidades.

Foi este o problema que o Pe. Luís se pôs em 1948 e resolveu nomeando Zaira Spreafico superiora do Instituto.

Zaira nascera em Lecco, aos 06 de abril de 1920. Era uma paroquiana do Pe. Luís, ao qual pedira para ser guiada na direção espiritual. Tivera frequentes contatos com a primeira comunidade de Vedado e ajudara o Pe. Luís a fazer publicidade da iniciativa dos retiros espirituais, que naqueles anos iam-se organizando. Em 1940, obtivera a habilitação ao ensino da religião nas escolas do segundo ciclo. De 1940 a 1942, prestara serviço voluntário na Cruz Vermelha, nos hospitais militares. Fascinada pelo grande ideal de ser levado na sociedade moderna com o espírito dos Apóstolos e a

¹ A casa de Ponte Lambro foi comprada com muitos sacrifícios, além de que para ter maior disponibilidade para a acolhida (sendo aumentados os pedidos), sobretudo para ter a certeza de uma sede própria da Obra, em vista do pedido de reconhecimento canônico que se queria encaminhar.

caridade dos primeiros cristãos, entrara a fazer parte da comunidade aos 31 de julho de 1942.

Em correspondência com a expansão e com o endereçar-se da atividade de A Nossa Família em favor dos meninos deficientes psíquicos, Zaira Spreafico especializara-se em psicométrica, fisioterapia e logoterapia. Esteve entre as associadas que, de 1945 a 1947, prodigalizaram-se para a assistência das crianças abandonadas do após-guerra, órfãos ou filhos de justicados e prisioneiros políticos em colaboração com a POA, em Cugliate.

A escolha do Pe. Luís era delicada. Podia errar pessoa. Não é raro que um bom súdito demonstre-se depois um superior inepto. Confiar a obra nas mãos de uma pessoa sem carisma e sem coragem podia prejudicar de modo irreparável o futuro.

Mulher de caráter forte e decidido, Zaira não hesitou em assumir energeticamente a responsabilidade daquela pequena semente ainda escondida debaixo da terra, mas cheio de frutos, e arriscou percorrer vias ainda inexploradas, ajudada, sustentada e aconselhada pelas outras irmãs. Os pioneiros são geralmente impelidos pela força do desespero, pelo gosto do desafio e do perigo ou pelo fascínio do desconhecido. Zaira foi animada, ao invés, por aquele mesmo desejo do Pe. Luís de levar a caridade para o interior de um mundo que já se tornara pagão. Sobre Zaira e os seus dotes, o Pe. Luís investiu muito. Os fatos demonstram as qualidades do seu discernimento².

Nesse período o Instituto A Nossa Família teve um grande desenvolvimento. As famílias que apresentavam o pedido de acolhida para os seus filhos estavam aumentando e, no setor pedagógico especial, forte era o pedido de Institutos que se ocupassem das necessidades destas crianças.

Já que muitas entre as crianças precisavam de estadias na praia, comprou-se uma casa em Varazze, na Província de Savona, com dificuldades não só econômicas, mas também «culturais e sociais», enquanto algumas autoridades locais não estavam de acordo que se criasse um Instituto para crianças deficientes em seu território. A casa foi inaugurada aos 14 de maio de 1952, na presença do prefeito de Savona e do Bispo Dom João Batista Parodi, que ministrou a crisma. Padre Luís fez um discurso de cunho social, ao qual já acenamos, sobre os fins da Obra e a doutora Colli, médico primário da repartição infantil do Instituto Neurológico de Milão, integrou-o com uma intervenção apta a ilustrar os aspectos médicos e pedagógicos.

A casa, além de que os próprios meninos, hospedou no verão aqueles de Vedano e de Ponte Lambro que, necessitados do salubre ar marinho, ali encontraram um lugar apto para continuar a intervenção de recuperação. A casa de Varazze, com o passar dos anos, tornou-se objeto de interesse: testemunham-no as visitas de sacerdotes, irmãs, mas também de médicos que, precisamente nestes anos, quiseram visionar a atividade do Instituto.

Em Ponte Lambro, perto da Vila Scaravaglio, havia uma outra vila chamada Vila Pavoni. O senhor Pavoni, intencionado a vender o imóvel, em 1952 o propôs à

² A confiança na Providência e não só nas suas próprias forças, deram-lhe coragem e consolação também nos momentos mais difíceis. O Espírito Santo, que guia a história e as Pequenas Apóstolas, quis que A Nossa Família fosse reconhecida também no âmbito civil e social. Com efeito, graças ao empenho e à dedicação pela Obra, foram consignados à Zaira numerosos reconhecimentos e benemerências pessoais por parte das Prefeituras, Administrações Provinciais, Ministério da Saúde, Presidência da República e Clubes privados como o Rotary Club e as Soroptimist. Tais gestos vão premiar não só a figura líder de Zaira, mas também toda a comunidade das irmãs que com ela dedicou-se com sacrifício à realização do ideal do Pe. Luís.

Nossa Família, que aceitou. O projeto sobre este novo edifício concernia, num primeiro momento, à formação dos membros da Associação, mas foi mudada a sua destinação de uso, depois de uma viagem a Lourdes. Com efeito, o Pe. Luís, em junho de 1952, tinha ido lá com Zaira e Maria Teresa Dell'Orto, para agradecer Nossa Senhora pela cura desta última, curada milagrosamente no ano precedente e do qual tratar-se-á em seguida. Às duas senhoritas, que se dispuseram como damas de assistência, foi confiada uma menina espástica. Fora feita a proposta por parte do Instituto neurológico de ocupar-se desta categoria de deficientes, isto é, meninos acometidos por paralisia cerebral infantil (espásticos), mas elas não se sentiam preparadas.

Pe. Luís ficou muito impressionado com esta doença, e, com Zaira, decidiu acolher as crianças acometidas por patologias motoras, porque nelas entreviu pessoas necessitadas de caridade que a sociedade daquele tempo ignorava e não tutelava. Nasceu assim o Centro de Reeducação motora para crianças acometidas por paralisias cerebrais infantis ou discinéticos. Foi o primeiro Instituto na Itália em sede extra-hospitalar e uma das primeiras iniciativas atuadas no campo específico, em concomitância com aquela do Instituto Neurológico de Milão e do Hospital Civil de Crema. Naquele mesmo ano, pelo Instituto Neurológico de Milão, foram mandados os primeiros 5 meninos.

A doutora Adelaide Colli Grisoni deu uma ajuda para a preparação do pessoal escolhido entre as Associadas, destinado ao cuidado destas crianças. Outras associadas freqüentaram nestes anos o Instituto de Terapia Física do Hospital Maior de Milão. Neste ínterim, na casa de Vedano Olona, continuou a atividade com as meninas deficientes psíquicas. Em junho de 1950, duas irmãs fizeram os exames de habilitação para o ensino às crianças deficientes psíquicas, para tornar sempre mais competentes, além de que rico de amor, o serviço em favor das crianças.

Naqueles tempos, não havia uma normativa que garantisse, por partes das instituições públicas, uma cobertura econômica das redes dos meninos «anormais», como eram chamados, por conta dos centros. Outras Entidades eram competentes para situações particulares, como o ENAOLI para os órfãos, o ONMI para menores com problemas de adaptação social. Assim a pensão das crianças hóspedes de A Nossa Família era pagada ao Instituto pelas famílias que, se economicamente auto-suficientes, sustentavam o seu ônus completo, em caso contrário participavam parcialmente da despesa, ajudadas pelas contribuições pagadas pela Prefeitura, pela Província ou pelas Entidades de Assistência citadas. Dever-se-á esperar até 1954 para obter uma lei específica graças à qual o Estado assumirá o ônus econômico da reabilitação relativa às patologias motoras como as paralisias cerebrais infantis.

Desde o início, a nova instituição cuidou de defender o direito à assistência dos deficientes por parte do Estado, e desde então A Nossa Família sempre lutou no plano da defesa de seus direitos. Isso permitiu ter, a primeira na Itália, uma convenção com o Ministério da Saúde, como também a publicação de muitas leis das quais hoje o ordenamento do país dispõe.

Com o passar dos anos, também as outras patologias aos poucos puderam beneficiar dos subsídios estaduais atribuídos mediante específicas providências, que vieram, enfim, unificadas pela lei de 30 de março de 1971, na qual diversos tipos de deficiências estão reunidos na categoria de «inválidos civis». No que concerne à

atividade e às finalidades pedagógico-reabilitatórias dos três centros, resulta iluminante um artigo escrito pela Dra. Colli Grisoni em 1954:

«Cada instituição assumiu características bem diferenciadas: no colégio masculino a educação mira levar o menino, amanhã homem, a inserir-se no ambiente de trabalho, na colaboração produtiva sobretudo do pequeno artesanato e do trabalho guiado de tipo familiar. (Estes garotos, que não conseguem nunca alcançar uma estrutura psicológica de plena auto-suficiência, não resistem ao duro trabalho industrial, entendido na forma tão oprimente e comprometedor da vida atual). No Colégio feminino a atmosfera é diversa. A menina – amanhã mulher – vem orientada para a atividade da vida doméstica e vem levada a poder pretender o seu lugar na casa, colaborando no trabalho, modesto mas muitas vezes comprometedor da família; a sua educação espiritual fará dela uma afetuosa companheira dos irmãos maiores e menores, afetuosa companheira dos pais mais idosos, humilde mas solerte partícipe da fadiga cotidiana.

E a Obra continuou a crescer, e o Pe. Luís continuou a individuar as jovens que aos poucos entravam na férvida forja de bem. O terceiro Instituto abriu-se em Varazze, em 1951, acolhendo os pequeninos para dar-lhes uma atmosfera de vida adequada à idade mais jovem, diferenciando-os mais adiantes (aos 7, 8 anos) nos Colégios masculino e feminino. No verão a casa hospeda (por turnos), as crianças para uma serena estadia, enrobustecendo as mais fracas, abrindo os olhos de cada uma para a beleza da natureza, cooperando à educação do sentido estético. O ânimo aberto do fundador, sempre atento às necessidades humanas, nunca satisfeito com a Obra já cumprida, como se aquela que se deve cumprir fosse ainda mais obrigatória, via um outro campo de trabalho ainda abandonado no qual a dedicação das Pequenas Apóstolas teria podido salvar outras jovens existências; assim surgiu a última obra (última em sentido puramente cronológico!): o Centro de Reeducação motora para crianças com paralisias cerebrais.

Um grupo de educadoras especializou-se, freqüentando cursos apropriados para a reeducação motora e um novo setor assistencial foi aberto, ainda mais duro no sacrifício requerido das terapeutas, ainda mais luminoso na fadiga cotidiana. Estas crianças, portadoras desde o nascimento de paralisias pelas lesões nervosas, até agora não tinham um adequado sistema de curas: na Itália, o Centro de “A Nossa Família” foi, com aquele do Instituto Neurológico, o primeiro a abrir a estes meninos a vida da recuperação.

O Centro acolhe hoje cerca de 30 crianças, todas pequenas (dos 3 aos 6 anos) e um primeiro escalão já foi demitido, depois de cerca de um ano e meio de tratamento reeducador, capaz de voltar para a família em condições bastante satisfatórias. A Obra continua: o espírito de seu fundador guia ainda e sempre a sua fadiga cotidiana e a sua luminosa ascensão»³.

³ A. COLLI GRISONI, «La rieducazione dei fanciulli minorati presso l’Opera La Nostra Famiglia», em *A Don Luigi Monza, Cislago 22-VI-1898 San Giovanni 29-IX-1954* [Número unico 1954], Lecco 1954.

A palavra de Roma

As pequenas constituições, apresentadas em abril de 1945, levavam na margem uma nota do Cardeal Schuster que não era nem de aprovação, nem de desaprovação. Era um conselho a experimentar primeiro a vida e depois escrever as suas regras. Seguindo a indicação do cardeal, o Pe. Luís dirigiu-se ao Pe. Arcádio Larraona, então secretário da Sagrada Congregação dos religiosos, que, em particular, ocupava-se dos nascentes institutos seculares.

Pe. Luís escreveu-lhe aos 18 de fevereiro de 1949 e, em seguida, também Zaira Spreafico encontrou-o em Roma. No início de maio, o texto das Breves Constituições foi enviado oficialmente à Sagrada Congregação junto com o pedido formal do «nulla obstat» para a ereção diocesana em Instituto Secular.

A questão seguiu em Roma o seu caminho normal, retardado pelo número ingente de exames através do qual deviam passar as muitas instituições que naquele período esperavam ser enumeradas entre os Institutos Seculares. Precisamente por causa da lentidão da prática, o Pe. Luís foi de nova a Roma para solicitar a aprovação. Em data 20 de dezembro de 1949, a Sagrada Congregação escrevia ao Cardeal Schuster, autorizando-o a erigir canonicamente o Instituto Secular «As Pequenas Apóstolas da Caridade». Mas tal denominação, objeto do documento, não era muito conhecida e publicada, pelo qual presume-se que não tivesse sido identificado como a Obra cujo diretor era o Pe. Monza.

Com efeito, quando o Pe. Luís apresentou-se ao cardeal, este mostrou-se surpreso que se tratasse da sua Obra. E não fez nenhuma objeção ao fato que o decreto tivesse chegado diretamente de Roma sem que o seu pedido tivesse passado pela Cúria. O Pe. Luís foi então endereçado ao vigário geral que era então Mons. José Buttafava.

Chamadas pelo nome

As Pequenas Apóstolas eram com pleno título um instituto de perfeição. É um termo técnico muito recente que define uma realidade muito antiga: o que une não é uma coisa que se deve fazer, mas um modo de ser. Quem entra nesta comunidade «consagra-se» no compromisso de seguir Cristo de perto, imitando o seu amor pelo Pai e pelos homens, numa vida casta, obediente e pobre.

Chegara o tempo de tornar efetiva esta condição nova através da emissão dos votos. As irmãs estavam trepidantes. Por tanto tempo os votos tinham parecido uma miragem ou um sonho ou talvez só uma promessa. Agora tornavam-se realidade. Por isso, aos 02 de fevereiro de 1950, Pe. Luís admitiu as primeiras duas Pequenas Apóstolas à profissão. Foram Zaira e Pasquina Sormani.

A pequena comunidade começou a ampliar-se e a viver sempre mais o espírito de fraternidade. Durante aqueles três anos entraram a fazer parte da Associação bem 11 jovens! As atividades que naqueles anos foram multiplicando-se requeriam de todas as aderentes grandes sacrifícios pessoais em termos de dificuldades e de fadiga. A presença simultânea das crianças, dos retiros, das colônias, da gestão da pensão La Montanina, induziram a assumir um estilo de vida caracterizado pela atitude de abandono à Providência: as forças eram ímpares às exigências das obras de caridade e

as situações exigiram um contínuo revezar-se de irmãs na gestão das mesmas. Das lembranças acima citadas de algumas delas emergiu quanto fora cansativa e quantos sacrifícios comportara a dedicação às obras empreendidas.

O trabalho era extenuante. Mas às irmãs não faltavam nunca a afabilidade do sorriso e a paz interior que deriva da certeza de ter Jesus no coração. E precisamente para esta certeza o Pe. Luís incessantemente as admoestava: a certeza do início da chamada, da vocação. Quando no decorrer da vida de consagração o cansaço, o desânimo faziam-se sentir, ele fazia-as voltar às fontes e exortava-as à fidelidade: «Desejo em particular para a senhora a renovação das suas primeiras decisões que são e serão sempre força e consolação em todos os eventos tanto prósperos como adversos e, em união com a mais perfeita obediência, a verdadeira razão da sua maior vitória final»⁴.

O Pe. Luís teve sempre muito cuidado e afeto pelas vocações, que significam a concretização da ação de Deus na história do homem. Lê-se nos seus escritos: «a vocação pois, como aquela dos Apóstolos, supera todas as outras chamadas porque é a mesma obra de Cristo sobre a terra continuada nos séculos»⁵. A irrupção de Deus na história do homem tem sempre sido um mistério de graça que transtorna toda racionalidade humana, muda os seus projetos, os seus desejos, as suas aspirações. Deus chamou desde o início dos tempos e chama ainda hoje num mundo tanto secularizado e adverso à mensagem cristã: são os milagres evidentes de um Deus que não poderá ser relegado num ângulo pelo pensamento fraco da nossa sociedade, porque o Amor por sua natureza é destinado a expandir-se e quanto mais é comprimido tanto mais revela-se e aflora em toda parte. A chamada do Senhor não é indolor, deixa o chamado na desorientação, prospecta uma estrada sem traçar nitidamente o seu percurso, pede o abandono total a Ele.

Pe. Luís, consciente desta delicada passagem, mostrou-se Pai a respeito das jovens que se aproximavam do Instituto ou que entravam a fazer parte dele.

«Boa Filha, assim acolheu-me»

lê-se nas recordações de Antonietta Baldini. Um pai que compreende profundamente e partilha os sofrimentos espirituais de quem está para doar-se completamente ao Senhor e está espantado pelos sacrifícios que isso comporta. Um pai que sabe tranquilizar e encorajar com o escrito:

«Compreendo, todavia, o seu estado de angústia, mas resolver-se-ão em alegria se a senhora será generosa. Aceite com prazer saber que a minha promessa de oração contínua aumentará. Corações ao alto: espere contra toda esperança»⁶.

E durante os colóquios:

⁴ Pe. Luís à Zaira Spreafico, em APL.

⁵ *Una proposta di vita*, Ponte Lambro 1976, 12.

⁶ Pe. Luís à Alba Clerici, em APL.

«Depois de ter-lhe exposto a minha situação, tanto íntima como familiar, tive dele a assegução que o Senhor me dera a graça da vocação. O colóquio não durou muito tempo, mas bastou-me para sentir-me verdadeiramente tranqüila sob todos os pontos de vista, seja meus pessoais, seja aqueles relativos aos meus pais, por motivo das dificuldades que tinha então na família»⁷.

Esta atitude de pai transparece quase de modo comovedor na lembrança de uma irmã que remonta a maio de 1951. Dela brota todo o tormento de uma escolha radical e a liberdade do homem de responder às chamadas de Deus:

«Faltavam poucos meses para a minha entrada no Instituto, mas em alguns momentos tinha ainda dúvidas e hesitações sobre a minha vocação, quando um dia tive a sorte de um colóquio com o Pe. Luís e a Superiora [Zaira]. A um certo momento, ficamos em silêncio. Esperavam de mim uma palavra, uma resposta e eu, que internamente encontrava-me num estado de luta terrível, fiquei calada. O Pe. Luís olhava para mim calado, foi a Superiora que interrompeu este prolongado silêncio, dizendo: “Pe. Luís, se isso tivesse acontecido alguns anos atrás, esta vocação hesitante a teria aceita? Quantas vezes disse-nos que o Senhor desejava vocações generosas, ou seja almas fortes e prontas a segui-Lo, superando todo obstáculo; quantas vezes não nos repetiu que certas vocações lhe dão náusea?”. Pe. Luís quase pacata e submissamente disse: “Uma vez sim, mas agora não, porque tornei-me mais papai e compreendo o que antes não conseguia entender. As vocações são um grande dom de Deus, devem ser amadas e cultivadas”. Depois, dirigindo-se a mim: “Coragem, minha filha, o Senhor chama-a e ama-a tanto, mas não força ninguém, respeita a nossa liberdade. A vocação existe, toca à senhora segui-la ou não”.

Isso bastou para afastar de mim toda dúvida; vi na pessoa do Pe. Luís o Senhor que me chamava, decidi por um si e juntos fixamos a dada da entrada. Desde então fechei os olhos para tudo o que me circundava e me fazia sofrer para não recuar mais no “sim” dado ao Senhor»⁸.

O desapego dos afetos familiares e dos amigos é humanamente difícil de aceitar; o coração tem razões próprias inexplicáveis. Quem é chamado a servir o Senhor não desconhece a riqueza, a alegria das relações humanas, mas sabe que deve pospô-los à unicidade de Cristo na própria vida. Pe. Luís foi muito exigente a este propósito, a exemplo de Cristo que disse: «Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim». Se estas realizações tornam-se obstáculos para a realização do desígnio de Deus sobre cada um, ocorre «cortá-las». Na firmeza destas afirmações, o Pe. Luís apela-se ao sentido de responsabilidade de quem foi chamado a não estragar este dom.

Uma jovem que teria depois entrado a fazer parte do Instituto, recorda ter confiado ao Pe. Luís as suas perplexidades sobre a oportunidade de prosseguir um vínculo afetivo já instaurado com um rapaz, visto que

⁷ Recordações de REDENTA BAGGIO, em APL.

⁸ Recordação de MARGHERITA COLOMBO, em APL.

«tinha a sensação que aquela relação humana, para mim, mesmo tanto importante e enraizada, não pudesse satisfazer completamente o desejo imenso de amor e de doação pelo qual sentia-me fortemente tomada. Pe. Luís não acelerou os tempos e deixou-me refletir»⁹.

A uma irmã que não conseguia entrar na Comunidade pela oposição da sua família, escrevia:

«Eu não vejo outra via de salvação: ou a senhora decide quanto antes com um corte nítido e parte imediatamente, ou a senhora deve sucumbir. Sei que o Senhor chamou-a e chama-a continuamente, mas a sua vontade não poderá aderir se não decidirá logo a livrar-se do perigo de renegar a sua vocação. Diante de Deus, da eternidade e da sua vocação não se deve interpor nenhuma protelação»¹⁰.

Quando uma moça decide consagrar-se ao Senhor, é fácil encontrar na família uma certa oposição e a tentativa de dissuadi-la em favor de uma escolha de vida matrimonial. Ontem como hoje, os pais são sempre avessos em fazer partir a filha por medo de «perdê-la» e de não ver nela perpetuar-se os próprios modelos de vida e as próprias aspirações. Pe. Luís tinha a capacidade de conquistar os familiares das jovens irmãs, instaurando uma relação cordial e resolvendo assim também as situações e as reações mais hostis: «Quando cheguei (do colóquio com o Pe. Luís) meu cunhado tomou a palavra em nome de todos e disse: “Mamãe, tudo está já resolvido, é preciso deixar tudo de lado”»¹¹. Isso depois de meses de luta na família, durante os quais todos se tinham esforçado para fazer mudar de idéia a jovem.

Pe. Luís tinha o intuito particular de ler nos corações e uma capacidade de discernimento extraordinária; quando individuava numa jovem as sementes da vocação, não hesitava em fazer-lhe a proposta, com uma rapidez surpreendente, de tal modo que deixava a interpelada maravilhada pelo inesperado convite, mas também pela interpretação exata dos seus desejos escondidos que, de repente, vinham à luz.

«Durante o segundo dia da sua permanência em Varazze, entrou na minha classe uma das senhoritas, anunciando-me que o Reverendo padre desejava falar-me. Saí e encontrei-o logo no patamar da escada. Com a sua grande simplicidade, disse-me, entre outras coisas: “Ó, se o Senhor quisesse da senhora o sacrifício de toda a sua vida na dedicação a estes pequeninos!”. Palavras muito simples que o Senhor fez chegar a mim, unidas a um toque de alegria que até então não tinha nunca provado. Uma alegria toda íntima, demasiado bela e por isso inexplicável, que naquele momento invadiu-me toda. Permaneci primeiramente sem poder falar. Sorria somente, cheia de alegria, e ele acrescentou: “O que é a alegria que prova senão a voz do Senhor?”. Respondi somente: “Refletirei sobre isso”. Voltei então para a classe. Sentia-me

⁹ Recordações de T. F., em APL.

¹⁰ Recordações de ALBA CLERICI, em APL.

¹¹ Recordações de ALBA CLERICI, em APL.

mudada. Agora estava feliz em encontrar-me entre aqueles pequeninos e não teria mudado a minha condição com nenhuma outra»¹².

O Pe. Luís, porém, não obrigava, «lançava» o convite e retirava-se, esperando respeitosamente que a pessoa tomasse uma decisão:

«Um domingo, depois da Missa das 9:30, em Varigione, encontrei na estrada o Pe. Luís. À queima-roupa, e pela primeira vez, depois de ter-se mostrado contente pela Comunhão que, segundo ele, fizera bem, perguntou-me se tinha vocação. A pergunta chegou-me de tal maneira inesperada que não respondi. Estava ainda incerta, mas não lho diz. Caminhamos um pouco juntos e, enquanto caminhávamos, traçou-me em grandes linhas as duas vias que deveria ter que escolher: aquela do mundo, com as suas atrações e, em contraposição, a vida de renúncia e de sacrifício, não separada, porém, da alegria e do júbilo que acompanham esta doação total a Deus. No final, disse-me: “Agora sabe quais sejam os prazeres que oferece uma e os sacrifícios que requer a outra. Pense bem nisso e escolha”. Parecia ter entendido que estava amadurecendo uma decisão. Continuei a ficar calada. Pusera diante de mim demasiadas coisas, teria devido refletir seriamente, mesmo se parecia-me ter já pensado sobre isso bastante. Prometeu que se teria lembrado de mim cada dia diante do Senhor. Aconteceu-me encontrá-lo outras vezes depois de então e conversar com ele. Todavia, não voltou mais sobre o argumento. Jogara a semente e agora alimentava-a com a oração. Deixou que o Senhor fizesse o resto. Pe. Luís era sábio, não ludibriava as almas, dirigia-se diretamente ao Dono das messes para que mandasse operários para a Sua vinha e o Senhor não deixou nunca que estes lhe faltassem»¹³.

Pe. Luís, quando falava da vocação, ficava seríssimo, e as suas exortações assumiam tons decisivos e categóricos de quem não tolera meias medidas diante dos imperativos de Deus. Encontra-se nesta passagem o temperamento originário e a índole combativa do jovem seminarista dos anos passados:

«Num outro encontro noturno com as jovens, enquanto festejava-se e saudava uma moça que ia ser irmã de Maria Bambina, assim exprimiu-se: “estejam contentes, fora tantas fantasias, lembrem-se que a sua juventude dura pouco. Se não possuem não podem dar, ninguém pode dar o que não tem; se ao invés têm em vocês a luz de Cristo, esclarecereis quem de vocês se avizinha. A vocação é uma doação recíproca; as vocações hesitantes, indecisas, fazem-me nojo, eu as despedaçaria. A vocação não é colocação, mas uma doação, uma oferta da nossa vida a Deus. O que é uma vida sem Deus? Uma camuflagem, uma impostura, um engano. Gastemos bem estes nossos quatro dias

¹² Recordações de LILIANA BERETTA, em APL.

¹³ Recordações de ADELE VITALI, em APL.

desengonçados, vale a pena. Acompanhemos esta nossa irmã para a realização jubilosa da sua vocação com uma bela Salve Rainha»¹⁴.

Pe. Luís, numa das suas pregações, parafraseando a famosa parábola do tesouro do evangelho de Mateus (Mt 13,44), convidava as irmãs a relerem a própria chamada:

«A vocação é semelhante a um tesouro que alguém encontrou num campo. Esconde-o. Vende o que tem, compra o campo e assim é dono do tesouro. A sua vocação, você a viu nesse campo (a nossa Obra), você não a poderá ter se não compra este campo. A condição essencial é a compra do campo para tornar-se dono do tesouro. Portanto, se não o compra, não o pode ter. Todas as preocupações, portanto, toda a importância é poder comprar o campo (a nossa Obra). Então vende tudo o que tem para comprá-lo. Vende a sua casa, o pai e a mãe, os irmãos, as irmãs: vende a sua juventude, o seu corpo, a sua vontade, a sua liberdade, para ter dinheiro suficiente para comprar o campo (a nossa Obra). Logo que o comprou, a primeira coisa é desenterrar o tesouro, para ver a sua beleza, para constatar a sua singular preciosidade. E a beleza é de céu, e a preciosidade é de amor substancial, é de amor de preferência. Valia portanto a pena comprar o campo, vendendo todo o resto»¹⁵.

Podem-se tirar outras citações sobre o argumento dos seus escritos:

«A vocação é posta sobre a vontade livre e depende da exclusiva vontade de quem quer segui-la»¹⁶. «A vocação é um valor inexprimível»¹⁷. A vocação é um privilégio de amor que não é concedido a todos»¹⁸. «A vocação é uma doação recíproca, uma compra e venda maravilhosa que vale a pena fazer»¹⁹.

Recorda Antonietta Baldini:

«Às suas filhas que se apresentavam como aspirantes a fazer parte da Sua Obra pedia, como único dote, uma convicta vocação missionária, uma firme vontade de dar-se totalmente ao Amor. Isso lhe bastava».

Com efeito, o Pe. Luís era um homem de grande fé na concretude da vida, e da dureza do viver cotidiano não procurara fugir, empreendendo fáceis e consolatórios atalhos. Olhou, portanto, para a vocação com olhos realistas, consciente das dificuldades e das provas que uma tal escolha comportam:

«Gostaria que a serenidade fosse toda a sua vida, mas podem existir dificuldades junto com a serenidade. Somente a pensar no valor da sua vocação,

¹⁴ Recordações de FRIGERIO TEODOLINGA, em APL.

¹⁵ *Una proposta di vita*, cit., 109s.

¹⁶ *Ibid.*, 161.

¹⁷ *Ibid.*, 162.

¹⁸ *Ibid.*, 109.

¹⁹ *Ibid.*

que provém do amor de privilégio de Deus desde a eternidade, a senhora deve manifestar-lhe a sua alegria reconhecida, renovando-lhe o propósito de segui-lo sempre e em toda parte que Ele ache oportuno conduzi-la. Parece-me, e não posso errar, que uma vocação sem as provas não seja uma verdadeira vocação. Com efeito, uma vocação é chamada para levar o reino de Deus sobre a terra. Mas o reino de Deus é obstaculizado por Satanás que combate toda vocação que tem o preciso escopo da conquista das almas. Agora Satanás tem ódio também da senhora, em proporção ao bem que fará. Esta não é uma nota de desânimo, mas de muita alegria, sabendo por isso que o Senhor deve destiná-la a tarefas e a graças superiores. Coragem, portanto. Seja humilde. Reze sempre e esteja também alegre»²⁰.

Mas logo intervinha com palavras de animação:

«Não tenha medo de nada. Sei também que é de fé que para a senhora não existirão provas superiores às suas forças e sei também que, se uma alma tem fortes tentações para suportar, é sinal que Deus está fortalecendo-a e preparando-a para tarefas e graças extraordinárias. Renove por isso todos os seus santos propósitos e exprima a Deus o seu grande reconhecimento com alegre generosidade»²¹.

Pe. Luís responsabilizava a inteira comunidade sobre as vocações e exortava todas as irmãs antes de tudo a rezarem e a oferecerem sacrifícios:

«Hoje vi o início de um bom reflorescer de grandes esperanças tanto para as santas vocações internas como para as externas. Certamente é preciso que todo esse movimento espiritual seja confirmado pelo bom Deus. Por isso as nossas orações e mais ainda os seus sacrifícios são penhor deste bem que nós já esperávamos desde tanto tempo» escrevia o Pe. Luís à Armida Monti. Sugeriu que cultivasse as vocações com a caridade «porque a caridade faz sentir o Senhor, como Ele mesmo se chama e é Caridade»²².

A este propósito considerava indispensável o bom exemplo que todas devem dar «para que não suceda a perda de algumas vocações pelos defeitos externos»²³. Todas eram chamadas em causa em primeira pessoa, e toda a comunidade era envolvida na animação vocacional, enquanto

«o seu maior temor a respeito das novas que chegaram era que se deixassem dominar pelas impressões sobre a vida comum vista na sua concretude e realidade cotidiana, acerca dos vários caracteres das irmãs. Sabia que as primeiras impressões deixam um sulco profundo no espírito e procurava-se, no âmbito das suas possibilidades, que fossem as melhores possíveis; não só

²⁰ Pe. Luís à Marisa Mazzucchelli, em APL.

²¹ Pe. Luís à Liliana Beretta, em APL.

²² Pe. Luís à Armida Monti, em APL.

²³ Pe. Luís à L.M., em APL.

transmitia estas suas ânsias e preocupações a todas, pedindo sua colaboração para uma mais intensa vida de observância das regras nos seus particulares; sobretudo pedia que se vivesse a mais refinada e sentida caridade expressa nas pequenas coisas, nas nuanças»²⁴.

Vale a pena transcrever integralmente uma carta do Pe. Luís, de 13 de janeiro de 1954, endereçada a uma jovem apenas entrada em comunidade, uma síntese preciosa do seu pensamento sobre a vocação:

«Também eu agradeço ao Senhor pelo assinalado favor. Confirmando-lhe que não se encontrará nunca arrependida pela decisão de doação total ao Senhor. Quem mais do que Ele tem direito à nossa vida e quem mais do que Ele poderá fazer-nos felizes na terra e para sempre na vida eterna? São coisas que entenderemos melhor em seguida quando, tendo já passado muitos anos, confrontando a via comum com a via da completa consagração, diremos: “ó, como estou contente, não acreditada que possuía tanta fortuna!”. Veja, Liliana, esta graça de Deus foi um prêmio por ter suportado não poucas dores nas suas dúvidas e nas suas tantas perplexidades. No fim vence-se sempre quando quer-se o verdadeiro bem. Mas o bem, para que seja meritório, precisa ser confirmado pelo amor que tem sempre a sua base na dor. Não se espante, a dor é bem pouca coisa em confronto com o amor que quer a dor para poder crescer: eis os santos que continuamente diziam: ou padecer ou morrer. São eles então verdadeiros egoístas de Deus, como Deus é verdadeiro egoísta dos seus santos. Não se perturbe pois pela sua imperfeição. Também os santos diziam que a tinham cada vez maior na medida em que cada vez mais se aperfeiçoavam. É preciso fazer somente uma coisa: confiar, confiar, e confiar sempre e nunca perder a coragem. Rezo, como a senhora sabe. A senhora reze também por mim. Coragem, portanto»²⁵.

Com esta profundidade espiritual a jovem comunidade consolidava-se e preparava-se a enfrentar um futuro com os horizontes tão vastos que nenhuma das irmãs teria podido então nem sequer imaginar.

Os ponteiros da caridade

No entanto as irmãs, já oficialmente Pequenas Apóstolas da Caridade, olhavam maravilhadas todos estes eventos dos quais resultavam protagonistas. As irmãs, distribuídas nas três comunidades de Ponte Lambro, Vedano e Varazze, transcorriam suas jornadas trabalhando com encargos diversos na atividade de assistência das crianças anormais.

A comunidade iniciara a dar-se uma organização não só a nível de atividade, mas também no próprio interior e do ponto de vista espiritual. Os «Superiores» eram o Pe. Luís e Zaira Spreafico e davam indicações de tipo espiritual, mas também concretas sobre a vida da comunidade e sobre a atividade. Fora nomeada também uma

²⁴ Recordações de ANTONIETTA BALDINI, em APL.

²⁵ Pe. Luís à Liliana Beretta, em APL.

responsável pelas jovens que entravam a fazer parte o Instituto. Já que a atividade fervia, algumas irmãs foram encarregadas de ocupar-se de modo competente das crianças anormais, e tiveram que conseguir diplomas que garantissem uma preparação profissional adequada, como a habilitação ao ensino para os meninos anormais e o diploma deixado pelo instituto de Terapia Física do Hospital Maior de Milão.

A jornada típica é descrita numa entrevista a uma delas, que entrou a fazer parte do Instituto em Ponte Lambro, aos 29 de maio de 1952:

«6:00 h. Na Igreja a comunidade reunida em oração: o breviário de Nossa Senhora, a meditação em comum, a S. Missa;
7:30 h: início da jornada de trabalho;
14:00: silêncio que se deve manter durante o trabalho;
15:00: práticas de piedade: recitação do ofício, visita ao S. Sacramento, leitura espiritual, recitação do terço à Providência, segundo a invocação: ó Santíssima Providência de Deus: protegei-nos;
16:00: recomeço dos trabalhos;
21:00: juntas na Igreja: Rosário e Completas, pensamento da Boa noite dado pela Madre Geral».

Naturalmente hoje o horário é profundamente mudado, como são mudados os tempos. Mas não mudou a exigência de fundo de unir contemplação e caridade para ser uma presença no mundo.

Morte e vida em duelo

Entre tantos eventos, a comunidade viveu também uma forte dor, o primeiro luto, a morte de Clara. Precisamente ela que tanta parte tivera na constituição do Instituto junto com o Pe. Luís.

Clara encontrava-se em San Remo desde 18 de novembro de 1949, na casa de uma amiga de família de Saronno, para um período de repouso, quando aos 10 de fevereiro de 1950 foi acometida por uma grave hemorragia cerebral. Pe. Luís e Zaira, sabida a notícia, partiram para San Remo e fizeram a hipótese de levá-la para Vedano, mas a situação era demasiado grave para pensar a um transporte. Clara expirou aos 18 de fevereiro de 1950. Em seguida os restos mortais foram trasladados para a Igreja do Lazzaretto, em Vedano.

Pe. Luís e a comunidade ficaram chocados por este triste evento acontecido, além de tudo, num momento de bênçãos. De setembro de 1946 até a morte, a saúde de Clara fora sempre piorando e os contínuos internamentos ou estadias climáticas mantiveram-na muito longe da comunidade e isso favorecera uma sua vivência de marginalização. Além disso, a orientação dos primeiros anos de dedicar-se aos retiros, encontros e apostolado de presença através de cursos, como aquele de corte e costura, escolas de catequese, ensino da religião, com o passar do tempo mudara, e as irmãs orientaram-se antes para as obras de caridade, começando pelos despejados e pela experiência de Cugliate, até chegar à proposta das crianças anormais psíquicas. A decisão de optar por uma orientação ou uma outra fora submetida a um atento e prudente discernimento. Esta mudança de rota comportara, ao longo da caminhada, o abandono das atividades de apostolado do início.

Clara sofrera muito com esta situação. Inclinada por natureza à oração e a uma espiritualidade mais semelhante àquela das Irmãs do Cenáculo, vira modificar-se aquele tipo de apostolado a ela mais correspondente. As incompreensões, que por este motivo vieram-se a criar, fizeram sofrer muito a comunidade e o próprio Pe. Luís, causando embaraços e tristezas, tanto mais que Clara morrera sem ser incorporada no Instituto secular das Pequenas Apóstolas. Ela, em todo caso, foi sempre reconhecida como a primeira superiora da comunidade.

A situação acima acenada não minara a caridade que sempre procurou-se viver e manter por parte de todas. A morte de Clara foi uma grave perda para o Instituto que daquele momento empenhou-se ainda mais fortemente a viver o amor fraterno: «Até a memória não é necessária ao amor. Há um país dos vivos e um país dos mortos, e a ponte entre um e outro é o amor, a única sobrevivência, o único significado» (T. Wilder).

Depois da dor, a comunidade viveu a alegria de uma graça extraordinária. Maria Teresa Dell'Orto, que entrara na comunidade aos 15 de setembro de 1948, depois de poucos meses começara a acusar vários distúrbios de diversa natureza que se tornaram sempre mais fortes e mais graves. De uma anotação do Dr. Adriano Spinelli podemos reconstruir a doença e a cura da jovem que, em maio de 1949, fora internada no sanatório.

Em junho de 1951, fraquíssima e sofredora depois de meses de internamento, não obstante o parecer contrário dos médicos, Maria Teresa decidira partir em peregrinação a Lourdes com a UNITALSI. Embarcaram-na sobre o trem em uma maca.

«As condições da paciente eram muito graves: ela estava muito enfraquecida, desde meses vinha nutrida somente por via intravenosa. A cartela clínica que acompanha a paciente, redigida pelo Dr. Fausto Scaccabarozzi, tisiologista curante, diagnosticava: “Adenomesenterite tuberculosa secundária de forma pulmonar. No abdome palpam-se massas de notável entidade, uma massa é do volume da cabeça de um recém-nascido. Prognóstico: infausto”».

O terceiro dia de permanência em Lourdes, aos 06 de junho de 1951, voltando da bênção à qual os médicos tinham desaconselhado de participar, Maria Teresa começou a sentir-se melhor e dos primeiros exames constatou que: «A paciente não tinha mais febre, o abdome era tratável, as massas reveladas até a noite precedente não se evidenciam mais». No dia seguinte Maria Teresa foi levada ao Bureau Médical e, ali, visitada pelos médicos que definiram o caso interessante. O que mais impressionou foi a normalidade do abdome. A comunidade acolheu com alegria e estupor esta graça. Com efeito, o milagre representou para a comunidade um evento completamente particular também porque Zaira insistira quase obstinadamente junto ao Pe. Luís para que pedisse um sinal do céu que confirmasse que a Obra e o endereço empreendido eram abençoados por Deus. Pe. Luís repreendera a superiora convicto que a fé, precisamente porque fé, não tem base em nenhuma prova. Mas, solicitado pelas insistências desta última, teria dito: «Haverá o milagre, mas não a miraculada».

Assim aconteceu: Maria Teresa foi miraculada, mas não houve o reconhecimento oficial do milagre, porque não foi possível representar o caso no ano seguinte ao Bureau, já que a jovem fora submetida no entanto a uma intervenção

cirúrgica no abdome, prejudicando a possibilidade de seguir o caso; além disso, não se puderam apresentar as cartelas clínicas porque não se encontraram mais.

O cardeal Schuster e o Pe. Luís

No arco de tempo no qual o Pe. Luís foi pároco de São João, isto é, de janeiro de 1937 a junho de 1954, bispo de Milão fora o Cardeal Ildefonso Schuster. Com efeito, o seu episcopado iniciara no dia 08 de setembro de 1929 e terminou aos 31 de agosto de 1954, dia da sua morte.

Delinear em poucas palavras a figura complexa e poliédrica do Cardeal Schuster resultaria muito difícil e redutivo²⁶. Além do contato com os fiéis, entre as características do Cardeal Schuster estava a atenção pela liturgia, pela paróquia e pela formação dos fiéis, de modo particular aquela dos jovens e do clero. Com efeito, o cardeal fora um verdadeiro reformador da vida e da formação do clero, depois do conhecimento profundo adquirido com a Visita Apostólica nos seminários milaneses, cumprida entre 1926 e 1928, por vontade do Papa Pio XI²⁷. A sua atividade muito intensa era sempre permeada por um forte sentido de transcendência e inspirada por uma profunda vida espiritual. Pessoa de grande engenho espiritual e cultural, o cardeal dirigira a sua diocese com dedicação e eficiência, esforçando-se para estar sempre presente na vida das paróquias e dos fiéis, como confirmam as cinco visitas pastorais cumpridas durante o seu episcopado²⁸.

²⁶ Para melhor compreender o alcance da sua obra, valham, a título geral, estes poucos acenos tirados da introdução de *Il card. Ildefonso Schuster maestro, pastore e padre*, em *Collana Spiritualità de Liturgia*, NED, Milano 1976, 6: «Estas cartas revelam mais do que qualquer outro documento os traços e o método de Schuster: a sua firmeza e tempestividade; a sua gentileza atenta e afetuosa; os seus costumes austeros; os seus gestos espirituais; a dedicação total ao ministério episcopal, sempre sustentada por uma visão de fé única e impressionante: aquela fé que soube atrair e suggestionar o clero e o povo, que nele via um surpreendente homem de Deus».

²⁷ O cardeal teve um cuidado particular pelo clero milânês, que educou e formou segundo linhas bem precisas, e em cuja escola cresceu o Pe. Luís Monza. Mais precisamente, o princípio fundamental que esteve na base da pastoral do clero era a santidade, à qual Schuster exortava continuamente. Com efeito, o sacerdote devia ser um santo e devia caminhar incansavelmente para a meta da santidade, e tal conceito foi repetidamente reafirmado nas exortações, alocações durante os sínodos, e também em duas cartas pastorais.

O Cardeal Schuster entreteve freqüentes contatos com os próprios sacerdotes, além de que com as visitas temporais, também com numerosas audiências e uma rica permuta epistolar. Desta última podem-se deduzir uma série de temáticas recorrentes:

- a constante chamada ao sobrenatural, à palavra de Deus atualizada;
- o urgente convite a dedicar-se ao serviço divino entendido como nobre missão;
- a veneração pelos santos, sobretudo os mártires;
- a atenção pelos sacerdotes «pobres», no sentido mais amplo da palavra;
- a firmeza em denunciar situações deploráveis;
- as recomendações sobre o decoro da casa do Senhor, as funções litúrgicas, o canto sacro.

²⁸ As cinco visitas pastorais do Cardeal Schuster na diocese de Milão foram cumpridas nestas datas:

1ª - convocada aos 19 de março de 1930 e concluída aos 29 de setembro de 1935.

2ª - convocada aos 17 de novembro de 1935 e concluída aos 07 de setembro de 1941.

3ª - convocada aos 24 de setembro de 1941 e concluída em 1946.

4ª - convocada aos 14 de setembro de 1946 e concluída em 1951.

5ª - Convocada aos 06 de janeiro de 1951 e interrompida pela morte do cardeal aos 30 de agosto de 1954.

As atas das visitas estão recolhidas em 92 pastas e conservadas no Arquivo da Cúria Arquidiocesana de Milão.

A visita pastoral, além da inspeção burocrática dos registros ou a compilação de uma estatística, era uma verdadeira missão que o arcebispo, confiando na graça divina, desempenhava pessoal e ininterruptamente nas paróquias da sua diocese. E era vivida como um evento tanto para a paróquia visitada, que se sentia espiritual e afetivamente envolvida numa grande festa, como por todo o clero. Com efeito, além de um momento particular de graça, constituía uma ocasião de verificação da situação atual da paróquia em todos os níveis e oferecia à comunidade a possibilidade de receber indicações em mérito. Para o arcebispo a visita, nas pegadas daquele seu ilustre predecessor que fora São Carlos Borromeu, constituía a ocasião que lhe permitia formular as intervenções necessárias para formar as almas e as consciências cristãs maduras naquele anos atormentados da história.

Por ocasião da sua quarta visita pastoral, o cardeal Schuster fora à paróquia de São João de Castagna, aos 09 e 10 de junho de 1947²⁹. As notícias inerentes a esta visita não foram recolhidas no *Liber Chronicus*, mas o anúncio com o programa da visita do cardeal à Pieve foi publicado por *Il Resegone*³⁰. Do «Questionário para a S. Visita Pastoral», compilado pelo Pe. Luís Monza, evidenciava-se que as condições religiosas eram em declínio e comentando isso o Cardeal Schuster escrevera uma nota no fim do questionário:

«Se, como escreve o bom pároco, o lugarejo é em declínio, procure incrementar mais e melhor as organizações e de formar a sua consciência cristã longânime e pacientemente. É preciso atualizar o registro da satisfação anual dos Legados. As obras fora da paróquia não dividem talvez o coração e as forças do pároco?»³¹.

Durante a quinta e última visita pastoral, que teve início em 1951 e foi interrompida por causa da sua morte em 1954, o Cardeal Schuster foi a São João nos dias 7 e 8 de julho de 1952. Como resulta do *Liber Chronicus*, o arcebispo chegou

«na paróquia às 17 h. Presentes os chefes das Associações de Ação Católica, que respondem ao cardeal sobre o andamento moral e espiritual da própria associação. Muito louvável foi a prova do catecismo por parte dos crismandos. A Comunhão geral da manhã do dia 8 foi muito discreta por parte dos jovens e dos homens, distribuída por sua Eminência»³².

²⁹ Como foi dito, o Cardeal Schuster fora a São João nos dias 19-20 de setembro de 1936, por ocasião da sua segunda visita pastoral. Em tal ocasião anunciara do púlpito que teria mandado «a eles um bom pároco, isto é, um sacerdote segundo o coração do Senhor», referindo-se à próxima chegada do Pe. Luís, acontecida aos 31 de outubro de 1936. Além disso, o arcebispo voltara a São João nos dias 01-02 de junho de 1942, durante a sua terceira visita apostólica, como já dito no capítulo V.

³⁰ De *Il Resegone* de 13-14 de junho de 1947: «Iniciadas as funções da S. Visita Pastoral, Sua Em. O Arcebispo mostrou os escopos da Sagrada Visita e especialmente a importância e a grandeza do Sacramento da Crisma que dentro de pouco teria administrado [...] Segunda-feira passada o Cardeal foi a São João, terça-feira interrompeu a visita para encontrar-se em Caravaggio com os bispos da região lombarda...».

³¹ *Questionario per la S. Visita Pastorale*, San Giovanni alla Castagna 9-10 giugno 1947.

³² *Liber Chronicus* de 7-8 de julho de 1952.

Em tal ocasião o Pe. Luís compilou o «Questionário para a S. Visita Pastoral», do qual emergia a situação sobre o andamento da vida paroquial: «As condições religiosas exteriores são ótimas, mas o espírito é bastante fraco [...]. A doutrina é freqüentada pelas mulheres, muito menos pelos homens»³³.

O Cardeal Schuster, depois de ter lido o «Questionário», no final dele anotou algumas reflexões:

«Contra o enfraquecimento do espírito cristão, vivamente deplorado pelo pároco, não se conhece remédio mais idôneo que a formação das consciências, por meio das organizações paroquiais, baseando-se na catequese. Recomenda-se de modo especial a Escola do SS. Sacramento, que através de 4 séculos deu tantos frutos salutares nas nossas paróquias. Mas, para atuar tal programa, é absolutamente necessário que o bom pároco decida: ou dar-se todo à paróquia, ou dedicar-se inteiramente à direção das suas Religiosas. Dividir-se em dois, não pode dar certo. Com isso sofrem ambas as instituições»³⁴.

Estes apontamentos feitos pelo cardeal ao Pe. Luís, somados àqueles acrescentados durante a visita de 1947, podem parecer bastante severos. Mas não devem pasmar demasiado. Com efeito, entre as características de Schuster estavam a fraqueza e a essencialidade.

Dois anos antes, na primavera de 1950, Mons. Bernareggi, depois de uma visita feita ao Instituto de Ponte Lambro, por ocasião das santas crismas administradas na paróquia, teria referido ao Cardeal Schuster que o Pe. Luís estava passando um tempo ali. Em seguida Mons. Bernareggi escreveu ao Pe. Monza que o arcebispo convidava-o a não transcurar sua paróquia com demasiadas ausências e a voltar para São João. Pe. Luís respondeu então explicando-lhe que o motivo da sua presença em Ponte Lambro era devida somente a problemas de saúde. Com efeito, ele fora apenas operado no hospital Fatebenefratelli e decidira passar a convalescença na casa de Ponte Lambro (para estar ainda sob o controle do médico que o estava curando)³⁵. Tendo depois sobrevivendo complicações, que terminaram em pleurite e em flebite, ele fora «obrigado à imobilidade absoluta pelo perigo de uma embolia ou trombose»³⁶ com a proibição, imposta pelos médicos, de mover-se por qualquer razão que fosse. Pe. Luís, na carta de explicação, continuava escrevendo:

«Faço, portanto, conhecer à Vossa Eminência que este Instituto é sobretudo médico mais que pedagógico e, portanto, aqui está organizada a assistência médica e de enfermagem, com médicos do Instituto que me curam com grande amor fraterno. Certamente também a mim desagradava que o afastamento da paróquia fora, por motivo de força maior, durado tanto, enquanto pensava que teria resolvido tudo em 15 dias no máximo. [...] Estou, porém, tranqüilo com a paróquia porque pelo tempo que previa permanecer

³³ *Questionario per la S. Visita Pastorale*, San Giovanni alla Castagna 7-8 luglio 1952.

³⁴ *Ibid.*

³⁵ «Correspondência pessoal do cardeal Schuster», em *Arquivo Arquidiocesano da Cúria de Milão*, carta n. 46317.

³⁶ *Ibid.*

ausente, procurei que me substituísse um Padre Capuchinho e agora estou ainda otimamente substituído [...]. Estou também continuamente em contato com a paróquia mediante o coadjutor e os componentes do Conselho Paroquial. Todavia, filho da obediência, apenas os médicos declarassem que me pudesse mover, irei para a paróquia. Que se Vossa Eminência achasse oportuno que eu transcure o parecer dos médicos, eu imediatamente obedeco. Para minha tranqüilidade de consciência, desejaria uma sua prezada resposta junto com a sua Santa Bênção»³⁷.

Como emerge claramente desta carta, vê-se que o Pe. Luís, obediente ao seu bispo, era disposto, mais uma vez e sem nenhuma condição, a fazer a sua vontade. E isso não só pela obrigação do voto de obediência, mas também pela consideração que ele nutria pelo seu bispo. Com efeito, segundo Guerina Crotta, «Pe. Luís “não via todo” o Cardeal Schuster, tanto o estimava! Pe. Luís disse-me uma vez: “O cardeal permite que eu tenha a paróquia e leve adiante a minha idéia”»³⁸. E, além disso, a estima mudara como recorda Luigina Frigerio:

«Quando o Pe. Luís adoeceu, eu e uma outra irmã fomos encontrar o Bispo³⁹ para pedir-lhe se, por alguns meses, podia exonerar o Pe. Luís do empenho paroquial. Ele respondeu-me que referisse ao Pe. Luís que os paroquianos de S. João esperavam-no [...]. Disse-me também: “Os paroquianos gostam do senhor; em S. João têm um santo e querem-no porque é deles e não vosso!”»⁴⁰

Sendo, portanto, boa a relação entre os dois, porque então o Cardeal Schuster nas «Observações», escritas no final do «Questionário para a S. Visita Pastoral», exortava categoricamente o Pe. Luís a escolher a paróquia ou a direção das suas religiosas? Seguramente, segundo o Cardeal Schuster, o primeiro e único dever dos sacerdotes é ocupar-se da paróquia: nesta ótica é compreensível, portanto, que qualquer outro interesse apostólico não pudesse conviver com a paróquia, pena a incúria desta última. Além disso, é provável que alguns paroquianos ou outros sacerdotes tiveram perplexidades ou dúvidas sobre as novas atividades extra-paroquiais do Pe. Luís. Com efeito, inevitavelmente, as novidades provocam inquietações e temores, senão até suspeitos, sobretudo se se afastam dos cânones da tradição.

Infelizmente, no início, o novo empenho do Pe. Luís fora visto por alguns como divisão do seu coração de pároco, enquanto, ao contrário, ele o vivia como complemento e fusão da caridade. E, obviamente, esta incompreensão perturbou muito o ânimo sensível do sacerdote. A tal propósito Mons. Carlos Dongo recorda.

³⁷ *Ibid.*

³⁸ GUERRINA CROTTA, em APL.

³⁹ Trata-se de Mons. Bernareggi, que, como já dito, em 1950, encontrava-se em Ponte Lambro para as crismas.

⁴⁰ LUIGINA FRIGERIO, em APL.

«Sei que sofria um pouco por este negócio. Acenou-me a este fato. Disse-me: “Sabe, eu devo seguir a paróquia, mas existe também esta obra”. Não disse nunca, por exemplo: “O Arcebispo, a Cúria não entendem”. Nunca! [...] Devo dizer que qualquer voz que circulasse a esse respeito, isto é, que ele tivesse “o pé em dois sapatos”, a paróquia era seguida por um sacerdote zelante e que não perdia tempo em conversa fiada. Mesmo se algumas vezes estava fora para compromissos, era, porém, todo dedicado à paróquia. Depois de ter experimentado que a paróquia ia bem, podia pesar que eram fofocas inúteis»⁴¹.

A contrastar as «queixas» ou os boatos sobre a sua ausência, existem muitos testemunhos nos quais resulta que o Pe. Luís respeitou sempre os seus compromissos de pároco. A tal propósito, Monsenhor Ferraroni declarou:

«Pe. Luís era muito, muito atento à vida paroquial, contrariamente a quanto alguns aludiam desde então. Entre eles, também alguns sacerdotes aludiam às suas freqüentes ausências, a uma espécie de negligência da paróquia. Eu devo dizer que, pelo que sei, nunca descuidou da paróquia; cuidou sempre dela com muita atenção. Dizia-se que o Cardeal Schuster não partilhasse muito a idéia do Pe. Luís. Eu tive relações bastante profundas com o Cardeal Schuster, por causa das suas atividades pastorais que me diziam respeito, mas a mim nunca acenou a isso»⁴².

E também, segundo Linda Fregerio, estava sempre presente:

«Eu, quando procurava-o, estava sempre presente. Nos momentos nos quais a paróquia precisava, ele estava presente. Para as confissões no sábado, estava sempre presente. Antes de cada S. Missa, era disponível. Via-o partir algumas vezes no domingo de tarde depois da catequese, quando algum amigo acompanhava-o a Ponte Lambro. Aconteceu que tenha feito algumas viagens um pouco mais longas, por exemplo para Varazze, mas em geral estava presente. Nunca negligenciou a paróquia»⁴³.

E o mesmo é confirmado também por Ângela Morganti, segundo a qual o Pe. Luís era sempre consciente do seu dever de pároco. «Partia correndo e voltava, até mesmo tarde, mas no horário possível para assistir à paróquia. [...] Nunca deixou a paróquia no momento da necessidade para vir a Vedano»⁴⁴.

A doença e a morte

A vida e os dias do Pároco de São João transcorriam tão plenos e empenhados, tão vizinhos a Deus e aos homens, que os próprios afãs e o seu físico doente pareciam-lhe uma devida oferta pelo bem que a providência lhe permitia fazer. Com efeito, o Pe.

⁴¹ Monsenhor CARLO DONGO, em APL.

⁴² Monsenhor TERESIO FERRARONI, em APL.

⁴³ TEODOLINA FRIGERIO, em APL.

⁴⁴ ANGELA MORGANTI, em APL. Veja-se também CARLO PIATTI, em APL.

Luís fora sempre um pouco esquivo a submeter-se a curas que o teriam desviado dos seus compromissos. Como já dito, porém, no curso da sua existência ele teve muitos distúrbios sérios: a operação às cordas vocais, a hérnia inguinal bilateral em 1950, com a conseqüente complicação pleurítica em ambas as pernas que o mantivera na cama por cerca de três meses.

Pe. Luís, além disso, era acometido por distúrbios cardíacos, cujos primeiros leves sintomas emergiram já em 1950, com o anúncio da aprovação de seu Instituto. Tais sintomas tinham-se apresentado de novo com a morte de sua mãe à qual o Pe. Luís era muito afeiçoado.

Durante os últimos anos, sua mãe Luísa fora acometida por uma forma aguda de arteriosclerose que gradualmente a enfraquecera no físico e nas capacidades mentais. O filho tinha por ela atitudes de infinita ternura, prodigalizava-se nos cuidados, aceitando toda dificuldade, velando-a às vezes noites inteiras, reduzindo a suas exigências para não a perturbar, tendo paciência pelas intemperanças devidas à doença. Sua mãe Luísa morreu aos 17 de abril de 1953 por causa de uma broncopneumonia durada poucos dias. Pela morte da mãe, não obstante a serenidade da adesão completa à vontade do Senhor, o Pe. Luís sofreu muito e teve acentuações dos distúrbios cardíacos, dos quais poucos deram-se conta, porque ele não os quis revelar.

Em julho de 1954, o Pe. Luís decidira ir aos exercícios espirituais, fato inusual já que era seu costume ir para lá nos meses de setembro ou de outubro. No dia 25 de agosto ele acompanhara um turno de meninos do Instituto de Ponte Lambro para Varazze, para assegurar-se do bom andamento daquela casa e para entreter-se com as suas associadas. No dia seguinte, quando voltava, decidira passar por Ponte Lambro. Recorda Maria Teresa Dell'Orto:

«Quando voltou de Varazze, permaneceu em Ponte Lambro de noite e já não estava bem. Admitiu-o motivando isso como uma forma de indisposição conseqüente à alimentação, mas disse que devia voltar para a paróquia para um funeral. Celebrou, porém, antes de partir, e foi a última vez. Recordo esta celebração. Pe. Luís tinha o rosto transtornado e não fez a homilia como de costume. Recordo porém que, depois do Evangelho, voltou para nós e disse-nos: “Sacrilégas! E o primeiro sou eu porque Ele está ali e eu estou dando as costas a Ele!”. Tratou-se de um ímpeto irresistível da sua fé na Eucaristia que queria transmitir-nos. Depois acrescentou: “Somos tantos aqui e recebemos graças diversas, mas todos somos chamados à santidade. Tornar-nos-emos todos santos? Conforme aquela que será a nossa correspondência”. Depois virou-se e terminou a celebração da Missa»⁴⁵.

Sexta-feira, dia 27, o Pe. Luís voltara para São João advertindo os primeiros sintomas do mal, mas, não pensando que fosse o coração, como já dito, tinha atribuído a coisa a distúrbios digestivos.

A doença do Pe. Luís, culminada com a sua morte, representa a síntese do seu ensino e dá testemunho vivo da sua fé, do seu abandono total em Deus e à sua vontade, do seu absoluto desapego de si e da obra na mais serena consciência de «não contar

⁴⁵ ANNA MARIA TERESA DELL'ORTO, em APL.

nada». É, portanto, um exemplo constante do espírito de caridade cordial e delicado que sempre distinguiu a sua relação com as pessoas, atento sempre a todos até o último instante da sua vida.

A reconstrução dos últimos dias de vida do Pe. Luís resulta facilitada pela relação *A última doença do Pe. Luís e a morte*, escrita por Zaira Spreafico. A diretora de Ponte Lambro, tendo sabido com um telefonema que o Pe. Luís não se sentia bem, sábado, 28 de agosto, fora a São João.

«Naquela tarde realizavam-se os funerais de uma pessoa notoriamente afastada da Igreja, que o Pe. Luís assistira na doença, administrando-lhe também os últimos sacramentos⁴⁶. Esperei a chegada do funeral na igreja, fui à sacristia e vi o Pe. Luís com um rosto turbado. Pedi que não fosse ao cemitério, como acostumava fazer e ele aceitou. Fomos para casa e confiou-me que se sentia muito mal e que tinha uma dor que se irradiava da parte esquerda do tórax ao braço. Intuí logo que se tratava de uma dor anginosa. Decidimos advertir o Dr. Colombo, médico do município de São João, que o fez ir ao seu consultório e logo intuiu que “algo grave” estava acontecendo. Aplicou-lhe uma injeção que provocou uma grave crise cardíaca, fazendo temer que morresse ali mesmo. O próprio Dr. Colombo saiu depois na rua para pegar o carro para evitar-lhe a fadiga de alcançá-lo. Naquela noite prescreveu-lhe alguns remédios e ordenou-lhe que não se levantasse de manhã para celebrar a S. Missa. Eu fui depois a Resinelli para acompanhar as irmãs e na volta fiquei até tarde na casa do Pe. Luís. O doutor tinha-me dito que voltasse na manhã seguinte porque devíamos ir ao Hospital para fazer um Eletrocardiograma. O cardiologista ao qual o Dr. Colombo queria dirigir-se estava ausente. O Dr. Amálio Proserpio, que desde anos seguia o Pe. Luís como médico pessoal, aconselhou que já que o levávamos ao hospital teria sido muito melhor fazê-lo internar. Fiz a proposta ao Dr. Colombo que se opôs. O Eletrocardiograma deu logo o informe de grave enfarto em ato»⁴⁷.

A acompanhá-lo ao hospital estava também Maria Luigia Mazzucchelli, que recorda:

«Ao longo do caminho, o Pe Luís disse-me: “Minha filha, o Senhor quer também isso, seja feita a Sua Vontade”. Depois não acrescentou nada mais e deste fato entendi que estava muito mal. No hospital disseram que tratava-se de uma angina do peito. Levamo-lo de novo para a paróquia, mas devia ser sustentado, porque estava demasiado cansado»⁴⁸.

Continua depois a narração feita por Zaira:

«Pe. Luís aceitou permanecer tranqüilo na cama, não perguntou nem sequer o êxito do Eletrocardiograma, nem de que doença tratava-se. Os

⁴⁶ Trata-se do advogado Giuseppe Colombo.

⁴⁷ Z. SPREAFICO, *L'ultima malattia di don Luigi e la morte*, 1s, em APL.

⁴⁸ MARIA LUIGIA MAZZUCHELLI, em APL.

primeiros dias passaram bastante tranqüilos, mas sempre com uma grande preocupação porque, obviamente, a doença naquela época era grave e quase sempre mortal. No dia 02 de setembro foi chamado o Prof. Castelfranco, cardiologista, que voltara das férias, para uma ulterior visita na cabeceira do doente. Confirmou o diagnóstico de infarto em ato e de grave perigo de vida. Aconselhou ter em casa o “plasma”, na eventualidade que acontecesse um colapso.

Dispus logo que Tranquilla Airoidi viesse a São João para ficar sempre à disposição para a assistência ao Pe. Luís. Eu ia lá de tarde, mais ou menos às quatro, ali ficava de noite e permanecia de manhã até cerca das 11:00 h. Tive que perguntar expressamente ao Dr. Colombo se era necessário que também durante a noite o doente fosse assistido, para evitar que entrássemos no quarto enquanto o Pe. Luís repousava. Ele respondeu que bastava permanecer “ao alcance da voz”. Mas o Pe. Luís não teria nunca chamado se por acaso tivesse sentido mal. Começamos então a assisti-lo de noite e a subministrar-lhe os remédios segundo as prescrições e sobretudo mantendo sob controle o pulso e a respiração. O Pe. Luís, porém, não queria que ficássemos em pé e dizia-nos que queria ficar sozinho com o Sagrado Coração, indicando uma imagem que estava em cima da cômoda do quarto. Não deixava nunca de agradecer e de mostrar-se preocupado pelas nossas fadigas»⁴⁹.

A propósito da doença do Pe. Luís, o Dr. Colombo, no seu testemunho, declarou: «Aceitava a doença com resignação e paciência»⁵⁰. Obviamente muitos paroquianos pediram para visitá-lo e foi acolhedor e amável com todos deixando em tantas testemunhas oculares a recordação de um homem muito forte em enfrentar o sofrimento físico e profundamente sereno diante da morte.

Pe. Guido Lecchi recorda assim o Pe. Luís durante a doença em Ponte Lambro:

«Encontrei sempre o Servo de Deus muito sereno e com uma doçura particular. Diante da morte era sereno e confiante. Procurou a confissão como paz e serenidade da alma, não como preocupação de apresentar-se diante de Deus ou de tranqüilizar a consciência»⁵¹.

Também segundo Dolores Alborghetti «não manifestava nunca aquela impaciência que dá um sofrimento do gênero. Não tinha uma saúde de ferro; era de ferro como resistência. Não era certamente o tipo que por um resfriado ou uma bronquite ficasse na cama...»⁵². Ângela Scaioli, para descrever o estado de ânimo do Pe. Luís durante a doença, declarou sinteticamente assim: «Se, porém, Jesus chamava-o, ele estava pronto para ir para o Paraíso»⁵³.

E ainda Pasquina Sormani recorda:

⁴⁹ SPREAFICO, *L'ultima malattia...*, cit, 3s.

⁵⁰ ANGELO COLOMBO, em APL.

⁵¹ PE. GUIDO LECCHI, em APL.

⁵² DOLORES ALBORGHETTI, em APL.

⁵³ ANGELA SCAIOLI, em APL.

«Não se lamentava e aceitava as curas tranqüilamente. Eu o vi sereno. Ouvi o Prof. Vercelli dizer à Diretora: “Uma pessoa que se encontra numa situação tão grave e mantém um controle daquele gênero, não pode improvisá-lo; deve ser um trabalho de toda uma vida”»⁵⁴.

A irmã de Zaira, Giaele, no seu testemunho, fez notar que o Pe. Luís, mesmo na doença, não pensava em si. Com efeito, declarou:

«Pe. Luís participava muito atentamente de quanto lhe diziam. Lembrome que fui visitá-lo, talvez o dia antes que tivesse a afasia. Ele recebeu-me e disse-me: “Obrigado” e isso assombrou-me e confortou meu coração. “Você vê quanto caminhou nestes meses com a obediência? Adiante, obediência e trabalho!”. Isso demonstra como, também numa contingência tão grave para ele, pensava antes e somente nos outros»⁵⁵.

E isso é confirmado também por Maria Teresa Dell’Orto:

«Recordo um Pe. Luís muito sofredor, mas também muito abandonado no Senhor. Era cheio de atenções a respeito das pessoas que estavam ali e também muito dócil a respeito do que devia padecer. Não tinha nenhuma exigência»⁵⁶.

Um dia veio visitar-lhe a senhorita Barbaglia, que lhe disse: «Pe. Luís, vejo que as suas filhas viciam-no um pouco». Ele, com o seu costumeiro humorístico dialeto, respondeu: «Eu não pedi nada. Que faça o Senhor». A mesma Zaira Spreafico continua a sua relação, escrevendo:

«Pe. Luís continuava a não se interessar pela sua doença, mas seguia com extrema docilidade tudo o que lhe era pedido, proposto ou subministrado, sempre só agradecendo pelas “demasiadas atenções e demasiadas curas”. Quis indagar se se dava conta da gravidez do mal e se não se preocupava com isso. Uma manhã, quando levaram-lhe a S. Comunhão, pedi para receber também eu a Eucaristia no seu quarto e ajoelhei-me perto do seu leito para a ação de graças. A um certo ponto disse-lhe: “Pe. Luís, o que está dizendo ao Senhor?”; respondeu: “Que estou contente em fazer a sua vontade”. “Mas não lhe pede de fazer-lhe sarar?”. “Não, nunca”. Eu fiquei magoada, mortificada, preocupava. Considerava que não bastassem as nossas orações para obter a graça da cura. Dando-me conta da gravidade da doença, já pensava que teria sido necessário um milagre e fui tomada pelo desconforto pelo qual insisti muito com o Pe. Luís para que ele pedisse ao Senhor que o fizesse sarar. Dizia-lhe que devia

⁵⁴ PASQUINA SORMANI, em APL. Veja-se também TEODOLINDA FRIGERIO, em APL: «Eu o vi doente. Pe. Luís falou-me mais com o olhar do que com as palavras. Disse-lhe: “Senhor pároco, o que faz? Deve sarar para a minha entrada...”. Ele indicou com o dedo o céu, como para dizer “Estou fazendo a vontade de Deus”, depois sussurrou: “Muito bem, muito bem...”. Estava muito cansado, mas sereno».

⁵⁵ GIAELE SPREAFICO, em APL.

⁵⁶ ANNA MARIA TERESA DELL’ORTO, em APL. Veja-se também LUIGINA PRIGERIO, em APL: «Era sereno, paciente e era também atento pelas almas!».

fazê-lo por nós e pela Obra. Estava convencida que, morrendo ele, a Obra teria acabado e continuava a insistir. O Pe. Luís ficou muito triste com isso e cedeu quando disse-lhe que o fizesse por caridade: “Bem, pedirei isso ao Senhor por obediência à Superiora”. [...] Durante todo o tempo da enfermidade, o Pe. Luís não me falara nunca da Obra e quando ainda podia falar, dizia: “A Obra é de Deus e não precisa de mim, tenham confiança e irão adiante também sem mim”. E nós protestávamos quando dizia estas coisas, mas, infelizmente, não nos podíamos ocultar a realidade»⁵⁷.

Efetivamente, o Pe. Luís era seguro que, se o Senhor tivesse querido, a Obra teria continuado a existir, como graças à ajuda de Deus superara já as dificuldades iniciais da fundação. Com efeito, esta era uma certeza que nunca lhe faltava e que ele não se cansava de infundir a todas as Pequenas Apóstolas que se revezavam junto ao seu leito. Com efeito, Maria Bambina Valsecchi declarou: «Dizia que estava contente também de morrer, porque a Obra era de Deus. Era muito sereno. Era confiante. Perturbava-lhe morrer por causa Obra, mas se esta era vontade de Deus, punha nas suas mãos a Obra e tudo»⁵⁸.

No dia 08 de setembro, de improviso, o Pe. Luís teve um grave colapso cardíaco circulatório, que lhe causou um estado de hipoxia cerebral por quase quarenta e oito horas, à qual seguiu uma forma de afasia motora. Recorda Angela Morganti:

«No dia 08 de setembro chegamos precisamente no momento no qual verificava-se o enfarte. Estávamos na praça da Igreja e saiu Pasqualina para chamar alguém, porque o Pe. Luís estava mal. Eu subi correndo e pronunciou as últimas palavras compreensíveis a mim; com efeito, depois teve uma afasia»⁵⁹.

O mesmo é confirmado por Zaira, que prossegue a sua narração assim:

«No dia 08 de setembro... enquanto chegava na praça da Igreja, vejo que corre ao meu encontro Pasqualina, toda alarmada que gritava: “Corre, corre, o Pe. Luís está mal, está mal!”. Com efeito, apenas entrei no quarto, vi que estava numa situação de colapso e não se conseguia encontrar o médico. Foram momentos de espanto; neste ínterim procuramos outros médicos em São João, o Dr. Piatti e o Dr. Morganti, que desde então começaram também eles a seguir nas curas o Pe. Luís, até o momento da morte. [...]. O Dr. Colombo aconselhou fazer uma consulta com o Prof. Rossi, primário do Hospital de Lecco, que veio e confirmou a gravidade da situação; quis comunicá-lo explicitamente ao Pe. Luís, dizendo que estava em grave perigo de vida. O Pe. Luís colocou as mãos juntas, fechou os olhos e não deu nenhuma demonstração de medo; pediu que lhe fosse administrada a Extrema Unção, o que fez o coadjutor Pe. Mário. O colapso não se resolvia e a um certo ponto o Pe. Luís entrou em coma.

⁵⁷ SPREAFICO, *L'ultima malattia...*, cit, 3s.

⁵⁸ M. BAMBINA VALSECCHI, em APL. Veja-se também ANGELA MORGANTIM, em APL: Também nós lhe perguntávamos: “Pe. Luís, o que fazemos se o senhor morre?”. Dizia: “Não, não. Está o Senhor. É obra de Deus e seguirá adiante”».

⁵⁹ ANGELA MORGANTI, em APL.

Revezaram-se na sua cabeceira diversos médicos sem conseguir melhorar a situação. Só depois de dois dias... o Pe. Luís começou a abrir os olhos e a dar sinal de conhecimento e de vida. Mas foi uma grande desilusão quando nos demos conta que a grave hipoxia cerebral, durada 48 horas, provocara uma lesão cerebral causada a afasia motora, isto é, o Pe. Luís entendia tudo, era perfeitamente “lúcido”, mas não conseguia mais a articular as palavras aptas. Sucedeu também uma flebite e febre. Nos dias sucessivos o leve melhoramento continuava, mas depois de oito dias seguiu um colapso, menos grave, mas sempre tal que fazia temer o pior.

Este período provocou um sofrimento imenso ao Pe. Luís, quando queria exprimir-se e não conseguia encontrar as palavras. As visitas foram reduzidas ulteriormente; poucas pessoas foram admitidas à sua cabeceira. Ele recebia todos com muita cordialidade, mas depois brotavam-lhe as lágrimas e com grande resignação dizia: “paciência, paciência; pouco a pouco”. Da Cúria de Milão foi nomeado um Vigário, Pe. Luís Brusa, que fora ordenado junto com o Pe. Luís. Exercitou a sua função com tanta discrição que penso que o Pe. Luís não entendeu (ou talvez procurou que não entendessem) que estivesse ali presente como Vigário, mas antes como amigo»⁶⁰.

Naqueles dias o Pe. Luís continuou, como já dito, a abandonar-se completamente à vontade do Senhor, procurando acalmar sempre aqueles que estavam a seu lado. Com efeito, continua Zaira:

«quando via-nos, especialmente a mim que às vezes não conseguia esconder o meu sofrimento, olhava-me com uma postura de grande compaixão e dizia-me: “Verá, verá, mas verá”; era aquela palavra que cada vez que entrava no quarto dizia-me para encorajar-me e assegurar-me sobre o futuro da Obra»⁶¹.

As condições do paciente não foram melhorando. O Dr. Colombo insistia para que o Pe. Luís fizesse os exercícios para a reabilitação da linguagem, mas na realidade o que causava reais preocupações era o coração que não devia suportar nenhum cansaço.

«O Dr. Colombo, no dia 14, quis que fizesse vir o Prof. Vercelli, diretor do Instituto Neurológico C. Besta de Milão, para uma consulta sobre a afasia... Este, quando visitou o doente, disse que não tinha sentido preocupar-se pela afasia, mas que era necessário curar bem o coração e evitar-lhe emoções e fadigas inúteis. [...] As irmãs que vinham por turno a encontrar o Pe. Luís estavam muito magoadas, mas ficavam impressionadas pela sua calma e serenidade e com muita delicadeza evitavam fazê-lo falar. Foi um período de contínuo alternar-se de esperanças, de desilusões e de temores, mas havia, todavia, pouco para iludir-se. Entretanto, esperava-se sempre num milagre que pedíamos intensamente à Nossa Senhora. Em são João, no dia 15 de setembro, festejava-se Nossa Senhora das Dores e usava-se fazer o encanto dos cestos.

⁶⁰ SPREAFICO, *L'ultima malattia...*, cit, 4s.

⁶¹ *Ibid.*, 5.

Naquele ano o Pe. Mário disse do púlpito que não se teria feito o costumeiro encanto dos cestos, mas que se teria dado um envelope para recolher ofertas “porque a doença do pároco custava muito caro”. Fiquei revoltada, mas tive também aquela vez que sofrer e calar.

Uma das últimas noites houve um grande temporal e estava presente comigo para assisti-lo o Dr. Morganti. Teve de novo um colapso. Fui correndo ao hospital para pegar o *subtosan* que o Dr. Piatti tinha-me pedido emprestado... mas naquela noite não se recuperou e continuou a piorar. Passou a noite e o dia ainda sofrendo muito, mas sem dar sinais de preocupação, de incômodos ou de tristeza. De noite, de novo em busca de plasma, fiz vir também a professora Colli para ouvir um seu parecer sobre o que se poderia fazer, se fosse o caso de fazer alguma ulterior intervenção, mas infelizmente a situação era muito grave. [...] De manhã cedo, o Pe. Luís recebeu a Eucaristia... as condições pioravam continuamente. O respiro era afanoso, curto, o rosto cianótico, o pulso irregular. Fazia uma grande pena vê-lo sofrer assim em plena lucidez. Visto o fim eminente, já admitiram-se outras pessoas que estiveram mais perto do Pe. Luís. [...] Quando voltei, com um esforço supremo, disse: “Fora, todo mundo fora”. Quando fiquei sozinha, ele procurou articular algumas palavras ou fazer gestos, mas não consegui compor a frase. Tive a intuição que talvez queria falar de Pasqualina e lho manifestei. Ele disse: “Sim, sim”⁶². “Pe. Luís não se preocupe, a isso pensamos nós”. “Basta, basta; dentro todos, dentro todos”, quase sentindo-me em culpa por ter feito um ato de indelicadeza com as pessoas às quais pedira que saíssem. [...] Foi um ulterior testemunho que ele morria em plena paz se conseguia encontrar no extremo a força para arrumar esta última pendência. Morria, portanto, em paz, não só com Deus, mas também com os homens. Precisamente nos últimos instantes o Pe. Brusa, que recitara a “recomendação da alma”, por ele seguida em plena lucidez, pediu-lhe que abençoasse a Paróquia, os paroquianos, a sua Obra e as suas filhas. Ele, com grande fadiga, fez um gesto largo de bênção e quase imediatamente cessou de respirar e o coração de bater»⁶³.

Os últimos momentos de vida do Pe. Luís foram recordados com muita emoção também por quem lhe sucedeu provisoriamente antes da nomeação do novo pároco, e que nos deixou este testemunho:

«“Preciosa aos olhos do Senhor é a morte dos seus Santos”. É a frase que veio aos meus lábios quando, na manhã de quarta-feira, 29 de setembro, tive a sorte de assistir ao passamento da bela alma do Pe. Luís, desde vale de lágrimas para a eternidade. De manhã quis receber o Santo Viático. Foi o último encontro com o seu Jesus, velado pelas espécies Eucarísticas, depois as dores fizeram-se mais vivas e mais fortes e a sua fibra, que desde mais de um mês lutava contra a insídia de seu mal, teve aos poucos que ceder. Inclinei-me à sua cabeceira, convidei-o a renovar a dor dos pecados e dei-lhe a absolvição que

⁶² Pe. Luís queria que Pasqualina, sua empregada por muitos anos, recebesse quanto tinha direito, mas ela sempre recusara.

⁶³ SPREAFICO, *L'ultima malattia...*, cit, 6s.

recebeu com tanta fé e reconhecimento. Pedi-lhe que desse uma larga bênção a todas as almas confiadas aos seus cuidados e das quais sentia a responsabilidade diante de Deus: os seus diletos paroquianos de São João, as suas Instituições, as Pequenas Apóstolas da Caridade, por ele sumamente queridas... e o Pe. Luís anuiu e lentamente, como um glorioso patriarca, traçou com a sua mão cansada um largo sinal de cruz e disse: sim... sim...

No quarto de suas dores, circundado pelos seus íntimos, sua irmã freira que lhe enxugava o suor frio do rosto, o médico ajoelhado diante dele e que espiava com ânsia o seu afanoso respiro, algumas Pequenas Apóstolas que olhavam para ele com a angústia de quem vê morrer um pai, paroquianos que se viam já privados de um sustento, de uma guia, de um animador das suas energias espirituais e morais. Ele aos poucos apagava-se: Meu Jesus, misericórdia... Jesus, José e Maria, dou-vos o meu coração e a minha alma..., depois entrou sereno em agonia e às 9: 40 h o coração cessou de bater, os lábios não articularam mais palavras, as mãos abandonaram-se pesadamente sobre o leito...»⁶⁴.

A Pequena Apóstola Alba Clerici, que estava presente no momento da morte, recorda:

«Depois de poucos instantes, houve uma invasão de pessoas. Diziam: “O nosso pároco! O que faremos sem o nosso pároco?!”. Quando tive que voltar para Ponte Lambro, tive um momento de desânimo; pensava que tudo teria desmoronado e teria acontecido tudo aquilo que a gente me dizia antes de entrar. Depois, porém, o Pe. Luís ajudou-me e fez-me entender que tudo devia continuar. Quando estivemos velando os restos mortais em Varigione, todas provamos um sentido de paz e de tranquilidade»⁶⁵.

Os restos mortais abençoados, compostos nos hábitos sacerdotais, com sobrepeliz, roquete e estola, foram depositados no salão paroquial para que os paroquianos vissem ainda o seu rosto sereno. Eis quanto declarou Maria Teresa Dell’Orto:

«Recordo a afluência dos paroquianos, as numerosas orações e as expressões de admiração e de dor. Quando o Pe. Luís espirou a praça da igreja estava cheia de pessoas em oração. O Pe. Luís, que morrera na quarta-feira, 29 de setembro, às 9:45 h, na sexta-feira de noite foi levado, nos ombros, da sua paróquia para a igreja de Varigione. Foi um cortejo com orações, cheio de manifestações de afeto. O funeral foi muito participado: um verdadeiro triunfo»⁶⁶.

⁶⁴ L. BRUSA, «Don Luigi Monza... rimane...», em *A don Luigi Monza, Cislago 22-VI-1898 San Giovanni 29-IX-1954* [Número único 1954], Lecco 1954, 7ss.

⁶⁵ ALBA CLERICI, em APL.

⁶⁶ ANNA MARIA TERESA DELL’ORTO, em APL.

No que concerne ao funeral, são muitos os que recordam a participação unânime e comovida⁶⁷. Entre estes está também Liliana Beretta:

«Durante o funeral houve muita participação. Eu não conhecia as pessoas de São João, mas lembro-me que eram muitos. Tive a sensação de um desconcerto notável e a impressão de uma perda muito grave no plano espiritual. Era uma comunidade paroquial que vivia muito em redor dele e com ele. Ouvira dizer que havia também alguns paroquianos que o criticavam, quando vivo, mas a impressão que tive daquele momento é esta: de gente que o amava e que vivia o vazio desta morte»⁶⁸.

⁶⁷ Veja-se, por exemplo, em APL: Dolores Alborghetti, Angela Morganti, Alba Clerici e outras.

⁶⁸ LILIANA BERETTA, em APL.

CAPÍTULO VIII

O HOMEM DE DEUS

Assim o viam

A personalidade de todo homem é poliédrica e apresenta múltiplas faces, não sempre captadas na sua totalidade pelas pessoas que vivem a seu lado. Cada um captura alguns dos seus aspectos, ignora do resto que permanece na sombra.

É surpreendente constatar como, à distância de tempo, quem não conheceu a pessoa consiga, pelos escritos e pelos eventos biográficos, traçar um seu quadro mais completo e mais nítido porque não influenciado pela emotividade dos acontecimentos e das relações. Para o Pe. Luís aconteceu precisamente assim: uma grande quantidade de quadros diversos foram pintados sobre ele.

Vem apresentada uma galeria de retratos, cada um dos quais capta do Pe. Luís algum matiz particular: todos verídicos, mas nenhum exaustivo.

Iniciamos com uma breve descrição que no-lo apresenta:

«fraco no físico, mas tenaz no espírito, uma têmpera de homem íntegro. Esquivo nos contatos humanos e inclinado ao silêncio, não acostumava impor-se a ninguém; e, no entanto, quando inflamava-se pela coisas de Deus, assumia a estatura de um profeta. Como bom profeta ambrosiano, era mais propenso a fazer do que a dizer, e sobretudo não perdia nunca tempo. Ouvia o parecer de todos, depois agia como ditava a voz do Espírito»¹.

A sua personalidade foi percebida nestes termos:

«Para dizer a verdade, algumas suas páginas, das quais transluz uma ternura submissa e delicada, dão-me a impressão que uma certa reserva fosse para ele também uma defesa natural contra improvisos e espontâneos transbordos de ternura. Sobre estas bases naturais implantou-se a prática austera da humildade. A humildade cristã, na sua essência profunda, não é um gesto cumprido sobre a pessoa para escondê-la e mortificá-la, mas comporta um ato de honesto reconhecimento que tudo o que a pessoa consegue atuar, e pode ser também algo grande e importante, tem a sua raiz última na iniciativa de Deus, a respeito da qual o homem é sempre desproporcionado por defeito, está sempre abaixo do ideal inventado por Deus. Mas essa essência pura e positiva da humildade requer como alimento e expressão um trabalho, que diríamos negativo, isto é, uma série de gestos feitos sobre a pessoa humana para mantê-la num estado de simplicidade, de freio dos próprios exibicionismos, de aceitação das próprias derrotas, de espontânea colocação no último lugar, de estima preferencial pelos outros, de prudente silêncio sobre os próprios dons.

O Pe. Luís que, como veremos também em seguida, viveu a essência profunda da humildade, levou a sério também os gestos concretos que a

¹ C. MAZZA, «La famiglia dei rami fioriti», em *Terra Ambrosiana* 25 (1994), luglio-agosto, 19-26.

circundam, a favorecem. Daqui a sua reserva esquiva sobre a luminosidade da sua vida interior. A conseqüência metodológica que haurimos destas considerações é que não podemos pretender capturar o ânimo do Pe. Luís a partir simplesmente dos gestos e das palavras ditas ou escritas, como acontece para outras pessoas espirituais, também elas discretas e humildes, mas inclinadas a verter-se completamente nas obras e nos escritos; devemos, ao invés, tecer contínuas relações entre um gesto e outro, coligar uma palavra escrita com um certo contexto psicológico, interpretar certos silêncios e reconstruir pacientemente e sem nunca nos cansarmos um mosaico de recordações, de impressões, de conselhos dados pelo Pe. Luís na pregação ou na direção espiritual, de frases espirituosas que lhe escaparam quase por acaso»².

Há quem, ao invés, pôs em realce o seu realismo espiritual:

«Entre os mestres de vida espiritual, o Pe. Luís parece de um realismo desconcertante. Parece duvidoso e temeroso diante de certas formas de vida contemplativa pouco autênticas; tem medo de quem sonha, tem medo de quem quereria prolongar uma certa oração feita de busca de si, em dano do dom de si; tem medo daqueles que dizem de contemplar, e contemplam só o próprio egoísmo. Para ele, rezar é sair de si; contemplar é perder-se no mistério de Deus, deixando-se levar por Ele em toda parte, mesmo nos compromissos mais duros e cansativos de uma existência, na qual “tudo – por definição – deve converter-se em apostolado”.

No ideal do Pe. Luís tem-se a fusão da oração e da ação só se se tem humildade e pobreza, simplicidade e morte a todo egoísmo, só se se é um sim perene a Deus que chama e manda no mundo para ser ali presença viva de Cristo que contempla o Pai e doa-se aos irmãos. Jesus contemplava o rosto do Pai em virtude da natureza divina perenemente unida a Ele. Nós, seguindo as suas pegadas, vivemos a contemplação na fé que é amor. Ele dava-se à ação apostólica sem pausas, sem respiro – diríamos – procurando sobretudo os mais pobres, para doar mais a sua caridade. Nós operamos ativamente, damo-nos e “gastamos” a serviço do mundo e dos irmãos, deixando – como Jesus – que “o Pai opere em nós”, permanecendo sempre no Pai, com o Pai, pelo Pai, deixando-nos conduzir pelo Espírito. É nesta perene comunhão com o Pai, manifestada visivelmente na oração diurna e noturna de Jesus, que Ele vivia o apostolado também na hora suprema da “glorificação” através do sofrimento. Perseguições, condenações, contradições e depois o martírio da cruz, fizeram ver o servo de Iahweh o homem desprezado, o homem condenado, o homem recusado, o homem irreconhecível, o homem diante do qual todos viravam a cabeça, o homem que assim opera a salvação. Como reafirmou o Pe. Luís às suas filhas, que o apostolado não é sucesso, não é triunfo, não é acolhida humana! Ser apóstolos é deixar-se conduzir por Deus, olhando para ele e para a

² DON LUIGI SERENTHÀ, «Il ritorno alla comunità apostolica secondo il carisma di Don Luigi Monza», em *Il cristiano di ieri, il cristiano di oggi, il Cristo di sempre*, Milano 1980, 88s.

sua Igreja, amando Ele e o mundo, servindo Ele a as suas almas, como Ele até à cruz – ensinava o Pe. Luís»³.

Foi, depois, definido «mago do esconder-se»:

«Se escrever sobre um morto não conhecido é sempre uma empresa absurda, se fazer perfis de santos – os homens mais misteriosos da criação – é somente uma estulta temeridade (tanto que nos perguntamos paradoxalmente se empreendê-lo não seja ceder a uma tentação do maligno), a figura do Pe. Monza escapa mais do que tantas outras à pena do cronista e do intérprete. Já que a sua humildade foi tão compacta e astuta que pareceu empenhar-se para subtrair a quem lhe teria sobrevivido todo elemento de destaque, de anedótica; a desbotar de propósito o seu rosto e a sua voz; a cancelar atrás de si, além das obras e dos fatos cumpridos, também os traços e os claros-escuros de uma personalidade. Personalidade, o Pe. Luís Monza fez todo o possível para parecer que não a tinha. E naquele engano teve sucesso: pelo menos bastante para pôr em embaraço os seus biógrafos. Pe. Monza foi, sem dúvidas, um “técnico”, ou – se queremos dizer mais poeticamente – um mago em esconder-se. Creio que a sua imagem mais simbólica – para uma extravagante capa da biografia completa que esperamos ver logo aparecer – seja aquela do jovem seminarista que, deitado no fundo do carro agrícola, esconde-se à vista dos concidadãos, em meio aos quais voltou, durante as férias, para o trabalho dos campos. E certamente não menos lhe agradou, para agachar-se inobservado, a oficina do sapateiro – o “bagatt” com o banco na fraca luz – onde pôde trabalhar modesto e silencioso, ajudando o irmão sapateiro»⁴.

É também verdade que, por certas suas iniciativas, foi justamente considerado um homem aberto aos sinais do tempo. Com efeito,

«era ele quem convidava companhias teatrais para terem espetáculos de seguro nível cultural ainda que produzidos por amadores. E a sua discrição era tal que o induzia a deixar o teatro antes que baixasse o pano de boca, para evitar que a sua presença significasse uma hipótese de censura, uma vigilância à sombra da torre sineira. No máximo, entre um ato e outro, dispensava com a eloquência fluente incisivas palavras de confronto e de estímulo para a gente, que vinha numerosa.

Se é verdade que o bem comum é o projeto da doutrina social da Igreja, o Pe. Luís foi certamente um seu intérprete dos mais iluminados, daqueles que não vivem para passar à história, mas para que seja justa e digna a história de todo homem»⁵.

³ V. MACCA, «Contemplazione e azione», em AA.VV., *Come gli apostoli al servizio di un mondo nuovo*. *La spiritualità di Don Luigi Monza nella vita delle Piccole Apostole della carità*, Lecco 1986, 116s.

⁴ L. SANTUCCI, «Profilo di Don Luigi Monza», em *Notiziario di Informazione a cura del Gruppo Amici di Don Luigi Monza nel X Anniversario della morte*, Lecco 1986, 59.

⁵ C. PIATTI, «Don Luigi Monza», Numero speciale, *Notiziario di Informazione*, Anno XXXII, n. 1, 1991, Lecco 1986, 59.

Certamente era um amigo de Deus:

«Em toda época Deus acende luzes na noite do homem. Estas luzes são os seus amigos. Neles não há nula de extraordinário, pelo menos para os contemporâneos. Depois, somente depois, descobre-se o seu papel profético. Não porque tenham elaborado idéias (os destinos do homem não são ligados às palavras), mas porque foram instrumentos dóceis nas mãos de Deus. O Pe. Luís foi um destes amigos de Deus. O seu dom foi aquele de ensinar que o homem não é um cristal venado, incapaz de ser regenerado. Mesmo se o homem é ferido, dividido, sempre sedento de um amor que não sabe alcançar, porque o haure de fontes poluídas, há no entanto sempre uma esperança. O amor não se apagou. O fogo de Pentecostes pode reascender a caridade da comunidade primitiva, gerar comunidades capazes de serem “um só coração e uma só alma” e recolherem assim os irmãos da dispersão.

Não é fácil contar a vida do Pe. Luís. Deve-se entrar num personagem difícil, para o qual seria preciso ter o olhar do Pe. Luís, o coração do Pe. Luís, a sensibilidade do Pe. Luís. Mas isso teria podido fazer somente o próprio Pe. Luís. Se falta tudo isso, deve-se proceder por hipóteses, devem-se interrogar os documentos, mas ainda mais os fatos. Resultará disso sempre um retrato aproximativo, não nítido. Quem o conheceu poderá confessar que o Pe. Luís não era assim. Mas tal gênero de pessoas não precisará ser ajudada por uma biografia. Esta é ao invés útil para quem não o conheceu, como introdução aos seus escritos e à compreensão da sua Obra. Uma vez fez esta confidência: “Enquanto viverei, a obra será como um livro fechado. Depois da minha morte o livro abrir-se-á e a Obra expandir-se-á até os últimos confins da terra”»⁶

Pe. Melzi refere uma bela imagem a respeito da personalidade do Pe. Luís:

«Houve quem, falando do Pe. Luís e da sua pessoa discreta, dizia: Caminhava como os pirilampos. A imagem é bela, referida àquela sua pessoa tão luminosa interiormente e tão pobre exteriormente, referida ao sacerdote que se fizera todo luz e cuja vida foi toda entre o revelar-se pela força do Espírito e o esconder-se pela força da humildade: entre o voar e o resplandecer»⁷.

O que impressionava dele era também o seu trabalho incansável pela Obra.
Com efeito

«a história do Pe. Luís é bem mais do que este desenvolvimento de obras: é a história do Instituto das Pequenas Apóstolas da Caridade. É aqui que o Pe. Luís distingue-se no seu rosto mais verdadeiro: é aqui que ele, lacerado no pensar, consumido na ação, submetendo-se a toda dor, revelou-se a si mesmo

⁶ L. MEZZADRI, *Don Luigi Monza 1898-1954: le opere e i giorni*, Ponte Lambro 1979, 3s.

⁷ DON CELESTINO MELZI, «Presentazione», em *A don Luigi Monza, Cislago 22-VI-1898 San Giovanni 29-IX-1954* [Número único 1954], Lecco 1954, 6.

no tesouro de sua alma superabundante de caridade no sentido mais luminoso e incisivo e mais benéfico da expressão»⁸.

E ainda:

«Pe. Luís inseriu-se na história como uma figura maravilhosa, tornou atual a vida e a palavra de Jesus, sem esquemas preestabelecidos, fora dos parâmetros dos intelectuais abstratos, dos teólogos e filósofos teorizantes, penetrando na alma dos jovens, das crianças, dos pobres, dos sofredores. Nenhuma vontade de aparecer exemplar: Deus estava nele e ele estava em Deus, com naturalidade, sem que a sua humanidade perdesse espontaneidade. Parecia um homem na dimensão mais normal, mas reconciliava-te com a vida, com a existência cotidiana, assim como nascia na tua alma o desejo da pacificação interior, sem contorções psicológicas, despida de recolhimentos mortificados. Quanto rezava aquele homem de Deus! Era um rosto espiritualizado em plena luz! O breviário e a Missa! O fim essencial da sua vida: dar a Deus um louvor perfeito! Era para ele um pensamento tão vivificante, inebriante, transformador, e tornava-se tão invasor que o absorvia inteiramente!»⁹.

Muitos daqueles que o conheceram ficaram surpresos diante da explosão da sua Obra. Pe. Monza era um homem sem qualidades vistosas: humanamente, portanto, não podia fundar uma coisa tão grande. Não era um organizador. Não era um líder, um homem com o gosto do comando. Era um pároco exemplar, um homem que se encontrava à vontade quando falava de Deus e com Deus, uma guia experta e enérgica das consciências. Em outras palavras, era um homem de Deus. Um padre santo. E nada mais.

Não foi nem sequer um pensador. Poucos os seus escritos: algumas cartas, esquemas de cartas e o esboço das Regras das Pequenas Apóstolas. Não foi, portanto, nem filósofo, nem teólogo. E no entanto o Pe. Luís interpela ainda. Para uma Igreja que se descobre testemunha da caridade, a sua mensagem é ainda hoje rica, eloqüente, de proposição. Um sinal para o futuro.

As fontes que o nutriram foram duas: a oração e a vida. A oração deu-lhe o sentido de Deus, colocou-o em sintonia com a vontade de Deus, fez-lhe ver as coisas com os olhos de Deus. Testemunhou o que viu. A vida para ele foi a disciplina profética não tanto das aparências, mas das necessidades profundas não exprimidas, das invocações mudas dos longínquos. Grande era o respeito que ele nutria pela pessoa, qualquer que fossem as suas idéias ou os seus comportamentos, e isso pelo grande valor que cada pessoa tem aos olhos de Deus. Com efeito, todos sentiam-se por ele escutados, amados, de modo especial e muito singular, e estabeleciam com ele uma relação significativa, tal, para muitos, que provocava reviravoltas decisivas na vida de fé ou nas relações com o próximo. Faz parte de tal atitude a solicitude calorosa e ao

⁸ E. MATTAVELLI, «Don Luigi Monza (1898-1954)», em AA.VV., *Profili di Preti ambrosiani del novecento*, Milano 1984, 49-62.

⁹ Recordações de Mons. DRAGO, em APL.

mesmo tempo muito respeitosa pelos «afastados» da fé ou da Igreja, da vida da paróquia ou da comunidade.

A simpatia e a solicitude pelos jovens foi uma outra sua característica. Levava em si aquele sentido de responsabilidade que têm os autênticos educadores pelas novas gerações portadoras do desígnio de Deus que se realiza no tempo e que tem as suas raízes nos valores que a geração precedente tem a tarefa de transmitir com fidelidade e limpidez. É certo que a sua predileção ia aos gestos pequenos e escondidos («o bem deve ser feito bem»); praticava e ensinava o heroísmo do cotidiano, o gesto do desaparecer para que possa emergir sempre e só o bem e a Obra de Deus. Daqui a sua atenção pelos pequeninos, pela gente modesta e pobre. Daqui um velado desprezo, firme, mas nunca ofensivo ou ostentado, da riqueza e da aparência, distanciamento consciente de tudo o que pode privar de liberdade ou de sentido a vida do homem. Por isso vemo-lo intervir, sem timidez nem incertezas, ele, homem manso e esquivo, diante da opressão e da injustiça, do lado de quem é vítima dela, sobretudo se inocente e indefensa.

A sua característica foi uma espécie de discrição, relevada por todos aqueles que o conheceram. A sua não era a atitude aristocrática de quem se sente sobre um diverso plano a respeito dos outros. Era desconfiado, até à recusa explícita, de tudo o que podia ser supérfluo tanto nas relações humanas como no uso das coisas. O amor, quase instintivo, pelo essencial e a sobriedade, punha cada um, diante dele, na atitude de respeito quase reverencial. Tinha grande sentido da dignidade do seu serviço sacerdotal, o seu «viver Cristo», a tal ponto que assumia algumas vezes atitudes que, se não se conhecia a sua grandeza de ânimo e a sua liberdade interior, podiam ser considerados como escrúpulo.

Vivia sobretudo da presença de Deus que transparecia e fazia-se «sentir» nele e através dele. E tinha, acima de todo outro, o desejo ardente e insaciável de doar o Senhor a todos, sabendo que com Ele tudo era doado, sobretudo a alegria do coração e da vida. No centro da constelação das virtudes estava a humildade, que ele chamava apodrecimento. Referia-se a Jo 12,24: «Se o grão de trigo que cai na terra não morrer permanecerá só; mas se morrer produzirá muito fruto».

É interessante relevar o caráter «missionário» do trecho, que o Pe. Luís Monza intuía, sem porém explicitá-lo. São os «gregos» que se dirigem a Filipe; e a resposta a este pedido do mundo grego é precisamente a ostensão da fecundidade do apodrecer sob a terra, na escuridão do sulco.

«Apodrecer na humildade é coisa grave, dura, vale tudo e equívale à destruição. Comparo esta frase a todos os que dão a vida pelo Senhor. É certo que é muito mais fácil dar a vida de vez em quando, que aniquilar continuamente, cada momento, o nosso eu»¹⁰.

Até agora transcrevemos os testemunhos daqueles que viam o Pe. Luís desde o externo. Porém, também as «suas filhas», como ele as chamava, descreveram dele outros retratos ditados pela vizinhança, pela intimidade espiritual e pelo amor paterno que as unia ao fundador.

Recorda Pasquina Sormani:

¹⁰ L. MEZZADRI, «Don Luigi Monza», em *La Rvista del Clero Italiano*, 73 (1992) 134-140.

«Já desde um pouco de tempo, observava a sua capacidade de autocontrole por ocasião de contratempos que o feriam. Um dia em que visitava a casa de Vedano, perguntei-lhe como tivesse conseguido (porque como temperamento não era calmo!); respondeu-me: “Foram as humilhações!”. E exercitava a humildade até as últimas conseqüências». Recordando o professor Vercelli, a mesma irmã disse: «Recordo sempre, quando fala-se destes momentos (da doença e da morte), uma observação feita pelo Prof. Vercelli que viera para visitá-lo quando chegara a afasia: “Só um homem habituado ao exercício do autocontrole pode aceitar assim uma situação tanto dolorosa”»¹¹.

E ainda: «A sua pessoa de asceta, o seu passo majestoso, o comportamento reservado, a delicadeza de trato, os movimentos controlados, a doçura do comando, aquele falar tranqüilo e a voz moderada», revelaram-no como «um servo inútil, que tinha sempre temor de apresentar-se para não ofender os outros. A humildade foi a principal característica da vida do Pe. Luís e o grande ideal para o possesso do qual tendiam todos os seus esforços, chegando assim a considerar nulos os sacrifícios e as humilhações que lhe permitiam avançar sempre mais para a meta almejada. “Apodrecer” era a sua palavra de ordem; mas aquele apodrecer entendido no significado mais verdadeiro, como o grão de trigo que na terra benéfica germina para depois crescer numa bela e viçosa espiga. Às filhas que entravam a fazer parte da obra, nascida do seu grande coração, pouco importava conhecer a sua Regra, já que o amado fundador era a sua expressão vivente. Se é verdade que a todas nós inculcava o desejo do *ama nesciri*, era igualmente verdadeiro que ele por primeiro o praticava. O iniciador, animador e fundador de diversas atividades, encontrava sempre o momento oportuno para ocultar-se, para deixar aos outros a alegria, o gozo e a satisfação do que felizmente se cumprira. A quem se congratulava com ele pela beleza e a grandiosidade de A Nossa Família, repetia: “Eu não tenho nada a ver com isso... eu não fiz nada. A obra não é minha, mas de Deus e o mérito é seu; serviu-se de um pobre ignorante para cumprir os seus desígnios”»¹².

Maria Teresa Dell’Orto recorda-o sobretudo pela sua humildade:

«Deixaste-nos pelo céu porque eras feito para o céu, mas deixaste-nos o patrimônio das tuas virtudes numa auréola de humildade e de amor. Agora privas o nosso olhar da visão paterna da tua digna figura, mas compensas o nosso coração fazendo-nos sentir e pregar mais profundamente o que a tua cotidiana prática do “ama nesciri” podia-nos antes esconder ou velar. Na luz do teu escondimento refazemos as etapas do caminho que percorreste entre nós e sentimo-te sempre maior, mesmo se querias ser o menor entre as tuas Pequenas Apóstolas que tanto amaste. Grande nos conselhos que nos davas, tanto naquelas que não querias chamar pregações, porque dizias: “...o pai não pode pregar às filhas...”, quanto nas expressões que sabias encontrar para cada uma

¹¹ Recordações de PASQUINA SORMANI, em APL.

¹² Recordações de LUIGIA PONTIGGIA, em APL.

de nós, para as nossas particulares necessidades. Falavas ao nosso coração com palavras tão refinadamente sentidas e profundas que escondias em simples exortações, às vezes também em forma dialetal e humorística. Eras depois singularmente grande quando, como freqüentemente aconteceu, diante de quem admirava a tua magnífica instituição, não querias ser apresentado como Fundador, mas justificava-te dizendo-te um simples e mísero instrumento. Foste o animador mais vivo das nossas obras para as quais nos chamaste, mas ficaste sempre de lado, quanto temias que te pudessem descobrir enquanto querias agir e fazer o bem em silêncio. Também a doença respeitou esta tua característica, para que o teu sofrimento passasse escondido. Os médicos, pela exigência do mal, tiveram que proibir as visitas e por isso a bem poucos pudeste mostrar a grandeza do teu padecer em silêncio»¹³.

Para todas elas era como um pai, com fez notar Dina Miscardi:

«Entreí na comunidade junto com uma outra coirmã. Depois de alguns dias, o Pe. Luís veio em Vedano para saudar-nos e dar-nos as boas-vindas. Recordo que, apenas nos viu, acolheu-nos com tom gracioso, dizendo-nos: “Eis aqui as minhas bruxas...”. (No almoço) Que belo! Parecia um bom papai com as suas filhas, feliz porque a sua família ia crescendo em número. Para todas nós era verdadeiramente o “pai”. Aproveitava das suas visitas, às vezes breves, para inculcar-nos o seu espírito, tanto que, se havia uma divergência, com ele tudo caía. Ensinava o amor à pobreza e praticava-a, ele por primeiro, com escrúpulo. Amava que se respeitasse o silêncio com exatidão, especialmente de noite depois da oração, aquilo que chamava “o silêncio grande”. Quando chegava, queria ver todas e, se alguma faltava, ia ele mesmo procurá-la; para todas tinha uma palavra de incitação, de estímulo na via da santidade. Antes de deixar-nos, dava-nos a sua bênção, em qualquer lugar estivéssemos, mesmo na cozinha “no meio” das panelas»¹⁴.

Segundo Adele Vitali

«O Pe. Luís tinha um tratamento caridoso para com todos, mas especialmente para com os pobres, os sofredores, para com aqueles que, de algum modo, foram provados. A sua caridade era refinada, não punha em embaraço nem sequer quando era acompanhada por uma ajuda material. Fazia tudo com tanta delicadeza e fineza de ânimo, que quem recebia quase não se dava conta de receber senão para agradecer. Testemunhou-o um meu tio, homem de idéias socialistas, contrário aos padres, quando aconteceu-lhe encontrar o Pe. Luís no cemitério de São João para a exumação dos avós. Disse ter estado na prisão junto com ele (no tempo dos fascistas) e de ter ficado edificado com o seu comportamento. “Assim deveriam ser os padres” e acrescentara que, depois que saíram da prisão, acontecia-lhe algumas vezes encontrá-lo quando estava em companhia de um seu amigo de desventura,

¹³ Recordações de M. TERESA DELL'ORTO, em APL.

¹⁴ Recordações de DINA VISCARDI, em APL.

pobre de meios financeiros. Pe. Luís, dirigindo-se a este último, entre uma saudação e uma boa palavra, dava-lhe infalivelmente 500 libras mesmo se, tirados estas, a carteira permanecia vazia. E muitas vezes era-o porque o Pe. Luís era muito sensível às necessidades alheias»¹⁵.

Teresa Pitteri definiu-o o «Servente de pedreiro de Deus», porque

«quando Deus convidou-o a dar vida à Obra ele acreditou e mostrou-se dócil e humilde, vigoroso e incansável; considerou-se o “servente de pedreiro”, que na construção da casa segue as ordens do chefe, carrega as coisas pesadas, faz os trabalhos mais rudes. Ele não pensou nunca que era o artífice da sua Obra. Dizia sempre que era do Senhor, que se desenvolvia porque era do Senhor. A essa nova tarefa dedicou-se corpo e alma. A sua fé fez-lhe transportar as montanhas e o seu ardor lhas fez ultrapassar. Verdadeiras montanhas foram as dificuldades de todo tipo: ausência de meios financeiros, inexperiência e pequenez das primeiras pessoas que colaboravam com ele, egoísmo e mesquinhez daquelas que o abandonaram, críticas daquelas que o circundavam, inicial desconfiança daqueles que depois o teriam aprovado, contrariedades com as suas mesmas filhas. Todo este cúmulo de dores encontrou-o “sempre em pé”, sempre calmo e dono de si, sempre seguro do desenvolvimento da Obra, da vitória de Deus. Ele inculcou-nos a verdade evangélica que o grão de trigo deve apodrecer se quer dar fruto; e deu-nos disso em si mesmo o exemplo. Dispôs-se para a sua Obra. Foi verdadeiramente o fundador. Pôs a si mesmo como primeira, preciosa pedra, no terreno das abnegações, das humilhações, da dor. Sobre estas apoiaram-se todas as outras, cimentadas pelo vínculo da caridade por ele tão bem pregada; e o edifício elevou-se, alargou-se e levou as suas ramificações muito longe»¹⁶.

E a mesma Teresa evidenciou um outro aspecto do Pe. Luís:

«Uma das notas dominantes do seu espírito: era um totalitário. Não admitia as meias medidas nem em si, nem nos outros. Compreensivo e longânime com aqueles que caíam por debilidade, era exigente com as almas que, dotadas de boas possibilidades, luzes e graças particulares, não as empregavam totalmente para Deus. Diante de certas almas piedosas, que tendo recebido o dom inestimável da chamada divina, negociavam no dar-se a Deus, ou temporizavam, ele fremia, indignava-se e assim as julgava: “Vocações que causam náusea”. Frase forte, a um primeiro juízo exagerada. Mas quem sentia a modulação da sua voz, quem observava a expressão do seu rosto, percebia claramente que ela era uma explosão irrefreável do seu zelo ardente por Deus. Um dia, falando de seminaristas e de algumas correntes educativas demasiado conciliadoras, que pretendiam impor-se com o pretexto de recolher um maior número de aspirantes ao sacerdócio, disse que ele não as partilhava de nenhuma

¹⁵ Recordações de ADELE VITALI, em APL.

¹⁶ Recordações de TERESA PITTEI, em APL.

maneira; que, segundo ele, era preferível um só apóstolo santo que cem médiocres»¹⁷.

As cores do arco-íris

E agora gostaríamos de recolher uma série de faíscas multicolores que nos descrevem ulteriormente o Pe. Luís.

A confiança na ajuda de Deus foi percebida assim por uma testemunha:

«Vinha-lhe dos longos colóquios com Jesus Eucarístico. E infundia-a em nós com um modo todo seu e tão persuasivo que não admitia réplica. “Pe. Luís, acontece isso comigo... estou realmente cansada!”. “Como é possível?”. E escutava atento, com o charuto nos lábios; depois, soprando a sua fumaça para o alto, com ar satisfeito, dizia: “Olhe: viu? Tudo acabou! Ponha tudo nas mãos de Deus e tudo será como a fumaça do meu charuto!”. Mas no seu coração já formulara uma oração ou fizera o empenho formal de acrescentar em particular uma Salve Rainha (a sua oração preferida) às muitas que já recitava cada dia»¹⁸.

Uma outra recorda o seu olhar penetrante:

«O Pe. Luís incutia um pouco de temor pelo seu olhar tão profundo e penetrante que te dava a sensação de ter percebido os teus estados de ânimo ainda antes que tu lhe falasses deles; superada a dificuldade inicial, encontrei nele conforto e uma guia segura e um confiante abandono em Deus na oração»¹⁹.

A sua senhorilidade foi descrita assim:

«Nota distintiva do Pe. Luís era a sua constante senhorilidade; mesmo vindo de uma família muito modesta em todo sentido, ele falava, caminhava e movia-se com grande dignidade, sobretudo nos atos externos de culto, mas também na vivência cotidiana. Quando caminhava, parecia que roçasse o chão; mesmo se tinha pressa, não era nunca precipitoso; se se divertia e ria não era nunca exagerado. Tudo isso era nele natural, sem nenhuma afetação»²⁰.

Sobre a responsabilidade já se disse muito, mas podemos acrescentar um último testemunho:

«Pude admirar no Pe. Luís o cuidado todo particular pelas almas a ele confiadas. Tinha um grande sentido de responsabilidade a seu respeito e o seu progresso no caminho da perfeição preocupava-lhe mais do que qualquer outra

¹⁷ Recordações de TERESA PITTEI, em APL.

¹⁸ Recordações de ANTONIETTA BALDINI, em APL.

¹⁹ Recordações de TEODOLINDA FRIGERIO, em APL.

²⁰ Recordações de ROSETTA SPREAFICO, em APL.

coisa. Por isso ele sabia pagar pessoalmente por elas, para ajudá-las a superar as dificuldades encontradas»²¹.

O Pe. Luís não tinha o humorismo de um São Pio X ou a vontade de rir dos defeitos humanos de São Felipe Neri. Era, porém, um homem profundamente sereno que algumas vezes deixava escapar leves piadas. Uma entre todas foi-nos transmitida por uma testemunha: «Pe. Luís, cure-se!». «Sim, sim, sou já um cura!!!»²².

Pe. Luís: a figura poliédrica num esboço com os traços incertos

Como conclusão da rápida exposição na galeria dos retratos, o visitante permanece normalmente um pouco transtornado e pesca na memória as imagens, os particulares que mais o impressionaram para fundi-los juntos e cunhar um retrato pessoal evocado pelos outros, mas diferente de todos. O Pe. Luís apresenta-se como um «padreco do interior»: uma figura magra, pequeno de estatura, nenhum sinal de particular prestância física... O comportamento esquivo, respeitoso, taciturno.

O escritor Luigi Santucci, no seu perfil, escreve: «Luís Monza soube procurar-se a arte de desiludir». Certamente assim como apresentava-se não tinha nenhuma qualidade externa particular que pudesse atrair as pessoas. Uma certa «senhorilidade», porém, distinguia-o no modo de caminhar, na dignidade e compostura da sua pessoa mesmo nos momentos recreativos ou de divertimento e, sobretudo, no tato e na fineza que sabia usar nas relações com os outros. Uma pitada de humorismo que se manifestava em toda a sua comicidade colorida nos momentos mais cordiais.

Homem de poucas palavras, sabia falar com o silêncio, o comportamento, o olhar. Este último tinha a força surpreendente de penetrar profundamente na alma do interlocutor e de captar os estados de ânimo mais íntimos. Por isso não foi simples para nenhum biógrafo colher de modo exaustivo a sua personalidade e, pelo mesmo motivo, permaneceu um mistério sempre pronto a ser aprofundado mas nunca completamente desvelado.

Vem espontâneo e legítimo perguntar-se como da figura acima desenhada possa brotar uma força capaz de atrair e interpelar as pessoas e entre estas também muitos jovens, que ele amava de modo particular. Não obstante a sua descrição, o Pe. Luís sabia tecer relações personalíssimas, onde o outro sentia-se acolhido, importante, objeto de atenção especial. Nestas relações o Pe. Luís tornava-se como o pai amoroso e responsável pelos seus filhos que devia fazer crescer e progredir na fé. Este rosto paterno que distinguia a sua vida de relação manifestava-se ainda mais claramente nas relações de Direção espiritual e com as «suas filhas». Pe. Luís, na realidade, era um «totalitário», assim como foi definido por uma Pequena Apóstola, não conhecia meias medidas nas «coisas de Deus». Radical consigo mesmo, exigente com os outros, apostava no alto ideal do heroísmo da caridade. Foi precisamente em nome da caridade que tal firmeza, fortaleza e decisão interior, destemperavam-se em atitudes de misericórdia, de compreensão, de acolhida e, sobretudo, de benevolência.

²¹ Recordações de MARISA MAZZUCELLI, em APL.

²² Recordações de ANTONIETTA BALDINI, Em APL.

O temperamento forte e impulsivo, que se revelou de modo explosivo no período do Seminário, foi um ceppo bruto que o Pe. Luís teve que trabalhar e delinear, com tanta paciência e sacrifício, até alcançar resultados surpreendentes de autocontrole, até durante a doença vivida na paz. Uma impulsividade controlada era pronta a manifestar-se em toda a sua fortaleza, quando tratava-se de defender e admoestar para as «coisas de Deus». Mas esta fortaleza interior que o fazia ser sempre confiante no sucesso, mesmo nas mais duras dificuldades, não a hauria de energias próprias, mas da confiança na Providência de Deus. Deixou a esta última o mérito de todo sucesso, até da fundação da Obra, e nela procurou de todos os modos confirmar o seu operar. Mas para chegar a fazer reluzir a presença de um Outro através de si mesmo é necessário desaparecer, para deixar lugar para o rosto de Deus.

A este ponto insere-se o lema do Pe. Luís: «Apodrecer como o grão de trigo que, tendo caído na terra, dá muitos frutos». Apodrecer é morrer a si mesmos, aos próprios egoísmos em nome daquela caridade que o impeliu a gastar a si mesmo sem descanso pelos mais pobres e pela sua obra. Apodrecer é renunciar ao desejo de emergir e ao sucesso porque o Pe. Luís viu no apostolado não o triunfo, mas um «deixar-se levar por Deus». A sua força foi essencialmente a oração, lugar privilegiado de encontro com o Senhor, com o qual alcançou uma intensa intimidade. Uma oração nunca separada da vida, uma oração essencial, simples, que se fazia vida através da sua pessoa. Contemplação e ação: um binômio que nela sobriedade e concretude do seu comportamento encontrou um ponto real de síntese. A sua relação com Deus e a sua fé levaram-no a uma admirável liberdade interior em nome da qual permaneceu em atenta escuta dos sinais dos tempos e ousou, a despeito dos esquemas correntes, criar novos estilos de vida e de seqüela.

CAPÍTULO IX

O ESCULTOR DE DEUS

Para as Pequenas Apóstolas, o Pe. Luís não foi só um formador, mas um autêntico «pedagogo» da alma. A formação que propôs às suas «filhas» oscilou entre os pólos da tradição e da novidade, assim como a sua intuição de uma forma de consagração inovadora vinha compressa no modelo religioso, única modalidade existente de pertencer ao Senhor. Pe. Luís não teve uma lúcida consciência do significado de difundir um Instituto Secular, mas sentiu profundamente a certeza que o mundo precisava de Apóstolos que, desde dentro, testemunhassem com a vida e anunciassem o Amor de Deus pelo homem contemporâneo em todos os ambientes, também naqueles mais «perigosos» e em aparência mais pagãos. Um missão «moderna» que, ao mesmo tempo, teve que se adaptar à tradição.

Pe. Luís foi o manancial de um novo curso de água que, nascido como um pequeno córrego, alcançou a impetuosidade de um rio, transbordando assim do estreito e rígido leito do nascimento par correr como um turbilhão num álveo sem horizontes. Ele acompanhou esta evolução por um breve percurso, deixando aos posteriores que verificassem seu cumprimento. Já do estilo de vida da pequena comunidade e das premissas formativas pôde-se perceber um desejo de renovação. O Pe. Luís queria que as irmãs vivessem no mundo sem se distinguirem dos outros leigos pela roupa e pelo estilo de via; o mesmo ambiente de vida, tão salvaguardado pelos Institutos Religiosos, era partilhado com os outros residentes da casa: meninos ou, ainda antes, com os despejados. Por exigência de caridade, o Pe. Luís fizera a hipótese também de mandatos individuais, com possibilidade de destacar pessoas em particular da comunidade. Pe. Luís, tão livre interiormente, teria querido as suas «filhas» igualmente livres das regras e restrições, como os Apóstolos, que não tinham breviário; por isso admoestava-as a recusar todo sustento externo, chegando paradoxalmente a afirmar que podiam prescindir da santa missa e da capela.

A mesma escolha da atividade de apostolado que se devia empreender e o objetivo ao qual se dirigir evidenciaram desde os inícios uma orientação extremamente inovadora para um instituto de consagradas: retiros espirituais para operárias, para diversas categorias de trabalhadores até chegar a organizar jornadas de espiritualidade para modelas que posavam para os artistas, consideradas, naqueles tempos, não exatamente «moças honestas». Esta última atividade foi proposta pela professora Eva Tea, crítica de arte, que tanto empenhou-se para a animação cristã nestes ambientes culturais e artísticos. Sobretudo com o início e o desenvolvimento da atividade com as crianças, Pe. Luís investiu muitíssimo na formação das Pequenas Apóstolas, segundo o binômio extremamente «secular»: a competência a serviço do homem.

A vida comunitária de tipo «mais religioso» era compreendida pelo Pe. Luís como modalidade privilegiada para viver e testemunhar a caridade, como palestra na qual treinar para vivê-la. Toda a espiritualidade do Pe. Luís baseou-se na caridade que devia ser o fim e o motivo de toda ação ou pensamento. As mesmas obras empreendidas eram funcionais à manifestação da caridade. A formação, que o Pe. Luís ofereceu às suas Pequenas Apóstolas, refletiu estes dois aspectos da tradição e da novidade. Ao primeiro referem-se aquelas admoestações inerentes ao comportamento

que se devia ter em público e entre irmãs que, com o aumento da comunidade, foram reguladas por normas precisas. A estes acrescentam-se aqueles concernentes ao vestido estritamente «correto». Além disso, o respeito e o caráter sagrado de alguns momentos, que marcavam tradicionalmente a jornada das religiosas, como, por exemplo, o grande silêncio da noite, que foi tanto caro ao Pe. Luís. Estes momentos, porém, tornaram-se demasiados rígidos e vinculativos para uma atividade moderna de caridade, vivida sob o signo da flexibilidade, e, com o passar dos anos, modificaram-se.

Manifesto formativo

Os grandes movimentos literários, políticos, artísticos, acostumam confiar a um «manifesto» as suas declarações de intenções, princípios, fins e escopos do movimento. Em uma carta enviada a Zaira Spreafico, o Pe. Luís declarou de modo essencial a tarefa e o estilo do formador e o fim do próprio projeto formativo:

«Obrigado pela carta e pelas expressões claras e os propósitos férreos. Aprovo e encorajo, assegurando-lhe vitória. O seu quero, sempre quero, quero ser santa: será santa. Ajudá-la-ei também eu. Atenta aos extremos: resista aos demasiado no alto, como aos demasiado em baixo, *in medio stat virtus*. Sempre tive confiança na senhora, agora sinto isso mais fortemente. Todavia, será ainda meu preciso dever corrigi-la, endereçá-la, encorajá-la como a segunda mão de Deus. Se por três anos eu a tive sob o jugo, quer que não a tenha ainda por trinta anos? Esteja segura que para o seu bem não deixarei nada de intentado, ainda que pelo único motivo da sua maior perfeição. Adiante, portanto, e alegre».

Pe. Luís entretinha relações «formativas» com as Pequenas Apóstolas através de colóquios pessoais, epistolares e as breves e simples intervenções na vida cotidiana de cada uma. Extremamente loquaz foi toda a sua vida que, só pelo fato de ser, punhasse como formativa. Do *Manifesto* brota claramente a atitude paterna de compreensão, de encorajamento e de estímulo características de um pai que quer fazer crescer e amadurecer os próprios filhos, assim ele mesmo definiu-se numa carta de julho de 1952 para Zaira:

«E eu por que a repreendo, por que a tormento algumas vezes? Mas não fiz sempre assim? Um bom pai não tem direito de repreender os seus filhos só pelo temor que não façam o bem? Mas ai de quem lhes toca».

A atenção por cada pessoa, também pela sua saúde, e a capacidade de intuir os pensamentos não expressos no coração, fizeram do Pe. Luís um verdadeiro pedagogo, atento também, com pequenos gestos concretos, aos desejos do outro:

«Cada vez que chegava em Ponte Lambro, vinha encontrar cada uma no nosso lugar de trabalho, não esquecendo nenhuma e para todas tinha uma palavra, às vezes grave e compreensiva, às vezes escarnejadora, segundo as

circunstâncias, que se entendia à distância um milho»¹. «Muitas vezes (o Pe. Luís) vinha também à minha casa, vinha procurar-me no meio das minhas ocupações de trabalho, encontrava-me sempre só, no meio das vassouras, panos para limpeza e escovões, e pensando que, com o passar do tempo, pudesse sentir o efeito deste isolamento, repetia-me freqüentemente: “Muito bem, muito bem! Eis você aqui, sozinha com o Só”»². «A um certo ponto olhou-me com uma expressão tão penetrante como se quisesse ler no meu ânimo tudo o que não sabia exprimir com as palavras»³. «Não queria a alma em tensão, pelo qual, quando sabia que era particularmente empenhada, sabia intuir com caridade refinada o que lhe teria gostado e lho oferecia; mas não era o Pe. Luís quem oferecia, ele sabia desaparecer, era a sua bondade que vinha ao nosso encontro»⁴. Quando intuía que as palavras teriam falido, Pe. Luís confiava à oração que falasse ao coração da pessoa. A oração, para aqueles que se confiavam a ele, foi sempre um ponto de força na sua tarefa de formador: punha tudo nas mãos do Senhor e, a Ele só, atribuía os progressos do crescimento espiritual. Sabia não dramatizar as situações, apelando-se à relatividade e caducidade das preocupações. Se via-nos preocupadas, dizia com uma mímica expressiva que acompanhava as palavras: “As suas preocupações são como o fumo do charuto ou do cachimbo aceso, uma tragada, um pouco de fumo e depois tudo desaparece sem deixar rasto”»⁵. E quando alguém ia desabafar-se com ele: «Pe. Luís, acontece isso comigo... estou realmente cansada! Como é possível?».

Ele escutava atento, com o inseparável charuto nos lábios; depois, soprando a sua fumaça para o alto, com ar satisfeito, respondia: «“Viu? Tudo acabou! Põe tudo nas mãos de Deus e tudo será como a fumaça do meu charuto”. Mas no seu coração já formulara uma oração»⁶.

Pe. Luís sabia que pedia muito, que pedia tudo às suas Pequenas Apóstolas. Por isso não deixou nunca de compreender e sobretudo de encorajar e confirmar a pessoa nos seus propósitos, demonstrando-lhe toda a confiança necessária nas suas capacidades e convidando-a a confiar na ajuda do Senhor: «É inútil que lhe repita a confiança que tenho na senhora e as orações que sempre faço pelos seus progressos de amor em Deus. Procure alegrar-se pelos cuidados que tem o Senhor pela senhora e também eu»⁷. As suas cartas eram muitas vezes enriquecidas com expressões como: «Estou muito contente pelos seus esforços e pelos seus progressos», ou então: «agradeça por mim a todos as minhas filhas que fazem milagres de bem».

¹ Recordações de MARGHERITA COLOMBO, em APL.

² Recordações de CHERUBINA MALBERTI, em APL.

³ Recordações de REDENTA BAGGIO, em APL.

⁴ Recordações de MARIA MAZZUCELLI, em APL.

⁵ Recordações de MARGHERITA COLOMBO, em APL.

⁶ Recordações de ANTONIETTA BALDINI, em APL.

⁷ Cara do Pe. Luís à Pasquina Sormani, de 22 de julho de 1953, em APL.

Pe. Luís, como pai competente, sabia discernir quando era tempo de compreender e encorajar, e quanto era necessário admoestar. Para cada uma, que tinha bem presente no coração com as próprias características e os traços pessoais, sabia encontrar as admoestações justas como, por exemplo: «Esteja, porém, atenta pelo seu caráter e pelos seus nervos». Criticar e repreender não era, porém, congenial à personalidade do Pe. Luís, que se encontrava a absolver tal tarefa formativa só pelo bem da alma, assim como ele mesmo afirmou numa sua carta: «Não se preocupe que não me falta a coragem de castigar como se deve quem o merece. Certo que para mim é difícil cumprir esta segunda parte e sofro mais em dar pancadas do que em recebê-las»⁸.

Esta atitude de firmeza e de doçura encarna-se no seguinte episódio:

«Continuou por bem 20 minutos no mesmo tom, elevando também a voz quando ao improviso foi chamado para a partida. Não a esperava tão cedo! Teria querido ter um pouco mais de tempo para um acordo mais cordial e não o teve. Então, imediatamente, mudou de expressão, tornou-se meigo e, dirigindo-se para a porta, disse: “Ó, como estou magoado por deixá-la assim! Deixo-lhe o perdão que só o afeto de pai sabe dar. Logo, por escrito, escreva-me as suas boas promessas que agora não posso entreter-me para escutar. Como prova de que não me conserva rancor por como lhe falei, eu amanhã devo receber a carta”»⁹.

Pe. Luís evitava os intelectualismos e abstrações em nome de uma concretude cotidiana, para a qual convidava as Pequenas Apóstolas a olharem. Esta sua característica levava-o a ser concreto também no campo formativo, servindo-se de situações ocasionais cotidianas e imagens metafóricas, para chamar a atenção para os princípios base da vida espiritual. Eis uma delas que concerne à humildade: «É o prego que esconde-se atrás do quadro que, no entanto, sustenta uma obra prima»¹⁰. A segunda refere-se à caridade:

«Comentando o desmoronamento material da capela em construção de Ponte Lambro disse que os técnicos, depois de terem examinado as várias possíveis causas, tiveram que admitir que a causa principal foi a insuficiência de cimento. Assim – dizia – acontecerá com a nossa comunidade, se faltará o cimento da bela caridade fraterna»¹¹.

Escavar os alicerces

O Pe. Luís, como pôs os alicerces para A Nossa Família, assim colocou as bases em campo formativo na construção da personalidade e da espiritualidade da Pequena Apóstola. Estas bases foram solidamente construídas sobre o compromisso da vontade antes que sobre o ímpeto do entusiasmo, na convicção que: «Não de muitas coisas

⁸ Carta do Pe. Luís à Zaira Spreafico, em APL.

⁹ Recordações de ROSETTA SPREAFICO, em APL.

¹⁰ Recordações de ORTENSIA BERNARDI, em APL.

¹¹ Recordações de TERESA PITTEI, em APL.

precisa a alma, mas de poucas que penetrem, porém, profundamente no coração e tornem-se vida»¹².

Partindo desta primeira sólida plataforma formativa, que se manteve constante elemento de referência para as Pequenas Apóstolas da Caridade no curso dos anos, o Instituto Secular encaminhou-se por uma vereda em contínua evolução e subida que, na fadiga da escalada, revelou a abertura de cenários sempre mais vastos e mais claros até os confins do mundo.

A formação que o Pe. Luís propôs à suas Pequenas Apóstolas teve como resultado a maturação de personalidades entre si diversas, a potenciação dos dotes e dos traços de cada uma. A Pequena Apóstola teria devido ser uma mulher humanamente forte e madura com a qual poder contar, uma presença ativa, positiva e moderna no mundo, e, com tudo isso, uma mulher de Deus. Evitando homologações em nome de uma heterogeneidade promocional centrada em cada pessoa, o formão do Pe. Luís trabalhou paciente e gradualmente sobre as personalidades, com a constância e a paixão de um artista que espera pacientemente o realizar-se da sua criatura. Escrevia o Pe. Luís:

«É verdade, no entanto, que cada alma tem a sua personalidade, mas é também verdadeiro que, mesmo conservando a personalidade, deva-se conseguir formar de tantos corações um só coração, de tantos ideais um só ideal para cantar com alegria: “ecce quam bonum et quam jucundum”»¹³.

Com efeito, a comunidade resultou um coro de vozes: diversas tonalidades para uma mesma partitura na qual a riqueza da variedade alimenta a sua harmonia.

A originalidade de todo elemento é descrita pelo Pe. Luís em algumas suas cartas onde transcreve com argúcia e sagacidade a personalidade de cada uma:

«À boa Pasquina a minha sempre renovada confiança; à boa Armida um muito obrigado especial por todos os seus bons serviços e pela muita paciência que teve comigo. De Rosetta recordo toas os seus cuidados e as preocupações em preparar-me as comidas refinadas para fazer-me comer mesmo quando não tinha vontade. Para Miriam recordo a devoção ao seu pai com as mãos juntas. E Tranquilla? Recordo-lhe ainda a prontidão em seguir-me e a obediência pronta e alegre»¹⁴. «À Teresa com os seus males físicos e com os seus bens de espírito, os votos de apodrecer logo como grão evangélico para dar muitos frutos. À boa Angela, agreste e selvática que sempre fala de dia e de noite, que se torne depressa tísica para assemelhar-se a S. Teresinha e, finalmente, à boa Armanda que o Senhor a assiste e a segue com cem operações por ano, depressa digo-lhe que suba até onde Ele quer para gozar do paraíso na terra e o seguro e o perfeito lá em cima nos céus»¹⁵.

¹² L. MONZA, *Don Luigi ci parla*, Ponte Lambro 1973, 27.

¹³ Pe. Luís à Armida Monti, em APL.

¹⁴ Pe. Luís à comunidade, em APL.

¹⁵ Pe. Luís à Zaira Spreafico, em APL.

O objetivo principal da formação espiritual do Pe. Luís para as suas Pequenas Apóstolas foi a santidade, o caminho para a perfeição, assim como ele mesmo escreveu numa carta endereçada à comunidade antes de 1948:

«Não sei dizer-lhes nada a não ser esperar sempre no seu progresso na santidade religiosa, que comporta uma verdadeira e total dedicação de suas vidas pelo ideal ao qual vocês todas foram chamadas, e logo acrescentou «mas que pouco compreendem porque quer absolutamente o seu apodrecimento»; e ainda: «Como vê, é Deus que a quer santa a todo custo!»¹⁶.

A santidade foi objeto de numerosíssimas reflexões por parte do Pe. Luís e disso dão testemunho alguns passos muito significativos tirados dos seus escritos:

«A nossa santificação é a coisa que mais nos deve importar. É belo este pensamento: “Deus basta aos santos e os santos bastam a Deus”. Também a nós deve bastar Deus. Com efeito, um só é o bem: possuir Deus, todo o resto é nada»¹⁷.

Nos apontamentos das suas pregações, conservados em pequenos cadernos e transcritos na antologia de escritos *Uma proposta de vida*, tratando dos fins da Regra traçou os elementos essenciais do próprio projeto formativo:

«Fim principal (da Regra): a santificação dos seus membros. É uma contradição querer santificar os outros sem santificar a si mesmos. Seríamos só funcionários rotineiros. A nossa santificação não tem limites: “Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai”. “Quem é santo faça-se mais santo”. Poderíamos nós, que amamos o Senhor, estar em paz quando vemos que os outros o ofendem? E eis o segundo fim da nossa Regra: entrar na sociedade que se faz sempre mais pagã, para que ela volte para o Cristo, como nos primeiros tempos do cristianismo, com o espírito dos Apóstolos e com a caridade dos primeiros cristão... todavia, deve ser Cristo que vive em nós, o nosso eu deveria ser esmagado. Sentimos o desejo, sim, de ser assim, mas se..., mas como... Fora todos os se, os mas, os quando e...: “faço”»¹⁸.

O conseguimento da santidade era concebido pelo Pe. Luís como um aproximar-se ao infinito, à meta, um entrever sem nunca alcançar, um já e ainda não. Como todos os caminhos de longa duração, também aquele comprometedor para a santidade implicava cansaço, refreamentos, paradas e avançamentos. «Conditio sine qua non» de progresso era o apodrecimento e a humildade a ele coligados, e precisamente estes últimos foram os pontos cardeais da formação do Pe. Luís.

«Apodrecer na humildade, como o grão evangélico que dá muitos frutos. Assim Jesus vem do Céu sem fazer-se conhecer. O grão é posto sob a terra e

¹⁶ Pe. Luís à Armida Monti, em APL.

¹⁷ MONZA, *Don Luigi ci parla*, cit., 21.

¹⁸ L. MONZA, *Una proposta di vita*, Ponte Lambro 1976, 79.

Jesus é humilhado até à cruz: assim nós... O grão para desenvolver-se precisa desagregar-se debaixo da terra»¹⁹. «E dado que você deve apodrecer, deixe que lhe proponha: “ama nesciri et pro nihilo reputari”. Ama ser ignorado e considerado como uma nulidade»²⁰. «O apodrecimento vem definido como o “mais formidável ideal”»²¹, alcançável através da vontade e com a ajuda do Senhor.

Sobre o desapego de si mesmos, uma Pequena Apóstola, Antonietta Baldini, recorda:

«Desapegado, ele ensinava a todas nós a prática do desapego, e não só das coisas materiais, mas especialmente de quanto mais nos custa, isto é, do pequeno mundo do nosso eu. Um dia, fazendo violência a mim mesma, aceitara uma situação e superara um contraste de pontos de vista. Saíra da prova com as asas truncadas, como se costuma dizer, mas com a felicidade no coração pela vitória que conseguira sobre mim mesma. Quando o Pe. Luís me viu, eu tinha-me apenas tranqüilizada, ele já sabia do fato. Parou-me e escrutou-me com o seu olhar bom e penetrante e, acompanhando as palavras com um significativo gesto da mão, disse: “Bonum mihi quod humiliasti me!” e depois acrescentou: “Pedi desculpa?”».

Sobre a humildade o Pe. Luís foi muito exigente e aproveitava toda ocasião para afirmar a sua importância e a irrenunciabilidade:

«E sobre a senhora ouvi dizer que deve freqüentar nem mais nem menos que a universidade Católica para os deficientes! Bem. Se haverá alguma tentação de soberba, será bem contrariada pensando que a senhora é um instrumento inútil, e além disso um instrumento inútil para os deficientes!»²².

O «servo inútil» do evangelho foi um dos passos preferidos pelo Pe. Luís onde a pessoa e todo o seu empenho desaparecem, para deixar que só Deus triunfe. O homem não se aproprie de nenhum mérito diante dele mas, reconhecendo-se só um instrumento, ofereça de novo, continuamente, a própria disponibilidade assim como fizeram os santos:

«Procurem usar a linguagem humilde dos Santos que depois de terem trabalhado muito e cansado, exclamam: somos servos inúteis»²³.

E ainda: «Servo inútil. Somente Deus pode conhecer profundamente o valor destas palavras e somente Deus pode entender quanto seja necessário para a nossa Instituição que não é humana, mas é feita por Deus, mediante o meio inútil que somos

¹⁹ Apontamentos para uma homilia, citados em *ibid.*, 41.

²⁰ *Ibid.*, 42.

²¹ Pe. Luís à Pasquina Sormani, 22 de julho de 1953, em APL.

²² Pe. Luís à Zaira Spreafico, em APL.

²³ MONZA, *Don Luigi ci parla*, cit., 28.

nós»²⁴. No amor próprio e nas suas múltiplas manifestações, o Pe. Luís individualizou o principal inimigo que se devia derrotar e, ainda antes, que se devia reconhecer, já que hábil em camuflar-se e esconder-se detrás das melhores intenções; o ensimesmar-se e o desânimo são facilmente expressões desleais onde o amor próprio insinua-se:

«Procure não dar importância nem sequer às suas penas interiores, porque refletir demasiado sobre si mesmos é o mesmo que cultivar si mesmos e por isso cultivar o seu amor próprio. Se depois me diz que não é perfeita, que não é digna religiosa, isso eu já sabia antes que a senhora fosse para Vedano. Não entrou na congregação perfeita, mas para esforçar-se para tornar-se perfeita. Se uma alma contenta-se demasiado de si mesma e encontra a razão disso apoiando-se unicamente nas próprias poucas faculdades, torna-se obstinada, egoísta e, sem dar-se conta, também soberba. Isso não acontecerá nunca com a senhora, porque será obediente, desconfiada de si mesma: pedirá ajuda a quem deve e rezará com muita fé com a segurança de ser escutada»²⁵. «Mesmo se algumas vezes deverá constatar alguns fracassos, repare-os logo sem desânimo, como se faz com os desmoronamentos nestes tempos de aluviões. Siga devagar, quando há neblina, porque há perigo de colisão, assim acontece quando na cabeça existe a neblina do amor próprio. Depois vem o tempo belo e, com o tempo belo, também um belo sol. Devesse sempre durar assim»²⁶.

O tema do desaparecimento de si mesmos e do apodrecimento pode ser assim resumido: «Alcançar o desaparecimento total para repetir enfim o ditado de S. Paulo: não sou mais eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» e «Apodrecer na humildade como o grão evangélico que dá muitos frutos»²⁷.

Além disso, a confiança ilimitada em Deus não admite nem desânimo nem desorientações, porque a Obra é de Deus e a Providência, tanto amada pelo Pe. Luís, se invocada, não fará faltar a sua ajuda. Neste caminho para a santidade, o Pe. Luís viu realisticamente todas as dificuldades que as suas Pequenas Apóstolas teriam devido enfrentar, e a este propósito admoestava-as e encorajava-as a serem fortes em Deus, sobretudo nos sofrimentos e contradições:

«Ele advertia-nos frequentemente que, também para nós e para a Obra, o distintivo teria sido a contradição, da qual, porém, teríamos sempre saído vitoriosas. Seguro da função deste elemento, encorajava-nos a ser e permanecer sempre serenas, e a conservar o sorriso como meio de apostolado»²⁸. E na luta contra as tentações e a prova: «Assim sabia fazer entrever às almas as cimas da perfeição no momento do sacrifício: “A aceitação

²⁴ Pe. Luís à Armida Monti, em APL.

²⁵ Pe. Luís à Tranquilla Airoidi, 08 de dezembro de 1938, em APL.

²⁶ Pe. Luís à Pasquina Sormani, em APL.

²⁷ MONZA, *Una proposta di vita*, cit., 27.

²⁸ Recordações de TERESA PITTEI, em APL.

da prova, a resistência à tentação inserem-se continuamente na nossa vida de cada dia: *militia est vita hominis super terram*. Mas isso constitui uma ocasião magnífica para atestar a nossa fidelidade a Deus... Uma alma que, posta entre Deus e as tentações, prefere constantemente a divina vontade, dá a Deus imensa glória porque proclama que Deus só é o seu Senhor... A fé que não opera é uma fé morta e não tem valor... em vez de chorar, portanto, nas tentações, gozemos, porque é o momento no qual a nossa fé vive”²⁹.

Para um projeto tão comprometedor ocorriam personalidades fortes, determinadas, capazes de estarem em pé sem pontaltes:

«“Não tenham barbacãs, joguem fora todos os barbacãs!”. Os barbacãs são aqueles muros que sustentam uma fortaleza, uma muralha, na base. Mas nós devíamos aprender a estar em pé sem apoios. Era preciso almas sensíveis, almas de fé, apoiados só em Deus e na sua graça que nunca pode faltar a quem tem boa vontade e retidão de intenção»³⁰.

Almas que sobretudo fossem dispostas a crescer e a formar-se na lógica evangélica da caridade, ainda que, na aparência, possa manifestar-se como «derrota» e «diminuição» aos olhos do olhar humano:

«Pe. Luís encorajava-nos sempre para um constante esforço para realizar com qualquer pessoa e a qualquer custo o ideal de caridade que forme de tantos um só coração e um só ideal. A quem de nós objetava-lhe que em algumas circunstâncias isso podia equivar a diminuir a própria personalidade, explicava-nos que o exercício da caridade, com a mortificação do próprio egoísmo e dos próprios pontos de vista que isso requer, não impede de nenhuma maneira a afirmação e o desenvolvimento da personalidade. Pelo contrário, uma pessoa é verdadeira e plenamente tal, quando sabe dominar-se a tal ponto que consiga acolher e valorizar todos os pontos de vista dos outros. Grande é quem sabe também ceder, não quem resiste aos outros. Cada um de nós, por natureza, é levado a afirmar-se. É um dos instintos básicos. Pois bem, quem sabe renunciar a estas tendências pelo nobre escopo de criar na comunidade, no grupo, um só coração e uma só alma, aquele é verdadeiramente grande e tem uma verdadeira personalidade»³¹.

Sobre o mesmo princípio de renúncia de si e dos próprios instintivos pontos de vista, o Pe. Luís fundou o seu conceito de obediência entendida como submissão livre à vontade de Deus, feita concreta através dos superiores, e etapa essencial no caminho para a santidade. Pe. Luís apelou-se sempre ao conceito de responsabilidade de cada uma de cooperar com a graça do Senhor: a mesma responsabilidade do primeiro «sim» ao chamado do Senhor devia continuar por toda a vida. Desta premissa derivam uma série de exortações sobre a prudência, a vigilância, a custódia do coração e o bom

²⁹ Recordações de ORTENSIA BERNARDI, em APL.

³⁰ Recordações de TERESA PITTEI, em APL.

³¹ Recordações de TERESA PITTEI, em APL.

exemplo que «em tudo é a grande mola que encalça, impele e constringe a imitar»³². Pe. Luís insistiu que este itinerário formativo fosse vivido por cada Pequena Apóstola não só na serenidade, mas na «alegria» que nunca faltou como votos nas despedidas de suas cartas: «Estou e quero estar seguro da sua santa alegria. Saiba que as melancolias não se podem parar em Vedano»³³.

Rosetta Spreafico recorda que:

«Quando o Pe. Luís ia visitar as suas filhas na comunidade, gozava muitíssimo dos momentos de alegria e agradecia aquelas que se esforçavam em compor poesias, improvisar cenas humorísticas, inspirando-se também nisso para realçar fatos mais ou menos agradáveis acontecidos, para torná-los aceitos e objeto de uma mais serena consideração. A alegria, dizia o Pe. Luís, fomenta a caridade».

Além disso, a alegria e a serenidade como testemunho ao mundo do Amor de Deus: «Conservar a serenidade e o sorriso como de quem possui a verdadeira felicidade em Deus, para fazer dizer como Santo Agostinho: «Se estas e estes, por que não eu?»»³⁴.

Mas, como concretizar esta formação mirada ao conseguimento da santidade, qual o lugar, a palestra do exercício da santidade? Pe. Luís foi muito claro: a cotidianidade. A Pequena Apóstola foi educada para a valorização máxima do pequeno gesto cotidiano: «A santidade não consiste em fazer coisas extraordinárias mas em fazer extraordinariamente bem as coisas ordinárias»³⁵.

Foi no estilo de vida do Pe. Luís evitar o aplauso, o gesto clamoroso, a generosidade espetacular de um momento, em nome da preciosa e constante perseverança de uma vida:

«Agradeça também com verdadeiro reconhecimento e arme-se com todas as armas que o bom Deus põe à sua disposição em todos os eventos e em todas as vicissitudes cotidianas para obter a estrepitosa segura vitória final»³⁶. «Peçam em particular a graça da perseverança no seu bem que cumprem cada dia com louvor, porque, além da fé, agem sempre com espírito altíssimo de grande sacrifício»³⁷.

O Pe. Luís deu muita importância ao trabalho cotidiano e à competência profissional, não finalizados a si mesmos, mas como ocasião de santificação. O gênero de trabalho requerido não era para ele importante: todo trabalho, de qualquer natureza que fosse, devia ser executado com amor e na cotidianidade pelo Senhor:

³² Pe. Luís à Pasquina Sormani, 29 de janeiro de 1954, em APL.

³³ Pe. Luís à Tranquilla Airoidi, 08 de dezembro de 1938, em APL.

³⁴ MONZA, *Una proposta di vita*, cit., 27.

³⁵ MONZA, *Don Luigi ci parla*, cit., 17.

³⁶ Pe. Luís à Pasquina Sormani, 22 de julho de 1953, em APL.

³⁷ Pe. Luís, de Lourdes, 21 de maio de 1952, em APL.

«Dizia-me, pois, que valorizasse o meu trabalho, mesmo se era escondido e mesmo se parecia-me inútil, porque as crianças estavam logo prontas a fazer desordem onde eu tinha apenas terminado de colocar em ordem. Dizia-me: “O importante é trabalhar pelo Senhor, com o Senhor! Os Santos não são todos cientistas; uma pessoa torna-se Santa mesmo fazendo trabalhos humildes, mesmo se se usa somente a vassoura”³⁸. E ainda: «No trabalho contínuo, a alma adquire um esplendor e uma pureza realmente grandes; e quando de noite sente-se cansada pelas fadigas, esqueça inteiramente a si mesma e não pense em outra coisa senão que trabalhou com Jesus e por Jesus e sem se dar conta encontrará que deu muitos passos na direção dele, e, na sua boa alma, haverá a segurança de ter conseguido um bom lucro e de merecer repousar junto ao coração de Jesus. E se por uma boa parte da jornada a obediência obriga-a a estar muito tempo entre as panelas, entre os fornos, e sob a cobertura da lareira, pensa que esse dever far-lhe-á encontrar o seu Jesus sorridente, talvez em silêncio como ela, mas sempre atento àquilo que ela faz, sempre infinitamente bom para com ela que procura a uniformidade da sua divina vontade com a obediência mais perfeita aos superiores. Consagre um a um os momentos da jornada que passarão velozmente a Deus, o qual me parece que em cada instante queira dizer-lhe: “Nada se perturbe, eu estou consigo”³⁹».

A santidade não foi entendida pelo Pe. Luís só como caminho privado da alma para Deus, uma chamada de cada um para uma fruição em dois, mas também um dever a respeito do mundo que pede ser salvo. Um aspecto «secular» de santidade para o qual o Pe. Luís formou as Pequenas Apóstolas: «Desejo-lhes bem cedo uma grande santidade como Deus quer e como o mundo atual requer»⁴⁰. «O mundo moderno requer a nossa santidade, santidade construída sobre o amor. Ao mundo moderno, moralmente transtornado, devemos poder dizer com a nossa vida: Observem como é estupendo viver no amor»⁴¹. Deus está em tudo o que Ele mesmo criou e no mundo encontra-se a sua marca. Por isso o Pe. Luís exortava: «Aprenda a meditar observando cada coisa, sem livros, encontra tudo em Deus»⁴².

Mas o mundo tinha e tem necessidade essencialmente de Amor, de um amor que não se para na metade da estrada, de um amor que vai além do princípio humano da solidariedade, para tornar-se Caridade, a exemplo de Cristo, que deu a vida por nós, e a exemplo da caridade dos primeiros cristãos. Uma caridade puramente gratuita que ama todos, além dos méritos de cada um, que acolhe todos, até quem faz o mal conscientemente: «Exercitar a caridade com heroísmo e, no privilégio da perseguição, dizer ao perseguidor: “E você será meu irmão em Cristo”»⁴³. Este heroísmo da caridade, ao qual o Pe. Luís educou as Pequenas Apóstolas, não foi um princípio abstrato, mas vivido em primeira pessoa nas vicissitudes dramáticas da sua vida. Baste

³⁸ Recordações de CHERUBINA MALBERTI, em APL.

³⁹ Pe. Luís à Tranquilla Airoidi, 18 de novembro de 1938, em APL.

⁴⁰ Pe. Luís à comunidade, antes de 1948, em APL.

⁴¹ MONZA, *Don Luigi ci parla*, cit., 24.

⁴² Recordações de GIUSEPPINA DELL'ORTO, em APL.

⁴³ MONZA, *Una proposta di vita*, cit., 27.

pensar no período transcorrido no colégio em Saronno, na prisão durante o fascismo, nas incompreensões na paróquia, nas fofocas sobre a Obra, nos obstáculos encontrados em fazê-la surgir. O grande ideal da caridade que se devia levar a todo homem contemporâneo e até os extremos confins da terra encarnava-se depois, efetivamente, na cotidianidade e na vida de comunidade onde as Pequenas Apóstolas treinavam para aprender a amar. Comunidades, aquelas queridas pelo Pe. Luís, abertas às necessidades do mundo, e prontas a se fazerem caridade no interior dele. Escreveu em algumas das suas cartas:

«É preciso rezar, é preciso sacrificar-se, é preciso fazer de nós todos um só coração e uma só alma. Deus não poderá nunca nos abençoar se estaremos separados da verdadeira caridade. Coragem, pois, e adiante com o nosso programa do Espírito dos Apóstolos e da caridade dos primeiros cristãos»⁴⁴. «É, pois, completamente evidente que a nossa casa precisa tanto de acordo, de união, de verdadeira caridade, sem a qual é impossível ter a bênção de Deus, já que o nosso ideal é alcançar a caridade, aquela dos primeiros cristãos»⁴⁵.

Uma irmã recorda: «Antes de partir pedíamos a sua bênção e ele deixava-nos com as palavras de S. João: “Amái-vos... este é o meu mandamento velho e novo, repito-vos, amái-vos e, se viverei cem anos, será sempre novo. O que importa todo o resto?”»⁴⁶.

No interior da comunidade, as Pequenas Apóstolas deviam empenhar-se em «Amar-se entre si como as partes do corpo místico de Cristo, calando sobre toda ofensa recebida, a não ser no caso em que calar provoque escândalo nos outros e dano à Instituição»⁴⁷. Pe. Luís assumiu o papel de formador não só a respeito de cada uma, mas também da comunidade, através de relações epistolares endereçadas à comunidade inteira, meditações, retiros, pregações. As «instruções» retomavam os temas já enfrentados e reafirmados com específicas exortações comunitárias a viver a caridade:

«Se lhe digo que a caridade deve ser aquela dos primeiros cristãos é porque esta mesma caridade exercitou-a nosso Senhor com os Apóstolos e os Apóstolos com os primeiros cristãos. Se cada uma de vocês fosse absorvida por este ideal e o vivesse na prática, não seria preciso nenhum barbacã: seriam felizes com todo desapego, caminhariam só em união com Deus e entre vocês com um só espírito»⁴⁸. «E vocês? Queiram-se tanto, tanto, tanto bem como eu vos quero em Cristo»⁴⁹.

⁴⁴ Pe. Luís Monza à Zaira Spreafico, em APL.

⁴⁵ Pe. Luís Monza à Zaira Spreafico, em APL.

⁴⁶ Recordações de ORTENSIA BERNARDI, em APL:

⁴⁷ MONZA, *Una proposta di vita*, cit., 27.

⁴⁸ Pe. Luís à comunidade, 1945 ou 1946, em APL.

⁴⁹ Pe. Luís à comunidade, junho de 1948, em APL.

CAPÍTULO X A HISTÓRIA E A PROFECIA

Verá, verá, verá

A morte do Pe. Luís Monza teve uma dúplice recaída. Na paróquia a desapareção do pároco que todos diziam «santo» deixou desorientação e desconcerto. Mas a morte é uma lei da vida, e a ferida não pôde durar muito tempo, por motivo da fé no «Belo Paraíso», como o mesmo Pe. Monza chamara a vida eterna, e da possibilidade que viesse escolhido um sucessor.

Mais grave foi a perda para as Pequenas Apóstolas. Elas encontraram-se no meio de um vau difícil. As obras não estavam ainda consolidadas e o número das irmãs era exíguo. Além disso, eram guiadas por um grupo dirigente que superara apenas os trinta anos de idade, sendo assim compreensíveis os temores e as perplexidades.

E, no entanto, apenas acontecida a morte, enquanto um grupinho de Pequenas Apóstolas estava ao lado dos restos mortais do Pe. Luís, Zaira exclamou: «E agora, o que fazemos?». Por todas respondeu Armida. Ela referiu o pensamento do Pe. Luís: que Zaira seguisse adiante. E assim aconteceu. O «pequeno resto» preparou um grande futuro. Como efeito, quase imediatamente elas tiveram a sensação que as palavras «Verá, verá, mas verá», fossem não só votos, mas a entrega da profecia do Pe. Luís nas mãos das Pequenas Apóstolas da Caridade.

Para entender o sentido desta profecia, ocorre precisar alguns pontos. O Pe. Luís demonstrou sempre, nos últimos anos da sua vida, algumas convicções inabaláveis. A primeira é que o mundo estava tornando-se «pagão».

Paganismo

A idéia de um mundo que se torne «pagão»¹ é uma sensação partilhada por muitos outros guias espirituais do seu tempo.

Dom Luís Orione escrevia: «Vivemos num mundo que vai tornando-se de novo pagão em fato de fé»². Dom Calabria, por sua vez, dizia mais ou menos a mesma coisa: «Infelizmente o mundo volta a ser pagão»³.

¹ Sobre a espiritualidade do Pe. Luís Monza, vejam-se as atas publicadas pelos quatro convênios até agora organizados, que apresentam o quadro mais completo sobre o perfil espiritual do servo de Deus, ainda que com diversas aproximações metodológicas: AA.VV., *Il cristiano di ieri, il cristiano di oggi, il Cristo di sempre*, Ancora, Milano 1980; AA.VV., «Come gli Apostoli al servizio di un mondo nuovo». *La spiritualità di don Luigi Monza nella vita della piccole Apostole della carità*, Ed. La Nostra Famiglia, Lecco 1986; AA.VV., *Con don Luigi Monza verso l'uomo – servizio, carità, volontariato nell'impegno del laico oggi*, Ed. La Nostra Famiglia, Lecco 1991; AA.VV., *La carità. Missione per la società*, Ed. La Nostra Famiglia, Ponte Lambro 1995. Somo em particular devedores de L. SERENTHÀ, «Il ritorno alla comunità apostolica secondo il carisma di Don Luigi Monza», em AA.VV., *Il cristiano di ieri*, cit., 83-131; ID., «La spiritualità apostolica», em AA.VV., «Come gli Apostoli...», cit., 19-35; ID., «Da Don Luigi Monza alle piccole Apostole della carità», em *Ibid.*, 157-183.

² «Lettera di don L. Orione del 21 febbraio 1922», em *Don Luigi Orione. Lettere*, I, Roma 1969, 360.

³ «Lettera di don Calabria per la Quaresima 1946», em *Lettere del Padre Don Giovanni Calabria ai suoi religiosi*, Ferrara 1956, 224.

Também o Pe. Ricardo Lombardi (1908-1979), definido o «microfone de Deus», estava de acordo no diagnóstico sobre a história contemporânea:

«Estou convencido que com a nossa geração encerra-se um ciclo plurissecular: [...] o ciclo iniciado com o humanismo italiano do século XV [...]. Cai em ruína aquele mundo. Precipita-se sobre nós destruído pelos nossos bombardeiros, mais eficazes do que os raios, agitado pelas nossas doutrinas sociais, mais desintegradoras do que as pestes; pulverizado pelas bombas atômicas, mais assustadoras do que os cataclismos mais horrendos da natureza. O homem demoliu o seu mundo, sendo inepto para governá-lo!»⁴.

O Cardeal Ildefonso Schuster, arcebispo de Milão, mais concretamente, individua o inimigo no comunismo, que definia o «dragão apocalíptico»⁵ e no «naturalismo», capaz de infiltrar-se também no «santuário»⁶.

O Cardeal Arcebispo de Paris, Emmanuel Suhard (1874-1949), fora uma das sentinelas mais iluminadas em assinalar a reviravolta de época em ato:

«Aparece logo o aspecto mais evidente deste humanismo novo: o seu caráter técnico. Nascido das descobertas e das máquinas, repete destas a sua conformação universal, a elas se agarra e sobre elas aposta para mover para uma ordem nova. Dia após dia, nós assistimos ao substituir-se do saber científico à cultura clássica e a pesquisa humana deslocar-se, abandonando o mundo da idéia pura em vantagem da ação prática, efetiva»⁷.

Pe. Luís Monza comparava a situação atual àquela do mundo dos contemporâneos de Cristo. Na pregação de Pentecostes, desenvolve estes conceitos:

«Mas a dificuldade mais grave era o paganismo que alicerçava tudo; indivíduo, família, sociedade. [...] Vejam os prejuízos e as práticas pagãs; estes substituem os dogmas, a moral e o culto cristão; vejam as mentes aberradas, vejam os corações corroídos pelo vício, vejam o império romano que domina, que protege todas as religiões a não ser aquela de Cristo e meçam as imensas dificuldades que os Apóstolos devem enfrentar»⁸.

Numa outra ocasião, assim dirigia-se a seus paroquianos:

«Os vossos irmãos perdem-se [...]. Não nos sorri alguma esperança de remediar ao mal que se expande de maneira tão enorme? As massas estão arruinadas, o mundo corre para a ruína. Eis o engano. São as multidões que

⁴ R. LOMBARDI, *Squilli di mobilitazione*, Roma 1948, 17s.

⁵ «Lettera del cardinale Schuster del 10 luglio 1948», em *L'Epistolario card. Schuster-Don Calabria (1945-1954)*, a cura di A. Majo – L. Piovan, Milano 1989, 29.

⁶ «Lettera del cardinale Schuster del 20 ottobre 1950», em *Ibid.*, 68.

⁷ E. SUHARD, «Agonia della Chiesa. Lettera Pastorale dettata nella Quaresima 1947», em *Cronache Sociali*, 1 (1948) 13.

⁸ MONZA, *Una proposta di vita*, cit., 101.

devem salvar o mundo? Não, vejam: o mundo pagão estava perdido. Por quem foi salvo? Por doze pobres pescadores. Os poucos conquistam os muitos, desde que os poucos valham mais do que todos os muitos. Lancem-se, portanto, no meio da sociedade, saiam de casa e iniciem a obra. Os povos perdem-se, mas os indivíduos devem salvar-se»⁹.

O paganismo, na perspectiva do Pe. Monza, era essencialmente a expressão de uma desobediência, e, portanto, a volta aos ídolos, ao politeísmo de uma humanidade cegada e renitente, um esfriar-se das relações, uma negação do ágape. O mundo «pagão» era aquele no qual refugiara-se a antiga religião politeísta. Era a religião dos camponeses, dos habitantes dos vilarejos (em latim «pági»). Na acepção entendida pelo Pe. Luís, o mundo pagão contrapor-se-ia ao mundo «empenhado» na seqüela de Cristo. A causa seria o ateísmo, do qual derivaria a ausência de calor humano e familiar. Da «morte de Deus» viria, portanto, a morte do homem.

A idéia do paganismo é correlata com a idéia de mundo. O homem impregnado de cultura cristã e eclesial, não podia conceber a realidade do mundo como autônoma, mas como criação, e, portanto, dependente de Deus. Ele é criado e salvo, isto é, protagonista da aventura da salvação, que começa na criação e alcança o seu cume na redenção.

Enquanto criado, o mundo é bom. Todavia, nele introduziu-se a realidade do pecado, que poluiu-o. O instigador ao pecado foi Satanás, o culpado o homem, a vítima o mundo.

Desde então o mundo tornou-se uma realidade bifronte: «bom» enquanto criatura, e «malvado» enquanto capaz de danificar o homem e de seduzi-lo.

Soluções

Diante desta «volta» do paganismo na Cidade terrena houve diversas reações. A primeira é dos «profetas de desventura», como definiu-os João XXIII. A segunda é aquela da teologia «negativa» ou «radical», que leu em positivo a queda do sacro, pensando que ela fosse a condição para tornar adulto o homem¹⁰.

Pe. Monza não estava nem com uns, nem com outros. Não estava nem sequer com aqueles que encontraram no cataclismo das caídas de seu tempo o sinal de uma época de transição, precursora de alguma coisa nova:

«Algo – comentava o arcebispo de Paris Suhard – morreu na terra que não ressuscitará mais. Eis então a guerra no seu verdadeiro significado de epílogo, antes que de introdução. Esta marca o fim de um mundo. Mas, ao mesmo tempo, a era que se abre depois dela não é senão o prólogo, a introdução ao drama de um mundo em formação. [...] Convém-se universalmente em considerar a nossa época de transição. [...] Ou, ainda mais pontualmente, pode-

⁹ *Ibid.*, 96s.

¹⁰ Entre estes teólogos recordamos aqueles definidos da «morte de Deus»: P. Van Buren, W. Hamilton, T. Altizer, J.A.T. Robinson, H.G. Cox.

se dizer que o presente mal-estar não é nem uma «doença» nem um sinal de envelhecimento do mundo, mas antes uma crise de desenvolvimento»¹¹.

Também o Pe. Lombardi exprimia-se na mesma freqüência: «E Deus volta. À nossa geração a tarefa trépida e gloriosa de recolocar as primeiras pedras com ordem no terreno remexido, para que o edifício inteiro ressuscite com uma outra solidez»¹².

Muitos, na Itália, consideravam que à Igreja italiana tivesse sido confiada uma tarefa providencial. Pe. Lombardi assim exprimia-se: «Nós católicos somos a Itália: com razão, portanto, esperar-se-á de nós que a vida cristã seja no nosso país muito florida. Têm razão de esperá-lo aqueles que, entre nós, não estão conosco; e têm razão de esperá-lo os estrangeiros, que legitimamente olharão para a Itália como a terra chamada a estar entre as mais fiéis a Jesus, por vocação e por profissão dos seus filhos»¹³. O dominicano Raimondo Spiazzi, por sua vez, escrevia: «Diria-se que a obra cristã de evangelização e de renovação do mundo toque em particular à Itália. É uma vocação divina que tem averiguação na nossa história, e à qual precisa hoje também responder com empenho e fidelidade»¹⁴. O tema recorre também no Pe. Calabria¹⁵ e em outros seus contemporâneos, os quais imaginavam que à Itália tivesse sido confiado uma tarefa providencial, como aquela consignada nos tempos passados a Roma, isto é, de ser uma vanguarda da civilização e do evangelho.

O projeto-esperança

No Pe. Monza nada de tudo isso. Como antídoto e resposta a tal situação, ele considerava que a única coisa urgente fosse o reascender no mundo do amor fraterno, que nasce do Amor de Deus e nele alimenta-se como fez a comunidade primitiva. Esta era a vida «como os apóstolos», que devia ser proposta de novo no mundo das Pequenas Apóstolas numa obra que, precisamente porque dominada pela relação calorosa e cordial da caridade, teria sido chamada «A Nossa Família».

Desta obra a origem era junto a Deus, só ele a quisera, e por isso ninguém podia dizer-se «fundador» ou «fundadora». Pe. Luís considerava-se como o executor do testamento. No fundo, não é a Obra uma realização do Novo Testamento, que constitui precisamente a herança suprema deixada por Cristo, isto é, o seu Amor?

Justamente Clara Cucchi escreveu que «Tudo estava ainda na nebulosa». No início o Pe. Monza não tinha em mente um seu projeto. Era consciente que Deus quisesse dele «Algo», mas sem saber nada mais, sem conhecer «Que Coisa» quisesse Deus. Estava num estado de «indiferença», que na linguagem espiritual quer dizer disponibilidade à ação de Deus.

Numa confiança recolhida pelo amigo Dajelli, Pe. Luís teria acenado a um sonho que teve talvez na prisão. Dada a reticência do Pe. Luís sobre a origem da inspiração, não podemos acrescentar nada mais. Todavia, a coisa mais importante não

¹¹ SUHARD, *op. cit.*, 15.

¹² LOMBARDI, *op. cit.*, 20.

¹³ *Ibid.*, 91.

¹⁴ R. SPIAZZI, *La civiltà cerca Cristo*, Milano 1949, 369.

¹⁵ *Lettere del Padre Don Giovanni Calabria ai suoi religiosi*, cit., 285.

é a origem da intuição, mas as características da Obra sobre a qual, ao invés, o Pe. Luís dá-nos abundantes informações.

A Obra é antes de tudo distinta da paróquia, mesmo se em parte coincide com ela. Podemos pensar num círculo. A área interna, mais pequena, é aquela da paróquia. É o espaço das organizações católicas, da pastoral comum e consolidada de tipo tridentino e ambrosiano, e é esse o lugar dos crentes e praticantes, ou dos «vizinhos». A área externa, mais ampla, é aquela da Obra. É um espaço em expansão, e é o lugar dos «longínquos», precisamente daqueles irmãos em humanidade que se definem com uma negação – mesma se a sua presença não é nunca negativa. São os não crentes, os indiferentes, os ateus, os agnósticos.

Para o primeiro espaço deve-se organizar a pastoral, a catequese, o associacionismo, a liturgia, a ajuda fraterna e solidária. Por isso a tradição deu indicações muito experimentadas. Mais do que espaço de inventiva, este é espaço de memória.

O âmbito da obra é ao invés como uma fronteira sempre em expansão, na qual se deve exercitar a caridade missionária da Pequena Apóstola. Tal caridade não é feita de memória, mas de profecia. A memória é a resposta aos desafios do presente com as soluções do passado. A profecia é ao invés a réplica às provocações do hoje com os recursos de Deus. Que são sempre futuro.

Pe. Luís a este propósito falava de «apostolado de penetração». Pressupõe um ambiente fechado, refratário, hostil, no qual seja necessário escavar com instrumentos novos e potentes. Como para perfurar certas superfícies, não basta a ponta de metal ou o diamante, mas ocorre um forte calor concentrado; assim para o mundo longínquo, ausente, átono a toda chamada espiritual, não basta mais o que a praxe eclesial a partir da idade média inventara. Ocorre algo capaz de desarticular as resistências.

Por isso, nas primeiras constituições, deixara escrito:

«As Pequenas Apóstolas da Caridade são almas solícitas, as quais, vendo o mundo atual afastar-se de Deus e voltar ao paganismo, propõem-se penetrar na sociedade moderna com o espírito dos Apóstolos e com a caridade prática dos primeiros cristãos, para fazer saborear a espiritualidade do Evangelho e fazer pregar a alegria de viver como irmãos em Cristo»¹⁶.

Como consequência: «O espírito dos Apóstolos deve ser para a Pequena Apóstola o primeiro motivo, como fogo que arde sempre e não se consuma nunca, como sede ardente que deseja a água que borrija da fonte e como o exilado que almeja o retorno na sua pátria»¹⁷.

Inculturação

São Francisco Xavier, que no evangelizar a Índia comportara-se de modo muito convencional, quando desembarcara no Japão, em 1549, encontrara-se diante de uma civilização evoluída. Entendera então que o missionário não podia andar descalço e vestir pobremente, ma ocorria demonstrar que o evangelho é uma coisa importante, e

¹⁶ MONZA, *op. cit.*, 9.

¹⁷ *Ibid.*, 12.

que os seus ministros têm coisas novas e decisivas a trazer. Vestiu-se então de seda, foi encontrar os altos dignitários com um séquito de pessoas muito distintas, e levou dons sofisticados do ocidente, como relógios, mapas, instrumentos científicos e arcabuzes.

Não era renegar a humildade inaciana, mas abrir num ambiente com outros critérios de valor um discurso novo. Antes, portanto, devia mudar o missionário. Quem anuncia um evangelho de conversão deve converter a si mesmo. A humildade, então, não consiste em caminhar com os pés descalços, mas em «fazer-se meninos», em aprender uma linguagem nova, em valorizar uma cultura nova para chegar ao coração dos ouvintes. É, em outras palavras, o processo de inculturação.

A Obra, aos olhos do Pe. Luís, exigia uma capacidade de «inculturação» fora do comum, porque exige o abandono de costumes tradicionais (como o hábito religioso, mas também as estruturas e as mentalidades conseguintes), por uma presença «inventiva ao infinito», como dizia São Vicente de Paula.

Qual, portanto, a fisionomia da Obra? Notamos que a Obra não era o mesmo, e nem sequer coincide agora com A Nossa Família atual, mesmo se essa é uma sua concretização e realização. Como dizer que o ideal do Pe. Luís é mais vasto, que a sua Obra é mais do que as «obras».

Com efeito, a Obra quer levar ao mundo algo de grande, de imenso: a caridade esquecida. O mundo precisa dela, porque sensível à dor e ao amor. Agora a Pequena Apóstola é chamada a «penetrar» nesta realidade, hasteando o sinal do amor, onde a dor se faz mais grave, isto é, no interior da dor inocente.

Os cinco pontos

A Obra caracteriza-se com os cinco pontos, que são como as cinco chagas do Crucificado, os cinco sinais vermelhos do amor, as cinco características da profecia missionária da Pequena Apóstola da caridade.

Estes são:

1. «Conseguir o desapego total para repetir enfim o dito de São Paulo: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vivem em mim»».
2. «Apodrecer na humildade como o grão evangélico que dá muitos frutos».
3. «Exercitar a caridade com heroísmo e no privilégio da perseguição dizer ao perseguidor: “E tu serás meu irmão em Cristo”».
4. «Conservar a serenidade e o sorriso como de quem possui a verdadeira felicidade em Deus, para dizer como Santo Agostinho: “Se estes e estas, por que não eu”».
5. «Amar-se entre si como as partes do corpo místico de Cristo, deixando de lado todo sofrimento e toda ofensa recebida, a não ser no caso em que o calar provoque escândalo aos outros e dano à Instituição».

Não são realidades estáticas, «virtudes passivas», resíduos de uma antiga devoção. São a dotação de quem é chamado à profecia da caridade.

O primeiro dos cinco pontos fala de «desapego», que concerne a todos aqueles vínculos afetivos, aquelas defesas que erige o próprio orgulho e que impedem de viver Cristo. Porque é com Cristo que se realiza a verdadeira «secularidade».

O segundo ponto é aquele do apodrecimento. Pe. Luís valorizou em particular a homenagem dos pagãos, contado por João no capítulo 12 do seu evangelho:

«Havia alguns gregos, entre os que tinham subido para adorar, na festa. Estes aproximaram-se de Filipe, que era de Betsaida da Galiléia e lhe pediram: “Senhor, queremos ver Jesus!”. Filipe vem a André e lho diz; André e Filipe o dizem a Jesus. Jesus lhes responde: “É chegada a hora em que será glorificado o Filho do Homem. Em verdade, em verdade, vos digo: Se o grão de trigo que cai na terra não morrer permanecerá só; mas se morrer produzirá muito fruto. Quem ama sua vida a perde e quem odeia a sua vida neste mundo guardá-la-á para a vida eterna. Se alguém quer servir-me, siga-me; e onde estou eu, aí também estará o meu servo. Se alguém me serve, meu Pai o honrará”»¹⁸.

O episódio constitui a epifania do ocidente, em oposição àquela dos magos, que é antes dirigida ao mundo do oriente. À cultura ocidental (os gregos) tentada pelos ídolos do saber e do fazer, opõe-se a experiência pascal do frumento que deve morrer. Mas é uma morte lenta, que implica um «apodrecer», um esconder-se na terra, um abandonar-se ao sulco de uma matéria que participa da glória de uma morte oferecida e procurada para a salvação. O apodrecimento é, portanto, principalmente a solidariedade dos Apóstolos com a «santa matéria», para usar a expressão de Teilhard de Chardin, um colocar-se do lado do homem, que implica a renúncia ao próprio projeto, para viver na unidade e na caridade.

O terceiro ponto tem como objetivo o heroísmo da caridade. Ele haure o fundamento da mesma definição de caridade. A caridade é Deus. É Deus-ágape, Deus caridade, que se verte ao externo, que sente necessidade de doar, que sente ardentemente o desejo da oblação. O exemplo é Cristo no Calvário que se oferece ao Pai, e que oferece a vida pelo mundo nas duas «palavras» na Cruz: «Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem», e «Nas tuas mãos entrego o meu espírito»¹⁹.

A Pequena Apóstola não tem como modelo um amor qualquer. Não o amor filiar, não o amor de amizade, não o amor carnal, não o amor materno, mas o amor absoluto da Cruz. Que pede tudo e doa tudo. Pede tudo, a salvação, e doa tudo, o perdão.

Aparentemente o quarto ponto pode parecer fraco. No fundo, não é sabido por todos que um bom sorriso é uma ótima carta de apresentação? Sorrir é comunicar. Mas o sorriso que quer o Pe. Luís é diverso. Não é uma máscara ou uma fantasia e nem sequer um meio de sedução. Pe. Luís fala de «verdadeira» felicidade. Felicidade aqui tem o sentido das bem-aventuranças. São felizes os pobres de espírito, os mansos, os puros de coração, os pacificadores, os perseguidos, os que choram. É a posse destas coisas que leva à verdadeira felicidade.

Não é fácil encontrar o sentido do quinto ponto. São duas as coisas nele contidas: o amor mútuo e o calar. O ponto de síntese, porém, o verdadeiro baricentro do quinto ponto está naquela comparação: «Como partes do Corpo místico». Pe. Luís quer que as Pequenas Apóstolas vivam na Igreja, pela Igreja e com a Igreja. Elas são a

¹⁸ Jo 12,20-26.

¹⁹ Lc 23,34.46.

Igreja que ama, que sofre, que fala, que sara, que perdoa. O amor mútuo não nasce só dos mecanismos da reciprocidade, mas daqueles da eclesialidade. É como se fosse carregado com toda a força explosiva da graça dos sacramentos, da oração e do amor pelos pobres. De tudo o que é e faz a Igreja. A Pequena Apóstola é, portanto, «filha da Igreja», como santa Teresa, e com ela é presença no mundo.

Espírito missionário

O Cardeal Schuster, numa carta, atribuía a Satanás a responsabilidade dos estragos do mundo moderno e pensava que só uma volta ao espírito do santo evangelho teria podido ser uma tática eficaz de apostolado. E concluía: «É necessário fazer viver os fiéis na graça de Deus, sobretudo por meio das associações católicas. Há delas para todas as necessidades e gostos. Mas é preciso *organizar*»²⁰.

O cardeal considerava válidas as estruturas atuais. A ineficácia não era devida a estas, mas aos homens²¹. Por isso durante a visita pastoral feita nos dias 7-8 de julho de 1952, o arcebispo de Milão pusera o pároco Pe. Monza diante do dever grave «ou dar-se todo à paróquia ou dedicar-se por inteiro à direção de suas religiosas. O dividir-se em dois não está bem. Com isso sofrem ambas as instituições»²².

Também outros guias espirituais da primeira metade do século tiveram a sensação que não bastasse «organizar».

Dom Orione escrevia:

«Só com a caridade de Cristo salvar-se-á o mundo! Devemos encher de caridade os sulcos que dividem os homens cheios de ódio e de egoísmo»²³. Numa outra ocasião, assim exprimia o seu pensamento: «Que uma nova humanidade cresça em nós e nas nossas humildes Casas! Matemos sempre o egoísmo, e cresçamos no amor de Deus e dos irmãos: cresça tanto Deus em nós que viva Ele e não mais nós, e enchamos a terra com um exército novo... O exército da caridade levará de novo para as massas humanas dessecadas uma tal forte e suavíssima vida e luz de Deus que todo o mundo será por ela restaurado, e todas as coisas serão restauradas em Cristo»²⁴. Dirigia depois aos seus filhos o convite a serem os «carregadores da caridade. Só com a caridade de Jesus Cristo salvar-se-á o mundo»²⁵.

Pe. Calabria, por sua vez, tinha estes acentos aflitos:

²⁰ «Carta do Cardeal Schuster de 07 de julho de 1951», em *L'Epistolario card. Schuster – Don Calabria*, cit., 91.

²¹ «É preciso antes de tudo levar de novo o Clero ao espírito evangélico, e assim as Paróquias, as Dioceses, a Igreja, enquanto *massa*. São necessários os *Santos*. Só eles compreendem tais problemas e os sentem»: Carta do Cardeal Schuster de 30 de setembro de 1950, em *Ibid.*, 64.

²² Dos Registros das Visitas pastorais na paróquia de S. João de Castagna de Lecco, em *Archivio della parrocchia di S. Giovanni di Lecco*.

²³ «Carta de 03 de agosto de 1921», em *Don Luigi Orione. Lettere*, I, cit., 282.

²⁴ «Carta de 16 de dezembro de 1921», em *ibid.*, 312.

²⁵ «Carta de 04 de novembro de 1934», em *Ibid.*, 125.

«Doze apóstolos, cheios do sopro do Espírito Santo, mudaram a face do mundo e renovaram a terra; aos pagãos, aos infieis, bastava ver a vida, o exemplo, o espírito dos primeiros cristãos para detestar as próprias turpitudes e converter-se: “Olhem, diziam, como se querem bem entre si, como se ajudam, como se compadecem! E este amor, esta caridade não é somente para eles, mas também para nós; eles vêm ao nosso encontro, beneficiam-nos”, e com o seu exemplo convertiam-se»²⁶.

Pe. Luís Monza tinha diante quatro estratégias para uma ação no mundo²⁷.

A primeira é a estratégia da recusa (chamada também «*da arca*»), enquanto previa uma recusa do mundo contemporâneo, considerado fruto adúlterino, esperando só na ação de Deus.

A segunda estratégia (chamada «*da Cristandade*») era aquela que esperava instaurar um regime cristão, no qual os crentes, postos na chefia dos Estados, teriam podido introduzir normas legislativas e assumir providências eficazes para instaurar um regime cristão.

A terceira era aquela das *instituições cristãs*. Previa o empenho por parte dos crentes de realizar instituições alternativas animadas de espírito cristão (jornais, partidos, sindicatos, bancas, cooperativas).

O quarto modelo era aquele da *conquista da sociedade*. Em vez de construir estruturas alternativas, os cristãos teriam devido conquistar as estruturas da sociedade uma por uma desde o seu interior, de modo a fazê-las postos avançados para a penetração cristã.

Foi levado por Deus a preferir uma quinta. Escreveu o Pe. Serenthà:

«Ele viu que as formas tradicionais de presença da Igreja não bastavam mais diante de uma sociedade tão obtusa e gélida. Ocorriam intervenções mais proféticas, quanto ao conteúdo, e mais minuciosas, quanto à ramificação. Daqui a intuição de constituir grupos de cristãos capazes de viverem relações imediatas e profundas, como numa família, e de testemunharem, mediante uma total consagração a Cristo, uma caridade heróica e criativa, lançada como um desafio, uma provocação, uma surpresa diante do torpor do mundo de hoje. Daí, porém, a idéia de colocar estas pessoas consagradas não dentro das formas da vida religiosa, mas no tecido vivo da sociedade, para um testemunho mais aprofundado, mais dúctil, mais pronto a entender os problemas humanos no seu mesmo nascer e configurar-se dentro dos diversos âmbitos da vida social. Daqui ainda um plano pastoral que ponha no centro da vida paroquial a caridade, seja como incessante relação pessoal do pastor com todos os fiéis, seja como atitude de compreensão, colaboração, sustento recíproco, estima, fineza entre os membros da comunidade cristã [...], seja com exercício prestado a todos os irmãos nas sua diversas necessidades. Daqui, enfim, um ardente espírito missionário, requerido a todos os cristãos e, em particular, às pessoas consagradas, segundo perspectivas que, enquanto não excluem a missão fora da

²⁶ «Carta de 1945», em *Lettere del Padre Don Giovanni Calabria ai suoi religiosi*, cit., 188.

²⁷ Veja-se L. MEZZADRI, «Carità missione nella società in don Luigi Monza», em AA.VV., *La Carità. Missione per la società*, Ponte Lambro 1995, 240s.

terra natal, entendem, porém, a “missionariedade” como estendida ao “paganismo” e portanto em referência também a setores da nossa sociedade que, além de formas cristãs convencionais, estão separados de Deus»²⁸.

Nesta longa citação cremos seja possível individuar as coordenadas da sua Obra, do modelo de intervenção missionária na sociedade através da caridade.

Conclusão

A comunidade apostólica na manhã de Pentecostes estava desorientada, era um grupo desarticulado. Os apóstolos não tinham então carisma, coragem, autoridade, sabedoria. Voltaram a ser os pescadores do lago, os homens de sempre. Mas com a descida do Espírito abriram-se os seus horizontes:

«Na festa de Pentecostes encontramos dois fatos: a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos e o início da Igreja universal. Os apóstolos saem do Cenáculo com na mente o grandioso ideal de derrubar o paganismo. Apresentam-se diante deles gravíssimas dificuldades, mas os Apóstolos já previram tudo, decidiram tudo. Jesus Cristo disse-lhes: eles devem conquistar o mundo. Mas, quais são os meios para conquistar o mundo? Os meios que se crêem necessários para a conquista dos povos são o ouro, a força, a ciência. Mas os Apóstolos não possuem nem ouro, nem prata; vivem de esmola. Têm talvez exércitos ou esperam tê-los? Não, pelo contrário, protestam altamente que as suas armas são a oração, a Palavra e o Crucifixo? Têm a ciência? Não, são grosseiros e a sua palavra é rude. Eles possuem o mandamento de Cristo: “Ide, pregai, ensinai a todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. A quem devem pregar? A todos. Onde? Em toda parte. Quem os sustentará na árdua empresa? Jesus Cristo quando disse: “Eu estarei convosco até a consumação dos séculos”»²⁹.

Como se vê, a Obra para o Pe. Luís é uma coisa grande, que escapa sempre para adiante, como os confins do universo perseguidos pela luz. Entre a Obra e as obras, a relação é como entre o pensamento e a palavra. O primeiro é sempre mais rico, mais complexo, pelo qual não pode ser dito adequadamente pela palavra. Enquanto o pensamento procede, as palavras mudam, fazem-se mais precisas, ma depois a um certo ponto não são mais aptas para conterem aquele conceito, pelo qual devem ser inventadas novas. A Obra é este «algo mais». É algo que se projeta no futuro.

Por tal motivo pode-se dizer que nem tudo na Obra do Pe. Luís foi desvelado, realizou-se. Muito está ainda escondido no tempo que virá. Muitas coisas poderão mudar, outras morrerão. Mas o que nascerá ou o que ficará, esta é a profecia da Caridade.

²⁸ LUIGI SERENTHÀ, «Il ritorno alla comunità apostolica secondo il carisma di Don Luigi Monza», cit., 101s.

²⁹ DL, 63s.

APÊNDICE

A FECUNDIDADE DA SEMENTE QUE MORRE

A morte do Pe. Luís deixara as Pequenas Apóstolas na desorientação e no desconforto: o pequeno grupo de jovens sentiu-se desorientado pela própria pequenez e a vastidão dos horizontes de bem para alcançar. Tratava-se agora de prosseguir sozinhas e de atuar os ensinamentos do fundador. O futuro teria reservado para elas surpresas e prodígios então inesperados.

Daquele 29 de setembro de 1954, o Instituto Secular, assim como A Nossa Família, teve um grande desenvolvimento que, ainda hoje não perdeu o seu dinamismo. Na morte do Fundador eram ativas as Sedes de Vedano Olona (VA), Ponte Lambro (CO), Varazze (SV). Em 1957 abriu-se a Sede de Ostuni (BR), em 1960 a Sede de São Vito al Tagliamento (PN), em 1961 Olda di Taleggio (BG), em 1962 Bosisio Parini (LC), em 1965 Roma, entre 1966 e 1967 operaram-se amplamente em Vedano, Ponte Lambro, Ostuni, em 1967 a abertura de uma sede em Milão para a colaboração paroquial, em 1968 Conegliano (TV), Alberobello (BA), Candriai (TN), em 1969 Lecco, em 1970 Caorle (VE), e Carovigno (BR), em 1971 Brindisi (sede provisória) e ampliação de Caorle e Bosisio Parini, em 1973 Treviso e Castiglione Olona (VA), em 1974 Padova, Carate Brianza (MI), Vicenza, em 1975 Cava dei Tirreni (SA), San Doná di Piave (VE), em 1976 Como – Centro de trabalho guiado –, Brindisi (sede definitiva), Capiago Intimiano (CO), em 1979 ampliação de San Vito al Tagliamento e Caorle – casa de mães –, em 1980 Endine Gaiano (BG), nos anos sucessivos ampliações posteriores de numerosas sedes, em 1983 Sesto San Giovanni (MI) e Barzanó (LC), em 1984 Pasián di Prato (UD) e Mandello del Lario (LC). De 1984 a hoje realização dos dois Centros de acolhida de Lecce (1990) e de Cislago (VA) (1994) e transformação, ampliações e realizações de importantes infra-estruturas junto às sedes já existentes (auditório, sede de escolas de formação em Bosisio Parini, Conegliano, Ostuni, palestras, transferências de atividades em sedes mais amplas e adequadas).

A Nossa Família, constituída na Itália como entidade jurídica reconhecida com decreto do Presidente da República, está hoje também presente também no Sudão com o nome «Usratuna» (A Nossa Família em língua árabe), no Brasil como Associação «A Nossa Família», no Equador como Asociación «Nuestra Familia», na Confederação Helvética como Fondazione La Nostra Famiglia. Com efeito, as Pequenas Apóstolas são atualmente 300 e muitas são as jovens que cada ano pedem para viver a espiritualidade do Pe. Luís na consagração secular. A intuição do Pe. Luís de dar vida também a um grupo de Pequenas Apóstolas que partilhassem a espiritualidade e o fim da Obra, mesmo permanecendo na própria realidade e continuando a levar uma vida individual, realizou-se em 1959, concretizando o experimento pioneiro das «Pombinhas» de 1943. Além disso, em 1976, sob a guia do Pe. Luís Serenthà, nasceu o grupo dos Pequenos Apóstolos da Caridade, ereto em Pia União com decreto do Arcebispo de Milão de 1982.

Atualmente as Pequenas Apóstolas operam seja individualmente que como grupo no âmbito eclesial, participando ativamente da vida da Igreja e inseridas nas Paróquias, Decanatos, grupos Caritas, Grupos Missionários, de voluntariado. Muitas

são membros de Centros Vocacionais Diocesanos e Nacionais. Entre elas contam-se também membros das comissões de Saúde e Catequese da Conferência Episcopal Italiana. Não se deve subestimar o empenho de algumas no campo sócio-político e cultural na escola.

A Obra, cuja razão de vida é transformar a sociedade com a caridade prática dos primeiros cristãos, exprimiu-se e manifestou-se no tempo através de uma multiplicidade de atividades que foram fiéis e atuais expressões do carisma.

O que as confraternizam todas: não atividades «escolhidas» em base a uma estratégia de penetração apostólica, mas simples e generosas respostas, fruto de um discernimento atento e de grande concretude, às instâncias que provinham e nas quais, pelas suas características, entrevia-se uma «chamada» da Providência para um empenho da Comunidade. Porque esta fora a indicação dada pelo Pe. Luís na escolha das atividades que se deviam empreender.

Uma outra característica é dada pelo nome que o Pe. Luís pensou e cultivou no coração como expressão do espírito que devia permear todas para que a Obra de Jesus se cumprisse nas mesmas obras: A Nossa Família.

Quando o Pe. Luís ditava às Pequenas Apóstolas as linhas de comportamento e as motivações de fundo do seu agir «como os apóstolos e com a caridade prática dos primeiros cristãos», não usava nunca a expressão «no nosso Instituto», mas usava «na Nossa Família»¹. Para ele esta expressão era mais que um nome e muito mais que uma etiqueta, que um simples «logotipo» para identificar uma atividade particular, tanto menos para identificar uma entre as atividades possíveis, isto é, aquela em favor das pessoas deficientes físicas ou mentais. Para ele «Nossa Família» era a palavra síntese evocativa para as Pequenas Apóstolas, como para todos os que elas avizinhavam, da Obra à qual o Senhor as chama cada dia e cada momento: não posso não cuidar de ti, oferecer-te a minha hospitalidade, a minha ajuda, a minha ciência, a minha vida, porque és meu irmão, somos da mesma família e eu quero ser para ti a soma do que o afeto de um irmão, de uma irmã, de uma mãe podem exprimir.

«Nossa Família», portanto, como síntese de toda a sua espiritualidade, porque evoca a filiação divina, a solicitude de fazer-se próximo, a acolhida fraterna, a caridade prática, a força de vínculos familiares, a disponibilidade ao sacrifício generoso de uma mãe que não faz distinção entre os filhos mas a todos doa o seu amor sem reservas, totalmente esquecida de si mesma e das suas próprias fadigas e sacrifícios.

Pe. Luís anunciara aos seus paroquianos o nascimento da nova Obra, dizendo «Eu vos digo que São João [a igreja paroquial de São João de Castagna] esta noite está no meio do mundo, está no coração do mundo, porque entre nós está nascendo, para o mundo, uma obra de amor, de caridade cristã».

¹ Veja-se também o Decreto de ereção canônica aos cuidados do Cardeal de Milão Alfredo Ildefonso Schuster (18 de janeiro de 1950): «Uma destas Associações surgiu dez anos atrás na Arquidiocese de Ambrósio e Carlos por obra do Rev. Sac. Luís Monza que inspirou, reuniu e dirigiu espiritualmente a Obra por ele chamada “A Nossa Família”».

E ainda o Decreto de aprovação das Constituições (25 de novembro de 1960), que diz: «Porque o Instituto Secular, que se denomina “Pequenas Apóstolas da Caridade”, ou, para o público, “A Nossa Família”, já aprovado por esta Sagrada Congregação no dia 18.01.1950 etc.».

Deve-se notar que o documento de 1950, redigido certamente em base à documentação apresentada pelo mesmo Pe. Luís, é o mais vizinho às fontes da Obra e, portanto, o mais aderente ao seu pensamento, coisa que pode ser até agora verificada também interpelando fontes competentes ainda viventes.

Esta expressão, como alguma outra do Pe. Luís, deixara entender que ele tivera uma certa percepção do desenvolvimento que a sua Obra teria tido e sobretudo que ela teria sido caridade que se torna profecia, anúncio de salvação para os homens de lugares e de tempos diversos e longínquos.

Já com o Pe. Luís vivente, como ele mesmo disse por ocasião da inauguração da Casa de Varazze, a obra de caridade e de empenho social em favor das crianças deficientes físicas e psíquicas, atraía a atenção de muitos por um estilo de intervenção que depois será característica mantida em todas as obras do Instituto: o bem feito bem, com um estilo de acolhida expresso de muitas formas, dos ambientes luminosos, acolhedores, cuidados nos móveis com atitude toda feminina, à atenção à pessoa e ao seu bem-estar, com a utilização de técnicas de cura e reabilitação que correspondesse a quanto de melhor a ciência e a técnica punham aos poucos à disposição.

Pe. Luís dissera: «São as multidões que salvam o mundo? Não, vejam bem. O mundo pagão estava perdido. Por quem foi salvo? Por doze pobres homens. E, como os apóstolos, ricos sobretudo de fé e de amor, nós dizemos a quem sofre pelas suas condições de pobreza: não temos nem ouro nem prata, mas tudo o que temos lhe damos: tome a nossa vida, mas levante-se e caminhe».

Por isso a atividade desenvolvida nos Centros de Reabilitação, que aos poucos surgiam na Itália, até alcançarem 16 províncias em seis regiões italianas, baseia-se na consideração que quem foi ferido, como os pais das crianças e jovens que são assistidos nos Centros, e pede uma resposta às suas necessidades, tem direito a uma competência feita de preparação científica e profissional elevadas, mas também de acolhida, partilha, de profunda humanidade.

E cada criança, enquanto alcança a consciência de si e melhora as próprias capacidades e enquanto instrumentos sempre mais sofisticados verificam a sua situação física e psíquica, além da ciência e da técnica, encontra uma mensagem, expressa em gestos concretos, que é um sinal de reconhecimento e uma resposta ao seu pedido não expresso de existir como pessoa, de ser importante para o outro, de ser amado por aquilo que é para assim chegar a ser o que ainda não é.

Pe. Luís concluía assim uma sua carta: «cada um sinta viva a responsabilidade destas crianças diante de Deus e diante dos homens e a tarefa que se assume a leve a cabo com amor e com sacrifício».

Nenhuma concessão ao sentimentalismo, mas empenho em gestos concretos de caridade que se alimentam de constância, amor, sacrifício.

Poucas pessoas, poucas jovens mulheres, em poucos anos, seguindo o convite corajoso e forte do Pe. Luís e as indicações da Providência, que nunca faltaram, ajudadas por tantas pessoas, superando momentos de dificuldade e de fadiga não comuns, deram vida a uma rede de serviços que hoje conta na Itália 34 unidades operativas que são constituídas por Serviços territoriais de reabilitação, Centros profissionais para a formação para o trabalho dos deficientes, Centros de trabalho guiado, Casas família e Centros de acolhida para menores com problemas familiares e sociais. Atualmente são cerca de 13.000 as crianças, os jovens e os adultos assistidos cada ano.

«Para fazer bem o bem» o primeiro compromisso deveria ser formar os que fazem o bem. Por isso a formação da capacidade profissional, dirigida à pessoa, foi sempre uma preocupação da Associação que, nos últimos anos, constituiu um

apropriado Setor que cuida da formação e da atualização para os operadores da Associação e para os usuários externos através da organização de cursos, convênios, seminários, encontros e outras iniciativas, também no âmbito da atividade de pesquisa e de didática do Instituto Científico. Tal Setor ocupa-se também de atividade didática para a formação e a atualização dos operadores sócio-sanitários através das Escolas Regionais para Terapeutas da reabilitação e Educadores profissionais; o curso de diploma universitário para Assistentes sociais, sede convencionada com a Universidade de Milão.

Particularmente significativo do espírito que continua a animar estas atividades é o documento redigido pela Assembléia geral do Instituto Secular das Pequenas Apóstolas da Caridade, em 1993, e dirigido a todos aqueles que colaboram profissionalmente ou com outro título nas Obras apostólicas do Instituto. Nele se lê:

«Esta [A Nossa Família] em todas as suas múltiplas expressões, responde ainda hoje a necessidades reais e urgentes da nossa sociedade, ainda que as modalidades de resposta mudaram-se no tempo e resultam diversas daquelas do momento em que nasceu. Ela consente a realização do ideal do Pe. Luís Monza que aspirava alcançar, com um anúncio cristão as realidades mais diversas e necessitadas de ajuda na atual sociedade, para promovê-las desde dentro e reconduzi-las para a finalidade querida por quem as criou. As características coerentes com o seu carisma e que, portanto, devem ser buscadas, valorizadas, potencializadas, forma individuadas nas seguintes:

- ser sinal do amor de Deus que não abandona nunca as suas criaturas e que, se reserva uma predileção, esta é pelos mais pobres;
- pôr concretamente “ciência e técnica a serviço da caridade” (Pe. Luís);
- partilhar o anúncio cristão da fé e da esperança junto a pessoas particularmente provadas, como pais e jovens deficientes;
- suscitar entre operadores e voluntários a colaboração e a partilha, no estilo de serviço à pessoa característico do espírito cristão, mesmo quando não partilhassem as motivações de fé;
- procurar continuamente modelos possíveis de intervenção em favor dos mais pobres, que também outros possam utilizar e reproduzir;
- oferecer o testemunho de uma correta gestão (também nos campos administrativo e organizacional) e de eficácia no plano das intervenções, como valorização e respeito dos recursos que se devem empenhar pelo bem comum, contrastando o afirmar-se de interesses pessoais em detrimento daqueles solidários.

A imagem que das Obras deveria emergir é aquela de uma realidade em que vivos sejam dois elementos portantes: aquele da acolhida e aquele da valorização da vida em todas as suas expressões. No que diz respeito à acolhida, essa corresponde exatamente ao desejo e ao compromisso de fazer sentir à vontade quem vive nos centros de A Nossa Família ou quem, por qualquer razão, deles se aproxima. Ela não está em alternativa com a competência técnica, mas consiste numa autêntica competência da relação que deverá empenhar todos os que ali operam e que se exprime seja como disponibilidade interior para o outro, mas também como gesto concreto de benevolência e de escuta. A valorização da vida em todas as suas expressões empenha, ao invés,

cada um a descobrir o que verdadeiramente conta em todos aqueles que dele se aproximam: antes de tudo as crianças, especialmente aquelas mais comprometedoras e graves, os operadores e os pais. Isso ajuda a fazer crescer em cada pessoa a consciência de quanto vale, enquanto objeto de amor pessoal e particular de Deus. [...]».

A Nossa Família propõe-se

«[...] ser um lugar onde exprimir o “tomar cuidado” da pessoa com deficiência ou com problemas de qualquer gênero ou da sua família, como gesto do fazer-se próximo. É um tomar cuidado que significa:

– conhecer: não só a necessidade, mas também a pessoa do necessitado (e estimulá-la ao autoconhecimento) para podê-la “acolher”;

– cuidar: que significa também aliviar o sofrimento de qualquer tipo que ele seja (físico, psíquico, espiritual), aconselhar, assistir, acompanhar;

– reabilitar: que significa valorizar capacidade e desenvolvê-las, promover energias de auto-ajuda, evitar ou retardar pioramentos ou regressões, restituir a funcionalidade ou reduzir os êxitos que invalidam, aceitar o que não se pode reintegrar, melhorar, na medida do possível, a qualidade da vida do indivíduo e do núcleo;

– promover: ajudar cada um a cultivar ou descobrir a sua dimensão social e o seu destino transcendente (valor da pessoa como sujeito e objeto de relações com os outros e enquanto pessoa única e não repetível, portadora de dignidade objetiva e destinada finalmente a completar-se e a viver, numa perfeita realização de si, a mesma vida de Deus);

– partilhar: que significa sustentar, levando juntos o peso das situações, encarregando-se dos problemas além da necessidade declarada. Numa outra dimensão significa também partilhar o empenho da sociedade em responder às necessidades dos mais pobres.

No específico da atividade científica e de reabilitação, isso comporta:

– a abordagem global da pessoa, que tenha em conta a sua situação existencial e não só as funções comprometidas que se devem reativar ou as necessidades específicas que se devem satisfazer;

– o esforço em evitar a redução da intervenção somente aos aspectos sanitários ou àqueles de interesse científico;

– o empenho a contribuir na construção de um trabalho de equipe autenticamente de colaboração, favorecendo, na medida em que compete a cada um, a integração das contribuições específicas num projeto comum e partilhado, e respeitando o específico profissional dos vários componentes da mesma equipe;

– a convicção que é possível fazer alguma coisa, aceitando estar vizinho à pessoa na sua busca do significado do evento acontecido;

– a necessidade de assegurar uma informação ampla, precisa, objetiva sobre a deficiência, sobre as suas implicações, sobre as providências existentes, etc.

– o sustento dado à pessoa deficiente e/ou à sua família para que desenvolva a capacidade de “ir além” do próprio problema;

– a tentativa de criar em redor uma comunidade solidária que partilha e sustenta, que não exclui, que respeita e valoriza»²

Ao convite do Pe. Luís «sejam levedo, não se contentem em ser farinha, sejam levedo que faz fermentar a massa», as Pequenas Apóstolas, em coerência com sua vocação secular, responderam envolvendo na sua atividade operadores leigos em medida sempre maior, para poder «transformar o mundo desde dentro, com a força dos conselhos evangélicos e da caridade»³. Com efeito, este convite deu origem bem cedo, quase logo depois da sua morte, a uma Associação de voluntariado, chamada Grupo de Amigos do Pe. Luís Monza, que se deu como escopo o sustento e a colaboração de tantas pessoas de boa vontade que partilham a espiritualidade do Fundador, as várias obras e atividades apostólicas do Instituto.

Leigos, profissionais e não, têm nestes anos posto à disposição sua obra, algumas vezes parte ou todo o seu património, para o sustento e o desenvolvimento de A Nossa Família. Deve-se a eles o nascimento da organização das peregrinações à Lourdes, que anualmente levam à Santa Gruta mais de mil peregrinos, sobretudo crianças e jovens deficientes hóspedes dos Centros com seus pais, momento particular de verificação e de retomada do próprio caminho de fé num clima comunitário de excepcional densidade humana e espiritual, já procurado por tantos sacerdotes, amigos, pais e jovens em busca e formação.

A eles deve-se a publicação do *Notiziario di Informazione* (Noticiário de Informação), um periódico editado desde 1960, que recolhe as notícias mais importantes da vida da Associação. Além disso, o Grupo de Amigos foi promotor da Causa de Canonização do Fundador e desde 1982 publica um folheto chamado *Il Granello* (O Grão), que permite aos amigos seguirem o evolver-se da Causa, recolherem testemunhos sobre a vida e sobre os favores do Servo de Deus e de fazer sempre mais a sua espiritualidade.

Aos amigos deve-se também o nascimento e o sustento das Casas Família, criadas para dar continuidade de assistência às pessoas deficientes, desprovidas de um núcleo familiar ou destes afastadas, como também, recentemente, a constituição de uma Fundação (FONOS: Fondazione Orizzonti Sereni) nascida com o mesmo escopo, mas com uma organização mais ampla e difundida em toda parte e um alargamento das iniciativas para sustentar as famílias e as pessoas com deficiência.

O Grupo Amigos foi também um dos promotores do Organismo de voluntariado para a cooperação internacional (OVCI) A Nossa Família do qual se falará em seguida. A Associação conta já seis mil aderentes, pessoas que conhecem e partilham a espiritualidade da Obra e empenham-se concretamente no âmbito caritativo e social do próprio ambiente.

Nas várias atividades da Obra colaboram com relação de trabalho subordinado, como peritos ou como pessoal estadual destacado cerca de 2.200 operadores, com

² Tirado do documento da Assembléia Geral do Instituto Secular das Pequenas Apóstolas da Caridade, endereçado a todos os que colaboram profissionalmente nas Obras apostólicas do instituto, aos pais das crianças que utilizam os Serviços de reabilitação da associação *A Nossa Família* e aos amigos que estão ao lado e sustentam sua atividade de animação, voluntariado, partilha e empenho social e caritativo.

³ Artigo n. 3 das Constituições das Pequenas Apóstolas da Caridade.

elevada qualificação profissional, especialmente no campo sanitário, social e educativo-formativo.

Trata-se também aqui de um âmbito no qual as Pequenas Apóstolas sentem ser «como levedo na massa» tanto é pequeno o seu número e limitadas as suas capacidades.

Podem, todavia, contar com uma elevada motivação de seus operadores que geralmente partilham a missão e o empenho da Obra e sabem e querem manter o estilo próprio da mesma. Desde cerca de três anos constituiu-se um «grupo de animação» entre os operadores para este escopo e desde algum tempo estão-se realizando formas de colaboração tendentes a fazer assumir aos mesmos operadores responsabilidades diretas de gestão de cada estrutura ou serviços. Isso entra no empenho que as Pequenas Apóstolas querem promover, o alargamento de seu carisma a todos os que estão comprometidos com vários títulos nas suas obras, de modo que a caridade difunda-se por obra de um sempre maior número de pessoas dispostas a viverem os valores do evangelho na sua profissão e na sua vida.

É de 1974 também o nascimento das primeiras «Comissões dos pais», que desembocaram depois na «Associação Nacional dos Pais A Nossa Família», em 1977.

Como efeito, já desde então surgira a preocupação de fazer das famílias das pessoas deficientes ou em dificuldade não simples beneficiários de serviços, mas protagonistas do próprio projeto de reabilitação e de inserção social.

Através da participação das suas atividades associativas os pais aprendem a sair de seu isolamento e a assumirem aos poucos responsabilidades políticas e sociais assumindo a responsabilidade não só de seus problemas mas também daqueles que concernem aos pais e a experimentarem formas de solidariedade, partilha e mutirão. Os associados são hoje cerca de dez mil.

Hoje muito pais, que o sofrimento fechara e desmotivara, encontram-se dirigindo iniciativas importantes e de grande empenho, como cooperativas sociais, centros de trabalho guiado, centros de acolhida.

A Associação dos Pais é também uma das Entidades fundadoras e mantenedoras da FONOS (Fondazione Orizzonti Sereni).

Entre 1982 e 1985 registram-se dois acontecimentos, aparentemente entre eles não coligados, mas que ao invés têm como matriz comum a escolha corajosa do Apóstolo que abandona a segurança apenas alcançada para levar o anúncio lá onde ainda não chegou e onde o mudo suplicar de tantos irmãos pede um testemunho de caridade e de partilha.

É deste período a criação do Organismo de voluntariado para a cooperação internacional (OVCI A Nossa Família) querido como organismo independente da Entidade Jurídica A Nossa Família. Promotores deste novo instrumento apostólico de bem são, como já acenado, o Grupo Amigos do Pe. Luís Monza e A Nossa Família. Escopos do mesmo são:

– realizar iniciativas que, segundo o espírito evangélico, desenvolvam a promoção humana, social, técnica e sanitária, favorecendo a formação e a autonomia dos cidadãos dos Países em via de desenvolvimento, e atuar programas de caráter

sanitário-educativo-formativo, com particular orientação a intervenções em favor de pessoas deficientes;

– sustentar um discurso ativo de sensibilização social, solicitando, com oportunas iniciativas, a opinião pública, os grupos juvenis, os Organismos de base, as escolas a uma tomada de consciência e de responsabilidade diante dos problemas do homem e em particular dos povos em via de desenvolvimento.

O Organismo atualmente é presente:

– **no Sudão:** o Centro «Usratuna» («A Nossa Família» em língua árabe) em Juba foi inaugurado aos 23 de outubro de 1984. Nascido para acolher e curar meninos sudaneses com várias deficiências através de intervenções cirúrgicas ortopédicas e tratamentos de fisioterapia, o Centro viveu uma contínua transformação em relação à guerra civil em ato na área.

De 1992 a 1994, o Centro administrou, com pessoal local, em prevalência atividades de emergência (dispensa, programas de nutrição) e de escolarização.

Desde novembro de 1994, pôde-se também recuperar uma atividade de reabilitação e de formação do pessoal local com a presença de voluntários.

Está presente uma Comunidade de Pequenas Apóstolas, que, mesmo não podendo desenvolver uma obra de evangelização direta, é um sinal tangível e reconhecido do amor de Deus por toda Sua criatura, ocasião de união entre etnias e religiões diversas, sinal de esperança numa situação de cruel guerra civil que parece não ter nunca fim.

– **no Brasil:** em Santana, cidade de porto situada nas margens do Rio Amazonas, nas proximidades do Oceano, o OVCI trabalhou já em dois precedentes projetos destinados à reabilitação dos deficientes da «casa de hospitalidade» (1985/1991) e das crianças inseridas nos programas escolares e formativos da «Pastoral do Menor» (1992-1993). Concluiu-se em 1993 também a experiência de voluntariado do OVCI na cidade de Marituba, surgida ao lado de um ex-leproário.

Desde setembro de 1993, em Santana, uma comunidade de Pequenas Apóstolas está presente para dar início a um novo programa sanitário e social no bairro de recente construção «Fonte Nova», no qual a população, continuamente em crescimento, não dispõe de nenhum serviço.

Foi construído um Centro de saúde pediátrico, inaugurado aos 27 de julho de 1996.

– **no Equador:** em Esmeraldas (cidade litorânea do Equador), na escola «Juan Pablo II» – preposta à educação de crianças surdas e insuficientes mentais em idade escolar e inseridas em cursos de formação profissional – trabalham voluntárias desde abril de 1994. De fevereiro de 1996, a gestão da escola é confiada a uma comunidade de Pequenas Apóstolas que se ocupam também dos problemas da saúde infantil e da reabilitação em particular.

O OVCI fornece também uma contribuição à organização e à gestão dos cursos de especialização em docência especial da Faculdade de pedagogia da Universidade Católica de Esmeraldas.

– **outros projetos:** o OVCI fornece o próprio apoio a outras realidades: assim é para a diocese de Asmara, na Eritreia, à qual enviam-se regularmente contributos e remédios; para a formação na Itália de pessoal (italiano e não) especializado na reabilitação nos Pvs; para a colaboração com outros organismos em enviar ajudas para a Albânia e a ex-Iugoslávia, para a preparação de pessoal especializado na Bósnia e na China.

Na Itália, o OVCI A Nossa Família desenvolveu a presença de numerosos grupos de animação que realizam uma importante e minuciosa obra de sensibilização. O OVCI dotou-se também de um próprio setor de formação e de três secretarias inter-regionais. As iniciativas de reanimação do organismo são vivazes e numerosas, especialmente entre os jovens, e em colaboração com outras realidades similares. O OVCI adere à FOCSIV (Federação dos organismos cristãos de serviço internacional voluntário) e mobiliza complexivamente, cada ano, centenas de pessoas sobre temas da cooperação entre os povos e do desenvolvimento. Até agora enviou nos programas mais de oitenta voluntários.

O outro acontecimento do mesmo período é o nascimento do Instituto de asilo e tratamento de carácter científico intitulado ao ilustre psiquiatra e homem de ciência Eugenio Medea, que foi também um dos mais insignes benfeitores das obras do Instituto.

O que confraterniza esta empresa com aquela da criação do Organismos de voluntariado internacional é a coragem de partir e de enfrentar um ambiente desconhecido, com uma cultura diversa da própria, e necessitada de evangelização e de humanização, onde a pessoa com as suas necessidades possa ser posta no «centro» e ser a primeira e a única preocupação, tirando-a do domínio ou da instrumentalização da ciência, da economia e do desenvolvimento.

É este um desafio ainda em ato. O Instituto Científico, como por outro lado o OVCI, vê o empenho de muitos operadores e colaboradores leigos seja pelas competências científicas requeridas que não podem ser desenvolvidas pelas Pequenas Apóstolas, seja pela vastidão do empenho e a complexidade das atividades que ali se desenvolvem.

A todos os que ali colabora ou usufruem dos Serviços do Instituto pode assim chegar a mensagem consolante da paternidade de Deus que tem cuidado dos seus filhos, e a atestação, através de gestos concretos, da sacralidade da pessoa, do seu valor, da sua não repetitividade, da sua dignidade de filho de Deus. E a cada um é dada a possibilidade de dar e receber acolhida, atenção, ajuda, partilha, que são os sinais do Reino.

O Instituto Científico com os seus atuais 14 colaboradores e 13 unidades para enfrentar específicas temáticas de pesquisa ligadas à Neuropsiquiatria infantil e à Reabilitação funcional é em rápida vertiginosa evolução. Os próximos desafios, que dão ainda mais razão do convite da Providência a operar neste setor, são aqueles ligados à genética com todas as problemáticas éticas que os desenvolvimentos da mesma já deixam amplamente entrever. Um âmbito que sempre mais necessita de uma ancoragem e um testemunho de valores éticos, fáceis de serem colocados entre

parênteses no mundo da pesquisa científica, que nos impele, como foi afirmado pelo Pe. Luís, a colocar a «ciência e a técnica a serviço da caridade».

Pe. Luís dissera: «ultrapassarão os mares e a Obra expandir-se-á até os últimos confins da terra». Isso em parte já aconteceu e ainda mais acontecerá, tanto do ponto de vista geográfico e ético como científico.

Ser «levedo» hoje quer dizer também satisfazer as tensões do coração para a origem divina, chamada potente e não suprimível do coração humano, significa dar sentido a uma vida que, feita para a alegria e para o amor, encontra na sociedade respostas confusas.

Grupos de jovens são atraídos pela espiritualidade do Pe. Luís, pela perspectiva de não serem simples espectadores neste mundo, mas protagonistas para torná-lo mais justo, mais humano, mais fraterno.

Muitas têm sido nestes anos as iniciativas criadas para os jovens e para os jovens. O Instituto acolheu o convite da Igreja, particularmente aflito a respeito desta «terra de missão».

E assim nos tantos grupos (Amigos do «Ricsciò», Arco-Íris, Caná, Casais jovens, Desejo, Exodus, Ricsció, Espiritualidade dos pais) que surgiram no cone de luz da espiritualidade do Pe. Luís, os jovens compreendem que o amor é alegria, que o amor consiste em pequenas coisas, que é belo e jubiloso estar juntos em Seu nome, que quando possui-se Cristo não se pode contê-lo e deve-se levá-lo aos outros e que em quem vive uma situação de sofrimento são manifestadas as obras de Deus, no mistério da sua pessoa que se faz louvor de glória ao Criador, mas também no Serviço e na dedicação de quem compreendeu que se fazer mãos, voz, luz de quem não tem mãos, voz, luz, significa fazer-se colaboradores de Deus. «Sobre o amor de Deus não há palavra mais apta que repetir amem, amem. Se amam verdadeiramente o Senhor, apenas o procuram, encontrá-lo-ão em todas as partes...» (Pe. Luís). Em todas as partes... na oração, mas também nos gestos concretos da caridade, em quem tem necessidade do nosso tempo, das nossas mãos, da nossa ajuda, do nosso sorriso, em que recebe de nós, mas sobretudo nos doa.

E quando o Senhor pede «venda a sua juventude, o seu corpo, a sua vontade, a sua liberdade, depois venha e siga-me» (Pe. Luís) sempre mais numerosas são as jovens que responde «tome a nossa vida».

Assim respondem desde vários anos também casais de jovens esposos que exprimiram o valor de «fazer-se família» maior, mais aberta para quem não tem família; que decidiram fazer-se companheiros de viagem de quem recebeu uma carga mais dolorosa na pessoa do filho com problemas; que se empenham a seguir os nossos jovens deficientes na sua inserção na vida social, no trabalho, ativando casas família, centros de trabalho guiado, cooperativas sociais.

Todos estes são ainda e somente pequenos sinais de esperança. O pequeno grão de trigo colocado pelo Pe. Luís quando ele ofereceu a sua vida pela Obra é agora uma espiga, mas o campo do mundo requer a sementeira e o apodrecimento de tantos outros inumeráveis grãos para que a humanidade possa ser como um lourejante campo cheio de messes. Mas, como enfrentar o tanto bem que se deve fazer, enquanto sentimo-nos às vezes tão fracas e pobres, como nos tempos dos inícios e talvez ainda mais? Pe.

Luís parece dizer ainda hoje, como um tempo atrás: «mas confiem um pouco na Providência, para as coisas aqui da terra não se perturbe seu coração».

O que se requer é pouca coisa e nunca superior às nossas forças. «Cada um perguntará no final da própria jornada que glória deu a Deus e que bem fez às almas». E cada um no lugar que lhe foi designado pela Providência dirá: «um apóstolo faria como faço eu? De modo que ou na própria família, ou na própria paróquia, ou na escola, ou no escritório, ou no laboratório, ou no campo ou em qualquer outro lugar deva dizer: estes que estão em redor de mim são almas que Deus confiou-me para fazê-las voltar à caridade dos primeiros cristão. Toda obra é boa para nós, porque não é a obra que conta, mas o espírito que acompanha toda obra que o Senhor quererá indicar-nos» (Pe. Luís). Seguindo estas indicações fortes e claras do Fundador, o Instituto das Pequenas Apóstolas da caridade prossegue a própria caminhada, aberto aos desafios da sociedade em que vive, inclinando-se amorosamente sobre as chagas dolorosas dos homens do próprio tempo, em forma individual ou comunitária, dócil aos convites do Espírito, pelo qual sente-se perenemente guiado para realizar na Igreja e pela Igreja o próprio carisma.

A atenção da Igreja pela obra está particularmente presente no discurso que o Santo Padre improvisou para as Pequenas Apóstolas da Caridade, por ocasião da sua visita ao Centro de San Vito al Tagliamento (PN), no dia 1º de maio de 1992, e soa como encorajamento mas também como empenho e admoestação para que nada do que foi semeado pelo Pe. Luís seja perdido:

«Atravessando este Instituto, vê-se a grande solicitude pelos pequenos deficientes. Vê-se depois a metodologia aprofundada e acurado de cuidar destes pequenos doentes e de levá-los à normalidade. Tudo isso é um trabalho estupendo, muito profundo se se toma como ponto de partida o conhecimento da pessoa humana, a antropologia nos seus diversos aspectos, também o aspecto psicológico, somático, sociológico e ambiental. Mas tudo isso, que como técnica é estupendo, seria vazio se dentro faltasse um espírito, a alma. Vê-se que vocês, caríssimas irmãs, levam esta alma à técnica moderna e às metodologias que servem tanto, mas servem somente com a condição que se encontre dentro dela a pessoa que ama, que ama e que sabe manifestar o amor. Não se trata de manifestações externas, mas trata-se de uma expressão que vem do amor. Se falta o amor não há esta expressão; não se podem operar estas expressões artificialmente, nem se pode tanto menos substituir estas expressões com a pura capacidade profissional, ainda que também a competência profissional seja importante para exprimir amor e alegria. Eu lhes falo por aquilo que vi brevemente nos diversos quartos, onde encontrei muitas de vocês, as suas colaboradoras, as suas irmãs, além das crianças deficientes e suas mães. Vê-se que empenho se realiza nesta casa. Fazer o bem humano e cristão: como está presente através deste bem humano e cristão Cristo! Como está presente Deus! Agradeço-lhes e congratulo-me com vocês por tudo isso, porque é um grande resultado. Diz a sua responsável que aqui todo o programa desta escola é educar através da alegria. Alegria para recuperar: mas não se pode recuperar

alegria, onde há sofrimento, senão através do amor. Porque o amor pode doar alegria também lá onde se sofre»⁴

⁴ Discurso improvisado, transcrito integralmente da gravação magnetofônica.

ÍNDICE

<i>Prefácio</i> , do Cardeal Carlo Maria Martini	2
<i>Introdução</i>	5
CAPÍTULO I: A FADIGA DE NASCER (1898-1925)	8
Milão 1898	8
Cislago: um vilarejo, um pequeno mundo que vive	9
A família Monza	9
Luís: uma infância difícil	10
Adeus à infância	12
No limiar do futuro	13
O mundo transtornado pela guerra	15
Prova-se o ouro no crisol	17
Eu estou com você, sou você	22
CAPÍTULO II: VEDANO OLONA: A TORMENTA (1925-1928)	25
A primeira missão	25
O totalitarismo incipiente	25
Pe. Luís em Vedano	28
A prisão	31
A noite escura	36
CAPÍTULO III: SARONNO: UM VISLUMBRE DE CÉU (1928-1936)	39
A chegada no Santuário	39
A atividade de coadjutor	41
O pentagrama de um educador	42
O Santuário torna-se paróquia	46
O primeiro rebento da Obra	48
A casa de Vedano	53
As vias da Providência são longas e tortuosas	54
CAPÍTULO IV: LECCO: O BOM PASTOR (1936-1940)	57
A nova paróquia	57
A Eucaristia no centro	60
A palavra de Deus	64
Cristo nas ruas	68
Os leigos protagonistas	70
Uma guia iluminada	72
Os pobres nossos senhores e patrões	75
Colaboração e confronto	78
A primeira comunidade das Pequenas Apóstolas da caridade	81
CAPÍTULO V: A GUERRA (1940-1945)	84
O país em guerra	84
A vida da paróquia	85
A coragem de um sacerdote	88
Contra a guerra, a caridade!	90
O primeiro amigo	92

A Providência nas suas mãos	93
«Mulheres de primavera»	95
As Pombinhas	96
CAPÍTULO VI: ANOS DE NOVIDADE (1945-1950)	97
Um país em crise	97
O perigo vermelho	100
Um futuro para explorar	102
Uma luz no horizonte	105
A coragem de uma escolha	106
Vera e Humberto: a concretização do ideal	109
O horizonte mais longínquo	112
O grão caído no chão	114
O amor na dor	117
O essencial é invisível aos olhos	119
Instituto Secular	121
CAPÍTULO VII: CONSTRUIR SOBRE A ROCHA (1950-1954)	124
A Nossa Família é já realidade	124
A palavra de Roma	128
Chamadas pelo nome	128
Os ponteiros da caridade	135
Morte e vida em duelo	136
O cardeal Schuster e o Pe. Luís	138
A doença e a morte	142
CAPÍTULO VIII: O HOMEM DE DEUS	152
Assim o viam	152
As cores do arco-íris	161
Pe. Luís: a figura poliédrica num esboço com os traços incertos	162
CAPÍTULO IX: O ESCULTOR DE DEUS	164
Manifesto formativo	165
Escavar os alicerces	167
Capítulo X: A HISTÓRIA E A PROFECIA	176
Verá, verá, verá	176
Paganismo	176
Soluções	178
O projeto-esperança	179
Inculturação	180
Os cinco pontos	181
Espírito missionário	183
Conclusão	185
Apêndice: A FECUNDIDADE DA SEMENTE QUE MORRE	186

(2ª di copertina)

MICHELA BOFFI, doutora em letras modernas pela Universidade Católica «Sacro Cuore» de Milão, adquiriu um rigoroso conhecimento das fontes documentárias do Pe. Luís Monza. Opera no âmbito do setor formação da associação «A Nossa Família».

LUIGI MEZZADRI, padre da Missão, é professor de História da Igreja na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Publicou uma centena de livros e ensaios de caráter histórico-religioso e é postulador da causa de canonização do servo de Deus Pe. Luís Monza.

FRANCESCA ONNIS, estudiosa doutora em História Moderna na universidade «La Sapienza» de Roma, distinguiu-se por diversas pesquisas sobre temas de história religiosa. Tem um conhecimento muito documentado do servo de Deus Pe. Luís Monza.

(4ª di copertina)

Luís Monza nasceu em Cislago (Varese-Itália) em 1898, de uma pobre família de camponeses. Depois de ordenado sacerdote, foi primeiramente enviado à paróquia de Vedano Olona, onde distinguiu-se pelo zelo apostólico e santidade de vida. Chocou-se, porém, com as autoridades fascistas, que, acusando-o injustamente, levaram-no para a prisão. Depois desta dura prova foi coadjutor no santuário de Saronno e sucessivamente pároco de S. João de Lecco até a sua morte, acontecida em 1954.

Amado na paróquia pela sua disponibilidade sem reservas e a capacidade de ler nos corações, guiou as almas e acendeu em muitos o desejo da santidade. Constantemente movido pela ânsia de levar para a sociedade o fogo do amor de Deus, reuniu em redor de si um grupo de filhas espirituais. Com elas iniciou «A Nossa Família», que permanece a maior herança por ele deixada. Depois de um inicial período de busca, a fundação dedica-se à reabilitação de crianças deficientes e à assistência a suas famílias. Segundo o desejo de seu iniciador, a obra tornou-se sinal concreto e eficaz do amor de Deus no meio do mundo. Nestes anos «A Nossa Família» cresceu de modo surpreendente e inesperado. Adquiriu uma apreciada competência científica e pedagógica, e é ativa em numerosas sedes, tanto na Itália como no exterior.

Homem de oração, guia espiritual e profeta de caridade, o Pe. Luís Monza soube tonar atual a mensagem do evangelho e tornou-se sinal de esperança para a Igreja e a humanidade sofredora.